

KARIN FOSSUM

O OLHO DE EVA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TÍTULO

KARIN FOSSUM

O OLHO DE EVA

(Evas Øye - 1995)

Inspetor Konrad Sejer #01

Ao meu pai

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
A Autora
Série
Resumo

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e Um

Vinte e Dois

Vinte e Três

Vinte e Quatro

Vinte e Cinco

Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Vinte e Nove

Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro
Trinta e Cinco
Trinta e Seis
Trinta e Sete
Trinta e Oito
Trinta e Nove
Quarenta
Quarenta e Um
Quarenta e Dois
Quarenta e Três
Quarenta e Quatro
Quarenta e Cinco
Quarenta e Seis
Quarenta e Sete
Quarenta e Oito
Epílogo

* * *

A AUTORA

KARIN FOSSUM nasceu em 1954 na Noruega e vive em Oslo. Estreou em 1974 com dois livros de poesia, a que se seguiram dois livros de contos, mas foi com o romance policial *Eve's Eye* que, em 1995, se tornou famosa. Aclamada unanimemente pela crítica em toda a Europa, os seus livros foram já traduzidos em dezesseis idiomas e obtiveram numerosos prêmios.

Conseguiu os maiores prêmios literarios escandinavos: os prêmios Riverton e Chave de Cristal para a melhor novela policial por *DON'T LOOK BACK* e o prêmio dos editores noruegueses por *QUIÉN TEME AL LOBO?*. *CALLING OUT FOR YOU*, o primeiro livro de Karin Fossum traduzido nos Estados Unidos, recebeu o prêmio do jornal *Los Angeles Times* para o melhor livro na categoria policial/thriller e foi finalista do *Gold and Silver Dagger Award*, o mais importante galardão para a literatura policial.

A escrita de Karin Fossum é realista e credível, seu estilo se centra en la introspección y las motivaciones psicológicas de los personajes e as suas histórias são magistralmente construídas, psicologicamente convincentes e de leitura compulsiva.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INSPETOR KONRAD SEJER

1. 1995; Evas øye; Eve's Eye
2. 1996; *Se deg ikke tilbake!; Don't Look Back*
3. 1997; *Den som frykter ulven; He Who Fears the Wolf*
4. 1998; *Djevelen holder lyset; When the Devil Holds the Candle*
5. 2000; *Elskede Poona; Calling Out For You*
6. 2002; *Svarte sekunder; Black Seconds*
7. 2004; *Drapet på Harriet Krohn; The Murder of Harriet Krohn*
8. 2007; *Den som elsker noe annet; The Water's Edge*
9. 2008; *Den onde viljen; Bad Intentions*
10. 2009; *Varsleren; The Caller*
11. 2013; *Carmen Zita og døden; The Drowned Boy*
12. 2014; *Helvetesilden*

* * *

RESUMO

EVA É UMA jovem pintora de pouco êxito, divorciada e mãe de uma menina pequena. Um dia encontra Maja, uma velha amiga, que tenta convencê-la para que ganhe a vida como prostituta e assim poder saldar as suas dívidas, cada dia maiores. Maja convida Eva para a sua casa e a anima a ver por uma fresta da porta como se faz o trabalho. Mas, de repente o cliente e Maja se envolvem em uma briga e Eva termina com o cadáver de sua amiga nas mãos.

O Inspetor Konrad Sejer, que se encarrega do caso, esconde uma mente sutil e experiente atrás de um aspecto comum e cinzento. Ao se encarregar da investigação intui que a jovem artista, a quem colheu uma declaração como amiga da vítima, sabe mais do que conta. Pouco a pouco irá atando cabos, pois todas as respostas às suas interrogações estão na vida secreta de Eva Magnus.

* * *

Prólogo

ERA UMA casinha de brinquedo.

Uma casinha minúscula, com marcos vermelhos e cortinas de encaixe nas janelas. Parou a certa distância, escutou, mas não ouvia nada mais que o cachorro que soprava ao seu lado e um suave murmúrio nas velhas macieiras. Assim permaneceu um instante, sentindo a umidade do relvado, que lhe trespassava os sapatos, e o coração, que havia mudado de ritmo após a perseguição pelo jardim. O cachorro o olhava na expectativa. Exalava vapor por seu enorme focinho e cheirava a escuridão; suas orelhas vibravam, talvez estivesse captando sons que seu dono era incapaz de ouvir. Voltou-se e olhou para trás; as janelas da casa principal estavam profusamente iluminadas. Ninguém os havia ouvido, nem sequer os latidos do cachorro. Abaixo, na autoestrada, seu carro os esperava, com duas rodas sobre a calçada e a porta aberta.

"Ela está com medo do cachorro!", pensou assombrado. Agachou-se, segurou-o pela coleira e se aproximou da casinha a passos lentos. Estava certo de que uma casinha como essa não teria nenhuma saída pelos fundos, nem sequer fechadura na porta. Ela já teria se dado conta, quem sabe no mesmo instante em que fechara a porta, de que havia caído diretamente na armadilha. Não havia escapatória. Não tinha nenhuma chance.

* * *

Um

OS TRIBUNAIS ocupavam um edifício de concreto de sete andares, ligeiramente arqueado, que se erguia como uma sólida parede de proteção junto à rua principal da cidade, suavizando o vento gelado que vinha do rio. Os prédios da parte posterior ficavam abrigados, o que era uma benção no inverno, mas no verão ardiavam no ar parado. A fachada principal era decorada com uma representação da justiça muito moderna; à distância, vista desde o posto de gasolina, por exemplo, parecia uma bruxa sobre uma vassoura. A delegacia e a prisão da comarca ocupavam os três andares superiores, além dos outros prédios.

A porta se abriu com um mal-humorado gemido. A senhora Brenningen se sobressaltou e colocou um dedo no livro, depois das palavras “provável sobrepeso”. O inspetor Sejer entrou na recepção acompanhado por uma mulher que não tinha um bom aspecto; estava com o queixo arrebatado, a capa e a camisa amarrotadas e sangrava pela boca. A senhora Brenningen não costumava prestar muita atenção; já estava há quase dezessete anos na recepção do Tribunal e havia visto entrar e sair todo o tipo de gente, mas nesse momento ficou olhando fixamente e fechou o livro, após colocar como marcação um velho folheto de horários de ônibus. Sejer segurou a mulher por um braço e a levou até ao elevador. Ela ia com a cabeça baixa.

Sejer tinha um rosto hermético. Era impossível adivinhar o que pensava. Fazia-o parecer algo bruto, ainda que na realidade era só reservado, e após a sua severa expressão se escondia um espírito afável. Mas não derramava sorrisos, os usava só como preâmbulo, quando queria chegar nas pessoas, e os elogios somente reservava para uns poucos. Fechou a porta e apontou com a cabeça para uma das cadeiras, cortou meio metro de papel de secar do rolo que tinha em cima do lavabo, molhou-o na água quente e deu-o à mulher. Ela secou a boca e olhou ao seu redor. Era uma sala austera, salvo os desenhos infantis pendurados na parede e uma figurinha de miolo de pão sobre a mesa, que revelavam que o policial também tinha uma vida fora dessas paredes nuas. A figura representava um policial com um uniforme de cor violeta, algo encolhido, com a barriga sobre os joelhos e sapatos muito grandes. Não se parecia muito com o modelo, que nesse momento se sentou em frente a ela e a olhou com seus grandes olhos cinzentos. Sobre a mesa havia um gravador e um computador Compaq. A mulher observava tudo de rabo-de-olho, ocultando o rosto no papel molhado. Ele apanhou da gaveta uma fita para gravar a conversa e escreveu na etiqueta: Eva Mane Magnus.

— Tem medo de cachorros? Perguntou amavelmente. A mulher levantou a cabeça.

— Antes quem sabe. Agora não. Fez uma bola com o papel. — Antes tudo me dava medo. Agora já não tenho medo de mais nada.

Dois

O RIO fluía velozmente pela paisagem, dividindo a gelada cidade em duas partes cinzentas e nebulosas. Era abril e fazia frio. Ao chegar ao centro da urbe, mais ou menos à altura do Hospital Provincial, o rio começava a rugir e a se queixar, como se o barulho do trânsito e o ruído das fábricas das margens lhe desse estresse. Serpenteava e se retorcia em correntes cada vez mais fortes quanto mais entrava na cidade. Passava pelo velho teatro e pela Assembleia, ao longo das vias férreas e da praça, chegava à velha Bolsa, convertida em um restaurante McDonald's, em seguida passava pela fábrica de cerveja, a mais antiga do país, que era de uma bonita cor cinzento pastel, a loja de departamentos Cash & Carry, a ponte da autoestrada, uma grande área industrial com várias revendas de automóveis, até chegar por fim à velha taberna junto à autoestrada. Nesse ponto, o rio respirava pela última vez antes de se lançar ao mar. Era de tarde, o sol já estava se pondo, e em poucos instantes a fábrica de cerveja deixaria de ser um colosso pesado para se transformar em um castelo de fadas com milhares de luzes se refletindo no rio. Essa cidade não era bonita antes do anoitecer.

Eva continuava com os olhos na menina, que corria pela margem. Estavam separadas por uns dez metros e ela se preocupava que a distância não aumentasse. O dia estava cinzento e havia pouca gente pelos caminhos; um golpe de vento frio e húmido veio do turbulento rio. Eva olhava para ver se havia gente com cachorros, e quando descobria algum solto, não respirava tranquila até ter se afastado dele. Nesse momento não via nenhum. A ponta da camisa revolteava sobre suas pernas e o vento a transpassava, por isso caminhava com os braços ao redor do corpo. Emma andava com passos rápidos adiante dela, sem muita graça. Pesava muito. Uma menina gorducha, com a boca grande e o rosto anguloso. Era ruiva, os cabelos iam lhe golpeando a nuca, e a umidade do ar fazia com que parecessem sujos. Não era uma menina bonita ou engraçadinha, mas ela ignorava, e por isso andava despreocupada, dando pequenos saltos, com essa vontade de viver que só são apreciadas nos meninos. “Faltam quatro meses para que comece o colégio”, pensou Eva. Algum dia, a menina se veria refletida nos rostos críticos do pátio, sentiria pela primeira vez a sua feiura. Mas se fosse forte, se se parecesse com seu pai, esse homem que havia encontrado outra mulher, fizera as malas e fora embora, então nunca se preocuparia com isso. Assim ia pensando Eva Magnus. Nisso, e na capa que estava pendurada em um cabide, à entrada de sua casa.

Eva conhecia cada ponto do caminho, já o haviam percorrido incontáveis vezes. Emma estava disposta sempre, não queria renunciar ao velho costume de passear pela margem do rio. Podia muito bem prescindir daquilo. De vez em quando, a menina ia até a borda da água, porque descobria algo que precisava investigar mais de perto. Eva a observava com olhos de gavião. Se Emma caísse no rio, não havia mais ninguém além dela para salvá-la. O rio era muito caudaloso, a água estava gelada e a menina pesava muito. Estremeceu. Nesse momento a menina encontrou uma pedra plana na borda

do rio, e fez sinais para a mãe com a mão para que se aproximasse. Havia um espaço justo para que as duas pudessem se sentar.

- Não podemos nos sentar aqui, a pedra está molhada. Vamos apanhar uma cistite.
- Isso é perigoso?
- Não, mas coça. Precisa fazer pipi constantemente.

Apesar de tudo, se sentaram. Seguiam os redemoinhos com o olhar, fascinadas por esse estranho movimento da água.

- Por que existe corrente na água? Perguntou Emma. Eva precisou pensar um instante.
- Por Deus! Eu não sei. Talvez tenha algo a ver com o fundo; existem tantas coisas que eu não sei... Quando for para o colégio vão lhe ensinar todas.
- Diz isso a cada vez que não sabe o que responder.
- Sim, mas é verdade. Ao menos poderá perguntar à senhorita. As professoras sabem muito mais que eu.
- Não acho. Uma garrafa vazia de plástico passou flutuando a grande velocidade.
- Olhe! Vamos apanhá-la.
- Deixe que se vá, é lixo. Estou com frio, Emma. Vamos para casa?
- Daqui a pouco. A menina colocou o cabelo detrás das orelhas e apoiou a queixo nos joelhos, mas seus cabelos eram rebeldes e pouco colaboradores, e voltaram a lhe cair sobre o rosto. — É muito profundo? Perguntou, apontando com a cabeça para o centro do rio.
- Não, não realidade não, disse Eva em voz baixa; — Oito ou nove metros, eu acho.
- Mas isso é superprofundo!
- Não, não é. O lugar mais profundo do mundo está fica Pacífico, disse pensativa, — Uma espécie de buraco. Tem onze mil metros de profundidade. A isso eu chamo de superprofundo.
- Não gostaria de tomar banho ali. Você sabe tudo mamãe e não acho que a professora saiba tantas coisas. Quero uma mochila rosa, adicionou. Eva estremeceu.
- Mmm... Disse em voz alta. — São bonitas, mas sujam muito. Eu gosto mais das de couro marrom, já viu? Como as que os mais velhos usam.
- Eu não sou mais velha. Só vou começar agora.
- Sim, mas vai crescer, e não poderá ter uma mochila nova a cada ano, e você sabe disso.
- Mas estamos melhores de dinheiro agora, não é? Eva não respondeu. A pergunta lhe fez voltar os olhos para trás; era um hábito que havia adquirido. Emma encontrou um graveto e o enfiou na água. — Por que faz espuma na água? Continuou. — Uma asquerosa espuma amarela? Remexia a água com o graveto. — Quer que pergunte no colégio?

Eva continuava sem responder. Também ela havia apoiado a queixo sobre os joelhos; seus pensamentos se haviam disparado de novo, e Emma olhava-a confusa pelo rabo do olho. O rio lembrava-a de algo. Via um rosto vibrar dentro das escuras águas. Um rosto redondo com olhos rasgados e sobrancelhas negras.

“— *Deite-se na cama, Eva.*”

“— *Quê? Por quê?*”

“— *Faça o que estou dizendo. Deite-se na cama.*”

— Podemos ir ao McDonald's? Perguntou Emma de repente.

— Como? Sim, podemos. Vamos ao McDonald's. Ao menos ali estaremos mais aquecidas.

Levantou-se algo confusa e segurou à menina por um braço. Sacudiu a cabeça e olhou novamente para o rio. O rosto havia desaparecido, não se via nada, mas ela sabia que voltaria, que a perseguiria talvez durante o resto de sua vida. Voltaram para a calçada e caminharam lentamente em direção à cidade. Não se encontraram com ninguém. Eva notou como seus pensamentos voavam de novo, tomavam seus próprios caminhos e aterrissavam em lugares que ela preferia esquecer. O murmúrio do rio formava uma série de imagens flutuantes. Esperava que desaparecessem, que a deixassem por fim em paz. Enquanto isso, o tempo passava. Um dia após outro haviam se convertido em seis meses.

— Posso pedir um hambúrguer com o bonequinho? Custam trinta e sete coroas, pois ainda me falta o Aladim.

— Certo.

— O que você vai comer, mamãe? Frango?

— Ainda não sei. Voltou a olhar as águas negras; só de pensar na comida sentia náuseas. Não gostava muito de comer. Via como a superfície subia e descia, formando uma espuma amarela acinzentada.

— Já estamos melhor de dinheiro, mamãe, podemos comer o que quisermos, não é?

Eva ficou calada. De repente parou e apertou os olhos. Algo acinzentado apareceu bem debaixo da superfície da água. A poderosa corrente o empurrava para a margem. Seus olhos estavam tão ocupados em olhar que se esqueceram da menina, que também havia parado e via muito melhor que sua mãe.

— É um homem! Exclamou Emma dando um pulo.

Agarrou-se ainda mais ao braço de Eva, os olhos fora das órbitas. Durante uns instantes ficaram como petrificadas olhando para aquela figura que flutuava entre as pedras, com a cabeça à frente. O homem jazia de boca para baixo. Tinha pouco cabelo na parte posterior da cabeça, e com uma boa parte completamente calva. Eva não notava as unhas que estavam lhe atravessando a roupa; olhava para aquele cadáver acinzentado, de cabelo ruivo e ralo, e não lembrava de tê-lo visto antes. Mas os tênis... Esses tênis de listras brancas e azuis, de cano alto... Subiu-lhe para a boca um tremendo sabor de sangue.

— É um homem, disse Emma de novo, desta vez em voz mais baixa. Um grito veio até a garganta de Eva, mas não chegou a sair.

— Se afogou. Pobrezinho, se afogou, Emma!

— Por que está tão asqueroso? Parece de gelatina!

— Porque, gaguejou, — Porque está há muito tempo na água. Mordeu o lábio com tanta força que o machucou. O sabor de sangue a fez cambalear.

— Teremos que retirá-lo?

— Não, claro que não! É a polícia que vai.

— Vai chamá-la?

Eva rodeou com seu braço os largos ombros da menina e continuou cambaleando pelo caminho. Deu uma rápida olhada para trás, como se esperasse um ataque, mas ignorando de onde viria. Havia uma cabine telefônica junto à subida da ponte; puxou a menina para que a seguisse e procurou nos bolsos de sua camisa em busca do moedeiro. Encontrou uma moeda de cinco coroas. A imagem do homem ressurgia ante seus olhos como um mau augúrio, um augúrio de tudo o que viria. Por fim havia se tranquilizado, o tempo havia pousado como uma capa de pó sobre todas as coisas, fazendo empalidecer o pesadelo. O coração batia nesse momento como um trovão sob a camisa, completamente fora de controle. Emma estava calada. Seguia a sua mãe com seus olhos cinzentos assustados.

— Espere aqui. Vou ligar para que venham recolhê-lo. Não saia daqui!

— Ficaremos até que cheguem, não é?

— Acho que não!

Entrou rapidamente na cabine e tentou dominar o pânico. Uma avalanche de pensamentos e ideias passou velozmente por sua cabeça, mas os foi rechaçando um por um. Tomou uma rápida decisão. Tinha os dedos suados; colocou a moeda na ranhura e discou apressada um número. Seu pai atendeu, com voz cansada e sonolenta.

— Sou eu, sussurrou Eva. — Acordei-o?

— Sim, mas já era hora de acordar. Passo o dia e a noite dormindo. Aconteceu alguma coisa? Grunhiu. — Está nervosa. Noto em sua voz que está nervosa, conheço-a. Sua voz era seca e quebrada, e tinha uma agudeza que ela sempre havia admirado. Uma ferroada que a chamava à realidade.

— Não, não aconteceu nada. Emma e eu viemos jantar fora, e como passávamos por uma cabine...

— Deixe-me falar com ela!

— Não... Não, ela está lá fora, perto do rio. Observava como estava diminuindo o valor que marcava o contador, e olhou por um momento para Emma, que apertava o rosto contra o vidro da porta. Seu nariz amassado parecia de isopor. Estaria ouvindo o que estava dizendo?

— Estou com poucas moedas. Iremos vê-lo um dia desses, se quiser.

— Por que está sussurrando? Perguntou seu pai perspicaz.

— Não me dei conta de que estava sussurrando, disse ela em voz algo mais alta.

— Dê um beijo de minha parte na minha menina. Tenho uma coisa para quando vierem me ver.

— O quê?

— Uma nova mochila. Precisaré de uma mochila para o colégio no outono. Pensei em lhe evitar esse gasto, já que não está atravessando um bom momento, não é?

— É muito bom, papai, mas a menina sabe muito bem o que quer. Pode-se trocar?

— Sim, sim, mas comprei a mochila que ela me disse para comprar. Uma mochila de couro rosa. Eva forçou a voz para que soasse normal.

— Preciso desligar, papai, não tenho mais moedas. Cuide-se! Ouviu-se um clique, e ele desapareceu. O contador havia parado. Emma a olhou na expectativa.

— Virão em seguida?

— Sim, enviarão um carro. Venha, vamos jantar. Colocar-se-ão no contato conosco se nos precisarem para algo, mas não acho que farão, ao menos no momento, talvez nos chamem mais adiante. Na realidade tudo isso não tem nada a ver conosco, não é? Falava febrilmente, quase sem alento.

— Por que não esperamos até que venham? Por favor!

Eva negou com a cabeça. Atravessou a rua com o semáforo no vermelho arrastando a menina. Formavam um par de caminhantes muito diferentes: Eva, alta e magra, de ombros estreitos e cabelo longo e negro; Emma, gorda e larga. As duas estavam com frio. Toda a cidade tinha frio, com aquele vento gelado que vinha do rio. “É uma cidade pouco harmoniosa”, pensou Eva, como se nunca fosse capaz de ser totalmente feliz por estar dividida em duas. As duas partes competiam pelo primeiro posto. A parte norte com a igreja, o cinema e as lojas mais caras; a parte sul com a ferrovia, os centros comerciais baratos, os pubs e a loja estatal de licores e vinhos. Este último era importante, já que assegurava um constante fluxo de gente e carros cruzando a ponte.

— Por que ele se afogou, mamãe? Emma tinha os olhos no rosto da mãe, esperando uma resposta.

— Não sei. Talvez estivesse bêbado e caiu no rio.

— Quem sabe estava pescando e caiu do barco. Deveria estar usando um salva-vidas. Era velho, mamãe?

— Não muito mais velho, talvez como papai.

— Menos mal que papai sabe nadar, disse a menina aliviada.

Haviam chegado à porta verde do restaurante McDonald's. Emma a empurrou com as costas. Os odores de hambúrguer e batatas fritas a arrastavam para dentro, seu apetite não se saciava nunca. Já havia se esquecido do homem morto no rio, havia se esquecido da gravidade da vida. Sua barriga rugia, e Aladim estava ao seu alcance.

— Procure uma mesa, disse Eva, — Enquanto eu vou pedir.

A menina foi para um canto, como fazia sempre. Sentou-se sob um vaso com flores de plástico, enquanto Eva ficava na fila. Tentou retirar a imagem que balanceava ante seu olho interno, mas esta insistia em abrir caminho para o exterior. Emma esqueceria do que haviam visto, ou contaria para todo o mundo? Talvez tivesse pesadelos à noite. Precisaria se calar e não voltar a falar daquilo. No final pensaria que não havia acontecido.

A fila avançou um pouco. Eva olhava distante para os jovens que trabalhavam a um ritmo vertiginoso atrás do balcão, usando viseiras vermelhas e camisas de manga curta da mesma cor. A fumaça da comida se levantava como uma compacta parede, e o odor a manteiga, a carne frita, a queijo fundido e a todo tipo de condimentos abriu caminho até o seu nariz. Para esses jovens era indiferente o ambiente carregado, corriam como laboriosas formigas e sorriam com otimismo ante cada novo pedido. Eva olhava para os dedos rápidos e pés ligeiros. Sua jornada de trabalho não tinha muito a ver com aquilo. Costumava passar a maior parte do tempo de pé, no meio do estúdio, com os braços cruzados olhando hostilmente um tecido esticado. Nos bons dias olhava com agressividade

e atacava, cheia de autoridade e soberba. Rara vez vendia um quadro.

— Dois hambúrgueres, disse rapidamente. — Um de frango e duas coca-colas. Poderia conseguir um Aladim? É a única figura que falta a minha filha. Por favor...! A garota colocou mãos à obra. Dava volta à carne, empacotava e dobrava à velocidade do raio.

Emma estirava o pescoço do seu canto, olhando para a mãe, que se aproximava com a bandeja. Os joelhos de Eva começaram de repente a tremer. Deixou-se cair junto à mesa e olhou assustada para a menina, que se afanava em abrir a caixa-casinha de papelão, procurando o brinquedo. O grito de júbilo foi ensurdecedor.

— Mamãe, o Aladim! Gritou, levantando a pequena figura para mostrar às pessoas. Todo o mundo a olhava. Eva cobriu o rosto com as mãos e chorou. — Está doente? Emma havia ficado muito séria e escondera o Aladim debaixo da mesa.

— Não, sim... Não me sinto muito bem. Mas passará em seguida.

— Está triste pelo homem morto? Sobressaltou-se.

— Sim, confirmou. — Estou triste pelo homem morto. Mas não falemos mais dele. Nunca! Escutou-me, Emma? A ninguém! Isso nos deixaria tristes.

— Acha que ele tinha filhos? Eva secou o rosto com as mãos. Já não estava tão confiante do futuro. Olhava fixamente o frango, e sabia que não o queria mais. As imagens voltaram a desfilar ante seus olhos.

— Sim, disse por fim. — Talvez tivesse filhos.

* * *

Três

UMA SENHORA IDOSA que estava caminhando com seu cachorro viu de repente o tênis branco e azul entre as pedras. Como Eva, ligou da cabine que havia junto à ponte. Quando a polícia chegou, estava esperando-os na margem, um pouco confusa e de costas para o cadáver. Um dos inspetores, um tal de Karlsen, foi o primeiro a sair do carro. Sorriu cortesmente para a idosa e olhou com curiosidade o cachorro.

— É um pequinês pelado, disse ela.

Na verdade era uma criaturinha fascinante, completamente rosada e enrugada. Na parte mais alta da cabeça tinha um gorduroso e amarelado montículo de pelo; no demais estava, como bem havia dito a senhora, pelado.

— Como se chama o cachorro? Perguntou amavelmente.

— Adam, respondeu.

Sorrindo, Karlsen se inclinou sobre o porta-malas do carro para retirar o equipamento. Durante um bom tempo estiveram lutando com o morto, até que por fim conseguiram retirá-lo da água e deitá-lo na margem, sobre uma lona. O homem não era muito corpulento, ainda que parecesse após a sua longa estadia na água. A senhora do cachorro se afastou um pouco. Os policiais trabalhavam minuciosamente e falavam em voz baixa; o fotógrafo tirava fotos, um técnico forense se ajoelhou junto à lona e tomou algumas notas. A maior parte dos casos se devia a causas triviais, e a polícia não esperava nada extraordinário. Talvez se tratasse de um bêbado que havia caído na água, haviam muitos debaixo da ponte e pelos caminhos durante a noite. O homem teria entre vinte e quarenta anos, era magro, mas com barriga de cerveja, ruivo, e não muito alto. Karlsen colocou uma luva de borracha na mão direita e levantou cuidadosamente a camisa do morto.

— Apunhalado, disse secamente. — Várias punhaladas. Vamos virá-lo.

Pararam de falar. A única coisa que se ouvia era o som das luvas de borracha sendo colocadas ou retiradas, o pequeno clique da câmera, algum que outro suspiro, e o barulho do plástico que os homens desdobraram junto ao cadáver.

— Acho, murmurou Karlsen, — Que por fim encontramos Einarsson.

A carteira do homem, se é que a levava, havia desaparecido, mas o relógio de pulso continuava no seu lugar, um relógio cheio de acessórios, marcando a hora de Nova Iorque, Tóquio e Londres. A

correia negra havia deixado uma profunda marca no pulso inchado. O cadáver estava há bastante tempo na água e provavelmente a corrente o havia arrastado de uma área mais alta, pois o lugar onde havia sido encontrado não era especialmente significativo. Não obstante, investigaram, procurando possíveis impressões ao longo da margem, mas a única coisa que encontraram foi uma garrafa de plástico vazia que contivera anticongelante e um maço de cigarros também vazio.

Na passarela já havia juntado muita gente, sobretudo jovens. Estiravam os pescoços tentando ver um pedaço do cadáver, que jazia sob a lona. O corpo apresentava um avançado estado de decomposição. A pele havia se desprendido do corpo, sobretudo dos pés e mãos; parecia estar usando umas luvas muito grandes. Os olhos, que haviam sido verdes, estavam transparentes e sem cor, o cabelo caía em mechas e o rosto havia inchado de tal maneira que desapareceram quase que totalmente os rasgos. Os outros habitantes do rio, como caranguejos, peixes e insetos, haviam se servido dele avidamente. As punhaladas eram enormes aberturas na carne acinzentada.

— Eu costumava vir aqui par pescar, disse um dos jovens que estavam na ponte.

Não havia visto uma pessoa morta em seus dezessete anos de vida. Na realidade não acreditava na morte, como tampouco em Deus, porque nunca havia visto nem um o outro. Escondeu o queixo no pescoço da jaqueta e estremeceu. A partir de esse momento tudo seria possível.

* * *

Quatro

O RELATÓRIO da autópsia chegou ao fim de duas semanas. O Inspetor-Chefe, Konrad Sejer, havia convocado seis pessoas para a sala de reuniões em um dos aposentos situados atrás dos Tribunais. Esses aposentos haviam sido construídos há pouco, devido à falta de espaço, e continham uma série de salas ocultas ao público e visitadas por muito pouca gente, tão só por aquelas desafortunadas almas que entravam em um contato mais íntimo com a polícia. Já haviam sido esclarecidos uma série de pontos. Conheciam a identidade do homem; por certo, haviam-na descoberto em seguida, já que trazia o nome Jorun gravado em sua aliança. Uma pasta do mês de outubro do ano anterior continha toda a documentação sobre o desaparecido Egil Einarsson, de trinta e oito anos de idade, domiciliado na Rosenkrantzgate 16, visto pela última vez em 5 de outubro às nove da noite. Deixava mulher e um filho de seis anos. Era uma pasta muito fina, mas que rapidamente aumentaria. As fotografias recentes ocupavam bastante espaço, ainda que não fossem nada bonitas. No dia em que Einarsson desapareceu foram interrogadas uma série de pessoas: esposa, colegas de trabalho, parentes, vizinhos e amigos. Ninguém tinha muita coisa a dizer. Não era dos melhores, mas tampouco tinha inimigos, ao menos, não eram conhecidos. Trabalhava na fábrica de cerveja, ia almoçar em casa todos os dias o que lhe preparara a mulher e passava grande parte de seu tempo livre na garagem, reparando e cuidando de seu carro, que era seu tesouro, ou em um pub da parte sul em companhia de seus amigos. O pub se chamava As Armas do Rei. Assim então, o tal Einarsson era um pobre homem com tão má sorte que fora vítima de um drogado desesperado em busca de dinheiro, a heroína havia se apoderado seriamente da cidade. Tendo em vista ter sido encontrado naquele frio lugar varrido pelo vento, devia guardar algum segredo. Talvez devesse dinheiro.

Sejer olhou o relatório franzindo a testa e coçando a nuca. Não deixava de lhe impressionar o fato de que a gente do Instituto Forense fosse capaz de trabalhar numa massa meio podre de pele, cabelo, ossos e músculos, e recompô-la em um homem com idade, peso, medidas, estado de saúde, doenças, operações sofridas, estado dental e disposições genéticas.

— Restos de queijo fundido, carne, pimentão vermelho e cebola no estômago, disse em voz alta. — Parece pizza.

— Pode se descobrir isso ao cabo de meio ano?

— Sim; bem, quer dizer, se os peixes não acabaram com tudo. Isso também pode acontecer.

Sejer era feito de um material muito sólido. Ia fazer quarenta e nove anos, havia arregaçado a camisa, já era algo moreno nos antebraços, e suas veias e tendões se notavam claramente sob a pele, como numa prancha de madeira. Tinha as feições muito marcadas e o rosto anguloso, os ombros retos e largos e a pele curtida, mais bem conservada. Seu cabelo era hirsuto da cor do aço, quase

metálico, e muito curto. Tinha os olhos grandes e claros e a íris da cor azul brilhante de um azulejo molhado, dissera sua mulher, Elise, há muitos anos. Para ele parecia uma frase muito bonita.

Karlsen era dez anos mais jovem e muito menor. A primeira vista parecia um cachorrinho sem peso, tinha uns encerados bigodes de gato e o cabelo levantado, penteado para trás com um volume impressionante. O mais jovem e mais novato deles, Gøran Soot, estava ocupado em abrir um saco de batatas fritas sem fazer muito ruído. Soot tinha um cabelo abundante e ondulado, um corpo atlético, com muitos músculos e boa cor de pele; mas o conjunto era muito perfeito; e ele não estava consciente deste curioso fato. Junto à porta estava sentado o chefe de seção, Holthemann, calado e cinzento, e atrás dele uma mulher policial de cabelo ruivo e curto. Ao lado da janela estava sentado Jacob Skarre, com um braço apoiado na borda da mesma.

— Como está a senhora Einarsson? Perguntou Sejer. Preocupava-se com as pessoas, sabia que a mulher tinha um menino de seis anos. Karlsen sacudiu a cabeça.

— Parecia algo perplexa. Perguntou se poderia receber por fim o seguro de vida e em seguida se encheu de pesar por ter pensado só no dinheiro.

— E por que não recebeu nada?

— Porque não havia cadáver.

— Falarei disso com as autoridades competentes, disse Sejer. — De que viveram durante este último ano?

— Da Seguridade Social. Sejer sacudiu a cabeça e folheou o relatório. Soot colocou na boca uma batata frita verde com forma de homem, da qual só ficaram as pernas.

— O carro, prosseguiu Sejer, — Foi encontrado no sumidouro. Estivemos remexendo no lixo durante dias. Na realidade, foi morto em outro lugar, quem sabe na margem do rio. E em seguida o assassino o colocou no carro e o levou para o sumidouro. É incrível que Einarsson tenha ficado meio ano na água sem aparecer até agora. Durante todo esse tempo o assassino esteve com a esperança de que o cadáver não viesse à superfície. Bom, agora já poderá deixar de ter ilusões. Imagino que será um duro golpe.

— Fiu preso em algo? Perguntou Karlsen.

— Não sei. Seria um tanto estranho; no fundo não tem nada mais do que areia; não faz muito tempo que o dragaram. Pode ser que tenha sido arrastado para a borda e que enganchasse ali em algo. No demais, tinha o aspecto que mais ou menos seria de esperar, não é?

— O carro estava recém-lavado e aspirado por dentro, disse Karlsen. — Haviám dado brilho, passando cera e renovador de borracha por todos os lados. Saía de casa para vendê-lo.

— E sua mulher não sabia para quem ia vender, recordou Sejer.

— Ela não tinha ideia de nada, mas pelo visto, era o normal nessa casa.

— E ninguém havia ligado perguntando por ele?

— Não. De repente disse que tinha um comprador. Para ela pareceu estranho, pois seu marido havia economizado como um louco para comprar aquele carro, e em seguida passou meses ajeitando-o, cuidava dele como se fosse um cachorro.

— Talvez precisou de dinheiro de repente, disse Sejer. Levantou-se e começou a caminhar. — Precisaremos encontrar esse comprador. Pergunto-me o que aconteceu entre eles. Segundo a sua mulher, levava quinhentas coroas na carteira. Deveríamos examinar o carro uma vez mais, alguém esteve sentado nele e o conduziu durante vários quilômetros, provavelmente o assassino. Alguma impressão deve ter deixado!

— O carro foi vendido, interveio Karlsen.

— Já imaginava.

— É estranho que alguém vá mostrar um carro às nove da noite, disse Skarre, um homem enrugado do sul, de rosto amável, — As nove da noite fica muito escuro no mês de outubro. Se eu fosse comprar um carro, iria querer vê-lo à luz do dia. Pode se tratar de um plano, uma espécie de armadilha.

— Sim. E quando alguém quer testar um carro, vai para a autoestrada, longe de tudo, apontou Sejer coçando a queixo, com as unhas cortadas rente. — Se foi apunhalado em cinco de outubro quer dizer que está há seis meses no rio, adicionou. — Concorda com o estado do cadáver?

— No Instituto Forense são muito rigorosos quanto a isso, respondeu Karlsen. — Dizem que essas coisas são impossíveis de datar. Snorrasson me contou que uma mulher foi encontrada completamente inteira ao cabo de sete anos em um lago da Irlanda. Depois de sete anos! A água estava gelada, e ela conservada. Acho que podemos supor que realmente aconteceu em cinco de outubro. Deve se tratar de alguém muito forte, acho, a julgar pelo estado que apresenta o morto.

— Vejamos as punhaladas.

Apanhou da pasta uma das fotos, foi até a mesa e a segurou com as pinças. A foto mostrava as costas e o traseiro de Einarsson; a pele havia sido cuidadosamente lavada e as feridas haviam inchado tanto que pareciam crateras.

— São realmente estranhas, quinze punhaladas das quais a metade se encontra na região lombar, no traseiro e o sob ventre, e o resto no costado direito, bem por cima dos quadris, assestadas com muita força por uma pessoa destra, de cima para baixo. A faca era de folha longa e estreita, muito estreita, de fato. Talvez uma faca de cortar peixe. Aparentemente, uma estranha maneira de atacar um homem. Mas não nos esqueçamos do aspecto do carro, não é? De repente cruzou a sala em longas passadas e levantou Soot da cadeira. O saco de batatas fritas caiu no chão. — Preciso de uma vítima, disse Sejer. — Venha aqui!

Empurrou o sargento até a mesa, se colocou por trás dele e empunhou uma régua de plástico.

— Pode ter acontecido mais ou menos dessa maneira: este é o carro de Einarsson, disse, colocando o jovem policial de braços sobre a mesa. Seu queixo ficou bem na borda da mesa. — O capô está levantado porque estão olhando o motor. O homicida empurra a vítima de maneira que esta caia de braços sobre o motor e a mantém segura com a mão esquerda enquanto lhe assesta quinze punhaladas com a direita. Quinze punhaladas. Levantou a régua e cutucou com ela o traseiro de Soot enquanto contava em voz alta: — Uma, duas, três, quatro. Moveu a mão cutucando-o nas costas. Soot se retorcia um pouco, como se tivesse cócegas, — Cinco, seis, sete. E em seguida cutucou-o sob o ventre.

— Aí não! Soot se levantou assustado, e cruzou as pernas. Sejer parou, deu um pequeno empurrão na sua vítima e a enviou de volta à cadeira, enquanto se esforçava por disfarçar um sorriso.

— São muitas vezes para levantar uma faca. Quinze punhaladas e um monte de sangue. Deve ter jorrado por todos os lados, na roupa, no rosto e nas mãos do assassino, no carro e no chão. O que me incomoda é que tenha movido o carro.

— Deve ter sido em um momento de perturbação, afirmou Karlsen. — Não tem jeito de execução. Com certeza foi uma briga.

— Talvez não ficaram de acordo sobre o preço, sorriu Skarre.

— As pessoas que chegam ao extremo de matar alguém com uma faca acabam tendo uma grande surpresa, exclamou Sejer. — É muito mais difícil do que se imagina. Mas pensemos que foi realmente planejado, e que o assassino em um dado momento saca a faca, por exemplo, enquanto Einarsson está de costas, agachado sobre o motor.

Fechou os olhos, apertando-os com força, como querendo visualizar a imagem.

— O assassino precisou se levantar por trás; por isso não alcançou nenhum órgão importante. É muito mais complicado chegar aos órgãos vitais dessa maneira. E é provável que Einarsson suportasse várias facadas antes de cair definitivamente. Deve ter sido uma experiência terrível: ele esfaqueia uma e outra vez, a vítima não para de gritar, o assassino fica em pânico e não é capaz de parar. Isso demora. Imagina-se uma ou duas facadas. Mas em quantos casos de apunhalamentos temos visto que o criminoso não se contenta com isso? Estou me lembrando de um caso com dezessete punhaladas, e de outro com trinta e três.

— Mas se conheciam, não é? Nisso estamos de acordo?

— De certo modo, talvez. Imagino que tivessem uma espécie de relação. Sejer se sentou e colocou a régua na gaveta. — Bem, voltemos ao princípio. Precisaremos descobrir quem queria comprar o carro. Apanhe a lista de outubro e comece desde o princípio. Pode ser um de seus colegas de trabalho.

— As mesmas pessoas? Soot olhou interrogativo. — Vamos fazer outra vez as mesmas perguntas?

— O que quer dizer? Sejer levantou uma sobrancelha.

— Quero dizer que haverá necessidade de encontrar gente nova; se não as respostas serão outra vez as mesmas. Porque na realidade nada mudou, não é?

— Ah, não? Quem sabe não tenha seguido este assunto muito de perto, mas o certo é que encontramos o tipo. Matou com uma faca. E diz que nada mudou? Lutou consigo mesmo para ocultar um tom arrogante.

— O que quero dizer, é que não obteremos respostas diferentes, apesar de ter encontrado o desaparecido.

— Isso, exclamou Sejer, a quem aparecera um nó na garganta do tamanho de um punho — É o que veremos, não é?

Karlsen fechou a pasta com um golpe seco.

* * *

Cinco

SEJER deixou a pasta de Einarsson no seu lugar no arquivo. Colocou-a ao lado do caso Durbán, pensando que Maja Durbán e Egil Einarsson se fariam companhia. Ambos estavam mortos, mas ninguém sabia por quê. Recostou-se no respaldo da cadeira, cruzou suas longas pernas, colocou-as sobre a mesa, apalpou o bolso traseiro da calça e apanhou a carteira. Entre a carteira de motorista e a licença de saltar de para-quedas encontrou a foto de seu neto Matteus. Acabava de fazer quatro anos, sabia quase todas as marcas de carros e já havia tido a sua primeira briga que terminara com um braço quebrado e que lamentavelmente havia perdido.

Tivera uma grande surpresa naquela vez que fora ao aeroporto de Oslo apanhar a sua filha Ingrid e o seu genro Erik, que haviam passado três anos na Somália, ela como enfermeira e ele como médico da Cruz Vermelha. Ingrid estava no alto da escada do avião, com o cabelo clareado pelo sol e dourada por todos os lados. Por um instante louco foi como rever Elise no dia em que se conheceram. Trazia o menino nos braços. Tinha então quatro meses, era da cor do chocolate, com o cabelo cacheado e os olhos mais negros que jamais havia visto. "Na realidade os somalis são gente bonita", pensou. E observou a foto um instante antes de voltar a guardá-la. O aposento estava em silêncio, e também o grande edifício ao lado. Colocou dois dedos por baixo da manga da camisa e coçou o cotovelo. A pele estava caindo como se fosse caspa. Debaixo havia uma nova pele rosada que também caía como a caspa. Apanhou o casaco do respaldo da cadeira, colocou-o, e passou a toda velocidade pela recepção, onde estava a senhora Brenningen. Esta deixou imediatamente o livro que estava lendo. Havia chegado a uma prometedoras cena de amor e a reservaria para quando tivesse se deitado. Trocaram umas quantas palavras, ele lhe deu adeus com a cabeça e se encaminhou para Rosenkrantzgate, onde morava a viúva de Egil Einarsson.

* * *

Seis

OLHOU-SE rapidamente no espelho e passou os dedos pelo cabelo; usava-o tão curto que nem se movia. Era mais um ritual que vaidade. Sejer aproveitava qualquer ocasião para sair do escritório. Dirigiu lentamente pelo centro da cidade, sempre dirigia devagar; o carro era velho e lento, um grande Peugeot 604 azul que jamais havia lhe dado motivos para trocar. Na neve era como dirigir um trenó. Observou à sua direita quatro casas de cores alegres: rosa, amarelo e verde, o sol se refletia nelas e elas brilhavam com um aspecto muito hospitaleiro. Haviam sido construídas nos anos cinquenta, o que lhes dava uma certa classe que as casas novas não tinham. As árvores eram grandes e os jardins frondosos, ou ao menos seriam quando chegasse o verão. Mas ainda fazia frio; a primavera se fazia esperar. Não havia chovido há muito tempo, e algumas manchas de neve pareciam lixo nos meios-fios. Sejer procurou com o olhar o número dezesseis, e reconheceu a casa verde bem conservada ao vê-la. A entrada era um caos de triciclos, pequenos caminhões e brinquedos de plástico de todo tipo, que o menino, sem nenhuma ordem, havia subido do porão ou descido do sótão. O asfalto livre de neve sempre ficava tentador após um longo inverno. Estacionou e tocou a campainha. Passados uns segundos, uma mulher apareceu na porta com um menino magro agarrado na sua roupa.

— Senhora Einarsson, disse com um leve cumprimento, — Posso entrar?

Como não tinha muita gente com quem conversar, a mulher disse quase imperceptivelmente que sim com a cabeça, algo negligente. Ele ficou muito próximo e ela pode sentir o seu odor, uma mistura do couro do casaco e de uma discreta colônia após barba.

— Agora não sei mais do que sabia no outono passado, disse ela com voz insegura. — Exceto que morreu. Mas já estava preparada para isso. Rodeou o menino com seu braço, como querendo proteger a ambos.

— Mas agora o encontramos, senhora Einarsson. Isso muda um pouco as coisas, não é? Sejer se calou e esperou.

— Imagino que tenha sido um desses loucos precisando de dinheiro. Ela sacudiu a cabeça. — Porque sua carteira não foi encontrada. Vocês disseram que havia desaparecido. Ainda que só levasse cem coroas. Mas hoje em dia a gente mata por qualquer coisa.

— Prometo ser breve.

Ela se resignou e foi retrocedendo até o interior da casa. Sejer parou na entrada da sala e olhou ao seu redor. Sempre observava espantado o quanto se pareciam com as pessoas, via isso em suas salas, nos objetos com os que enchiam suas casas. O mesmo em todos os lados com a mesma simetria, com o televisor e o vídeo no centro. Nesse centro a família se acomodava para se esquentar. A senhora

Einarsson tinha uma capa de pele cor rosa e um tapete de fio longo debaixo da mesa da sala. Era uma sala feminina. Estava morando sozinha há seis meses e talvez tivesse empregado esse tempo em se desfazer de todos os elementos masculinos, se alguma vez os tivera. Nem naquela vez, nem nesta, conseguiu ver nela algum sinal de pena ou amor por aquele homem que haviam encontrado nas escuras águas fluviais, perfurado e cinzento, como uma velha esponja. A situação precisava lidar com outras coisas, com assuntos práticos, tais como do que ia viver e como ia poder sair à procura de um novo marido, se não tivesse dinheiro para pagar a alguém que ficasse com o menino. Esses pensamentos deprimiam Sejer. Fizeram-no estudar detidamente a foto do casamento que havia sobre o sofá, uma foto muito suntuosa da jovem Jorun. Ao seu lado se via Einarsson, miúdo e algo chupado, um adolescente com um bigode escasso debaixo do nariz. Posavam o melhor que podiam, ante um fotógrafo medíocre, mais preocupado em como o pagariam, mas não por um ou pelo outro.

— Tenho café na garrafa térmica, disse ela vacilante.

Sejer aceitou. Seria bom ter algo a que agarrar, ainda que só fosse a asa de uma xícara. O menino foi atrás de sua mãe para a cozinha, e olhava o homem de soslaio detrás da porta. Era magro, com sardas no nariz, tinha o topete muito longo e que caía na testa constantemente. Ao cabo de uns anos se pareceria com o homem da foto do casamento.

— Esqueci-me de como se chama, sorriu Sejer alentador. O menino manteve em segredo seu nome por um momento, pisou forte com os tênis no chão de linóleo e sorriu timidamente.

— Jan Henry. Sejer moveu a cabeça.

— Ah, sim, Jan Henry. Posso lhe perguntar algo, Jan Henry? Coleciona pins? O menino assentiu com a cabeça.

— Tenho vinte e quatro no meu gorro.

— Vá buscá-la, disse Sejer sorrindo, — E lhe darei outro. Um que por certo ainda não tem.

O menino foi ao seu quarto. Voltou com o gorro colocado, que lhe ficava muito grande. Retirou-o cerimoniosamente.

— Pica muito, explicou. — Por isso não consigo usá-lo posta muito tempo.

— Olhe, disse Sejer, — A senhora Brenningen da delegacia me deu. Você quer, não é?

O menino concordou com a cabeça. Procurou no gorro um lugar de honra para o pequeno pin dourado, retirou resolutamente um dos mascotes olímpicos Kristin e Håkon sentados em um trenó, e o colocou no seu lugar. A mãe entrou e ele lhe deu um sorriso.

— Vá para o seu quarto, disse secamente. — Este senhor e eu precisamos conversar.

Sejer apanhou o café e observou a senhora Einarsson, que deixou cair dois torrões de açúcar na sua xícara de pouca altura, para não respingar. A aliança havia desaparecido de sua mão. Tinha o cabelo escuro e maquilara muito os olhos, o que endurecia suas feições. Na realidade era atraente, com seu corpo pequeno e esbelto. Mas com certeza não saberia. Provavelmente estava descontente com seu próprio aspecto, como acontecia com a maioria das mulheres. "Exceto Elise", pensou.

— Continuamos procurando o tal comprador, senhora Einarsson, como da última vez que conversamos. Por uma ou outra razão, seu marido decidiu vender o carro de repente, apesar de não ter falado com você. Saiu para mostrá-lo e não voltou. Talvez alguém mostrasse interesse pelo carro, quem sabe o pararam na rua ou algo assim. Talvez alguém que desejasse exatamente um carro como o dele se pusesse em contato. Ou talvez alguém o estivesse procurando com maus propósitos, a ele e não ao carro, e o usou como pretexto para retirá-lo de casa. Quem sabe tentasse vendê-lo, em dinheiro. Sabe se ele se encontrava em algum aperto econômico? Ela negou com a cabeça.

— Você já me perguntou isso. Não, não tinha problemas econômicos. Mas claro, o dinheiro faz falta a todo mundo, e nós não gozávamos de uma boa situação. Agora as coisas estão ainda pior, e não consigo vaga na escola para o menino. Além disso, sofro de enxaqueca.

Deu uma ligeira massagem na testa para demonstrar que devia tratá-la bem, do contrário, a enxaqueca podia atacar repentinamente, e não é fácil trabalhar quando se tem um problema desses, só e com um menino. Ele fez um gesto compassivo.

— Mas não sabe se seu marido gastava o dinheiro no jogo ou se havia feito algum empréstimo, talvez um empréstimo particular, que estivesse sendo difícil de pagar?

— Não. Não era o mais esperto dos homens, mas tampouco era bobo. Nós nos arrumávamos. Tinha um trabalho. E só gastava dinheiro no carro e numa cerveja de vez em quando no pub. Talvez fosse um falastrão, mas não era tão bobo assim para se meter em confusões, em algo ilegal, quero dizer. Não, não acho. Fomos casados durante oito anos, e penso que o conheço muito bem. Que conhecia, quero dizer. E ainda que esteja morto, não posso falar mal dele. Por fim tomou alento.

— E não se lembra se algum amigo dele falou alguma vez de comprar o carro?

— Ah, sim, com certeza mais de um. Mas ele não queria vendê-lo. Não o deixava com ninguém.

— E não se lembra de nenhuma ligação telefônica referente ao carro nos dias anteriores ao seu desaparecimento?

— Não.

— Como estava na noite que morreu?

— Já respondi a isso. Exatamente como sempre. Voltou do trabalho às três e meia. Estava no primeiro turno. Em seguida comeu pizza mexicana, tomou café e passou toda a tarde na garagem debaixo do carro.

— Debaixo do carro?

— Sim, debaixo do carro. Com suas ferramentas. Estava obcecado com ele. Em seguida lavou-o. Eu estava fazendo coisas aqui na casa, e não soube de nada até que ele entrou no meio do programa casino da televisão e disse que ia mostrar o carro.

— Não mencionou nenhum nome?

— Não.

— E tampouco disse onde ia se encontrar com o comprador?

— Não.

— E você não perguntou por que iria vendê-lo? A mulher mexeu no cabelo e negou com a cabeça.

— Eu não me metia nas coisas do carro. Nem sequer tenho carteira. Nunca me preocupei com carro que tínhamos, me bastava em ter um carro. E não disse que iria vendê-lo, só que ia mostrá-lo. Tampouco foi necessariamente o assassino. Pode ter se encontrado com alguém, ou ter apanhado

alguém que pedia carona, o que sei eu, qualquer coisa. Esta cidade está cheia de malucos por causa da heroína, não sei por que vocês não fazem algo contra isso. Penso no Jan Henry, que vai crescer aqui e não tem o caráter mais forte do mundo, nisso se parece com o pai.

— Um caráter forte se desenvolve com o tempo, sorriu Sejer. — Terá que esperar alguns anos. Bom, procuramos esse comprador através dos jornais e da televisão, recordou, — E não se apresentou ninguém. Ninguém se atreveu. Ou seu marido mentiu ao sair naquela noite, talvez fosse fazer outra coisa, ou esse comprador é o verdadeiro assassino.

— Mentiu? A mulher olhou-o ofendida. — Se você acha que ele tinha segredos sujos, está errado. Não era desse tipo de pessoa. E tampouco saía com outras; para ser sincera, não era muito atraente para as mulheres. Se ele disse que ia mostrar o carro a alguém, é porque era verdade.

Falava de uma maneira tão simples e concisa que o convenceu. Ficou pensativo, viu o menino entrar na ponta dos pés e se sentar silenciosamente no chão atrás de sua mãe. Pestaneava sem dizer nada.

— Se você voltar os olhos para trás, tem algo que de alguma maneira saísse do normal? Digamos, desde os seis meses anteriores ao seu desaparecimento, até que seu carro foi encontrado, você se lembra algum episódio ou período em que ele parecesse diferente, preocupado ou algo assim? Qualquer coisa, quero dizer. Ligações telefônicas? Cartas? Algum dia que chegasse do trabalho mais tarde do que o habitual ou que dormisse mal à noite?

Jorun Einarsson rasgou com os dentes outro envelope de açúcar, e ele observou como suas pensamentos evocavam o passado. Ladeou a cabeça ante alguma recordação, rechaçou-a e continuou pensando. Einarsson filho respirava sigilosamente, tinha grandes olheiras, como só os meninos tem.

— Houve algum problema no pub uma noite. Bem, com certeza sempre havia problemas nesse lugar, mas alguém se embbedou tanto que o dono chamou a polícia para que o levassem. Era um dos colegas de trabalho de Egil, da fábrica de cerveja. Egil foi atrás e suplicou que o soltassem. Propôs levá-lo para a casa dele e se assegurar de que se deitava. E acho que o soltaram. Naquela noite não chegou em casa até as três e meia da manhã, e lembro que na manhã seguinte continuou dormindo.

— Ah, sim? Então lhe contou o que aconteceu?

— Não, só que bebeu muito. Bem, Egil não, o outro. Egil levou o carro, e fazia o primeiro turno no dia seguinte. Além disso, eu também não perguntei, essas coisas não me interessam.

— Você diria que seu marido era uma pessoa que se preocupava com os demais? Pois o que fez por seu amigo... Poderia ter ficado à margem, abandonando-o a sua própria sorte.

— Já que me perguntou, ele não se preocupava com os demais, disse a mulher, — Não costumava olhar muito ao seu redor. Então tenho que admitir que fiquei um tanto surpresa ao saber de que havia agido assim. Salvar alguém da detenção. Sim, talvez eu tenha estranhado um pouco, mas ao fim e ao cabo eram colegas. Para ser sincera, não havia reparado muito nisso. Quero dizer, não até agora que está me perguntando.

— Quando aconteceu isso mais ou menos?

— Deus, não me lembro! Algum tempo antes de desaparecer.

— Semanas? Meses?

— Não, talvez uns dias.

— Uns dias? Quando falei com você no outono passado, se lembrava desse fato?

— Acho que não.

— E o amigo bêbado, senhora Einarsson, sabe quem era? Negou com a cabeça, deu uma olhada por cima do ombro e descobriu o menino.

— Jan Henry! Não disse que ficasse no seu quarto! Ele se levantou e saiu furtivamente como um cachorro que afugentam. A mulher serviu mais café.

— O nome, senhora Einarsson, disse em voz baixa.

— Não me lembro, disse. — São tantos os que frequentam esse pub...

— Mas ele ficou dormindo no dia seguinte, não é?

— Sim.

— E na fábrica de cerveja anotam, não é?

— Mmm... Sejer meditou um instante.

— E quando lhe devolveram o carro do Departamento Técnico vendeu-o, não foi?

— Sim. Não posso pagar o carnê, então o vendi ao meu irmão. Além disso, o dinheiro me fazia falta. Vendi o carro e algumas ferramentas que havia no porta-malas. E joguei fora alguns trastes que não sei o que eram. Agora, faltava algo, algo havia desaparecido.

— O quê?

— Não me lembro neste momento. Meu irmão perguntou, procuramos e não encontramos. Não me lembro o que era.

— Tente. Poderia ser importante.

— Não, não acho que fosse algo importante, mas não me lembro. Também procuramos na garagem.

— Ligue para a delegacia se se lembrar de algo. Pode perguntar a seu irmão.

— Está viajando, não sei quando voltará.

— Senhora Einarsson, disse se levantando, — Obrigado pelo café.

Ela se levantou de um salto da cadeira, algo corada e confusa porque ele saía assim, de repente. Acompanhou-o até a porta. Sejer se despediu e se dirigiu para onde tinha estacionado o carro. Justo quando ia a meter a chave na fechadura descobriu o menino, que tinha os pés metidos em um jardim e trabalhava a terra com imensa energia. Seus tênis tinham um aspecto deplorável. Sejer o cumprimentou com a mão.

— Olá! Não encontrou ninguém com quem brincar?

— Não, sorriu envergonhado. — Por que não usa o carro da polícia quando trabalha?

— Boa pergunta. Na realidade estava a caminho de casa. Moro, não nesta rua, numa outra um pouco mais acima, e assim não tenho que voltar à delegacia para mudar de carro. Ficou pensando um instante. — Entrou alguma vez em um carro de polícia?

— Não.

— Da próxima vez que vier visitar a sua mãe, virei com um carro de polícia e, se quiser, daremos uma volta. O menino sorriu de orelha a orelha, mas com certa dúvida, talvez como consequência de alguma amarga experiência. — É uma promessa, afirmou Sejer. — E não demorarei muito a voltar! Passou para o volante, colocou lentamente a marcha e desceu a rua. Pelo espelho viu um braço magro que lhe dizia adeus.

Continuava pensando no menino quando passou pelo hipódromo à esquerda, e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Ultimo Dia, à direita. “Pobre de você, Konrad, disse a se mesmo, — Se da

próxima vez esquecer de levar o carro de serviço.”

* * *

Sete

EMMMA ESTAVA brincando com uma pequena fazendinha no chão da sala. Os animais estavam perfeitamente alinhados: porquinhos de cor rosa pálido, vacas de manchas vermelhas e brancas, galinhas e ovelhas. Um tiranossauros rex vigiava a cena. A cabeça, com seu minúsculo cérebro, chegava quase até o telhado do depósito. De vez em quando corria até a janela para ver se chegara o carro do pai. Cada dois fins de semana passava um com ele, e sempre esperava-o com grande atenção. Eva também esperava. Estava sentada no sofá, tensa; precisava se livrar da menina para poder pensar em paz. Normalmente empregava esses fins de semana para trabalhar, mas nesse dia se encontrava completamente paralisada. Tudo era diferente. Haviam-no encontrado.

Há vários dias que Emma não mencionava o homem morto, mas isso não significava que tivesse se esquecido dele. Intuíu pelo rosto de sua mãe que não devia mencioná-lo, e ainda que não entendesse por quê. Dentro do estúdio havia um lençol estendido sobre o cavalete. Era um lençol completamente negro. Não suportava olhá-lo. Tinha muitas outras coisas em que se ocupar primeiro. Estava sentada no sofá, escutando com a mesma atenção de Emma, esperando que o Volvo vermelho parasse a qualquer momento diante da casa. Na fazendinha de Emma reinava uma ordem perfeita, salvo esse monstro verde que ameaçava o depósito. Tinha um aspecto estranho.

— Esse dinossauro é daí, Emma? Emma colocou cara de enfado.

— Claro que não. Já sei. Está só de visita.

— Ah bom, que boba eu sou. Devia ter imaginado.

Ajeitou as pernas e se tapou com a camisa longa. Tentou despejar sua cabeça de pensamentos. Emma voltou a se sentar e colocou aos empurrões os porquinhos debaixo da barriga da porca.

— Falta uma teta. Este está sobrando. Apanhou um dos porquinhos e olhou com ar interrogativo para a sua mãe. — Mmm... Preciso resolver isso. Esse porquinho está morrendo de fome. Será preciso dar de comer com mamadeira, e normalmente, o fazendeiro não tem tempo para isso. Emma meditou um instante. — Posso presentear-lo ao Dino. Ele também precisa comer.

— Mas esses animais só comem capim, folhas e coisas assim, não é?

— Este não, é carnívoro, explicou Emma, e colocou à força o porquinho entre os afiados dentes do monstro verde.

Eva sacudiu incrédula a cabeça ante essa solução tão prática. As crianças nunca deixavam de surpreendê-la. Nesse instante se ouviu um carro no pátio. Emma desapareceu tão rapidamente como pôde, e foi receber o pai. Eva levantou cansadamente a cabeça quando o homem apareceu na porta. Ele havia sido o farol de sua vida. Quando Emma estava ao seu lado parecia menor e mais leve que

de costume. Assentavam-se bem um ao outro, ambos ruivos e com muitos quilos a mais. Gostavam-se muito, e ela se alegrava por isso. Nunca havia sentido ciúmes, nem sequer da nova mulher de sua vida. Sua grande pena era que ele a tivesse deixado, mas já que o havia feito, lhe desejava todo tipo de felicidade. Assim simples.

- Eva! Disse ele sorridente, sacudindo suas ruivas melenas. — Parece cansada.
- Tenho algumas preocupações, disse, alisando a camisa.
- Coisas de artista? Perguntou ele, sem um pingão de ironia.
- Não. Coisas concretas e terrenais.
- É algo sério?
- Muito pior do que imagina. Ele meditou um instante sobre essa resposta e franziu o cenho.
- Se puder ajudá-la em algo, é só me dizer.
- Pode ser que mais adiante tenha que fazê-lo.

Ele ficou olhando com semblante sério. Emma estava agarrada na sua calça; a menina pesava bastante e o fez perder o equilíbrio. Sentia uma enorme simpatia por Eva, mas vivia em um mundo que lhe era totalmente estranho, o mundo da arte. Ele nunca havia se sentido a gosto nesse mundo. Mas, Eva era uma parte importante de sua vida, e assim seria sempre.

- Apanhe suas coisas, Emma, e dê um beijo em sua mãe.

A menina lhe obedeceu com gosto. Os dois desapareceram pela porta. Eva se aproximou da janela para vê-los sair, e continuou olhando o carro até que este foi absorvido pelo trânsito. Em seguida voltou a sentar, com as pernas sobre o sofá e a cabeça inclinada no respaldo. Fechou os olhos. Na sala havia uma agradável penumbra e um grande silêncio. Esforçou-se por respirar tranquilamente e se deixou invadir pelo silêncio. Esse era um momento que deveria desfrutar plenamente, recordar e guardar na memória. Sabia que não duraria.

* * *

Oito

SEJER havia se servido um generoso copo de uísque e havia expulsado o cachorro do sofá. Era um Leonberg macho de uns setenta quilos, cinco anos de idade e muito brincalhão. Chamava-se Kollberg, quer dizer, na realidade se chamava de outra maneira, porque o canil pusera seu próprio nome nos papéis, segundo seu sistema. Neste caso, por exemplo, haviam se servido dos títulos das canções dos Beatles. Começaram pelo principio do alfabeto, e ao nascer Kollberg haviam chegado ao L, então colocaram o nome de LOVE ME DO. Sua irmã se chamava LUCY IN THE SKY. Sejer gemeu ao pensar nisso.

O cachorro se resignou com uma pesada respiração e se deitou aos seus pés. Sua grande cabeça repousava sobre os tênis de Sejer, fazendo-o suar dentro das meias esportivas. Mas não tinha coração para retirá-lo. Além disso, por outra parte era agradável, ao menos no inverno. Bebia o uísque em pequenos goles e acendeu um cigarro enrolado. Esses eram seus vícios na vida, um único copo de uísque e um único cigarro enrolado. Como fumava tão pouco, notou imediatamente como seu coração batia algo mais depressa. Nos dias tranquilos, ia ao aeroporto para saltar de para-quedas, mas isso ele não considerava um vício. Elise, sim, havia considerado um vício. Estava viúvo há oito anos e sua filha já era adulta e tinha uma boa colocação. Sejer não era temerário, saltava exclusivamente sob condições climatológicas ótimas, e nunca tentava nenhuma manobra muito arriscada. Simplesmente gostava dessa frenética velocidade pelo ar, soltar todo tipo de encaixes, a vertiginosa perspectiva, a visão do conjunto, as fazendas e os campos vistos de tão alto, formando bonitos desenhos de cores quentes, a fina e luminosa rede de estradas no meio, como o sistema linfático de um organismo gigantesco e as edificações ordenadas em bonitas filas de casas vermelhas, verdes e brancas. “O ser humano precisa de sistemas”, pensou, soprando a fumaça para o teto.

Também Egil Einarsson tivera um sistema, uma vida ordenada, seu trabalho na fábrica de cerveja, sua mulher, seu filho, seu grupo de colegas estável e seu pub na parte sul. Uma rotina fixa ano após ano, o lar, a fábrica, o lar, o pub, o lar. O carro com todas suas minúsculas pecinhas para polir, engraxar e trocar. Semana após semana, mês após mês, ano após ano. Nenhum antecedente penal. Nenhum assunto dramático em sua vida; passou pela escola como os demais jovens, sem despertar nenhuma atenção especial. Recebeu o diploma, em seguida começou seus estudos de técnico no Goteborg, de dois anos de duração, formação que nunca lhe serviria de nada, já que acabou como peão na fábrica de cerveja. Estava bem. Ganhava dinheiro suficiente. Nunca alcançou os grandes topos da vida, mas tampouco passou necessidades. Um homem simples. A mulher era muito atraente e fazia a sua parte das tarefas. E de repente alguém havia lhe enfiado uma faca. “Quinze vezes”, pensou Sejer. Como era possível que um tipo como Einarsson despertasse essa paixão?

Bebeu mais um gole do uísque e continuou pensando a respeito. Admitiu que deveriam ter mais

nomes na lista, pessoas em que não haviam pensado, pessoas com as quais deveria falar, para que de repente aparecesse um ângulo completamente novo, jogando uma nova luz sobre toda a tragédia. Sempre estava pensando nesse carro, um Opel Manta, modelo oitenta e oito. E de repente quis vendê-lo. Alguém, alguma pessoa, havia mostrado interesse por ele, deve ter sido assim. Não havia colocado nenhum anúncio nos jornais, não havia mencionado a ninguém, absolutamente a ninguém, que queria vender o carro. Isso já haviam verificado.

Voltou a chupar o cigarro e manteve a fumaça um momento na boca. De quem o comprara? Pensou de repente. Nunca havia se feito essa pergunta. Talvez deveria tê-la feito. Levantou-se de um salto e se aproximou do telefone. Quando soou o timbre do outro lado, pensou que talvez fosse muito tarde para ligar. A senhora Einarsson atendeu no segundo toque. Escutou sem fazer perguntas e pensou um instante.

— Contrato de compra e venda? Sim, com certeza está na minha pasta, espere um momento. Sejer esperou e ouviu gavetas que se abriam e tornavam a fechar, e barulho de papéis sendo manuseados.

— Está praticamente ilegível, se lamentou ela.

— Tente. Posso passar amanhã para apanhá-lo se não conseguir decifrá-lo.

— Ao menos leio Rua Erik Børresen. Acho que o sobrenome é Mikkelsen. Sou incapaz de entender o número da rua. Pode ser cinco. Ou seis. Rua Erik Børresen, cinco ou seis.

— Com isso basta, certo. Muito obrigado!

Apontou no bloco que havia junto ao telefone. Era importante não pular nenhum detalhe. Se não descobrira para onde iria o carro, ao menos poderia saber de onde viera.

* * *

Nove

OUTRO DIA estava a ponto de acabar quando Karlsen chegou da cantina com dois enroladinhos de camarão e uma Coca-Cola. Acabava de se sentar e devorar o primeiro enroladinho, quando Sejer apareceu na porta. O mais ascético sargento-chefe trazia dois sanduíches de queijo e uma garrafa de água com gás; e debaixo do braço um jornal.

— Posso me sentar? Karlsen assentiu com a cabeça, mergulhou um camarão na maionese e colocou-o na boca. Sejer se sentou, arrastou a cadeira até a mesa e apanhou uma fatia de queijo do sanduíche. Enrolou-a e mordeu a ponta. — Voltei a retirar Marie Durbán da gaveta, disse.

— Por quê? Não existe nenhuma relação, não é?

— Com certeza não. Mas não acontecem muitos assassinatos nesta cidade, e estes aconteceram com muito poucos dias de diferença. Einarsson costumava frequentar AS ARMAS DO REI, Durbán morava a trezentos metros dali. Deveríamos investigar mais a fundo. Olhe só!

Levantou-se, se aproximou do mapa da cidade pendurado na parede e apanhou dos alfinetes vermelhos para mapas de uma caixinha. Com grande precisão, e sem vacilar, colocou um alfinete sobre o edifício de Tordemsskioldsgate e outro no AS ARMAS DO REI. Em seguida se sentou.

— Olhe o mapa. Abrange todo o município e mede dois metros por três. Apanhou a lâmpada de mesa de Karlsen, que tinha um braço articulado e podia girar em todas as direções, e iluminou o mapa. — Maja Durbán foi assassinada em primeiro de outubro. Em cinco de outubro Einarsson foi assassinado, ou ao menos podemos supor que foi nesse dia. Este é um povoado e não nos inunda esse tipo de acontecimento, e olhe como estão próximos os alfinetes um do outro! Karlsen olhava fixamente. Os alfinetes brilhavam como dois olhos vermelhos sobre o mapa preto e branco.

— Sim, mas que nós soubéssemos não se conheciam, não é?

— Há tantas coisas que não sabemos... Sabemos algo na realidade?

— Que pessimista! De qualquer maneira penso que devemos pegar uma amostra do DNA de Einarsson e compará-lo com os restos encontrados em Durbán.

— Bem, bom, como nós não pagamos...

Comeram um tempo sem falar. Eram dois homens que se apreciavam de uma maneira tácita. Não demonstravam com grandes gestos, mas tinham uma sólida simpatia que cuidavam com carinho. Karlsen tinha dez anos a menos e uma mulher à quem havia que atender. Por essa razão, Sejer se mantinha um pouco a distância, convencido de que o outro tinha de sobra com a família, que para ele era uma instituição sagrada. Foi interrompido em seus pensamentos por uma policial que apareceu na porta.

— Dois recados, disse, estendendo uma pequena nota. — Andreassen da TV 2 ligou para perguntar se quer participar na TESTEMUNHA OCULAR com o caso Einarsson. Sejer ficou tenso e deixou vagar o olhar.

— Talvez lhe interesse, heim, Karlsen? É mais fotogênico que eu. Karlsen ria com ar brincalhão. Sejer odiava aparecer em público; tinha poucos pontos fracos, mas esse era um deles.

— Sinto muito, vou a um seminário, não se lembra? Ficarei fora dez dias.

— Dê a Skarre. Ficaré muito contente. Eu o ajudarei, desde que não precise ficar sob aquela lâmpada solar. Vá dizer a ele agora mesmo!

A mulher sorriu e desapareceu, e ele se pôs a ler os recados. Olhou o relógio. Os veteranos iam saltar do aeródromo de Jarlsberg no fim de semana seguinte, se o tempo permitisse. Pensou em Jorun Einarsson. Não se apressou, acabou seu lanche e voltou a deixar a cadeira no seu lugar depois de se levantar.

— Vou dar uma volta.

— Você está sentado há quase meia hora. Já está crescendo musgo nas pontas dos seus pés.

— O ruim da gente é que se fica sentado durante todo o dia, respondeu. — Aqui na casa não acontece nada, não é verdade?

— Imagino que tenha razão. Mas merda, é esperto ao procurar coisas para fazer ao ar livre! Tem muito talento para isso, Konrad.

— É preciso usar a imaginação, respondeu.

— Espere um momento. Karlsen colocou a mão no bolso da camisa e parecia incomodado. — Minha mulher me deu uma lista de compras. Você sabe algo das coisas de mulheres?

— Pergunta e verá.

— Colocou aqui, depois de carne de porco para assar, “Panty-liners”. Tem ideia do que pode ser isso?

— Por que não liga para casa e pergunta?

— Não atendem.

— Pergunte à senhora Brenningen, disse, rindo entre dentes, e desapareceu.

* * *

Acabava de entrar no carro e alisar o cabelo com os dedos quando de repente se lembrou. Voltou a sair, fechou-o e se aproximou de um dos carros de serviço, tal e como havia prometido ao pequeno Einarsson. A essa hora, Mikkelsen ainda estaria trabalhando, como a maioria das pessoas, e por isso se dirigiu primeiro a Rosenkrantzgate. Jorun Einarsson estava no pequeno pedaço de gramado que havia atrás da casa estendendo roupa. Um pijama com desenhos de Tom e Jerry e uma camiseta com uma imagem de Docile revolteavam no ar. Acabava de retirar da cesta umas calcinhas quando Sejer apareceu; ela ficou com a roupa na mão sem saber muito bem o que fazer.

— Não me custa nada vir de carro, explicou Sejer educadamente, tentando não olhar a roupa interior, — Por isso vim direto em vez de ligar. Termine o que está fazendo, não me importo em esperar.

A mulher estendeu apressada o resto da roupa e quando acabou, apanhou a cesta e colocou-a

debaixo do braço.

— O garoto não está?

— Sim, na garagem, disse, apontando para a rua. — Costumava passar muito tempo ali com o pai, observando-o enquanto se ocupava do carro. Agora entra lá e passa o tempo sentado olhando para a parede. Não demorará em sair. Sejer olhou para a garagem, uma garagem dupla pintada de verde, como a casa. Em seguida seguiu-a para dentro.

— O que queria me dizer, senhora Einarsson? Perguntou sem rodeios. Haviam parado na porta da sala. Ela deixou a cesta no chão e retirou do rosto um de seus cabelos tingidos.

— Liguei para o meu irmão ontem à noite. Está na Stavanger, uma feira de ferramentas. Era um macacão, um desses macacões verdes de náilon com um monte de bolsos. Colocava-o para mexer no carro e deixava-o sempre no porta-malas. Andei procurando-o porque me lembrei que custara muito caro. E era prático levá-lo no porta-malas, pois se acontecesse algo com o carro, enguiçasse de repente por exemplo, ou se precisasse sair e para apertar algum parafuso, ele dizia. Meu irmão também o queria para isso, então quando vi que não estava no carro, procurei-o na garagem. Também não estava lá. Desapareceram o macacão e uma lanterna grande.

— Você perguntou à polícia?

— Não, mas imagino que a polícia não tem direito de retirar coisas dos carros sem avisar.

— Supõe-se que não. Mas vou verificar de qualquer maneira. Levava-o sempre?

— Sempre. Era muito organizado com tudo o que tinha a ver com o carro. Nunca ia a nenhum lugar sem levar um galão de gasolina, óleo para o motor, líquido para o para-brisa e uma garrafa de água. E o macacão verde. Por certo, essa lanterna me caíria muito bem, às vezes estouram os fusíveis. A instalação elétrica desta casa é uma porcaria, deveriam mudá-la. Mas o condomínio de agora é o pior que tivemos, sobem o aluguel uma vez por ano e dizem que estão economizando para reformar as varandas. Mas não acho que chegue a vê-las. Bom, como disse, era o macacão.

— É uma observação muito útil, elogiou Sejer; — Ainda bem que se lembrou. “E também seria útil ao assassino”, pensou; serviria para colocá-lo em cima de uma roupa manchada de sangue.

A mulher se ruborizou e voltou apanhar a cesta. Era muito grande, de plástico azul turquesa, e quando a apoiava nos quadris fazia-a adotar uma postura retorcida, curiosa.

— Prometi ao garoto que ele daria um passeio no carro. Posso ir apanhá-lo na garagem? Ela olhou-o surpresa.

— Claro. Mas vamos sair em seguida, então não demore muito.

— Será um pequeno passeio.

Saiu de novo da casa rumo à garagem. Jan Henry estava sentado em um banco de trabalho que havia junto à parede. As pernas estavam penduradas. Tinha os tênis manchados de óleo. Sobressaltou-se ao descobrir Sejer, em seguida o rosto se iluminou.

— Trouxe o carro. Sua mãe nos deu permissão para dar um pequeno passeio, se tiver vontade. Poderá experimentar a sirene. O garoto desceu de um salto do banco, que era bem alto, e precisou dar um par de passos correndo para recuperar o equilíbrio.

— É um Volvo?

— Não, é um Ford.

Jan Henry ia correndo na frente, enquanto Sejer olhava suas pernas, tão brancas e magras que pareciam anormais. Quase não se via no assento dianteiro, e foi difícil fixar o cinto de segurança como manda a lei. O menino apenas chegava ao porta-luvas quando se esticava. Sejer arrancou e pegou a autoestrada. Durante um bom tempo permaneceram em silêncio; somente se ouvia o ruído constante do motor e algum que outro “shssss” dos carros da fila esquerda quando os ultrapassavam. O garoto ia com as mãos entre as coxas como se tivesse medo de tocar algo sem querer.

— Gostava de seu pai, Jan Henry? Perguntou Sejer em voz baixa. O menino olhou-o surpreso, como se fosse a primeira vez que lhe faziam essa pergunta. A resposta era evidente.

— Muito, disse com simplicidade. Voltaram a ficar em silêncio. Sejer seguia em direção à loja de sorvete. Ligou o pisca-pisca para a direita e continuou subindo. — Há muito silêncio na garagem agora, disse de repente o garoto.

— Sim. É uma pena que sua mãe não entenda de carros.

— Quando tinha tempo, papai ficava sempre lá dentro mexendo no carro.

— E cheira tão bem, disse Sejer sorrindo, — A óleo, gasolina e coisas dessas.

— Havia prometido me comprar um macacão, continuou o menino, — Um igual ao dele. Mas desapareceu antes. O macacão tinha quatorze bolsos. Ia colocá-lo para consertar minha bicicleta. Chama-se macacão de engraxar.

— Sim, é verdade, se chama macacão de engraxar. Eu também tenho um, mas o meu é azul e tem escrito FINA nas costas. E não sei se tem quatorze bolsos, pode ser que só oito ou dez.

— Também gosto dos azuis. Fazem em tamanhos infantis? Perguntou.

— Não sei, mas vou descobrir.

Tomou nota mentalmente, voltou a virar à direita e parou o carro. Dali se viam os edifícios da Radiotelevisão Norueguesa, que estavam situados em um idílico local junto ao rio. Apontou as janelas, que brilhavam ao sol.

— Quer ligar a sirene? Jan Henry assentiu com a cabeça. — Aperte aqui, disse Sejer, apontando um botão, — E poderemos ver como estão ansiosos lá em baixo para conseguir notícias. Talvez saiam correndo com os microfones.

A sirene arrancou com um pequeno “plof”, em seguida tocou estrepitosamente através do ar, bateu contra a ladeira do outro lado do rio e o som voltou. Dentro do carro não se ouvia muito, mas quando os cem decibéis estava a um tempo soando, o primeiro rosto apareceu numa das brilhantes janelas. O segundo não demorou muito. Abriu-se uma porta e alguém saiu para a varanda que havia em um dos extremos do edifício. O homem levou uma mão ao rosto, tapando o sol que batia em seu rosto.

— Com certeza pensam que houve um assassinato! Gritou o garoto entusiasmado. Sejer riu entre dentes e estudou aqueles pálidos rostos de primavera que continuavam saindo.

— Bem, vamos desligar. Vamos ver se também é capaz de pará-la. Foi. Tinha os olhos brilhantes e pequenas manchas nas faces.

— Como funciona? O garoto perguntou entusiasmado.

— Vamos ver, disse Sejer puxando pela memória; — Primeiro fazem um circuito oscilante

eletrônico, que cria um pulso retangular que se amplifica com um amplificador e entra em um alto-falante. Jan Henry assentiu com a cabeça. — E em seguida varia entre oitocentos e mil seiscentos pulsos. Quer dizer, oscila de intensidade para que se ouça melhor.

— Na fábrica de sirenes?

— Sim senhor. Na fábrica de sirenes. Na América ou na Espanha. Agora nós poderemos tomar um sorvete. Quer, Jan Henry?

— Sim, nós merecemos, ainda que não tenhamos capturado nenhum ladrão.

Voltaram para a autoestrada principal e entraram à esquerda, rumo à cidade. Ao chegar ao hipódromo, Sejer parou o carro, estacionou-o e levou ao garoto até a loja de sorvetes. Teve que ajudá-lo um pouco com o papel, que havia agarrado no sorvete. Sentaram-se em um banco ao sol, saboreando e chupando. O menino havia escolhido um vermelho e amarelo com chocolate na ponta e Sejer um de morango, o mesmo de sempre. Nunca havia encontrado razão alguma para mudar de sabor.

— Vai voltar ao trabalho? Com a mão livre, Jan Henry limpou o queixo de sorvete.

— Sim, mas primeiro vou ver um tipo na Rua Erik Børresen.

— É um criminoso?

— Não, sorriu Sejer, — Provavelmente não.

— Mas não está certo? Pode ser que seja um criminoso? Sejer precisou se render e sorriu.

— Bom, sim, quem sabe seja. Mas vou vê-lo para me assegurar de que não é. E então poderei apagá-lo da lista. E assim seguiremos até que só reste um.

— Com certeza que vai levar um bom susto quando vê-lo aparecer neste carro.

— Sim, não está errado. Todos se assustam. É curioso, não é? Em quase todo o mundo a consciência remorde por algo. E quando bato nas suas portas, me parece estar vendo como repassam a memória com o fim de encontrar o que talvez eu já tenha encontrado. Não deveria rir, mas às vezes não consigo controlar.

O garoto assentiu. Desfrutava da companhia do sábio policial. Acabaram seus sorvetes e voltaram ao carro. Sejer havia pedido um guardanapo de papel e limpou a boca do menino. Em seguida ajudou-o a colocar o cinto de segurança.

— Mamãe e eu vamos ao centro alugar um filme. Um para cada um. Sejer trocou a marcha e olhou pelo espelho retrovisor.

— E você qual vai apanhar? Uma de ação?

— Sim. SÓ NA CASA II. O primeiro eu já vi duas vezes.

— Como já não tem mais carro, irão de ônibus, não é?

— Sim. Demora muito, mas não me importo, porque temos muito tempo. Antes, quando papai... Quando tínhamos carro, não demorávamos nada para ir e voltar. Enfiou um dedo no nariz e remexeu-o um pouco. — Papai gostaria de ter um BMW. Havia ido ver um branco. Se aquela senhora tivesse comprado o Manta.... Faltou pouco para que Sejer saísse da estrada. O coração deu um pulso, mas em seguida serenou.

— O que disse, Jan Henry?

— Uma senhora que queria comprar nosso carro.

— Seu pai lhe disse?

— Sim. Na garagem. Foi naquele dia... O último dia que passou em casa.

— Uma senhora? Sejer notou que um calafrio lhe percorria a espinha dorsal. — Disse seu nome também? Olhou pelo retrovisor, mudou de faixa e conteve a respiração.

— Sim, porque tinha anotado.

— Ah, sim?

— Mas não me lembro, faz tanto tempo...

— Numa nota? Viu-a?

— Sim, levava-a no bolso do macacão. Estava deitado debaixo do carro, e eu estava sentado no banco, como sempre. Não, Não era uma nota, mais uma folha. Ou a metade de uma folha.

— Mas disse que a viu. Apanhou-a do bolso?

— Sim, do bolso de cima. Leu o nome, e em seguida...

— Em seguida voltou a colocá-la no bolso?

— Não.

— O que fez com ela?

— Não me lembro do que fez, disse o garoto com ar triste.

— Se pensar muito nisso, acha que poderá lembrar o que seu pai fez com a nota?

— Não sei. O garoto olhou com semblante sério ao policial; começou a intuir que se tratava de algo importante. — Se me lembrar direi, sussurrou.

— Jan Henry, disse Sejer em voz baixa, — Isso é muito, muito importante. Haviam chegado à casa verde.

— Entendo.

— Então se se lembrar de algo sobre essa senhora, o que for, conte em seguida para sua mãe para que me diga.

— Certo. Se me lembrar. Mas já disse que faz muito tempo.

— É verdade; mas se alguém se esforça muito, e pensa na mesma coisa dia após dia, é possível se lembrar de algo que pensava que havia esquecido.

— Adeus, disse Jan Henry.

— Veremo-nos novamente, disse Sejer. Deu marcha-a-ré e olhou o garoto pelo retrovisor. Estava correndo para casa.

“Deveria ter intuído antes que o garoto podia saber de algo”, pensou. Se ele passava o dia metido na garagem com o pai! Por que nunca aprenderei?

* * *

Dez

UMA mulher. Estava pensando nela enquanto estacionava o carro; em seguida andou os poucos metros que o separavam da Rua Erik Børresen. Poderia ser que fossem dois. A mulher poderia chamá-lo para sair, e um homem poderia estar esperando para fazer a parte suja do trabalho. Mas por quê?

A Rua Erik Børresen número seis era uma loja de artigos sanitários, então entrou no número cinco, onde encontrou um J. Mikkelsen no terceiro andar. Estava desempregado, razão pela qual se encontrava em casa. Um homem de uns vinte e cinco anos, com os joelhos sobressaindo das calças jeans.

— Conhece Egil Einarsson? Perguntou Sejer, enquanto observava a reação do outro. Estavam sentados à mesa da cozinha, cara a cara. Mikkelsen empurrou para um lado um monte de volantes de loteria, um saleiro e o último exemplar da revista Homem.

— Einarsson? Parece-me... Mas não sei. Einarsson... Soa a islandês.

Com certeza não tinha nada a ocultar. Então, perdia o tempo ali sentado, junto a essa mesa com uma toalha de quadradinhos em pleno dia, investigando uma pista falsa.

— Está morto. Foi encontrado no rio há um par de semanas.

— Ah! Não parava de tocar o fino aro de ouro que usava numa orelha, e moveu a cabeça energicamente.

— Claro, claro, li no jornal. Esfaqueado. Sim, já sei. É isso, Einarsson. Isso aqui parecerá rapidamente os Estados Unidos, e a culpa de tudo é da droga, já que me pergunta.

Não havia perguntado nada, mas ficara em silêncio e esperava, enquanto observava com curiosidade esse rosto jovem com um brinco que lhe assentava às maravilhas. “A poucos”, pensou Sejer, assenta bem um brinco, a muito poucos.

— Bem, eu não o conhecia.

— Então não sabe que marca de carro ele tinha?

— Carro? E como demônios iria saber?

— Tinha um Opel Manta. Modelo oitenta e oito. Em muito bom estado. Comprou de você há dois anos.

— Diabos! É ele? Mikkelsen movia a cabeça pensativo. — Claro, por isso me soava familiar. Merda!

Apalpou a mesa em busca de um pacote de chicletes de nicotina, colocou-o no canto, apertou-o num lado com um dedo, levantou-o no ar e apanhou-o com a mão.

— E como descobriram?

— Você fez um contrato de compra e venda por escrito, como todo o mundo. Colocou um anúncio no jornal?

— Não, coloquei um cartaz na janela do carro. Assim economizei o dinheiro do anúncio. Em dois dias ligou. Um tipo curioso. Estava há muito tempo economizando e me pagou em dinheiro.

— Por que queria vendê-lo?

— Não queria, mas fiquei desempregado e não podia me permitir o luxo de mantê-lo.

— Então, agora não tem carro?

— Sim, tenho um Escort que comprei num leilão. É muito velho. Mas o dinheiro do desemprego não dá para a gasolina.

— Lógico. Sejer se levantou.

— Não é nada lógico, acho eu! Os dois riram entre dentes.

— Dão resultado? Perguntou Sejer apontando o pacote de chicletes. O jovem pensou um instante.

— Sim, mas viciam. Além disso são caros, e tem gosto ruim, como se estivesse mastigando uma guimba.

Sejer saiu, apagou Mikkelsen do princípio da lista e colocou-o no final. Cruzou a rua e através do couro de seu casaco notou que o sol queimava fracamente. Era a melhor época do ano, porque ainda tinha a expectativa do verão pela frente. Sonhava com a casinha em Sandøya, sol, mar e água salgada, a essência de todos os verões anteriores, essas férias que caíam bem. De vez em quando experimentava uma ligeira preocupação, pela amarga experiência dos verões chuvosos e ventosos, que não haviam sido poucos. Mas nos verões ensolarados desfrutava de paz, e seu eczema não o atrapalhava tanto.

Subiu correndo os baixos degraus, empurrou a porta e ao passar pela recepção cumprimentou com a cabeça à senhora Brenningen. Na realidade era uma mulher bonita, ruiva e amável. Não é que corresse atrás das mulheres, quem sabe deveria tê-lo feito, mas nesse momento, esse assunto teria que esperar, se contentava em olhá-las.

— É interessante? Perguntou, apontando com a cabeça o livro que a mulher lia nos tempos livres.

— Não é ruim, sorriu ela. — Intrigas, poder, desejo...

— Parece o nosso setor.

Subiu pelas escadas em lugar de utilizar o elevador, entrou em sua sala, fechou a porta e se deixou cair na cadeira de Kinnarps, que ele mesmo havia pago. Voltou a se levantar, apanhou do arquivo a pasta de Maja Durbán e se sentou para examiná-la. Olhou suas fotos, primeiro uma quando ainda estava viva, uma mulher bonita, algo cheinha, de rosto redondo e sobrancelhas negras. Olhos rasgados. Cabelo muito curto. Caía-lhe bem. Uma mulher atraente na flor da vida. Seu sorriso, um sorriso aberto e franco, que desenhava covinhas em suas faces, dizia muito sobre ela. Na outra foto estava deitada na cama com boca para cima, olhando para o teto com os olhos muito abertos. Seu

rosto não expressava nem terror, nem assombro; parecia uma máscara incolor jogada por alguém sobre a cama.

A pasta continha também umas quantas fotos do apartamento. Bonitos e ordenados aposentos com objetos bonitos, femininos, mas nada de encaixes, nem cores pastel; os móveis e as almofadas eram de cores vivas: vermelho, verde, ouro, “as cores que uma mulher forte escolheria”, pensou. Nada deixava entrever o acontecido, não havia objetos quebrados ou virados; parecia que tudo havia acontecido em silêncio, completamente de surpresa. Sem dúvida a mulher o conhecia de antes. Havia lhe aberto a porta e ela mesma havia tirado a roupa. Primero haviam feito amor, e nada indicava que tivesse sido contra a vontade dela. Então aconteceu algo: um curto-circuito. Um homem forte podia acabar com a vida de uma mulher em alguns segundos. Sejer sabia que após uns quantos movimentos das pernas, tudo terminara. “Ninguém ouviu seus gritos quando se tem um silenciador de plumas de ganso sobre a boca”, pensou.

Havia se realizado o teste de DNA nos restos de esperma encontrados na vítima, mas como a polícia carecia ainda de registro próprio, não tinha onde consultar. Havia apresentado uma solicitação ao Parlamento que tramitaria no transcurso da primavera. “E a partir de então”, pensou, toda pessoa, com todas suas funções fisiológicas, deveria ter muito cuidado nas brigas. Todos os excrementos do ser humano poderiam ser recolhidos e analisados por DNA, com uma margem de erro de um em dezessete bilhões. Durante algum tempo haviam brincado com a possibilidade de solicitar permissão às autoridades para convocar e analisar todos os homens entre dezoito e cinquenta anos do município, mas isso significaria ter que convocar milhares de homens. O projeto custaria vários milhões de coroas e demoraria uns dois anos. A Ministra de Justiça havia estudado seriamente a proposta, até que foi informada mais detalhadamente sobre a vítima. Marie Durbán não valia tanto. E ele entendia. Às vezes imaginava um sistema em que, ao nascer, todos os cidadãos noruegueses fossem analisados e registrados. Esta possibilidade proporcionava perspectivas extraordinárias.

Colocou-se a repassar os interrogatórios; por desgraça, não havia muitos: três colegas de trabalho, cinco vizinhos do edifício onde morava e dois conhecidos dela, que insistiam que só a conheciam superficialmente. E por fim a amiga de infância, que havia feito aquela declaração tão confusa. Talvez tenham deixado-a sair muito rápido, talvez soubesse mais do que contara. Uma mulher algo neurótica, mais honrada, ao menos nunca havia dado motivos para pensar o contrário. E por que iria tirar a vida da Durban? “Uma amiga não mata uma amiga”, pensou. Por outro lado, Eva Marie Magnus, a pintora de pernas longas e belo cabelo, havia lhe impressionado.

* * *

Onze

NENHUM dos técnicos foi capaz de se lembrar de um macacão verde. Tampouco haviam visto alguma lanterna, nem nenhum papel com algum nome ou número de telefone anotado. O porta-luvas havia sido esvaziado e revistado a fundo. Encontraram os objetos que as pessoas costumam levar no porta-luvas: certificado de propriedade, manual, mapa da cidade, um maço de cigarros, balas, duas caixas de fósforos quase vazias. E apesar de sua mulher achar que o marido não era muito esperto, um pacote de camisinhas. Havia anotado tudo. Em seguida ligou para a fábrica de cerveja. Pediu que o transferissem para o Departamento de Pessoal, e atendeu ao telefone um amável senhor com acento do norte.

— Einarsson? Claro que me lembro. Foi uma história horrível. Além disso tinha família, segundo eu soube. Era um de nossos empregados mais pontuais. Apenas uma falta, pelo que vejo, em sete anos, o que diz muito em seu favor. E quanto aos meses de setembro e outubro deste ano... Vamos ver. Sejer ouvia como folheava papéis. — Vou demorar um pouco. Aqui trabalham cento e cinquenta homens, certo? Quer voltar a ligar?

— Prefiro esperar.

— Certo.

A voz foi substituída por uma fita com uma música que troava no seu ouvido. Era uma canção sobre um homem que foi buscar cerveja. “Muito engraçado”, pensou Sejer, pelo menos, muito melhor que essas melodias que costumavam colocar em todos os lados. Era uma versão dinamarquesa com acordeão. Muito alegre.

— Sim, exato, tossiu. — Está escutando? Vejo que num dia de outubro chegou muito tarde. Concretamente, em dois de outubro. Não chegou até nove e meia. Pode ser que tenha passado da hora. Esses tipos passam bastante tempo no pub. Sejer fez tamborilar os dedos.

— Muito obrigado. Ah, outra coisa, agora me lembrei. A senhora Einarsson ficou viúva com um menino de seis anos, e ainda não recebeu nenhum pagamento de vocês. É verdade?

— Sim, é.

— E como pode ser? Einarsson estava registrado aí, não é?

— Sim, é sim, mas não sabíamos com certeza o que havia acontecido. As regras neste caso são muito claras. Às vezes, a pessoa desaparece sem mais, quem sabe fugindo de algo, nunca se sabe. Acontecem tantas coisas estranhas hoje em dia...

— Nesse caso, Einarsson deveria ter o cuidado de matar uma galinha ou algo assim primeiro, disse Sejer secamente, — E em seguida jogar o sangue sobre o carro. Imagino que lhe daria alguns detalhes, não é?

— Sim, é verdade. Mas prometo que agora que temos a informação necessária, daremos

andamento a este assunto. Parecia perplexo. Seu acento do norte se notava cada vez mais.

— Confio em você, disse Sejer.

E assentiu com a cabeça para si mesmo. Na realidade, poderia se tratar de uma casualidade, mas não deixava de ser estranho que Einarsson dormisse até tarde justo nesse dia, na manhã seguinte ao assassinato de Maja Durbán.

* * *

Cruzou a ponte, caminho do pub AS ARMAS DO REI. Dirigia devagar, admirando as esculturas que havia em ambos os lados, separadas alguns metros umas das outras. Representavam mulheres trabalhando, mulheres com cântaros de água sobre a cabeça, com meninos nos braços, ou dançando. Um elegante e magnífico espetáculo sobre as sujas águas do rio. Em seguida virou à direita, passou na frente do velho hotel e dirigiu lentamente pela rua de direção única. Estacionou o carro e fechou-o. O interior do local era muito escuro e o ambiente muito carregado. As paredes e os móveis estavam impregnados de fumaça e suor, que havia penetrado na madeira, revestindo todo o pub dessa pátina que tanto agradava os clientes. As armas do rei estavam suspensas nas paredes revestidas de juta: velhas espadas, revólveres, fuzis, e inclusive uma impressionante balestra velha. Sejer ficou no balcão, enquanto seus olhos se habituavam à escuridão. Ao fundo do local viu uma porta giratória dupla. Nesse momento ela se abriu e apareceu um homem baixo, vestido com um jaleco branco de cozinheiro e calça quadriculada preta e branca.

— Poderia falar com o encarregado? Perguntou Sejer. Gostara daquele antiquado traje de cozinheiro; amava as tradições em geral.

— Sou eu. Mas não compro nada.

— Polícia, disse Sejer.

— Isso muda as coisas. Deixe-me fechar a porta do congelador.

Voltou a entrar. Sejer deu uma olhada ao seu redor. O pub tinha doze mesas colocadas na forma de ferradura, em cada uma das quais havia lugar para seis pessoas. Nesse momento nenhuma delas estava ocupada, os cinzeiros estavam vazios e os candelabros sem velas. O cozinheiro, que acabou sendo também o encarregado, saiu de novo pela porta giratória com um gesto complacente. No lugar do gorro de cozinheiro, usava gel no cabelo, brilhantina ou outra matéria pegajosa, porque os cabelos repousavam sobre sua cabeça como a carapaça de um escaravelho. Só um furacão seria capaz de levantar um deles e jogá-lo na sopa. “Muito prático”, pensou Sejer.

— Você está aqui todas as noites? Ele sentou sobre um tamborete junto ao balcão.

— Sim senhor, todas as noites. Exceto na segunda, que não abrimos.

— Um horário de trabalho bastante incômodo, imagino, de pé até duas todas as noites...

— Se tiver mulher e filhos, cachorro, carro, barco ou casinha na montanha... Então sim, muito incômodo. Mas eu não tenho nada disso. Um amplo sorriso se desenhou em seu rosto. — Para mim é o ideal. Além disso, estou à vontade aqui, com os rapazes que frequentam o lugar. Somos como uma grande família, não é? Subiu ao tamborete de um salto.

Sejer achou engraçado o homenzinho de calça quadriculada. Teria uns quarenta e tantos anos;

seu jaleco branco estava limpíssimo, o mesmo que suas unhas.

— Deve conhecer o grupo da fábrica de cerveja. Costumam frequentar este pub, não é?

— Costumavam. Esse grupo se dissolveu. Não entendi muito bem por quê. Mas claro, imagino que terá algo a ver com o desaparecimento de Primus.

— Primus?

— Egil Einarsson. O Primus Motor do grupo. De alguma maneira era ele o que os mantinha unidos. Por isso você está aqui, não é?

— Chamavam-no assim? O encarregado sorriu, apanhou um par de amendoins de um pratinho e o empurrou até Sejer. Recordaram-lhe diminutos ovos e nem os tocou. — Mas eram muitos, não é?

— No total uns dez ou doze, mas a alma do grupo eram uns quatro ou cinco que vinham quase diariamente. Estava totalmente certo de que esses rapazes continuariam vindo. Não tenho ideia do que aconteceu, salvo que esfaquearam Primus. Não entendi por que os demais pararam de vir. Uma triste história. Esses rapazes representavam uma grande fonte de dinheiro. Passavam muito tempo aqui. Boa gente.

— Conte-me o que faziam quando vinham, do que falavam. O encarregado ajeitou o cabelo para atrás, um gesto totalmente desnecessário.

— Costumavam jogar dardos, disse apontando para um grande alvo que havia no fundo do local. — Faziam torneios e coisas assim. Conversavam, riam e discutiam. Bebiam e diziam bobagens. Como a maioria dos homens. Aqui ficavam completamente relaxados, jamais traziam as mulheres. Este é um lugar de homens.

— De que falavam?

— De carros, mulheres, futebol... E do trabalho, se havia acontecido algo especial. E de mulheres, já não disse?

— Discutiam às vezes?

— Sim, sim, mas não a sério. Ao final sempre terminavam como amigos.

— Sabe o nome de algum deles?

— Bom, sim, se Primus, Peddik e Graffen podem se considerar nomes. Seus verdadeiros nomes eu não sei. Salvo o de Arvesen, o mais jovem de todos, Nico Arvesen.

— Quem era Graffen?

— Um que trabalhava nas artes gráficas. Fazia cartazes e material de publicidade para a fábrica de cerveja, muito bonitos, na realidade. Não sei seu verdadeiro nome.

— Acha que algum deles pode ter esfaqueado Einarsson?

— Não, ainda que nunca se sabe... Mas estranharia, eram amigos.

— Conheciam Maja Durban?

— Todo o mundo a conhecia. Você não? Sejer passou por alto a pergunta.

— A noite em que a mataram houve confusão aqui, não foi?

— Sim. E pensando bem foi por culpa das luzes azuis. Normalmente não costumo ter problemas, mas ninguém está completamente a salvo.

— A confusão começou antes ou depois de aparecerem nossos carros?

— Deixe-me pensar... Acabou de mastigar os amendoins e lambeu os lábios. — Acho que antes.

— E sabe que a provocou?

— Foi por culpa do álcool, claro. Peddik bebeu muito. Precisei chamar a polícia, ainda que não goste nada precisar fazer isso. Orgulho-me de conseguir colocar as coisas em seu lugar, mas naquela noite não serviu de nada. Perdeu completamente os estribos; não sou médico, mas acho que foi algo

parecido com delirium tremens.

— Costumava armar confusões como regra geral?

— Se irritava rapidamente, isso sim, mas não era o único. Eram todos bastante alvoroçados. De fato, Primus era o mais tranquilo, se agitava um pouco de vez em quando, como esses mini-terremotos de San Francisco, que fazem balançar suavemente os copos nos bares. Quase nunca chegava a maiores. Se trouxesse o carro, então só bebia Coca-Cola ou Seven-Up. Era sempre o que anotava quando faziam torneios.

— De maneira que nossa gente levou esse Peddik?

— Sim, senhor. Mas em seguida mudaram de ideia.

— Einarsson intercedeu por ele.

— Merda, isso pode se fazer?

— Bom, nós também estamos dispostos a escutar. Não existe nada melhor que as redes sociais de proteção, não é? Não acontece com frequência. Você não ouviu nada no meio da confusão?

— Algo sim, não pude evitar. “Mulheres de merda”, e coisas pelo estilo.

— Uma briga de machos, então?

— Não acho. Só muito álcool no sangue. Não acho que seus casamentos fossem dos mais apaixonados, por isso vinham aqui, não é? Apanhou um palito de um jarrinho que havia no balcão e começou a limpar as unhas, ainda que já estivessem limpas. — Você acha que existe alguma relação entre os dois assassinatos?

— Não tenho ideia, respondeu Sejer. — Mas não posso deixar de fazer essa pergunta, já que de onde estou agora mesmo, vejo a rua e quase até o edifício onde ela morava.

— Entendo. Uma mulher ótima, claro. Como devem ser as mulheres.

— Vinha sempre aqui?

— Não. Tinha gostos mais refinados. Poucas vezes entrou aqui, alguns minutos para tomar um copo de conhaque em tempo recorde e em seguida sair apressada. Não acho que tivesse muito tempo livre. Uma jovem muito trabalhadora. Nunca descansava.

— Esses rapazes que passavam aqui a vida faziam mais de um comentário sobre ela, não é?

— O assassinato estava aqui, no meio do local, como uma merda fresca de vaca, e eles a rodearam durante semanas. Sempre acontece o mesmo. Sejer desceu do tamborete.

— E não vem mais aqui?

— Sim, de vez em quando, mas não sistematicamente. E não vem juntos. Tomam um par de cervejas e voltam a sair. Perdoe, disse de repente, — Deveria ter oferecido uma.

— Noutra ocasião. Talvez venha qualquer dia para tomar uma cerveja. Você é bom cozinheiro?

— Venha uma noite para tomar um Schnitzel Cordoun Bleu.

Sejer saiu e parou em seco ante a penetrante luz do dia. O cozinheiro o seguiu.

— Já veio um policial antes, depois de Durbán morrer. Um cavaleiro inglês desses com bigode de gato.

— Karlsen, disse Sejer sorrindo. — É de Hokksunde.

— Bom, isso não é impedimento para que seja boa gente.

— Notou se alguns deles desapareceu no transcurso da noite e em seguida voltou?

— É claro que essa pergunta ia chegar, disse rindo. — Mas sou incapaz de desenterrar coisas assim. Entravam e saíam a miúdo, e ao fim e ao cabo, já faz meio ano. Às vezes iam ao cinema na sessão das sete e em seguida voltavam. Outras vezes jantavam no Peking e vinham depois para cá se

embebedar. Einarsson saía às vezes para comprar uma Egeberts, uma marca de cerveja que eu não tenho. Mas justo aquela noite, não sei, essa é a verdade. Espero o compreenda.

— Obrigado pela conversa. Foi muito agradável.

* * *

No caminho para casa parou no posto de gasolina Fina. Entrou na loja e apanhou o jornal Dagbladet da estante. Atrás do balcão havia uma garota ruiva e bonita, com o cabelo encaracolado, um pouco cheia de rosto e as faces redondas e douradas, como bolinhos recém-feitos. Mas só tinha dezessete anos, então Sejer se limitou a fazer comentários paternalistas.

— Tenho na minha garagem um macacão igual a esse que usa, disse apontando-o.

— Ah, sim? Exclamou a jovem com um interrogante sorriso.

— Sabe se os fazem em tamanho infantil?

— Deus meu! Não tenho ideia!

— Não poderia perguntar a alguém?

— Sim, mas teria que ligar pelo telefone. Sejer consentiu, e abriu o jornal enquanto ela discava o número. Gostava do aroma da loja da Fina. Era uma mistura de óleo e chocolate doce, tabaco e gasolina.

— O menor tamanho é de dez anos. Custa duzentas e vinte e cinco coroas.

— Pode me conseguir um não é? Com certeza ficará um pouco grande, mas ele crescerá. Ela assentiu com a cabeça. Sejer deixou seu cartão de visitas sobre o balcão e agradeceu, pagou o jornal e saiu da loja.

* * *

Ao chegar em casa apanhou do congelador um pacote de sopa cremosa. Era dessas pré-cozidas, mas cairia bem. Sejer não era um grande cozinheiro, Elise sempre havia se encarregado disso. Ele já não se importava. Em outros tempos, a fome era como um irritante buraco no estômago, misturado com uma maravilhosa expectativa sobre o que Elise teria preparado em suas panelas. Agora a fome era como um cachorro latindo: quando fazia muito ruído jogava um biscoito. Mas gostava de esfregar os pratos. Todos os dias de seu casamento, que havia durado mais de vinte anos, ele havia esfregado os pratos. Deixou-se cair sobre uma cadeira junto à mesa da cozinha e tomou devagar a sopa cremosa, acompanhada por um suco de groselha. Deixou voar os pensamentos, que pararam em Eva Magnus. Procurou algo que pudesse servir de pretexto para ir vê-la de novo, mas não encontrou nada. Sua filha teria mais ou menos a idade de Jan Henry. E seu marido havia ido embora e provavelmente jamais teria conhecido Maja Durbán. Mas ninguém o proibia de falar com ele, e ver se havia ouvido falar dessa mulher. Sejer sabia que a cada dois fins de semana a menina passava um com o pai, o que significava que viveria na região. Tentou se lembrar do nome e não conseguiu. Mas encontraria. Falaria com ele pois nunca se sabe. Um novo nome na lista. Tinha tempo de sobra.

Acabou de comer, enjugou o prato debaixo da torneira e se aproximou do telefone. Ligou para o clube esportivo e marcou para saltar no sábado seguinte, desde que não fizesse muito vento, disse, porque não suportava. Em seguida procurou o sobrenome Magnus na guia, e deslizou lentamente o dedo pela coluna de nomes. Tal e como havia pensado, reconheceu-o ao vê-lo: Jostein Magnus.

Engenheiro. Domicilio: Lille Frydenlund. Voltou à cozinha, preparou uma grande xícara de café e ocupou sua cadeira na sala. Kollberg chegou no mesmo instante e colocou a cabeça sobre seus pés. Abriu o jornal e na metade de um ardente artigo a favor da União Europeia adormeceu.

* * *

Doze

EMMA estava de novo na casa, era um alívio. Eva já não tinha mais pensamentos para pensar, ficava dando voltas no mesmo uma e outra vez; era melhor ter a menina próxima, com tudo o que tolerava de correrias e trabalho. Agora só restava esperar. Segurou sua filha pela mão, essa mão suave e gordinha, e a levou até o carro. Não havia mencionado a mochila de couro rosa que esperava na casa do avô, era uma surpresa. Não queria roubar de seu pai os gritos de alegria da menina, não tinha ocasião de ouvi-los muito a miúdo. Emma se sentou no assento de trás e colocou sozinha o cinto de segurança. Usava uma calça marrom que lhe assentava muito bem e Eva a havia ajudado a se pentear. O avô vivia algo distante, a uma meia hora de carro, e quando só estavam viajando a cinco minutos, Emma começou a reclamar. Eva se irritou. Tinha os nervos à flor de pele e não aguentaria muita coisa.

— Vamos comprar sorvete?

— Mas se acabamos de entrar no carro! Não poderíamos pelo menos por uma vez chegar na casa do avô sem parar para comprar nada?

“Está muito gorda”, pensou Eva. “Não deveria comer nada por muito tempo.”. Nunca dissera a Emma que estava gorda. Havia metido na cabeça que a menina não sabia, e que se ela, sua mãe, dissesse, a gordura se converteria em um verdadeiro problema para ela.

— Espere pelo menos sairmos da cidade, disse secamente. — Além disso, o avô está nos esperando. Talvez tenha preparado alguma comida, e não devemos perder o apetite.

— Mas não se pode perder o apetite, disse Emma incrédula. Não entendia esse fenômeno, já que ela sempre tinha apetite.

Eva não respondeu. Pensou que rapidamente o colégio começaria e que teria que ser examinada pelo médico escolar. Oxalá tivesse mais alunos com o mesmo problema! Ao ser de uma turma de vinte e quatro, havia essa possibilidade. Que estranho! Estava pensando no futuro, um futuro em que talvez nem sequer tomasse parte. Quem sabe seria Jostein quem a acompanharia ao colégio, pentearia seus rebeldes cabelos e a seguraria sua mão gordinha. O trânsito fluía bem; Eva respeitava os limites de velocidade com grande precisão. Que ninguém pudesse pegá-la por algo havia se convertido em uma obsessão, não devia chamar a atenção. Quando saíram da cidade passaram por um posto de gasolina Esso, que ficava aberto vinte e quatro horas.

— Mamãe, ali é muito fácil parar para comprar um sorvete!

— Emma chega! Sua voz era cortante. Arrependeu-se e adicionou em um tom mais suave: — Talvez na volta. Fez-se silêncio. Eva observou o rosto da menina pelo retrovisor, suas redondas faces

e aquele largo queixo que havia herdado de seu pai. Era um rosto sério, que não sabia nada do futuro e de tudo que iria acontecer...

— Estou vendo o asfalto, disse Emma de repente. Ia pendurada no cinto olhando o chão do carro.

— Já sei. É a ferrugem. Vamos comprar um carro novo, o que aconteceu é que não tive tempo.

— Mas já podemos, não é? Podemos, mamãe? Eva olhou pelo espelho retrovisor. Não havia nenhum carro atrás.

— Sim, disse em tom cortante.

O resto da viagem transcorreu em silêncio.

* * *

Treze

SEU PAI havia deixado a porta aberta. Havia visto ao longe o velho Ascona; então tocaram a campainha e entraram sem esperar. O homem estava mal das pernas e andava muito devagar. Eva lhe deu um carinhoso abraço, como sempre fazia. Cheirava a cigarros Players e a loção de barba. Emma precisou esperar seu turno.

— As mulheres da minha vida! Gritou o pai feliz. E adicionou: — Não emagreça mais, Eva! Com essa roupa parece um palito negro.

— Agradeço a galanteria, respondeu ela, — Mas a você tampouco sobra muita gordura, então tenho a quem parecer.

— Bom, bom. Menos mal que há gente que sabe desfrutar deste mundo, disse, pegando Emma pela cintura com seu magro braço. — Venha ao meu escritório, tenho algo para você. A menina se separou dele e saiu correndo do aposento. Um instante depois se ouviu um grito de alegria que ressoou por toda a casa.

— É rosa! Gritou e voltou a entrar ruidosamente.

“Não combina com o cabelo vermelho”, pensou Eva com tristeza; teria sido muito melhor uma marrom. Tentou ignorar esses pensamentos sombrios que assomavam por todos os lados. Seu pai havia comprado um frango, e Eva ajudou a prepará-lo.

— Poderiam ficar para dormir e assim beberíamos um pouco de vinho, disse em tom suplicante, — Como nos velhos tempos. Rapidamente esquecerei completamente de como as pessoas se comportam. Vocês são as únicas pessoas que ainda vem me ver.

— Jostein nunca vem?

— Sim, de vez em quando. Não posso me queixar dele, se apressou a dizer. — Também liga e me envia postais. Gosto muito de Jostein, na realidade foi um ótimo genro. Também dizia isso a sua mãe.

Emma bebeu cerveja de gengibre e devorou o frango com apetite. O pai precisou um pouco de ajuda para cortá-lo. Quando estava sozinho comia quase sempre sopa, mas não dizia isso para a filha. Eva limpou a carne, retirou os ossos e bebeu um gole de vinho. Era da marca Canepa, a única que seu estômago tolerava, e da qual bebia grande quantidade. Ao mesmo tempo, ia colocando comida no prato de Emma. Não deveria fazer isso, mas enquanto tivesse comida na frente, não se lembraria do cadáver do rio.

— Conseguiu alguém para se deitar nestes dias, filha? Perguntou seu pai de repente. Eva abriu uns olhos como pratos.

- Não, não tenho ninguém.
- Bom, bom, disse ele, — Já conseguirá.
- É possível viver sem isso, não é? Disse Eva em tom arisco.
- Eu sei, estou viúvo há quatorze anos!
- Não acho que tenha passado quatorze anos da última vez! Protestou Eva, — Conheço-o!

O pai ria entre dentes e bebia o vinho em pequenos goles.

- Não é muito são, não é?
 - Não vou caçar um na rua! Repliou ela, e mordeu uma coxa do frango.
 - Por que não? A única coisa que tem que fazer é convidá-lo para jantar na sua casa. A maioria aceitaria o convite, estou certo. É uma moça bonita, Eva. Um pouco magrinha, mas bonita. Se parece com a mãe.
 - Não, me pareço com você.
 - Vendeu algum quadro? Trabalhou muito?
 - A resposta à primeira pergunta é não. E a segunda sim.
 - Se precisar de dinheiro, é só me pedir.
 - Não preciso de nada. Bom, quero dizer que temos aprendido a economizar com pouco.
 - Antes não podíamos nos permitir o luxo de ir ao McDonald's, disse Emma em voz alta, — Mas agora sim. Eva notou que estava se ruborizando. Não gostou, pois seu pai a conhecia bem e era muito observador.
 - Tem algum segredo que desconheço?
 - Tenho quase quarenta anos, claro que tenho segredos que desconhece.
 - Está bem, então não direi mais nada. Mas pobre de você se precisar alguma coisa e não me pedir. Ficaria de muito mau humor, quero que saiba.
 - Já sabia, disse Eva sorrindo.
- Terminaram de comer em silêncio. Eva colocou o vinho que restava no copo de seu pai e retirou a mesa. Pensou que talvez fosse a última vez que fazia isso na casa do pai. A partir de então, sempre pensaria assim.
- Deite-se um pouco no sofá. Vou fazer café.
 - Tenho um licor, disse ele com voz rouca.
 - Bem, então beba, enquanto isso eu limparei os pratos e lerei um pouco para Emma. Em seguida beberemos outra garrafa de vinho.

O homem se levantou com grande dificuldade e ela o segurou pelo braço. Emma resolveu cantar para que seu avô adormecesse, e ele adorou. Eva foi à cozinha, colocou umas notas em um frasco que seu pai guardava no armário e jogou água na pia. Enquanto isso, a voz de Emma ressoava em toda a casa. A canção dizia: “Agora teremos que dizer adeus, Johannes...”, e Eva precisou se agarrar na pia, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Quando caiu a tarde, Eva colocou uma manta por cima de seu pai e travesseiros por baixo. Apagaram quase todas as lâmpadas e ficaram sentados na penumbra. Emma dormia com a porta aberta, e ouviam seus suaves roncões.

- Sente falta da mamãe? Perguntou Eva acariciando a mão de seu pai.

- A cada hora do dia.
- Acho que está aqui agora.
- Claro que está aqui, de uma maneira ou outra. Mas não sei exatamente como, não vejo muito claro. Procurou na mesa um cigarro, e ela acendeu.
- Por que acha que se sentia tão infeliz?
- Não sei. Acredita em Deus? Prosseguiu ele.
- Não seja ridículo!

Voltaram a ficarem em silêncio e assim permaneceram durante muito tempo. Ele não parava de beber vinho e Eva sabia que ao final adormeceria no sofá e em seguida despertaria com dor nas costas; sempre acontecia a mesma coisa.

Estava cansada e tinha sono. Fechou os olhos e soube que ela também adormeceria no sofá com a cabeça apoiada no respaldo. Não conseguiria resistir. Na sala de seu pai se sentia segura, como quando era pequena e ele a protegia. Já não podia fazê-lo, mas, de qualquer maneira, era uma sensação agradável.

* * *

Quatorze

SEJER despertou com a nuca rígida. Como de costume, havia adormecido na cadeira depois de comer e além disso, tinha os pés empapados. O cachorro havia babado sobre eles. Foi tomar um banho. Desnudou-se devagar, sem se olhar no espelho; se virava lentamente sob o chuveiro e fazia um gesto de desagrado cada vez que seus olhos topavam com as placas da parede. Eram de vinil, uma espécie de imitação de mármore. Haviam amarelado com o passar do tempo. Pensando bem, não imaginava nada mais feio para uma parede de banheiro. Elise durante anos, pedira que as trocasse, porque essas placas lhe pareciam horrendas. Sim, sim, respondia ele. Já farei, já farei, quando chegar a primavera, Elise. E assim passaram os anos. E em seguida, quando ela adoeceu, ficando prostrada na cama, magríssima, calva como alguns recém-nascidos, ele quis mudá-las desesperado, mas ela disse que não com a cabeça. Preferia tê-lo sentado junto a sua cama. “Em breve terá tempo para se ocupar do banheiro, Konrad”, dissera sem força na voz.

Invadiu-lhe uma grande tristeza, e precisou pestanejar várias vezes para afugentá-la. Não tinha tempo para ela, ao menos não então. Depois de ter se secado e vestido, foi até a sala e ligou para Ingrid, a única filha que haviam tido ele e Elise. Falaram durante um bom tempo de tudo e nada, e antes de desligar deu boa noite a Matteus. Em seguida se sentiu melhor. Antes de sair parou ante a foto de Elise que estava pendurada sobre o sofá. Ela lhe sorria, um sorriso radiante, com dentes perfeitos, sem um pinga de preocupação, ao menos não naquele tempo. Ele sempre havia gostado esta foto, mas ultimamente havia começado a irritá-lo: teria preferido ver nela outra expressão, talvez uma foto em que estivesse séria, mais de acordo com seu estado de ânimo. Uma como a que Ingrid tinha sobre o piano. Talvez devesse trocá-las.

Pensou um instante nisso enquanto deixava que Kollberg se metesse no assento de trás de um salto. Ligou o carro e se dirigiu a Frydenlund. Não tinha muito claro o que ia dizer quando chegasse, mas como de costume se fiou na sua capacidade de improvisação, arte que dominava bem. As pessoas costumavam se sentir obrigadas a encher as pausas que iam acontecendo, sempre se sentiam muito incomodadas quando se fazia silêncio. O que ele buscava era precisamente essa conversa febril, no meio da qual às vezes se diziam coisas que podiam ser úteis. E Jostein Magnus não sabia que ia vê-lo. Não podia falar primeiro com a ex-mulher. Bem, era verdade que podia se negar a abrir a boca, mas as pessoas não costumavam fazê-lo. Sorriu ao pensar nisso.

Magnus havia deixado para Eva o velho chalé de Engelstad e havia ido morar num apartamento em Frydenlund. Sejer havia visto edifícios piores que estes; sem ir mais longe, no que ele mesmo morava. Encontravam-se no meio de uma grande área verde, tinham seis andares de altura e foram construídos formando um semicírculo, como fichas de dominó ao revés, brancos, com olhos negros. Se caísse o de fora, os demais iriam atrás. Seus habitantes eram criativos. Havia muitos vasos

com arbustos ao longo das paredes e adiante das entradas; rapidamente estariam em flor. Fora dos edifícios reinava uma grande ordem e haviam limpado a passagem que havia diante dos portais. Em cada andar, todas as portas estavam discretamente adornadas com bonitas placas ou flores secas.

A companheira de Magnus veio abrir. Sejer a olhou com curiosidade; queria formar uma opinião dessa mulher que havia triunfado sobre Eva Magnus. Era uma mulher exuberante, feminina. Sejer sabia apenas onde fixar o olhar. Eva Magnus, com toda a sua seriedade, não teria nenhuma possibilidade ao lado deste encaracolado querubim.

— Sejer, disse em voz baixa, — Polícia.

A mulher abriu imediatamente. No rosto dele se desenhava um amplo sorriso, então ela não perguntou se acontecera alguma coisa, como as pessoas costumavam fazer quando ele colocava outras feições, quando queria utilizar sua máscara séria, o que acontecia de vez em quando. Mas nesse momento tinha uma expressão interrogativa.

— Vim só conversar um pouco com Magnus.

— Ah, sim! Está lá dentro.

A mulher acompanhou-o. Um gigante ruivo se levantou do sofá. Diante dele sobre a mesa, em cima do jornal Arbeiderbladet, havia um dinossauro pré-histórico de madeira e um tubo de cola. Ao animal faltava uma pata. Apertaram-se as mãos; o gigante não havia aprendido a dosar suas forças, mas com certeza não lhe parecera necessário esconder nada, em se tratando de Sejer. E claro, o policial era pequeno a seu lado e sua mão sofreu um forte puxão.

— Sente-se, disse Magnus, — Temos algo para beber, Sofie?

— Trata-se de uma visita puramente informal, começou Sejer, — Simples curiosidade. Sentou-se em uma cadeira e prosseguiu: — Vim só e exclusivamente porque foi casado com Eva Magnus, então é provável que se lembre do assassinato de Marie Durbán. Magnus fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro que me lembro. Foi uma história muito macabra. Ainda não prenderam ninguém? Já se passou muito tempo. Não tenho seguido o assunto nos jornais, e Eva nunca fala disso, então pensei que se tratava de outra coisa. Quase havia me esquecido de Durbán. Mas pergunte o que quiser. Se puder ajudá-lo em algo... Abriu os braços. Um homem simpático, cálido e generoso.

— E do que havia pensado que se tratava? Perguntou Sejer com curiosidade.

— Já falaremos em seguida disso.

— Certo. Colocaram-lhe na mão um copo com refresco e agradeceu. — Conhecia Marie Durban?

— Não, nunca a vi. Mas havia ouvido falar dela, claro. Eva e Maja se distanciaram quando eram moças. Mas foram amigas íntimas enquanto durou. Já sabe como são as garotas, tratam disso como um assunto de vida ou morte. Soube casualmente, pelo jornal, do assassinato de Maja. Não haviam se visto desde 69 ou 70.

— Correto. Até o dia em que Maja foi assassinada.

— Não, foi no dia anterior. Encontraram-se no centro. No dia seguinte, Eva visitou Maja em sua casa. Sejer levantou a vista.

— Você sabia?

— Não, disse lentamente. — Ela, bem... Imagino que não queria que eu soubesse, terminou com um tenso sorriso. Sejer estranhou.

— Traz algo a sua mente o nome de Egil Einarsson? Bebia o refresco e se sentia relaxado e despreocupado. Ao fim e ao cabo, se encontrava em uma casa inocente e isso em si era bastante tranquilizador.

— O nome do homem que flutuava no rio há umas semanas, não é?

— É.

— Bom, me contaram a história. Apanhou um cachimbo de caoba do bolso da camisa e procurou fósforos na mesa.

A exuberante Sofie dava voltas pelo aposento. Trazia um pacote de amendoins em uma mão e com a outra apalpava às cegas o interior de um armário em busca de algum pote onde colocá-los. Sejer não gostava de amendoins.

— Não tenho ideia de quem era. Saiu uma foto no jornal. Acendeu o fósforo, deu duas profundas tragadas no cachimbo e soprou, — E ainda que moremos em uma cidade pequena nunca o havia visto. E Eva tampouco.

— Eva?

— Claro, ela o viu de perto, por assim dizer. Ainda que nessas circunstâncias, o homem não se pareceria muito ao que havia sido, imagino. Bom, pensei que esse era o motivo de sua visita, porque foi ela e Emma que encontraram o cadáver. Foi muito desagradável, mas já falamos bastante sobre isso. Minha filha e eu, ele adicionou. — Cada dois fins de semana passa um aqui. Mas acho que por fim esqueceu. Ainda que com as crianças, nunca se sabe. Algumas vezes se calam para não irritar os adultos.

Por fim acendeu o cachimbo. Sejer olhou seu copo e as borbulhas do refresco. Pela primeira vez em sua vida não encontrava palavras.

— Sua ex-mulher encontrou o cadáver de Einarsson?

— Sim. Eu achava que você sabia. Mas se foi ela quem os avisou! Não é essa a razão pela qual veio? Perguntou surpreso.

— Não, respondeu Sejer. — Ligou-nos uma senhora idosa. Chamava-se Markestad, acho. Erna Markestade.

— Ah, sim? Bem, em uma situação assim ligaria mais de um. Mas foram Eva e Emma as que o viram primeiro. Ligaram para a polícia de uma cabine. Emma me contou toda a história. Estavam dando um passeio pelo caminho ao longo do rio. Emma adora.

— Emma lhe contou e não Eva?

— Bem, não, a verdade é que não falou logo. Mas conversamos sobre aquilo mais tarde.

— Não é um pouco estranho? Bom, claro, eu não sei quanto vocês conversam, mas...

— Sim, disse em voz baixa, — Na realidade foi algo estranho. Falamos bastante. Emma me contou no carro, quando vínhamos para cá: que estavam dando um passeio pela margem do rio quando de repente viram flutuando esse pobre homem, e que foram correndo para ligar da cabine. Em seguida comeram no McDonald's, que, por certo, para Emma é a encarnação do paraíso na Terra, sorriu.

- Não esperaram que chegassem nossos homens?
- Aparentemente não, mas...

Houve um momento de silêncio ao redor da mesa e pela primeira vez Jostein Magnus pareceu preocupado.

— Acho que não é muito correto da minha parte ficar aqui falando de Eva, discutindo o que disse ou não disse. Com certeza terá suas razões. Vocês receberam mais ligações, imagino, e talvez só uma ficasse registrada. Pode ser? Sejer assentiu com a cabeça. Havia tido tempo para pensar e havia conseguido recuperar sua fisionomia normal.

— Sim, sim. Estava flutuando no meio do rio. Com certeza mais gente o viu. Além disso, às vezes há muita confusão na delegacia, sobretudo quando se aproxima o fim de semana. Pode ser que não se chegue a controlar tudo, preciso admitir.

Mentiu o melhor que pode e ficou pensando nessa curiosa casualidade. Ou não seria uma casualidade? Continuou falando de tudo e nada com Magnus o tempo que lhe pareceu prudente. Dava pequenos goles no refresco, mas não tocou nos amendoins.

— Então agora você tem dois assassinatos sem solucionar? Magnus soprou uma gotinha de cola, tinha montado a pata do dinossauro.

— Certo. Umhas vezes, nem uma alma viu ou ouviu algo, ou acham que não é importante. Outras, ou a gente está tão sedenta de publicidade que nos assaltam com todo tipo de suspeitas, ou tem tanto medo de passar ridículo que optam por se calar. Os sensatos, os que não estão em nenhum dos dois extremos, são mais bem escassos, desgraçadamente.

— Este é o dinossauro Anato, disse de repente Magnus com um sorriso, e levantou o animal. — Doze metros de comprimento, dois mil dentes, e cérebro do tamanho de uma laranja. Também sabiam nadar. Imagine encontrá-lo dando um passeio? Sejer sorriu. — Você sabe? Prosseguiu Magnus, — Estas bestas do passado nos invadiriam de tal modo que não estranharia se de repente um deles levasse a chaminé da minha casa.

— Entendo o que quer dizer. Tenho um neto de quatro anos.

— Bem, concluiu Magnus, — Imagino que Eva já terá ajudado. Foram íntimas. Fariam qualquer coisa uma pela outra.

“Talvez”, pensou Sejer, “Talvez tenha sido exatamente isso...”

* * *

Quinze

QUANDO se sentou no carro e Kollberg deu por terminada umas boas-vindas tão entusiasmadas como se seu amo tivesse acabado de chegar do Pólo Sul, Sejer sabia que nesse mesmo momento Magnus estaria ligando para sua ex-mulher. “Uma pena”, pensou, gostaria de surpreendê-la. De qualquer maneira, Eva Magnus não teria muito tempo para se preparar, porque ele demoraria uns quinze minutos para ir de Frydenlund a Engelstad. Talvez devesse ter verificado primeiro no plantão da delegacia se realmente ela havia ligado naquela noite e se, por alguma razão, a ligação não fora registrada. Mas não acreditava que tivesse sido cometido tal erro. Qualquer agente com a cabeça sobre os ombros sabia que não poucas vezes era o assassino mesmo que ligava, por isso pediam sempre o nome e o endereço. Se alguém não queria se identificar havia que registrar a chamada como anônima, indicando a data, a hora e o sexo.

La dirigindo a uma velocidade regular, sem se deixar tentar pelo acelerador. Quem sabe lhe desse tempo para chegar lá enquanto Eva Magnus falasse com ex-marido, ou continuasse procurando desesperadamente uma desculpa crível. “Porque”, pensou, quem encontra um cadáver no rio, encolhe os ombros e em seguida vai comer no McDonald's? Para se divertir um pouco discou no telefone celular o número da casa que acabava de sair. Estava em comunicação.

Ao entrar na rua viu que a casa estava escura e o pátio vazio. O carro não era visto em lugar nenhum. Ficou ali um tempo, engolindo a decepção. As cortinas estavam em seu lugar; ela não se mudou, disse a si mesmo para se consolar. Em seguida voltou a ligar o motor, olhou o relógio e decidiu fazer uma viagem relâmpago até o cemitério. Gostava de caminhar por ali, observar como as manchas de neve ficavam cada vez menores e começar a planejar o que plantaria nessa primavera na tumba de Elise. “Talvez primulas”, pensou, porque brotaria a qualquer momento, quanto fizesse um pouco de calor.

A lápide, grande e ostentosa, se erguia com muita autossuficiência sobre uma das colinas da cidade. Sejer nunca havia gostado muito dela, em sua opinião sobressaía muito, mas não havia outro lugar onde colocá-la. A lápide era de pedra vermelha, e como única inscrição havia gravado seu nome: ELISE, em letras bem grandes. Omitira datas, anos e coisas do gênero. Com isso teria se convertido em uma de tantas, e ela não era, pensava ele. Ao mexer um pouco na terra com o dedo, viu os primeiros brotos verdes e amarelos. Alegrou-se. Permaneceu um instante com os olhos entornados, Elise ao menos tinha companhia. O lugar mais solitário do mundo, pensou de repente, seria um cemitério com uma só lápide.

— Kollberg, o que se sentirá estando aqui? Acha que fará frio? O cachorro olhou-o com seus olhos negros e as orelhas alertas. — Agora também há cemitérios para cachorros, não é? Antes achava

engraçado, mas com o tempo fui mudando de opinião, porque agora só tenho você. Acariciou a grande cabeça do cachorro e respirou profundamente.

No caminho para o carro passou pela tumba de Durbán. Estava completamente vazia, salvo um raminho seco e marrom. Deveriam tê-lo retirado. Agachou-se rapidamente, retirou o ramo seco e limpou a terra adiante da lápide. Jogou-o na lata de lixo que havia junto da torneira de água para rega. Entrou de novo no carro, e com um impulso repentino se dirigiu para a delegacia.

* * *

Dezesseis

SKARRE, que estava de plantão, lia um livro de bolso com as pernas sobre a mesa. A capa era da mais sangrenta.

— Na noite de dois de outubro, disse Sejer secamente, — Houve uma confusão lá na ARMAS DO REI, e estivemos a ponto de colocar um bêbado na cela.

— A ponto?

— Sim, pelo visto se livrou no último momento. Gostaria de saber o seu nome.

— Se é que foi registrado, claro.

— Foi resgatado por um colega. Por Egil Einarsson. Pode ser que esteja no relatório. O chamavam Peddik. Tente achá-lo!

— Lembro disso, disse Skarre. Inclinou-se sobre o teclado do computador e começou a procurar, enquanto Sejer esperava. Por fim já era noite, seu uísque estava esperando e a escuridão fechava nas janelas, como se a delegacia fosse uma grande gaiola de pássaros sobre a qual alguém havia colocado uma manta. Tudo estava em silêncio. Skarre repassava roubos, escândalos domésticos e bicicletas furtadas, pulsando as teclas com os dez dedos.

— Fez algum curso? Perguntou Sejer.

— Ahron, respondeu. — Peter Fredrik Ahron. Tollbugate, número quatro. Sejer anotou o nome, abriu a gaveta interior da mesa com a ponta do sapato e colocou o pé sobre ela.

— Claro. Entramos em contato com ele mais tarde, quando foi notificado o desaparecimento de Einarsson. Peter Fredrik. Foi você quem falou com ele, se bem me lembro.

— Sim, é verdade. Falei com vários deles. Um se chamava Arvesen, acho.

— Lembra alguma coisa sobre esse Ahron?

— Claro. Lembro que não gostei dele. E que estava muito nervoso. Estranhei, pois pelo visto havia tido uma tremenda briga com Einarsson, disse me inteirei mais tarde, ao falar com Arvesen, mas não havia material suficiente para prosseguir com a investigação. Falou muito bem de Einarsson. Disse que jamais havia machucado alguém, e que o que havia acontecido decerto se devia a um desafortunado mal-entendido.

— Fez alguma verificação sobre possíveis antecedentes?

— Sim, fiz. Arvesen tinha multas de trânsito. Einarsson não tinha nada e Ahron uma sentença por dirigir bêbado.

— Tem muito boa memória, Skarre.

— Sim, não posso negar.

— O que está lendo?

— Uma novela policial. Sejer levantou as sobrancelhas. — Você não lê novelas policiais, Konrad?

— Não, por Deus, agora não. Antes sim, de vez em quando. Quando era mais jovem.

— Esta, disse Skarre, agitando o livro, — É ótima. Completamente diferente. É impossível deixá-la.

— Duvido.

— Não deveria perdê-la; se quiser, deixo para você quando a acabar.

— Obrigado, mas não me interessa. Tenho em casa um monte de livros policiais realmente bons. Empréstimo-os, se realmente se interessa por esse tipo de livros.

— São muito velhos?

— Mais ou menos como você, sorriu Sejer, dando um chute na gaveta, que se fechou com um barulhão.

* * *

Dezessete

OSÁBADO chegou, e com ele um tempo limpo e calmo. Sejer estudou o cata-vento ao entrar com o carro no aeródromo de Tarlsberg. Na realidade parecia um preservativo gigante usado por algum dos deuses, e que esvoaçava flacidamente. Estacionou o carro, apanhou o para-quedas do porta-malas e o fechou. Trazia o traje numa bolsa de plástico. “O dia está excelente, talvez dê para dois saltos”, pensou. Descobriu alguns dos jovens já em plena marcha. Usavam trajes de saltar vermelhos e azuis, tão apertados como os maiôs dos patinadores de competição, e seus para-quedas enrolados pareciam pequenas mochilas.

— Compram esses brinquedos em tubos de spray? Perguntou Sejer olhando os magros corpos dos garotos, nos que se desenhava claramente cada músculo, ou melhor dito, a carência deles, sob o finíssimo pano.

— Exatamente, disse um garoto ruivo. — Com essa loja de campanha que você carrega não se consegue muita velocidade. Referia-se ao traje de Sejer. — Mas em seu voo terá movimento de sobra, não é?

— Sim. Para mim este freia o justo. Deixou cair no chão o traje e o para-quedas e olhou fixamente para o céu fazendo sombra com a mão. — Onde vamos voar hoje?

— No Cessna. Cinco de cada vez, e os mais velhos saltam primeiro. Hauger e Bjørneberg virão em seguida, poderá se unir a eles em uma pequena formação de três, não é? São da mesma categoria de peso, me parece. Se não, poderia esquecer as suas habilidades.

— Pensarei nisso, respondeu secamente. — Mas para ir seguro da mão de alguém, prefiro ficar em terra. Precisamente, uma das coisas que mais gosto lá de cima, disse apontando ao ar, — É a solidão. Lá em cima é imensa. Entenderá quando ficar mais velho.

Sejer gostava tanto de salto em formação quanto de nado sincronizado. Apanhou uma Coca-Cola da máquina e ficou um tempo sentado no extremo da lona. Teve cuidado de não sujá-la enquanto bebia lentamente, observando os paraquedistas que já começavam a saltar. No primeiro lugar pulou um grupo de aprendizes. Pareciam coelhos feridos que se precipitavam no chão das maneiras mais estranhas. O primeiro aterrissou com o queixo na terra, o segundo bateu contra a asa de um avião de aeromodelismo que dava voltas pelo gramado. Os paraquedistas tinham que dividir a pista de aterrissagem com o clube de aeromodelismo, um eterno conflito que às vezes se aproximava de uma guerra. Ouviram-se maldições e blasfêmias.

“Merda, parece fácil quando se salta de uma banqueta de cozinha”, pensou. Assim treinavam, saltavam dez ou quinze vezes de uma banqueta de cozinha, rodavam e voltavam a se colocar de pé com enorme agilidade. A realidade era muito diferente, ele mesmo torcera o tornozelo na primeira vez, e Elise dera um sorriso quando voltou para casa coxeando, com o pé enfaixado. Não foi um

sorriso malicioso, mas era verdade que ela havia advertido de antemão dos perigos que esse esporte trazia. Mas, tivera sorte, talvez muita. Depois de seus mil e dezessete saltos não havia tido nenhuma penalização, e isso era inquietante. Todo o mundo tinha alguma, e antes ou depois, também tocaria a ele. “Talvez seja hoje”, pensou. Tinha esses mesmos pensamentos cada vez que se sentava sobre a lona para preparar seu salto. Não devia esquecer jamais que antes ou depois puxaria a manivela, olharia o céu e verificaria que não havia nenhuma para-quedas sobre ele e saltaria com esse para-quedas azul e verde que tinha há quinze anos e que nunca havia dado motivos para ser substituído.

Levantou-se e deixou a lata no carro. Estudou a paisagem plana, mas que de dez mil pés de altitude se convertia em uma bonita aquarela de altos e baixos. O ar era limpo e o sol fazia brilhar as janelinhas do carro. Em seguida vestiu o macacão azul, colocou o para-quedas e se dirigiu lentamente para o avião vermelho e branco que estava aterrissando. Primeiro entraram dois garotos e uma garota de uns dezesseis anos. Sejer se sentou junto à porta; iam como sardinhas em lata, com os joelhos encolhidas até o queixo e as mãos cruzadas na frente dos pés. Amarrou os cordões das botas, colocou o capacete de couro e cumprimentou com a cabeça o garoto número cinco e que a duras penas conseguiu se sentar entre os demais. O piloto se virou, levantou o polegar e arrancou. O avião não fazia muito ruído, mas deu uns quantos pulos quando começou a rodar. Nesse momento sempre procurava esvaziar sua cabeça de pensamentos; olhou os carros estacionados ao passar junto a eles e notou como as rodas saíam do chão. Seguiu a agulha do altímetro conforme iam subindo, com o fim de verificar se tudo estava em ordem.

Aproximavam-se dos quinze mil pés. Viu o fiorde azul e o trânsito da estrada brilhar; dessa altura parecia que os carros se moviam muito devagar, como em câmera lenta, ainda que na realidade estivessem a noventa ou cem. Alguém tossiu, os três jovens repassaram a formação com as mãos, pareciam meninos brincando vestidos com macacões alegres. O número de revoluções ia baixando. Sejer esticou bem a corda do capacete, voltou a verificar uma vez mais os cordões das botas e a agulha do altímetro que continuava subindo, e sorriu ao ver as anotações na porta do avião, nuvens brancas com diferentes textos: Blue sky forever, Chickens turn back! e Give my regarás to mama. J

á estavam no local. Fez um sinal com a cabeça para Trondsen, que estava em frente a ele, para indicar que queria saltar em primeiro lugar. Voltou-se para o interior do avião, ficando de costas para a porta e viu aqueles rostos jovens tão peculiarmente lisos; realmente tinham aspecto de meninos. Não podia lembrar de ter o rosto tão liso, ainda que, claro, fazia muito tempo, mais de trinta anos. Nesse momento Trondsen abriu a porta de tal modo que o bramido de fora e a pressão do vento, que empurrava Sejer para o interior do pequeno avião, o impediram de cair antes de estar pronto. “Pode ser que não se abra, Konrad”, se disse a si mesmo. Dizia isso sempre nesse momento para não esquecer. Levantou o polegar, olhou pela última vez para os jovens rostos sem sorrir, eles tampouco sorriam, se colocou para trás e pulou.

* * *

Dezoito

NO DIA SEGUINTE voltou a colocar Kollberg no carro e se encaminhou à casa de repouso, onde sua mãe já estava a quatro anos prostrada numa cama. Estacionou no espaço reservado para visitantes, fez uma advertência ao cachorro e foi para a entrada principal. Sempre precisava se armar de coragem antes de entrar, precisava mais do que o habitual. Há duas semanas que não a visitava. Cumprimentou com a cabeça o porteiro, que nesse momento caminhava até ele com uma escada ao ombro. Tinha uma maneira de andar relaxada e bamboleante, e um sorriso satisfeito aparecia em seu largo rosto. Era um desses homens que gostam de seu trabalho, que acham que não falta nada na vida e que não entendem porque todo o mundo se queixa tanto. Incrível. “Não se vê a miúdo essa expressão de rosto”, pensou Sejer, que notou de repente o seu próprio rosto na porta de vidro que se dispunha a ultrapassar. “Imagino que não sou especialmente feliz”, pensou, mas tampouco me preocupo muito. Subiu pela escadaria até o primeiro andar, cumprimentou as enfermeiras com a cabeça e se dirigiu diretamente à porta do quarto de sua mãe. Um quarto individual. Bateu com força três vezes e abriu a porta. Dentro, parou um instante para dar tempo a que os sons chegassem à idosa, que nesse momento voltou a cabeça. Sejer sorriu e se aproximou da cama, arrastou uma cadeira até ela e segurou a magra mão da mãe.

— Olá, mãe, disse. — Sou eu. Vim ver como está. Apertou-lhe mão, mas ela não devolveu o aperto. — Passava por aqui perto... Mentiu. A mentira não lhe deu remorso. De algo precisava falar, e não era fácil. — Espero que tenha tudo o que precise.

Sejer olhou a seu redor, como se querendo verificar.

— Espero que o pessoal tenha tempo para passar por aqui e se sentar para conversar um pouco, disse. — Me afirmam que fazem isso, espero que seja verdade. Ela não respondeu. Olhava-o com seus olhos claros, como se esperasse algo mais. — Não trouxe nada, não é fácil. Disseram-me não devo trazer flores, então é complicado encontrar algo, por isso só trouxe comigo Kollberg que está sentado no carro, adicionou. Os olhos de sua mãe se afastaram dele e se dirigiram a janela. — Está nublado, se apressou a dizer Sejer. — Uma luz agradável. Não faz muito frio. Espero que possa sair um pouco até a varanda quando chegar o verão. Segurou-lhe a outra mão. Desapareceram entre as suas. — Tem as unhas muito longas, disse de repente. — Deveriam tê-las cortado. Tocou-as com seus dedos. Eram grossas e amarelas. — Se não demorasse tanto, eu mesmo poderia fazê-lo, mas temo que seja um pouco atrapalhado. Não existe aqui gente que se ocupe disso?

Ela voltou a olhá-lo. Tinha a boca entreaberta. Haviam retirado a dentadura postiça, diziam que não fazia mais que estorvar. Parecia mais velha do que na realidade era. Mas haviam-na penteado e estava limpa, como a roupa de cama e o quarto. Sejer suspirou levemente. Olhou-a outra vez,

buscando um mínimo reconhecimento nos seus olhos, mas não o encontrou. Sua mãe voltou a desviar o olhar. Quando Sejer por fim se levantou e foi para a porta, ela estava olhando pela janela como se já tivesse esquecido dele. Do lado de fora, no corredor, se encontrou com uma enfermeira que lhe sorriu abertamente; e ele se limitou a devolver um breve sorriso.

— Está com as unhas muito compridas, disse em voz baixa. — Poderia fazer alguma coisa?

E foi embora, lutando contra essa tristeza que sempre o invadia após as visitas à mãe. Costumava durar umas horas e em seguida passava. Fez um par de ligações telefônicas e em seguida se dirigiu a Engelstad. Uma pergunta apareceu em sua cabeça, e a resposta lhe deu o que pensar. “Inclusive os menores movimentos dos seres humanos criam círculos na água”, pensou, de maneira que uma minúscula pedra poderia se encontrar em outro lugar, em outra praia, um lugar em que não havia pensado.

* * *

Eva Magnus abriu a porta, vestida com uma larga camiseta, cheia de desenhos pretos e brancos. Na mão trazia um pincel de madeira coberto de tinta. Sejer leu em seu rosto que estava esperando e que tinha pensado no que ia dizer. Isso o irritou tremendamente.

— Há muito que não nos vemos, senhora Magnus. Ela assentiu com a cabeça, não estava surpresa por vê-lo. — Na vez anterior se tratava de Marie Durbán, agora se trata de Einarsson. Curioso, não é? Esse comentário fez Eva Magnus respirar profundamente. — Não tenho mais que uma pequeníssima pergunta.

Sejer falava cortesmente, mas não com modéstia. Nunca era modesto. Emanava autoridade, o que fazia com que às vezes as pessoas ficassem nervosas, se ele assim quisesse, como era o caso.

— Sim, já soube, disse ela. Sacudiu suas negras melenas sobre as costas e fechou a porta atrás dele. — Jostein me ligou. Mas não tenho nada para adicionar. Salvo que vi esse pobre homem flutuando e que liguei em torno das cinco da tarde. Emma estava comigo. Não me lembro com quem falei, se é isso o que quer saber, mas se vocês esqueceram de anotar a ligação, não é problema meu. Eu cumpri o meu dever, pode se dizer assim. Não tenho nada mais a dizer. Já havia ensaiado sua cantiga. Havia tido tempo de ensaiá-la várias vezes.

— Ajude-me ao menos tentando lembrar de como era a voz, para que possa reprender a responsável. Não é bom que ocorram falhas assim. Todas as ligações que entram devem ser registradas. Somos obrigados a tomar algumas medidas, compreenda.

Ela estava de costas, junto à entrada da sala, e Sejer pode ver os grandes quadros brancos e negros que tanto o haviam impressionado da primeira vez. Não podia ver o rosto da mulher, mas ela tinha as garras afiadas. Sabia que Sejer estava fingindo, mas não podia dizer.

— Não, Deus meu, era uma voz completamente normal e corrente. — Não reparei nela.

— Acento do este?

— Sim, ou não, não me lembro se tinha algum acento especial, não costumo me fixar nessas

coisas. Além disso estava muito nervosa, com Emma ali... O aspecto do homem não era precisamente agradável. Eva Magnus entrou na sala, ainda de costas. Ele prosseguiu.

— Era uma pessoa jovem ou velha?

— Não tenho ideia.

— A verdade é que havia uma policial naquela tarde, mentiu Sejer. Eva parou.

— Ah, sim? Então teria ido ao banheiro, ou algo parecido, se apressou a dizer, — Porque eu falei com um homem, disso estou certa.

— Tinha acento do sul?

— Por Deus, não me lembro. Só sei que era um homem. Não me lembro de mais nada. É verdade que liguei. É a única coisa que posso dizer.

— E o que ele disse?

— Não foi muita coisa, perguntou de onde ligava.

— E em seguida?

— Na realidade nada mais.

— Mas pediu que esperasse ali, não é?

— Não, só expliquei onde estava.

— Como?

— Sim. Disse que estava próxima da Casa do Povo, onde fica a estátua do lenhador.

— E foram embora?

— Sim, nós fomos jantar. Emma tinha fome.

— Minha querida senhora Magnus, disse Sejer, — Você pretende me fazer crer que ligou para denunciar o achado de um cadáver e que a polícia não lhe pediu que esperasse até que chegasse?

— Mas Deus meu, eu não sou responsável pelas falhas que a gente comete em seu trabalho! Talvez fosse um jovem sem experiência, eu não sei. Não é culpa minha!

— Então parecia que se tratava de um homem jovem?

— Não sei, não me fixo nessas coisas.

— Os artistas sempre se fixam nessas coisas, replicou Sejer secamente. — São observadores, reparam em tudo, captam todos os detalhes. Não é verdade? Ela não respondeu. Apertou tanto boca que parecia uma fina listra em seu rosto. — Vou lhe dizer uma coisa, falou Sejer em voz baixa. — Não acredito.

— É problema seu.

— Quer que lhe diga por quê? Perguntou Sejer.

— Não me interessa.

— Porque, prosseguiu, baixando ainda mais a voz— Esse é precisamente o tipo de ligação com que sonham todos, no meio do longo e cansativo plantão da tarde. O encontro de um cadáver. Não existe nada que os entusiasme mais, que lhes interesse mais, do que um homem morto no rio numa tarde qualquer, saindo da rotina de conflitos entre vizinhos, roubos de carros e as roucas vozes dos bêbados nas celas. Você entende?

— Essa seria uma exceção, imagino.

— Encontrei-me com muitas coisas estranhas na minha instituição, admitiu Sejer, estremecendo só de pensar, — Mas como essa nunca. Ela havia parado totalmente e o olhava obstinada. — Está pintando algum quadro? Perguntou de repente.

— Claro. Como já sabe, vivo disso. Ela não se sentava, pelo que ele tampouco podia fazê-lo.

— Não deve ser fácil. Viver disso, quero dizer.

— Não. Como já lhe disse, não é fácil. Mas nós nos ajeitamos.

Eva começava a se impacientar, mas não se atrevia a mandá-lo embora. Ninguém o fazia. Ela aguardava, com seus ombros estreitos; desejava que ele fosse embora para poder voltar a respirar tão livremente como lhe fosse possível, levando em conta o que sabia.

— A fome aguça o intelecto, disse Sejer. — Você tem pago suas faturas ultimamente com grande pontualidade, comparado com a época anterior à morte de Durbán. Então atrasava muito todos os seus pagamentos. É admirável.

— Como sabe isso?

— Basta fazer uma ligaçãozinha à Prefeitura, à companhia de luz e à de telefones. É curioso, não é? Quando se diz ser policial, a informação jorra. Eva vacilou um instante, repensou com grande esforço e se encontrou com seu olhar. Seus olhos vagavam como chamas em um forte vento. — Sua filha entrou com você na cabine? Perguntou Sejer.

— Não, ficou de fora. São muito estreitas, e a menina ocupa bastante espaço. Eva havia lhe dado as costas de novo.

— Você sabia que Durbán e Einarsson se conheciam, não é?

Soltou essa pergunta repentinamente. Ela abriu a boca para responder, voltou a fechar e a abriu uma vez mais. Ele esperava pacientemente, com o olhar cravado nos dourados olhos da mulher. Sentia-se como um bruto. Mas ela sabia algo, e ele precisava saber o que era. Eva continuou lutando com seus pensamentos e em seguida comentou:

— Não tinha a mais remota ideia.

— A mentira, disse Sejer lentamente, — É como uma bola de neve, pensou nisso alguma vez? No principio é muito pequena, mas conforme vai rodando vai ficando cada vez maior. No final é tão grande que já não pode se sustentar.

Ela calou. Sus olhos humedeceram e pestanejou rapidamente um par de vezes. Então Sejer sorriu. Ela olhou-o algo perplexa. Esse homem não parecia o mesmo quando sorria.

— Nunca vai pintar com cores?

— Porquê?

— Porque a realidade não é branca e preta.

— Então não será a realidade o que eu pinto, respondeu ela de um modo arisco.

— O que pinta então?

— Não sei, talvez sentimentos. Isso foi tudo. Ela ficou na porta, observando-o enquanto caminhava para o seu carro, como se quisesse retê-lo com o olhar, como se quisesse que se voltasse.

Sejer se dirigiu depois para a casa da filha. Chegou justo quando ela acabava de dar banho em Matteus, que estava molhado, com mil gotas brilhantes em seu cabelo encaracolado. A mãe lhe colocou um pijama amarelo; parecia um chocolate envolto em papel dourado. Cheirava a sabonete e a pasta de dentes, e na água da banheira ficou um tubarão, um crocodilo, uma ambulância e uma esponja em forma de sereia.

— Já era hora, sorriu sua filha abraçando-o timidamente, porque havia se passado muito tempo

da última vez.

— Tenho muito trabalho, mas estou aqui. Não prepare nada, comerei um pouco do que tiver, Ingrid. E café. Erik não está?

— Está jogando bridge. Tenho uma pizza no congelador e cerveja gelada.

— Vim de carro, sorriu Sejer.

— E eu tenho o telefone dos táxis, replicou a filha.

— Você sempre tão retorcida!

— Não, Ingrid ria, — Mas isto sim está torcido! Exclamou lhe beliscando o nariz.

Sejer se sentou na sala com Matteus sobre os joelhos e um livro infantil de muitas cores sobre dinossauros. O pequeno corpo recém-banhado estava tão quentinho que Sejer não parava de suar. Leu em voz alta umas linhas e lhe acariciou o cabelo negro; nunca deixava de se surpreender de como era encaracolado, do incrivelmente pequeno que era cada fio e da sensação de tê-lo na mão. Não era suave e macio como o cabelo dos meninos noruegueses, e sim grosso, quase como lã de aço.

— Vovô, vai dormir aqui? Perguntou o menino.

— Posso dormir se sua mamãe deixar, propôs Sejer. — E vou lhe comprar um macacão para que o ponha quando usar o triciclo.

Em seguida ficou um tempo junto à cama de seu neto; de fora, sua filha ouvia-o murmurar algo parecido a uma canção infantil. A musicalidade do pai não era digna de elogios, mas o efeito foi o mesmo. Em poucos instantes, Matteus estava dormindo com a boca entreaberta. Seus pequenos dentes brilhavam como pérolas branquíssimas. Sejer suspirou, se levantou e sentou à mesa com sua filha, que já era uma mulher feita, quase tão bonita quanto sua mãe, mas só quase. O homem comia devagar e bebia cerveja enquanto pensava que a casa de sua filha cheirava exatamente igual a sua própria casa quando Elise ainda vivia, porque Ingrid usava o mesmo detergente e os mesmos artigos de limpeza que sua mãe havia usado; Sejer os reconheceu nas estantes do banheiro. Condimentava a comida da mesma maneira que sua mãe havia feito. E cada vez que ela se levantava para apanhar mais cerveja, o pai seguia seus movimentos, pensando que tinha o mesmo andar de sua mãe, seus mesmos pés pequenos e os mesmos gestos quando falava e ria. Muito tempo depois de ter se deitado no que eles chamavam o quarto dos convidados, mas que na realidade era um minúsculo quarto de criança, que ainda não haviam conseguido ocupar, continuava pensando em tudo isso. Sentia-se em casa, como se o tempo tivesse parado. E quando fechava os olhos, e deixava de ver as cortinas desconhecidas, era quase como antes. E quem sabe talvez fosse Elise que o despertasse na manhã seguinte.

* * *

Dezenove

EVA MAGNUS estava passando frio com sua fina camisola. Queria se deitar, mas não conseguia se levantar da cadeira. Cada vez lhe custava mais trabalho fazer o que devia, como se pensasse que de qualquer maneira era um trabalho perdido. Sobressaltou-se quando ouviu soar o telefone, olhou o relógio e pensou que deveria ser o pai; ninguém mais ligava tão tarde à noite.

— Alô? Colocou-se cômoda. Tinha que se cuidar nas conversas com seu pai, que às vezes eram muito longas.

— Eva Marie Magnus?

— Sim?

Era uma voz desconhecida. Nunca a havia ouvido antes, ao menos não se lembrava. Como alguém, a quem nem sequer conhecia, se atrevia a ligar tão tarde? Ouviu um pequeno clique. O homem havia desligado. De repente começou a tremer, olhou assustada pelas janelas, e escutou. Tudo estava silencioso.

* * *

Vinte

INGRID havia lhe dado uma pomada de resina. Sejer cheirou-a, enrugou o nariz e deixou-a na gaveta. Em seguida olhou as fotos que tinha sobre a mesa, umas da bonita Marie Durbán e outras do algo mais vulgar Einarsson, tão despojado de potência e virilidade, como ela de inocência. Era incapaz de imaginar que os dois tivessem se conhecido, que tivessem frequentado os mesmos ambientes. Nem sequer que tivessem conhecidos comuns. Mas Eva Magnus era uma conexão entre ambos. Ela havia encontrado Einarsson no rio, e por alguma razão não havia denunciado o achado à polícia. Havia sido amiga de Durbán e foi uma das últimas pessoas que a viu com vida. Foram assassinados com muito poucos dias de diferença, e os dois frequentavam a área sul, ainda que isso não significasse nada em uma cidade pequena, como era essa.

Dois assassinatos sem resolver não retiravam Sejer de seu eixo, e tampouco o faziam se sentir sobrecarregado. Mais aumentavam sua tenacidade e o faziam se esforçar ainda mais. Ordenava ao extremo seus pensamentos em colunas lógicas, testava distintas posições e passava revista às diferentes possibilidades, como se fossem fragmentos de um filme. Utilizava cada vez mais seu tempo livre, ainda que de qualquer maneira, tivesse de sobra. Sua intuição dizia que entre as duas pessoas havia uma conexão, e, claro, faltava quase tudo para encontrar a solução. Einarsson tivera uma história extracasamento, apesar de que a mera ideia fizesse a sua mulher sorrir? “Bem, as mulheres não sabiam de tudo, exceto Elise”, pensou e se ruborizou. Deveria ter levado Eva Magnus à delegacia para pressioná-la mais, mas não podia fazê-lo sem um motivo concreto. Não obstante, deveria tê-la sentado do outro lado de sua mesa, deveria tê-la apanhado de surpresa e assustado, não em sua casa, mas só e angustiada nesse enorme edifício, no meio desse gigante cinzento capaz de quebrar qualquer um. Era muito fácil resistir na própria casa. Minha casa é meu castelo. Deveria ter utilizado uma antiga máquina dessas de escorrer roupa, escorrê-la e ver o que sairia. Pintura preta e branca, talvez. Mas não tinha motivo algum para chamá-la para um interrogatório, esse era o problema. Não havia feito nada ilegal, havia declarado depois do assassinato de Durbán, e ele havia acreditado. Era uma mulher que vivia como qualquer outra. Levava a sua filha à escola, pintava, fazia compras, não tinha trato com ninguém, nem sequer com outros artistas. Tampouco era proibido pagar os recibos antes que vencessem.

Sejer maldisse a si mesmo por tê-la deixado se sair tão facilmente desde o principio. Acreditara que ela não sabia absolutamente de nada. E talvez fosse verdade que havia se encontrado com Durbán casualmente. Que sua amiga fosse assassinada naquela mesma noite deveria ter sido um duro golpe para ela. Poderia explicar esse comportamento tão tenso que mostrou na primeira vez que a visitou. Um nervosismo quase vibrante. “Mas quem”, pensou, “encontra um cadáver no rio, encolhe os ombros e vai ao McDonald's jantar?” Além disso, tinha mais dinheiro que antes. De onde o retirava?

Sejer continuava pensando enquanto olhava fixamente pela janela, mas não via mais que telhados e as copas das árvores mais altas; era uma vista anódina, mas ao menos podia ver um pedaço de céu, e o céu era o mais importante. “O céu era o que os presos viam de suas celas”, pensou. Era o céu o que eles perderam, os distintos matizes, a luz mutante, o eterno caminhar das nuvens. Sejer resmungou um pouco, abriu a gaveta da mesa e encontrou um saco com pastilhas muito fortes chamadas Fisherman's Friend. O telefone soou quando tinha dois dedos dentro do saco. Era a senhora Brenningen, da recepção, que dizia que aparecera um garoto ali que insistia em falar com ele.

— Aprese-se! Disse, — Está fazendo xixi!

— Um garoto?

— Um magrinho, Jan Henry.

Sejer se levantou de um pulo e foi correndo até o elevador, que desceu, quase sem fazer ruído, um andar após outro. Sejer não gostava que o elevador fizesse tão pouco ruído: daria impressão de maior solidez se chiasse mais. Não é que tivesse medo de elevadores, era simplesmente uma opinião.

Jan Henry estava de pé, muito quieto no meio do enorme vestibulo, olhando para ver se o via. Sejer se comoveu ao ver aquela diminuta figura; ali, na grande sala, parecia mais perdido que nunca. Segurou-o pela mão, acompanhou-o até os lavabos e o esperou até que voltou a sair. O menino parecia aliviado.

— Mamãe está no cabeleireiro, explicou.

— Ah, sim? De modo que sabe que está aqui?

— Não, não exatamente, mas me deixou dar uma volta. Demorará muito, não é? Vai alisar o cabelo.

— Fazer permanente? Sim, é algo sério, dura umas duas horas, disse Sejer com ares de especialista. — Suba ao meu escritório, se quiser, para que veja como é.

Segurou o menino pela mão e se dirigiu até o elevador, enquanto a senhora Brenningen lhe dava um longo e elogioso olhar. Ela já havia acabado a maior parte das intrigas e do poder de seu livro. Restava-lhe o desejo.

— Imagino que não gosta de água mineral com gás, Jan Henry, disse Sejer, olhando ao seu redor procurando algo para oferecer. Água mineral com gás e pastilhas Fisherman's Friend não era o mais apropriado para oferecer a um menino que ainda tinha todos os órgãos do paladar intatos e sem viciar.

— Sim, gosto de água mineral. Costumava tomá-la com papai, disse contente.

— Ah, que sorte para mim!

Apanhou um copo de plástico do monte que haviam enfiado em uma espécie de salsicha colocada sobre o lavabo, retirou água da garrafa e o colocou na mesa diante do menino, que deu um grande gole e eructou suavemente.

— Como tem passado ultimamente? Perguntou Sejer. Viu que o menino tinha mais pins.

— Bom... Bem, murmurou o menino. E adicionou, como para explicar a verdadeira razão de sua visita: — Mamãe tem um namorado.

— Caramba! Escapou de Sejer, — A isso se deve tanto permanente, então.

— Não sei, mas tem moto.

— Ah, sim? Uma japonesa?

— Uma BMW.

— E deixa-o montar?

— Só no pátio.

— Bem, não é ruim. Talvez os passeios sejam em seguida mais longos. Usará capacete, não é?

— Claro!

— E sua mãe monta?

— Não, nunca. Mas ele tenta convencê-la. Sejer bebeu da garrafa e sorriu.

— Gostei muito de vê-lo, não recebo muitas visitas.

— Não?

— Quero dizer visitas como esta. Visitas que são de prazer, que não têm nada a ver com o meu trabalho, entendeu?

— Sim. Mas na realidade, vim trazer a nota, disse rapidamente o menino. — Disse que deveria contar se me lembrasse de algo sobre a nota que meu pai tinha. Sejer fechou a boca e se aproximou da borda da mesa.

— A nota? Gaguejou.

— Encontrei-a na garagem. Sentei-me no banco pensando durante vários dias, como você me disse. E quando fechava os olhos via papai como estava naquele dia, o dia que não voltou, quando apanhou essa nota do bolso. E de repente me lembrei de que estava deitado no chão debaixo do carro quando apanhou-a. Leu-a, saiu um pouco e em seguida se esticou para trás, assim... Esticou um braço por cima da cabeça como deixando algo no ar. —... E em seguida largou-a em um ressalto debaixo do banco, muito próximo do chão. Desci de um salto, e ali estava.

Sejer notou como subia a pressão, mas como habitualmente era baixa, não trazia grandes alterações ao seu corpo bem treinado. O menino colocou a mão no bolso e entre os dedos apanhou um papel enrugado. As mãos de Sejer tremiam ao desdobrar o papel e lê-lo. Na nota se lia Liland e um número de telefone. A folha estava rasgada pela metade. Talvez houvesse algo escrito na outra parte. Liland?

— Muito bem, garoto! Disse e colocou mais água no copo.

Era um número local e não teria porque significar algo. Sabia por experiência, após quase trinta anos na polícia. Ao fim e ao cabo, a maior parte da gente era boa, e não era proibido mostrar interesse por um carro, sobretudo por um Opel Manta, um carro atraente para os que preferiam carros alemães, se é que Einarsson tivera realmente a intenção de vendê-lo. Sejer estava contente e ansioso por se lançar sobre o telefone, inclusive teria fumado um cigarro, mas nunca levava o maço para o trabalho, só uns asquerosos cigarros baratos para oferecer aos demais.

Jan Henry merecia uma pequena visita pelo edifício, talvez uma olhada nas celas e a alguma das salas de interrogatórios. O assassino de Einarsson estava há seis meses em liberdade, e em uma hora a mais ou a menos não iria a lugar nenhum. Voltou a segurar a mão do menino e o levou através dos

corredores. Era uma mão mais magra que a de Matteus. Seu neto tinha mãos fortes e gorduchas. “Precisarei me lembrar do macacão”, pensou, se esforçando para dar passos menores. Parou diante de uma cela e abriu-a. Jan Henry deu uma olhada.

— Esse é o banheiro? Perguntou apontando um buraco no chão.

— Sim.

— Não gostaria de dormir aqui.

— Não precisará se obedecer a sua mãe.

— Mas o chão está quentinho. Movia os dedos dentro dos tênis.

— Sim. Não queremos que sintam frio, não é?

— Olham-nos através da janelinha?

— Sim, de vez em quando. Vou levantá-lo para que você possa olhar melhor. O pequeno corpo pesava muito pouco.

— É exatamente como havia imaginado, disse com simplicidade.

— Sim, tem aspecto de prisão, não é?

— Há muita gente presa aqui?

— Neste momento não muita. Temos lugar para trinta e nove pessoas, mas agora só temos vinte e oito. A maioria são homens, mulheres há muito poucas.

— Mulheres também?

— Sim senhor.

— Não sabia que as mulheres também iam para a prisão.

— Ah, não? Acaso pensava que são melhores que nós?

— Sim.

— Então direi um segredo, sussurrou. — São.

— Pelo menos deixam que tenham rádio. Ouvia-se música.

— O som vem de lá. Sejer apontou para uma porta cinzenta. — Ali dentro fica o cinema.

Agora estão vendo um filme que se chama A LISTA DE SCHINDLER.

— Cinema?

— Aqui temos tudo o que precisam: biblioteca, colégio, médico, oficinas. A maioria deles trabalha enquanto estão presos, neste momento estão montando cabos para aquecedores de motores. E todos tem que lavar a roupa e fazer sua própria comida na cozinha, que fica no andar de cima. Também temos um ginásio e uma sala de atividades. E quando precisam de ar livre levamos ao telhado, porque ali fica o pátio.

— Então não lhes falta nada.

— Bem, não exatamente. Não podem dar uma volta pelo centro quando faz bom tempo e comprar um sorvete, como nós.

— Fogem alguma vez?

— Sim, mas não muito a miúdo.

— Atiram nos vigilantes para roubar as chaves?

— Não. Aqui não acontecem essas coisas. Costumam quebrar um vidro e fugir por uma corda fora do edifício, e em baixo costuma estar esperando algum amigo com o motor de um carro ligado. Alguma que outra vez temos tido fraturas de pernas ou comoções cerebrais. O edifício é muito alto.

— Fazem tiras com os lençóis, como nos filmes?

— Não. Roubam cordas de náilon da oficina.

— Não passam muito tempo nas celas, não é?

— Ficam o dia todo pelo edifício.

Voltou a segurá-lo pela mão e passaram pela central de segurança, onde pararam para que o menino pudesse se ver no monitor do circuito fechado. Em seguida seguiram até o elevador. Finalmente acompanhou-o até o cabeleireiro, que ficava a duas quadras dali. O pequeno se sentou para esperar a mãe em um sofá, enquanto Sejer voltava apressado para sua sala.

Apanhou a lista telefônica e procurou o sobrenome Liland. Encontrou seis, dos quais um era de uma empresa. Repassou os números com o dedo, mas não encontrou o da nota. Estranho. Além disso, nenhum deles correspondia a uma mulher. Pensou um pouco, apanhou o telefone e discou o número da nota. Tocou uma vez, duas vezes, três; olhou rapidamente o relógio e contou os toques, ao soar pela sexta vez alguém atendeu por fim. Era uma voz de homem.

— Larsgård, disse.

— Larsgård?

Houve um instante de silêncio, enquanto Sejer pensava se já o ouvira antes. Não lhe parecia familiar. Olhou pela janela, para a praça e a grande fonte que estava sem água, esperando a primavera, como todo o mundo.

— Sim, Larsgård.

— Aí mora alguém de sobrenome Liland? Perguntou ansioso.

— Liland? O homem se calou um instante, em seguida tossiu. — Não, aqui não mora ninguém com esse sobrenome. Agora não.

— Não? Mudou-se então?

— Sim, de certo modo sim. Foi para muito longe, para dizer a verdade, passou para a eternidade. Está morta, era minha mulher. Liland era seu sobrenome de solteira. Kristine Liland.

— Lamento de verdade.

— Com certeza, mas isso a mim não me serve de muito.

— Morreu há pouco?

— Não, não, está morta há muitos anos.

— Ah, sim? E não existe ninguém com esse sobrenome nesse número de telefone não é?

— Não, aqui não mora ninguém mais além de mim. Vivo só desde que ela morreu. Quem é você? De que se trata? Começava a desconfiar, sua voz soava mais aguda.

— Sou policial. Trata-se de um caso de assassinato. De um pequeno detalhe que preciso investigar. Posso passar para vê-lo um momento?

— Sim, claro, venha quando quiser. Não costumo receber muitas visitas.

Sejer anotou o endereço e calculou que chegaria lá em uma meia hora. “Darei-lhe um par de horas”, pensou, apanhou seu casaco pela gola e saiu da sala. “Poderá ser um tiro errado”, pensou, mas ao menos era uma oportunidade para sair do edifício. Não gostava de ficar muito tempo sentado sem se mover; não gostava de ficar olhando os telhados e as copas das árvores de cima, através dos vidros empoeirados.

Dirigiu devagar pela cidade, como sempre fazia. Por fim tudo começava a ter alguma cor. Os

jardineiros e as pessoas que cuidavam das instalações esportivas estavam em plena atividade, haviam plantado petúnias por todos os lados, ainda que provavelmente congelariam. Ele sempre esperava até depois de 17 de maio. Havia demorado vinte anos em abrir seu coração para essa cidade, mas por fim havia-a deixado entrar, pouco a pouco: primeiro o velho parque, em seguida as colinas do alto da cidade, a parte povoada de elegantes casas, algumas das quais haviam sido transformadas em pequenas galerias e oficinas, enquanto que as colinas da parte sul estavam cobertas em sua maior parte por edifícios altos, em que se concentravam todos os imigrantes da cidade, com tudo o que isso trazia de prejuízos e seus correspondentes problemas de ordem pública. Com o tempo havia se criado uma polícia de bairro, que não funcionava muito mal. Sejer gostava também da ponte, com suas bonitas esculturas, e a grande praça, o orgulho de seus habitantes, com um jardim que formava um complicado desenho. Durante o verão, a praça se transformava em um lugar exuberante, cheio de frutas, verduras e flores. Nesse momento o pequeno trem estava dando voltas pela praça, como fazia sempre quando se aproximava o verão. Havia levado Matteus em uma ocasião, mas para Sejer ficara muito complicado meter suas longas pernas no minúsculo vagão. Olhou o trem, cheio de mãos suadas e carinhas avermelhadas com chupetas e pequenos gorros, que dava fortes pulos sobre o chão desigual.

Deixou para trás o centro e passou um momento por sua casa. Pensou que para Kollberg cairia bem um passeio de carro; passava muito tempo sozinho. Encontrou a coleira, colocou-a e desceu pelas escadas. Esse Larsgård parecia um velho rabugento. Por que o sobrenome não coincidia com o número? Meditava sobre isso enquanto dirigia na direção sul, passando pela central elétrica e o camping. Controlava pelo retrovisor os carros que vinham atrás, e deixava passar os que se impacientavam. Todos os motoristas que iam atrás de Sejer pela autoestrada se impacientavam, o que ele levava com grande tranquilidade. Ao chegar à fábrica de pão virou à esquerda, dirigiu um par de minutos por campos e prados e finalmente chegou até um pequeno grupo de quatro ou cinco casas. Próximo havia também uma pequena granja. Larsgård morava na casa amarela. Era uma casa pequena, muito bonita, com as madeiras do telhado pintadas de cor telha e um depósito de lenha ao lado. Sejer estacionou o carro e se aproximou lentamente da entrada. Antes de chegar na porta, esta se abriu e apareceu um homem magro. Usava um casaco de lã e sapatos de flanela quadradinha, e se apoiou no marco da porta. Na mão trazia uma bengala. Sejer procurou em sua memória, alguma coisa nesse velho lhe era familiar, mas não lembrava o quê.

— Não teve problemas para chegar aqui, não é? Perguntou o velho.

— Não, não. Isto não é Chicago, e temos a Direção Geral de Cartografia, não é?

Cumprimentaram-se com um aperto de mãos. Sejer estreitou a magra mão do velho com certa reticência, poderia sofrer de artrite ou de alguma outra porcaria dessas que costumam acompanhar as idades avançadas. Em seguida seguiu-o até o interior. A casa estava desordenada, mais era acolhedora, envolta em uma agradável penumbra. O ar era fresco, não havia pó velho nos cantos.

— Então você mora sozinho aqui? Perguntou ao se sentar em uma velha cadeira dos anos cinquenta.

— Completamente só. O homem se deixou cair com grande esforço sobre o sofá. — E nem sempre é fácil. Minhas pernas estão a ponto de apodrecer, sabe? Estão se enchendo de água, pode imaginar algo pior? Além disso, tenho o coração do outro lado, mas pelo menos continua batendo.

Bata na madeira! Exclamou de repente, e deu um golpe com os nós dos dedos na madeira.

— Ah, sim? É possível ter o coração do outro lado?

— Claro que é. Vejo que não acredita. Colocou a mesma feição que todos põem quando conto. Retiraram-me o pulmão esquerdo quando era jovem. Tive tuberculose e passei dois anos no sanatório de Vardåsen. Era um bom lugar, não nego, mas quando me retiraram o pulmão, sobrou tanto espaço, que todo esse lixo começou a se deslocar para a direita. Mas, como disse, continua batendo. Arrumo-me a duras penas. Tenho uma assistente municipal que vem uma vez por semana. Limpa a casa, lava a roupa suja, e tira o lixo e a comida que apodreceu na geladeira da última vez. Também cuida das flores e me traz três ou quatro garrafas de vinho tinto ainda que, pelo visto, me proibiram. Compra vinho tinto, quero dizer, só pode fazê-lo se for comigo. Então me disse que não conte a ninguém. Mas você não irá contar, não é?

— Claro que não, sorriu Sejer. — Eu sempre tomo um uísque antes de me deitar, Faço isso há muitos anos. E pobre da assistente que, quando chegar o momento, se negue a ir me comprar bebida. Pensava que eram precisamente para isso, disse com ar inocente.

— Um uísque?

— Só um. Mas sirvo bastante generoso.

— Bem, realmente num copo cabem quatro goles. Tenho tudo bem calculado. Ballantines?

— Famous Grouse. Esse que tem uma codorniz no rótulo.

— Não conheço. Bom, por que veio na realidade? Minha mulher tinha algum segredo inconfessável?

— Com certeza que não. Mas tenho que lhe mostrar algo. Sejer colocou a mão em seu bolso interior e apanhou a nota. — Por favor, você conhece esta letra?

Larsgård aproximou a folha dos olhos, o papel revolteava entre seus trêmulos dedos.

— Nãooooo, disse incerto, — Deveria conhecê-la?

— Não sei. Talvez. Há muitas coisas que ignoro. Estou investigando o assassinato de um homem de trinta e oito anos, que foi encontrado flutuando no rio. Não caiu pescando precisamente. Na noite em que desapareceu, há uns seis meses, disse a sua mulher que ia mostrar o carro a um possível comprador, quer dizer, a alguém que devia ter certo interesse por esse carro. A vítima anotou o nome e o número de telefone dessa pessoa em um pedaço de papel, com o que eu, casualmente, topei. O sobrenome Liland e seu telefone, Larsgårde. Pode me explicar? O velho negou com a cabeça; Sejer viu como franzia a fronte.

— Não posso dar nenhuma explicação, respondeu em um tom algo brusco, — Porque não entendi nada.

Nesse momento se lembrou de uma ligação errada que havia recebido tempos atrás. Era algo sobre um carro. Quanto tempo fazia? Meio ano, talvez? Quem sabe deveria mencionar, mas optou por se calar.

— Você tem parentes por parte de sua esposa com esse sobrenome?

— Não, minha mulher era filha única. O sobrenome desapareceu totalmente.

— Mas alguém o utilizou. Provavelmente uma mulher.

— Uma mulher? O sobrenome Liland é muito comum.

— Nem tanto. Não existe mais de cinco nesta cidade, sem contar a sua mulher. Mas não com

este número. O velho apanhou um cigarro de um maço que havia sobre a mesa. Sejer acendeu-o.

— Não tenho nada para dizer. Deve se tratar de um erro. Os mortos não costumam comprar carros de segunda mão. Além disso, tampouco sabia dirigir. Minha mulher, quero dizer. Esse homem tampouco conseguiu vender o carro, imagino, já que o encontraram convertido em um presunto. Com certeza o número está errado.

Sejer não disse nada. Olhava fixamente para o ancião enquanto ele falava; em seguida deixou deslizar o olhar pelas paredes, se apoiou com mais força no braço da cadeira e notou de repente como se eriçavam os pelos da nuca. Sobre a cabeça do velho havia um pequeno quadro pendurado. Era um quadro abstrato, em tons negros e brancos, com algo cinzento. O estilo lhe era estranhamente familiar. Fechou os olhos e voltou a abri-los.

— É um quadro muito especial esse que tem sobre o sofá, comentou em voz baixa.

— Entende de arte? Apressou-se a perguntar o velho. — Parece bom? Disse à menina que pinte à cores, pode ser que assim consiga vender alguma coisa. Tenta viver disso. Minha filha. Eu não sei grande coisa sobre arte, de modo que não posso dizer se tem algum valor, mas está há anos pintando e não ficou rica, isso eu posso lhe assegurar.

— Eva Marie, disse Sejer em voz baixa.

— Eva, é isso! Você conhece a minha Eva? É possível? Removeu-se em sua cadeira, estava começando a ficar nervoso.

— Sim, um pouco, casualmente. Seus quadros são bons, se apressou Sejer a dizer. — O que acontece é que a gente reage com lentidão. Espere um pouco e verá como será conhecida. Coçou a queixo incrédulo. — Então você é o pai de Eva Magnus?

— Acaso tem isso algo de ruim?

— Não, respondeu Sejer. — E me diga, sua filha também usa o sobrenome Liland?

— Não. Chama-se Magnus. E a verdade é que não tem dinheiro para comprar um carro novo. É divorciada, vive sozinha com a filha, Emma, minha neta.

Sejer se levantou, não fez caso da expressão do rosto do velho e aproximou o rosto da pintura da parede. Olhou detidamente a assinatura: E. M. MAGNUS. As letras eram agudas e oblíquas. “Lembravam um pouco as antigas runas”, pensou, enquanto dava um olhar na nota. LILAND: exatamente as mesmas letras. Não precisava ser grafólogo para se dar conta. Respirou fundo.

— Você tem muitos motivos para ficar orgulhoso de sua filha. Mas eu precisava esclarecer esta nota. Então, não reconhece a letra? Perguntou Sejer. O velho não respondeu. Havia fechado a boca, como se de repente se sentisse muito assustado. Sejer voltou a colocar a nota no bolso. — Não quero atrapalhá-lo mais. Vejo que se trata de uma falsa pista.

— Atrapalhar-me? Você está louco? Acha que recebo muitas visitas?

— Então pode ser que volte a passar por aqui, disse Sejer com uma estudada ligeireza. Dirigiu-se lentamente para a porta para que o velho pudesse acompanhá-lo. Parou sobre a escada e olhou os campos lavrados. Parecia incrível ter topado com esse nome, Eva Marie Magnus. Como se ela tivesse algo a ver em tudo isso. Era estranho.

— Você se chama Sejer, não é? Disse de repente o velho. — É um sobrenome dinamarquês, não é?

— Sim, é.

- Não se criou em Haukervika?
- Sim. Voltou a responder, algo surpreso.
- Acho que me lembro de você. Um garoto magrinho que estava sempre se se coçando.
- Ainda me coço. Onde você morava?
- Em um casarão verde que havia atrás do campo de esportes. Eva adorava essa casa. Sejer assentiu com a cabeça. — Mas o que tem aí? O velho olhou pela janela de trás e descobriu o cachorro.
- É o meu cachorro.
- Caramba, é enorme!
- Sim, é grande, de verdade.
- Como se chama?
- Kollberg.
- Hem? Que nome estranho para um cachorro. Bem, bom, terá suas razões. Mas podia tê-lo deixado entrar.
- Nem todo o mundo se mostra entusiasmado.
- Mas eu sim. Tive um há muitos anos. Um dobermann. Na realidade era uma fêmea que chamava Dibah. Mas seu verdadeiro nome era Farah Dibah de Kyrkjebakken. Ouviu alguma vez algo pior?
- Não.

Sejer entrou no Peugeot e ligou o motor. “Está se estreitando o cerco ao seu redor, Eva”, pensou, “dentro de um par de minutos seu pai ligará, e lhe dará que pensar.” Que má sorte que sempre tivesse alguém que podia ligar e avisá-la!

- Vá devagar pelos campos, advertiu Larsgård. — Há muitos animais que cruzam a autoestrada.
- Sempre dirijo devagar. O carro já está velho.
- Não tanto quanto eu. E Larsgård se despediu de Sejer com a mão.

* * *

Vinte e Um

EVA FICOU com o telefone na mão. O policial havia encontrado a nota. Havia encontrado a nota depois de seis meses. A polícia tinha grafólogos que poderiam descobrir quem havia escrito, mas primeiro precisariam de algo com que comparar, para em seguida poder estudar cada curva, cada giro da caneta, cada pequeno ponto e cada listra; um desenho totalmente pessoal que revelaria o titular, com todos os seus traços de caráter e tendências neuróticas, inclusive talvez o sexo e a idade. Todas essas coisas se estudavam.

Sejer não demoraria muitos minutos em ir da casa de seu pai à dela. Precisaria se apressar. Soltou o telefone e se apoiou um instante contra a parede. Em seguida cruzou como sonâmbula a sala e se dirigiu à entrada. Apanhou o casaco e o deixou sobre a mesa de refeições junto a sua bolsa e um maço de cigarros. Depois foi correndo ao banheiro apanhar alguns artigos de asseio, colocou a escova e a pasta de dentes num saco, pôs também dentro uma escova de cabelo e um frasco de analgésicos. No quarto apanhou apressada alguma roupa do armário, meias, camisetas e calcinhas. Não parava de olhar o relógio. Foi à cozinha e abriu o congelador, apanhou um pacote em que tinha colada uma etiqueta onde havia escrito “Bacon”, e colocou-a no saco, voltou à sala, apagou as luzes e verificou se as janelas estavam bem fechadas. Não haviam se passado mais do que uns poucos minutos. Parou no meio da sala para dar uma última olhada. Não sabia para onde iria, só que precisava sair dali. Emma podia ficar com Jostein. Ficaria bem com ele, talvez fosse onde realmente desejaria estar. Esse pensamento paralisou-a por completo. Mas não podia começar a chorar nesse momento. Foi até a entrada, colocou o casaco e a bolsa no ombro e abriu a porta. Do lado de fora, na escada, havia um homem olhando-a fixamente. Eva jamais o havia visto.

* * *

Vinte e Dois

SEJER saiu do túnel com as sobrancelhas franzidas:

— Kollberg, disse, — Isso é realmente estranho. Colocou os óculos de sol. — Me pergunto por que sempre acabamos topando com essa mulher. Olhou a cidade, suja e cinzenta após o inverno. — O velho não tem nada a ver, disso estou certo. Terá quase oitenta anos, talvez mais. Mas que diabos iria querer uma artista elegante como ela de um vulgar trabalhador da fábrica de cerveja? Ele não tinha dinheiro. Está com fome, Kollberg?

— Au!

— Eu também. Mas precisamos chegarmos a Engelstad primeiro. Ao voltar para casa compraremos algo apetitoso no Seven Eleven. Uma costeleta de porco para mim e pensarei em algo para você. Kollberg resmungou. — Está bem, homem. Duas costeletas e uma cerveja para cada um.

O cachorro voltou a se deitar, feliz. Não entendeu nenhuma palavra, mas gostou do tom de seu dono quando pronunciara a última frase.

* * *

Vinte e Três

EVA OLHOU estupefata para o desconhecido. Atrás dele havia um Saab azul. Tampouco havia visto antes.

— Desculpe, gaguejou, — Confundi-o com outra pessoa.

— Ah, sim? Por que, Eva?

Eva pestanejou, insegura. De repente teve uma terrível suspeita. Chegou ao seu cérebro como um raio e seu rosto ficou branco, parecia de cartolina. Depois de seis meses havia aparecido a nota, não tinha nem ideia de onde. Depois de seis meses havia aparecido na sua casa o homem que estava esperando há tempos. Eva pensou que tinha desistido. Então ele deu um par de passos e se apoiou no marco da porta com uma mão. Eva podia sentir seu alento.

— Sabe o que encontrei num desvão noutro dia, organizando as coisas da Maja? Um quadro. Um quadro muito interessante; tinha a sua assinatura. Eu não havia reparado nisso. Maja mencionou-a na noite que me ligou, disse que tinham se encontrado no centro. Aquela noite, não é? Na noite antes de morrer. Uma velha amiga da infância, me disse. Uma dessas amigas às quais se conta tudo.

Soava como se sua voz viesse de um réptil, cavernosa e rouca.

— Não deveria ir espalhando seus quadros por todos os lados, com assinatura e tudo. Fui apanhar alguns móveis para vendê-los e lá estava. Estou à seis meses procurando-a. Não foi fácil, existem muitas Evas. O que aconteceu? Por acaso a tentação foi muito grande? Ela falou do dinheiro, não é? E em seguida você a matou. Eva precisou se apoiar na parede.

— Eu não a matei! O homem olhou-a com seus olhos rasgados.

— Pouco me importa! O dinheiro é meu!

Eva retrocedeu até a entrada e fechou a porta. Tinha fechadura de segurança. Foi cambaleando até a sala e ouviu como o homem manipulava a fechadura, suavemente no princípio, como se tivesse uma gazua. Eva não perdeu tempo. Desceu apressada ao porão, subiu com dificuldade no velho banco de carpinteiro e acionou o interruptor geral da luz. Tudo ficou imerso na escuridão. O homem colocou mais empenho no seu intento. Eva andou às cegas apalpando; havia uma porta estava há anos sem ser usada. Pode ser que estivesse fechada, talvez até com um cadeado, não se lembrava, mas ao menos dava para um jardim cheio de mato, e justo por trás havia o jardim do vizinho e uma passagem pela qual poderia escapar.

De cima chegavam rangidos cada vez mais furiosos e o som de algo metálico que penetrava na madeira. Pode ser que o homem estivesse utilizando um machado. Encontrou a barra que atravessava a porta e desejou que não estivesse trancada, forçou-a mas ela não se moveu nem um pouco. Rapidamente retirou um sapato e começou a bater no instante em que o homem conseguiu abrir a porta e entrou na sala.

Por fim, a barra cedeu. Levantou-a com cuidado, porque o homem havia parado. Estava muito quieto e escutava; a qualquer momento descobriria a escada do porão e imaginaria que ela estaria lá em baixo, oculta na escuridão, e que talvez dali tivesse um caminho para escapar. Enquanto ele estivesse quieto, ela não podia tentar abrir. Esperou que o homem voltasse a andar. E efetivamente, não demorou muito: ele se aproximou da escada arrastando os pés pelo assoalho. Eva voltou a colocar o sapato e empurrou a porta com o ombro confiando que não faria barulho. Mas fez, um som que retumbou em todo o porão. A única coisa que a separava do jardim agora era um postigo; pensou que estaria aberto, nunca costumava fechá-lo, de maneira que subiu os quatro degraus e começou a empurrá-lo com o ombro, quando ouviu os passos do homem na escada. Já havia adivinhado por onde ela pretendia escapar. Ele apressou o passo; Eva continuava empurrando o postigo com o ombro. Abriu-se uma pequena fenda, mas voltou a se fechar. Através da pequena abertura, podia ver que alguém havia metido um sarrafo pelos anéis metálicos do lado de fora. Talvez Jostein o fizesse, sempre tão prático. Mas se era um sarrafo de madeira se quebraria, então continuou empurrando com o ombro; a fresta estava ficando mais larga, mas Eva tinha a sensação de que seu ombro se romperia antes do sarrafo. Estava entumecendo, quase não o sentia, mas continuou. De repente viu o pé do homem no primeiro degrau: um sapato claro e os dentes brancos brilhando na escuridão.

O homem deu um par de passos e esticou um braço. Eva empurrou o postigo com o ombro com todas as suas forças e nesse instante, o sarrafo quebrou e o postigo se abriu com um grande estrondo. Ela caiu na escadinha, se levantou e tentou começar a correr, mas nesse momento notou as mãos do homem ao redor de seu tornozelo; ele começou a puxar o seu pé para si; o queixo de Eva batia nos degraus. O chão de cimento estava gelado. Já não sentia o ombro. Sangrava no interior da boca. O homem lhe soltou o pé. Eva ficou de bruços. O homem estava sobre ela, com um pé de cada lado; podia notar seu olor de colônia pós-barba, um estranho e desconhecido olor nesse porão bolorento. Os pensamentos chegavam em ondas; pensou: “Não é muito grande, está magro e parece fraco, e o postigo está aberto. Eu tenho as pernas mais longas, se conseguir pegá-lo de surpresa...”.

— Não se mova, resmungou o desconhecido.

Eva tentou traçar um plano. Precisava inventar algo, romper a concentração do homem, desconsertá-lo. A escada que subia para o jardim tinha quatro degraus, se fosse capaz de subi-los de dois em dois...

— Se me disser onde está escondido o dinheiro, não lhe acontecerá nada. A voz do homem soava quase como um consolo. — Mas, se não me contar, se verá num grande aperto.

O homem acendeu um fósforo. Eva engoliu uma incipiente náusea e tentou calcular quantos segundos necessitaria para se colocar de pé, sair correndo e atravessar o jardim do vizinho. Repassou o movimento mentalmente: encolher as pernas e os braços, se levantar de um salto, subir os degraus,

cruzar o jardim, sair à rua, onde se confundiria entre o trânsito e a gente.

— Não escutei, disse o homem com voz rouca.

— Naturalmente, não está aqui, gemeu Eva. — Não pensou que estaria aqui, não é? Ele riu em voz baixa.

— Pouco me importa onde esteja, desde que me indique o caminho.

Como poderia surpreender esse homem? Perguntou-se; alguma ação inesperada, talvez um grito estridente, esse grito que nunca chega a sair quando se está angustiada, esse grito que se prende na garganta. Um grito. Talvez o paralisasse durante dois segundos, tempo suficiente para poder se levantar do chão. Eva levantou a cabeça.

— E aí? Disse o homem. Eva encheu seus pulmões de ar e tomou impulso.

O fósforo apagou. Então ela gritou. As paredes do porão devolveram seu grito em golpes estridentes de aposento em aposento. Eva se levantou de um salto, apanhou mais ar, voltou a gritar e começou a correr. Ele saiu correndo atrás; justo quando ela subia os quatro degraus de dois saltos. Eva cruzou o jardim; notava o ar na pele e no cabelo, e ouviu como se soltava de seu casaco e a respiração do homem atrás dela; acelerou o passo, rodeou a casa do vizinho, saiu para a rua, que estava muito tranquila, entrou em outro jardim, tudo muito depressa graças a suas longas pernas, as dores e o medo, que lhe davam forças. Ouviu os passos do homem só a uns metros, deu uma volta redor da casa, topou com um novo jardim; podia atravessá-lo e continuar sua corrida, mas mudou de ideia, optou por dar a volta na casa e parou na outra esquina, justo a tempo de vê-lo chegar; ele pensaria que teria atravessado, mas enganou-o e foi para a rua; continuou correndo pela vala para que os sapatos não soassem no asfalto; viu a autoestrada nacional ao longe e também os primeiros carros, acelerou de novo, já não olhava para trás, mas continuava correndo sem alento e com os pulmões a ponto de explodir. Por fim viu um carro que ia devagar. Eva saiu de um pulo para a autoestrada e ouviu o chiar os freios. Caiu como um saco sobre o capô.

Sejer olhou-a surpreso através do vidro dianteiro. Passaram-se uns segundos até que a mulher o reconheceu. Então deu a volta de repente, cruzou a autoestrada a toda velocidade e entrou em um jardim do outro lado. Ouviu quando o carro de Sejer saía da autoestrada e parava, abria uma porta e ouviu os passos do policial na calçada. As forças de Eva estavam se esgotando, mas continuava correndo. Sejer a perseguiu pelo jardim, correndo pelo cascalho, ela ouvia-o claramente apesar dos zumbidos de seus ouvidos e também outro som, um som familiar que a deixou sem respiração: o cachorro, Kollberg, queria participar da brincadeira. Ao ver o seu dono correr se mostrou entusiasmado, e não demorou mais de dois segundos em alcançá-lo. Colocou-se a mover feliz o rabo, a saltar e a puxar seu casaco, quando, de repente notou a mulher que ia correndo adiante, pelo jardim semiescuro, com a camisa revolteando. O cachorro se esqueceu de Sejer e começou a perseguir Eva. Ela se virou e viu o grande cachorro com a boca vermelha, de onde saía fumaça e vapor, a língua se movimentando de um lado a outro como um pêndulo.

Ela já não pensava em Sejer, mas fugia do cachorro, daqueles dentes amarelos e daquelas enormes patas que dando longos pulos abriam caminho pelo relvado molhado, diminuindo a distância em grandes pulos. Entre as velhas árvores do jardim havia uma casinha de brinquedo. Eva se

precipitou para ela fazendo um último esforço, abriu a porta violentamente e fechou-a atrás de si. Ali dentro se sentia a salvo do cachorro, ali não podia alcançá-la. Sejer relaxou e se aproximou a passo lento da minúscula casinha. Acariciou o cachorro que voltava decepcionado, mas que em seguida ficou contente de novo, e foi saltando na frente de Sejer até a porta. Sejer abriu-a com cuidado. A mulher estava sentada no chão com os joelhos contra o queixo, junto a uma mesa. Sobre uma toalha branca havia uma cafeteira minúscula e duas xícaras de porcelana branca.

— Eva Magnus, disse em voz baixa, — Tenha a bondade de me acompanhar à delegacia.

* * *

Vinte e Quatro

EVA VOLTOU à realidade. Olhou para Sejer, assustada de que continuasse ali sentado. Sejer poderia ter dito que fosse direto ao ponto, mas não o fez. Tinha todo o tempo do mundo. A situação dela era pior. Continuava de casaco e colocou a mão no bolso como procurando algo.

— Um cigarro? Perguntou Sejer, apanhando o maço que nunca usava.

Acendeu-lhe o cigarro sem dizer nada, observando a mulher, que tentava se concentrar, procurar um princípio, um bom ponto de onde começar. O sangue estava coagulando ao redor da boca e o lábio inferior estava inchado. Não podia voltar para casa; por isso decidiu começar pelo princípio, pelo dia em que Emma havia saído de férias e ela apanhou o ônibus para o centro. De repente se encontrou na Nedre Storgate, de costas para as lojas Glassmagasinet, gelada de frio, com trinta e nove coroas no bolso e um saco plástico numa mão; com a outra segurava e fechava a gola do casaco. Era o último dia de setembro e fazia muito frio.

Passava de onze da manhã, deveria estar em casa trabalhando, mas havia fugido dela. Primeiro havia ligado para a companhia elétrica e em seguida à telefônica pedindo clemência por mais um par de dias, prometendo que pagaria em seguida. Não cortariam a luz porque tinha uma filha pequena, mas o telefone seria desligado no transcurso do dia. Se a casa pegasse fogo não teria outra solução a não ser viver entre as ruínas, porque não havia pago o seguro. Todas as semanas encontrava na caixa de correio um aviso de cobrança por via executiva. A geladeira estava vazia. Essas trinta e nove coroas era tudo o que possuía. Na casa se amontoavam os quadros de vários anos de trabalho, que ninguém queria comprar.

Olhou para a esquerda, para a praça, onde se destacava o cartaz luminoso da Caixa Econômica, que haviam colocado ali há uns meses atrás. Um homem não precisara mais de dois minutos para conseguir quatrocentas mil coroas. “Quer dizer, uns cem segundos”, pensou Eva. Sacudiu a cabeça com resignação, olhou de soslaio para a loja e o saco plástico, que continha um tubo de spray fixador. Havia custado cento e duas coroas e estava defeituoso. Algo acontecera à válvula e não saía nada, ou o que era pior, de repente o líquido saía a jorros e estragava os quadros, como acontecera com aquele esboço do seu pai que havia saído tão bom. Não tinha dinheiro para comprar um novo, precisava trocá-lo. Com as coroas que restavam, podia comprar leite, pão, café, e nada mais. O problema era que Emma comia como uma desesperada e um pão não durava nada.

Havia ligado para o Conselho Estatal de Artistas, onde informaram de que a subvenção chegaria “um dia destes”, o que significava que podia demorar mais uma semana. Não sabia do que ia viver no dia seguinte. Este fato não a fazia sentir pânico, não a fazia perder a razão, já que estava acostumada a

viver por dia, assim havia sido durante anos, desde que ficara sozinha com Emma, sem um marido que trouxesse dinheiro. Algo apareceria, sempre surgia uma coisa ou outra. Mas a preocupação tinha se agarrado ao peito como se fosse um cepo, e com os anos ia deixando-a oca por dentro. De vez em quando começava a tremer e ouvia ruídos longínquos, como os de um terremoto em evolução. A única coisa que a mantinha flutuando era se ocupar de que Emma não passasse fome. Enquanto tivesse Emma, teria uma âncora. Nesse dia, Emma estava com o pai, e Eva procurava algo a que se agarrar. A única coisa que tinha era o saco plástico.

Eva era alta e obstinada, mas agora também pálida e assustada, mas todos esses anos de privação haviam ensinado a utilizar a imaginação. “Talvez pudesse exigir que devolvessem o dinheiro em lugar de darem um novo tubo”, pensou. Assim teria cento e duas coroas à mais para comida; o único problema era que tinha um pouco de vergonha de pedir. Era pintora, precisava do fixador e o dono da loja sabia. Quem sabe devesse entrar na loja como uma fúria, armar um escândalo, se comportar como um cliente difícil e ameaçar com a Organização de Consumidores, gritar e chiar. O dono da loja compreenderia o que acontecera, que estava desesperada e devolveria o dinheiro; era um homem amável, como foi Tanguito quando cortou um camarão rosa de um lençol de Van Gogh como pagamento. A diferença era que Van Gogh havia comprado um tubo de tinta, porque a comida pouco lhe importava. A ela, na realidade, também, mas tinha uma filha com uma fome insaciável. Armou-se de coragem, cruzou a rua e entrou na loja. Dentro não fazia frio, era agradável e cheirava como na sua casa. Atrás do balcão da seção de perfumaria havia uma jovem folheando um folheto para tintas de cabelo. Não se via o dono da loja em nenhum lugar.

— Venho devolver isso, disse Eva com determinação, — A válvula do spray não funciona. Quero que me devolvam o dinheiro. Com gesto mal-humorado, a jovem apanhou o saco.

— É impossível que tenha comprado aqui, disse em tom arisco. — Não temos esse tipo de laca de cabelo. Eva revirou os olhos.

— Não é uma laca de cabelo, é um fixador, disse com resignação. — Estraguei um esboço muito bom por culpa deste tubo. A jovem se ruborizou, levantou o tubo e tentou dar spray por cima da cabeça de Eva, mas não saiu nada.

— Darei-lhe um novo, disse secamente.

— Quero o dinheiro, replicou Eva com tenacidade. — Conheço o chefe. Ele me daria o dinheiro.

— E por quê? Perguntou a jovem.

— Porque eu exijo. Isso se chama serviço ao cliente. A garota suspirou; não estava há muito tempo atrás do balcão e além disso, era vinte anos mais jovem que Eva. Abriu a caixa, apanhou uma nota de cem coroas e duas moedas de uma.

— Terá que assinar um recibo.

Eva assinou, apanhou o dinheiro e saiu da loja. Tentou relaxar. Com isso teria para um par de dias à mais. Fez cálculos mentalmente e chegou a cento e quarenta e uma coroas, quase para se permitir um café na cafeteria das lojas Glassmagasinet, se não a obrigassem a comer. Cruzou a rua e entrou pela porta dupla de vidro, que se abriu hospitaleiramente. Antes de se dirigir a escada rolante deu uma olhada na seção de livros e papelaria, onde notou uma mulher que estava de costas, junto a um dos estandes; uma mulher morena, com cabelo curto e sobrancelhas negras. Estava muito quieta folheando um livro. De repente se virou. Havia se passado muitos anos, mas seu rosto era

inconfundível.

Eva parou, não acreditava em seus olhos. Deu marcha-a-ré em sua memória, uma vertiginosa marcha-a-ré para muitíssimos anos atrás, até o dia em que fez quinze anos e estava sentada na escada de pedra de sua casa. Todos os seus pertences haviam sido embalados em caixas e colocados em um caminhão. Eva olhava-o fixamente, incapaz de entender como podia caber tudo em um pequeno caminhão, quando a casa, a garagem e o porão sempre haviam estado cheios de trastes. Estavam se mudando. Era uma sensação muito desagradável, como se não fossem de nenhum lugar. Ela não queria se mudar. O pai andava por ali com o olhar errante, como se tivesse medo de esquecer alguma coisa. Por fim havia encontrado um trabalho, mas não era capaz de se encontrar com o olhar de Eva. Ouviram-se passos no cascalho e uma figura familiar apareceu na quina da casa.

— Vim me despedir, disse Maja. Eva assentiu com a cabeça. — Poderemos nos escrever, não é? Nunca tive ninguém para quem escrever cartas. Voltará nas férias de verão?

— Não sei, murmurou Eva.

Jamais voltaria a ter outra amiga, disso estava certa. Maja e ela haviam se criado juntas, haviam compartilhado tudo. Ninguém além de Maja sabia como ela era. O futuro era uma triste paisagem cinzenta; tinha vontade de chorar. A amiga lhe deu um rápido e tímido abraço e desapareceu. Isso fazia quase vinte e cinco anos, e desde então não haviam se voltado a ver.

— Maja? Disse interrogativamente e cheia de expectativa. A mulher se virou e tentou localizar de onde vinha a voz, quando descobriu Eva. Abriu os olhos como pratos e cruzou o local a grande velocidade.

— Meu Deus, eu não posso acreditar! Eva Marie! Como está alta!

— E você é mais baixa do que me lembro!

E se calaram um instante, de repente tímidas, enquanto se escrutinavam mutuamente para não deixar escapar nenhum detalhe. Em todos aqueles silêncios, nas impressões que haviam deixado os anos passados, nas rugas da outra reconhecendo cada uma seu próprios declives; em seguida procuraram toda a lembrança que ainda permanecera. Maja disse:

— Vamos nos sentar na cafeteria. Venha, precisamos conversar, Eva. Então continua morando aqui? De verdade continua morando aqui?

Maja lhe colocou um braço ao redor da cintura e a empurrou para frente, ainda espantada, mas tendo recuperado já seu velho eu, tal e como Eva a recordava: rápida, conversadora, decidida e sempre alegre; em outras palavras, justo o contrário dela. Havia se complementado. Deus, como haviam se necessitado a uma à outra!

— Nunca consegui sair, respondeu Eva. — Este lugar é nefasto para viver, nunca deveríamos ter feito aquela mudança.

— É como quando éramos meninas, ria Maja, — Sempre tão desanimada. Venha, vamos nos sentar nessa mesa junto à janela. Apressaram-se e se deixaram cair sobre as cadeiras. Maja se voltou a levantar.

- Fique aqui para que não nos retirem o lugar, enquanto eu vou pedir. O que quer beber?
- Somente café.
- Precisa de um bom pedaço de torta, protestou Maja, — Está mais magra que nunca.
- Não posso me permitir. Escapou sem que lhe desse tempo de pensar.
- Ah, não? Mas eu sim.

Maja desapareceu e Eva a viu se servir uma generosa porção no mostrador do autosserviço. Que vergonha ter que dizer que não podia se permitir um pedaço de torta, mas não estava acostumada a mentir para Maja. A verdade saiu por si só. Não podia acreditar que Maja estivesse ali mesmo colocando café. Os vinte e cinco anos haviam se apagado, e Maja de longe continuava tendo o aspecto de uma jovem. “Têm-se menos rugas quando se é um pouco cheinha”, pensou Eva com ciúme ao retirar o casaco. Ela nunca havia se importado com alimento. Só comia quando a fome ficava fisicamente desagradável e afetava a concentração. O resto do tempo vivia de café, cigarros e vinho tinto. Maja voltou, deixou a bandeja sobre a mesa e colocou um prato na frente de Eva: vários doces e uma grande fatia de torta de creme.

- Não vou poder com tudo, disse Eva.
- Faça um esforço, respondeu Maja com firmeza. — Só é questão de se acostumar. Quanto mais se come, maior fica estômago, e mais alimentos precisa para se encher. Num par de dias se consegue. Já não tem vinte anos, não é? É preferível ter um quilo ou dois a mais quando se aproxima dos quarenta. Meu Deus, nós já estamos quase fazendo quarenta!

Maja cortou a torta de creme com a faca e o creme saiu pelas bordas. Eva olhou-a fixamente e sentiu como Maja ia tomando as rédeas para que ela, Eva, pudesse descansar, relaxar e fazer só o que lhe dissessem, como quando eram meninas. Ao mesmo tempo observou nos dedos de Maja, seus anéis de ouro, as pulseiras que tilintavam em seus pulsos. Tinha aspecto de milionária.

- Há um ano e meio que moro aqui, disse Maja. — É incrível que não nos tenhamos visto!
- Quase nunca venho ao centro. Não tenho muito para fazer aqui. Moro em Engelstad.
- Casada? Perguntou Maja prudentemente.
- Fui. Tenho uma filha pequena, Emma. Bem, não realidade já não é tão pequena. Agora está com o pai.
- Então vive sozinha com sua filha?

Maja ia colocando as coisas em seu lugar. Eva sentiu que se encolhia. Dito assim, soava muito pobre, a escassez com certeza que se notaria de fora. Ela comprava a roupa nas lojas Elevator, enquanto Maja estava elegantemente vestida: casaco, botas de couro e calças Levis. Essa roupa custaria uma fortuna.

- Não teve filhos? Perguntou Eva, colocando uma mão debaixo do guardanapo porque caíam algumas migalhas.
- Não. Para que os quero?
- Se ocuparão de você quando for mais velha, respondeu Eva simplesmente. — E serão seu consolo e apoio quando se aproximar do fim.
- Eva Marie, não mudou nada. Pensando já na velhice! Não me diga que essa é a razão pela

qual as pessoas querem ter filhos.

Eva começou a rir. Sentia-se como uma menina de novo, transportada aos tempos em que ficavam juntas todos os dias, em todos seus tempos livres. Exceto durante as férias de verão, em que seus pais a enviavam ao campo, para a casa do seu tio. “Eram certamente férias insuportáveis”, pensou, “insuportáveis sem Maja”.

— Algum dia se arrependerá.

— Eu não me arrependo nunca.

— Imagino que não. Eu me arrependo de quase tudo neste mundo.

— Precisa deixar de ser assim, Eva Marie. É nocivo para a saúde.

— Mas não me arrependo de Emma, claro.

— Imagino que não, que ninguém se arrepende de seus filhos. Por que não continua casada?

— Ele encontrou outra e foi embora. Maja fez um gesto negativo com a cabeça.

— E conhecendo-a, tenho certeza que o ajudou a fazer as malas.

— Sim, foi assim. Era tão pouco acostumado... Além disso, era melhor do que ficar sentada com os braços cruzados vendo como os móveis desapareciam.

— Eu teria fugido para a casa de uma amiga e aberto uma garrafa.

— Não tenho amigas.

Comeram os doces em silêncio. De vez em quando sacudiam a cabeça como se não fossem capazes de entender que o destino tivesse voltado a reuni-las. Tinham tanto do que falar que não sabiam por onde começar. No seu interior, Eva continuava sentada naquela escada olhando o caminho verde da mudança.

— Nunca respondeu as minhas cartas, disse Maja de repente. Ficara ofendida.

— É verdade, meu pai me dava força para que escrevesse, mas eu me negava. Estava amargurada e mal-humorada porque haviam obrigado a me mudar. Imagino que queria me vingar dele.

— Mas eu é que paguei.

— Sim, sou muito pervertida para isso. Continua fumando? Perguntou, procurando cigarros em sua bolsa.

— Como uma chaminé, mas não essa porcaria que você fuma. Maja apanhou de sua bolsa um maço de cigarros de enrolar e se colocou a enrolar um cigarro. — De que vive?

O desespero se refletiu nas faces de Eva. Era uma pergunta inocente, mas a odiava. De repente se sentiu tentada a responder com uma pequena mentira, mas era muito difícil enganar Maja.

— O mesmo eu me pergunto. Não faço grande coisa, por assim dizer. Pinto. Maja levantou as sobrancelhas.

— Artista, então?

— Imagino que sim, ainda que a maior parte das pessoas não está de acordo comigo. Quero dizer que não vendo muito, mas considero uma situação transitória. Se não, não continuaria pintando, imagino.

— Mas não trabalha?

— Trabalhar? Eva ficou boquiaberta. — Acha que os quadros se pintam sozinhos? Claro que

trabalho! E não são só oito horas por dia. O trabalho me persegue até debaixo do edredom as noites. Nunca me deixa em paz. É tão absorvente que preciso me levantar constantemente para fazer mudanças. Maja sorriu.

— Perdoe que tenha me expressado tão mal. Queria perguntar se tinha algum trabalhinho por fora, com um salário fixo.

— Então não teria tempo para pintar, disse Eva mal-humorada.

— Claro, entendo. Demora-se para terminar um quadro, não é?

— Aproximadamente meio ano.

— São tão grandes assim?

Eva suspirou e acendeu o cigarro. Maja tinha as mãos muito arrumadas, com as unhas pintadas de cor vermelho sangue. As dela estavam horríveis.

— As pessoas não entendem como é difícil, disse com resignação. — Achem que colhemos frutas maduras em algum jardim secreto.

— Eu não entendo disso, disse Maja em voz baixa. — Mas estranho que as pessoas escolham esse tipo de vida se é tão difícil, tendo filhos e tudo.

— Eu não a escolhi.

— Não?

— Não, não realmente. Se é artista porque não se tem outra solução, porque não existem outras alternativas.

— Isso tampouco entendo. Todo o mundo tem alternativa, não é? Eva desistiu de continuar dando explicações. Havia comido os doces para contentar Maja e estava começando a sentir náuseas.

— Conte-me o que faz você. Seja o que for, ganha mais do que eu. Maja acendeu o cigarro enrolado.

— Com certeza. Como você, sou autônoma. Dirijo uma pequena empresa com um só empregado, que sou eu. Trabalho dura e decididamente para acumular uma certa soma de dinheiro. De fato, penso em parar no ano novo. Então irei para o norte da França e abrirei um pequeno hotel. Talvez na Normandia. É um velho sonho. Eva fumava, esperando o resto. — É um trabalho duro, e requer bastante autodisciplina, mas vale a pena. É um caminho para chegar à meta, assim simples. E não me renderei até ter conseguido o que quero.

— Não é difícil imaginar.

— Se fosse de outra maneira, Eva, sugeriria que você fosse minha sócia. Inclinou-se sobre a mesa. — Sem capital próprio. Com formação a cargo da empresa. E poderia ganhar uma fortuna em um tempo recorde. Deveria pensar nisso. Poderia economizar para montar sua própria galeria. Poderia conseguir em, digamos, uns dois anos. Todos os demais caminhos à meta são rodeios, eu afirmo.

— Que faz exatamente? Eva olhou estranhada para sua amiga. Maja havia feito uma bola com o guardanapo enquanto falava, mas nesse momento olhou fixamente para Eva.

— Podemos dizer que é uma forma de serviço ao cliente. Ligam pelo telefone para marcar hora, e eu os recebo. Sabe como é? As pessoas tem infinidade de necessidades de distinta índole, e este buraco no mercado é um verdadeiro abismo. Mais ou menos como a fossa das Marianas no Pacífico, eu acho. Mas para dizer claramente, imagino que sou uma espécie de rameira. Quer dizer, uma puta das antigas. Eva se ruborizou. Devia ter ouvido mal, ou Maja estava brincando com ela, como sempre.

— O que está dizendo? Maja sorriu entre dentes e sacudiu a cinza do cigarro.

Eva não conseguia parar de olhá-la; viu com outros olhos as joias, a roupa cara, o relógio de pulso e a carteira, que repousava agressivamente na mesa, junto à xícara de café. E em seguida olhou de novo para o rosto de Maja¹, como se fosse a primeira vez que a via.

— Sempre foi fácil assustá-la, disse Maja secamente.

— Sim, sinceramente, vai me perdoar, mas realmente me deixou surpresa. Tentou recuperar o controle. A conversa estava entrando em uma paisagem desconhecida, e tentou se orientar. — Bom, mas não faz a rua... Quero dizer, não tem pinta disso.

— Não, Eva Marie, isso não. Tampouco sou viciada. Trabalho duramente, como qualquer um, exceto que não pago impostos.

— Muita gente sabe?

— Só meus clientes, e não são muitos. A maioria é fixa. Na realidade funciona bem, corre a voz pequena e o negócio floresce. Não me incho de orgulho, mas tampouco me envergonho. Calou-se um instante. — Que acha, Eva? Devo me envergonhar?

Eva negou com a cabeça, mas a mera ideia, as primeiras confusas e centelhantes imagens que surgiam em seu interior ao pensar em Maja e sua atividade e ela mesma em semelhante situação, lhe revoltavam as tripas.

— Não, meu Deus, não sei. Foi tão... Tão inesperado. Não compreendo que seja obrigada a fazê-lo.

— Não sou obrigada. Escolhi assim.

— Mas como pode ter escolhido algo assim?

— Muito simples: muito dinheiro em pouco tempo, e sem ter que pagar impostos.

— Mas... E sua saúde! Quero dizer, o que faz com sua autoestima quando se entrega a todos?

— Não entrego nada, vendo. Além disso, é preciso separar o trabalho da vida particular; e para mim não custa nenhum esforço. Maja sorriu e Eva se deu conta de que suas olheiras haviam se aprofundado com os anos.

— Mas, e se tivesse um marido, o que ele diria?

— Precitaria aceitar ou o largaria, respondeu secamente.

— Mas é uma carga muito pesada para suportar ano após ano, não é? Deve ter muita gente à qual não se pode dizer.

— Você não tem segredos nesta vida? Todo o mundo tem. Além disso, não mudou nada, adicionou. — Tudo se complica quando se faz muitas perguntas. O que eu quero é um pequeno hotel na costa, talvez na Normandia. O que mais gostaria seria de uma casa velha que eu mesma pudesse comprar e reformar. Preciso de um par de milhões, mas no ano novo já terei, e então irei embora.

— Um par de milhões? Eva se sentia totalmente desnorteada.

— Além disso, aprendi muitas coisas.

— Que se pode aprender nisso?

— Bom, um pouco de tudo. Se você soubesse... Muito mais do que se aprende pintando, imagino. Se aprender algo, será só sobre você mesma. Em minha opinião, é um pouco egoísta isso de ser artista. Investigar a si mesma, ou algo assim, em lugar das pessoas que as rodeiam.

— Está falando igual ao meu pai.

— Como ele está?

— Regular. Está sozinho.

— Ah, sim? Não sabia. E sua mãe?

— Contarei em outra ocasião. Calaram-se e deixaram vagar os pensamentos. Vistas de fora não tinham nada a ver uma com a outra; só um olho arguto descobriria as ligações que existiam entre elas.

— No aspecto de trabalho somos umas marginais, imagino, disse Maja, — Mas eu ao menos ganho dinheiro; para isso trabalhamos, não é? Se não tivesse dinheiro para comer um doce em uma cafeteria, não conseguiria sobreviver. Quero dizer, o que faz você com sua autoestima? Eva precisou sorrir ligeiramente ante essa frase que lhe era devolvida.

— Estou no fim, disse de repente. Não tinha forças para continuar dissimulando. — Tenho cento e quarenta coroas na carteira e faturas sem pagar no valor de dez mil na gaveta. Hoje me cortam o telefone, e não paguei o aluguel da casa. Mas estou esperando um dinheiro, está chegando. Do Conselho Estatal de Artistas.

— De maneira que vive graças ao auxílio social?

— Por Deus, claro que não! Eva perdeu o controle. — Vou receber esse dinheiro porque meu trabalho foi considerado importante e prometedor, e isso me dá a possibilidade de continuar trabalhando e evoluindo para que antes ou depois consiga sobreviver sozinha de meu trabalho artístico. Uma mensagem chegou.

— Perdoe-me, disse Maja mansamente. — É que desconheço esse mundo. Então é positivo receber essa subvenção?

— Naturalmente! É ao que todo o mundo aspira.

— Pois eu não recebo nenhuma subvenção do Estado.

— Nem lhe faz falta.

— Vou apanhar mais café.

Eva pegou outro cigarro e seguiu com a vista a figura de sua amiga. Não concebia que Maja tivesse se convertido nisso; essa Maja a quem acreditava conhecer tão bem. Mas ganhar um par de milhões não era mal. Seria não é? Era tão fácil? Pensou em tudo o que poderia fazer com dois milhões. Poderia pagar todas as dívidas, montar uma pequena galeria. Não, não podia ser verdade, dois milhões. Pode ser que Maja exagerasse, ainda que não costumasse mentir. Nunca mentiam a uma à outra.

— Tome! Espero que não se engasgue com o café, agora que sabe de onde vem o dinheiro. Eva começou a rir.

— Não, curiosamente me cai bem, sorriu.

— É o que eu pensava. É curioso, não é? Mas se essa é a essência do assunto; o que nos empurra para frente é o que necessitamos, o que desejamos. E quando alcançamos nossas metas ficamos satisfeitas por algum tempo e em seguida perseguimos outras novas. Ao menos é o que eu faço. De essa forma sinto que estou viva, que aconteceu alguma coisa e que sigo adiante. Quero dizer, quanto tempo está no mesmo degrau? Artística e economicamente?

— Ah, bastante tempo. Ao menos dez anos.

— E os anos não passam em vão. Sua situação não parece muito animadora. O que pinta? Paisagens? Eva tomou um gole de café e se preparou para um longo discurso de autodefesa.

— Abstrato. Pinto em branco e preto, e os matizes intermediários. Maja concordou

pacientemente. — Tenho uma técnica própria que vem evoluindo com os anos, prosseguiu Eva. — Coloco uma tela, dou uma primeira camada de branco e em seguida uma camada de cinza claro, uma camada grossa, e quando seca passo outra camada de um cinzento mais escuro. Quando esta seca, passo mais outra camada ainda mais escura, e assim até acabar com o preto. Em seguida deixo secar durante muito tempo. Ao final me encontro ante uma grande superfície negra, e preciso entrar nela para obter luz.

Maja escutava com uma expressão cortês.

— Então é quando começo a trabalhar, continuou Eva, e começou a aparecer sua paixão. Não era muito frequente que alguém a escutasse desse modo; era maravilhoso, precisava aproveitar a ocasião. — Trabalho com um antigo raspador de pintura e com uma escova de aço, ou, às vezes, com lixa e faca. Ao raspar ligeiramente encontro matizes cinzentos, e quando raspo com força chego até o branco e obtenho muita luz.

— Mas o que representa?

— Não sei se consigo responder a essa pergunta. Quem olha o quadro deve decidir que está vendo. É como se tudo fosse surgindo por si só. Não é mais que luz e sombra, luz e sombra. Gosto dos meus quadros, me parecem bons. Sei que sou uma grande pintora, disse com obstinação.

— Ao menos não é modesta.

— Não. É “A necessária dureza do egoísta produtivo”. Falo de Charles Morice.

— Acho que não a acompanho. Parece interessante, mas não serve de nada se ninguém compra os quadros.

— Não posso pintar os quadros que as pessoas querem, disse Eva com desalento. — Preciso pintar os quadros que eu quero. Se não, não é arte. Não são mais que encargos, ilustrações que as pessoas querem ter penduradas sobre o sofá.

— Tenho alguns quadros em minha casa, disse Maja com um sorriso. — Gostaria de saber o que acha deles.

— Mmm... Conhecendo-a, com certeza são bonitos, quadros ricos em cor, de pássaros, flores e coisas do gênero.

— Não está errada. Acha que devo me envergonhar?

— Deve, sobretudo se pagou muito por eles.

— Sim, foi assim. Eva riu entre dentes. — Eu achava que os pintores usavam pincel, disse Maja de repente. — Nunca usa pincel?

— Nunca. Da forma que eu trabalho, tudo está lá quando começo a raspar, toda a luz e toda a escuridão. A única coisa que preciso fazer é ir descobrindo, procurando. É emocionante, porque não sei muito bem o que vou encontrar. Já tentei pintar com pincel, mas não funcionou, é como uma prolongação artificial do meu braço, não consigo me aproximar do que eu quero. Todo o mundo encontra sua técnica, e eu encontrei a minha. Meus quadros não se parecem aos do resto. Preciso continuar assim. Antes ou depois chegarei a alguma pessoa, a algum marchand que se apaixone pelo que faço, me dê uma oportunidade e me permita fazer uma exposição individual. Preciso umas quantas boas críticas na imprensa e talvez uma entrevista; em seguida começará a correr a voz pequena. Estou segura disso, não penso em me render!

Sua teimosia ia crescendo enquanto falava, lhe proporcionava bons sentimentos.

— Não poderia trabalhar em algo, ter um trabalho normal e comum, quero dizer, com o fim de dispor de um dinheiro fixo? Poderia continuar pintando nas noites, se quisesse.

— Dois trabalhos? Eu sozinha com Emma? Não sou uma supermulher, Maja.

— Eu também tenho dois trabalhos; alguma coisa eu preciso colocar na declaração de renda.

— Que tipo de trabalho faz?

— Trabalho no centro de acolhida de mulheres maltratadas. O paradoxo da situação fez Eva rir.

— Não existe nenhuma incompatibilidade nisso. Faço um bom trabalho, disse Maja com firmeza.

— Não duvido. Imagino que é um trabalho bem na sua medida. Mas estou certa de que seus colegas não sabem o que faz.

— Claro que não, mas estou melhor preparada que a maioria das garotas. Conheço os homens, e conheço seus motivos.

Continuaram tomando café sem se preocupar do que acontecia ao seu redor, das pessoas que iam e vinham, das mesas que limpavam e voltavam a ser ocupadas, do ruído do trânsito vindo do exterior. Era como sempre havia sido quando estavam juntas, se esqueciam de todo o resto.

— Lembra-se de quando jogamos fécula de batata no monumento para fazer medusas de vidro? Riu-se Eva.

— E se lembra de quando jogamos mel na urticária de Strande? Disse Maja, — E apareceram dezessete abelhas?

— Claro que me lembro, sorriu Eva. — Você me levou para casa num carrinho de mão, e ia me xingando porque eu não parava de gritar. Que tempos aqueles...! Tive quarenta e um de febre. Foi quando meu pai decidiu nos separar. Não sei como me aguentou, como não se cansou de me arrastar para todos os lados. Nem sequer os garotos eram capazes de me procurar.

— Não. Bastava os que eu conseguia. Imagino que nem todos valiam a pena.

— Claro que não. Você ficava com os mais bonitos e eu com o amigos. Mas se não fosse por você, continuaria virgem. Maja a olhou de soslaio.

— Na realidade é muito bonita, Eva. Deveria se fazer de modelo para algum pintor em lugar de pintar.

— Essa é boa... Sabe o que ganham?

— Pelo menos seria um dinheiro fixo. De qualquer forma, não seria difícil conseguir clientes se se deixasse tentar por mim e se convertesse em minha sócia. Nunca vi uma garota com umas pernas tão longas como as suas. Encontra calças suficientemente compridas?

— Sempre uso camisa. De repente, Eva começou a rir histericamente.

— Que foi?

— Lembra-se da senhora Skollenborg?

— Falemos de outra coisa! Fez-se silêncio.

— Forçosamente tem que abrir esse hotel na Normandia?

— Sim, aqui, neste país de ciumentos não se pode montar nada.

— Então vou perdê-la outra vez, agora que acabo de encontrá-la?

— Pode vir comigo. França é o lugar ideal para uma artista como você, não é?

— Sabe que não posso.

— Não, não sei.

— Sabe que tenho Emma. Tem só seis anos, rapidamente fará sete. Agora vai para o jardim de infância.

— Não acha que a menina poderia ser criada na França?

— Sim, sim, mas também tem um pai.

— Mas você não tem a custódia?

— Sim, sim, suspirou Eva.

— Você complica tanto tudo... Disse Maja tranquilamente. — Sempre foi assim. Claro que pode ir comigo para a França se quiser. Pode trabalhar no meu hotel. Cinco minutos a cada noite, andando devagar pelos corredores vestida com uma camisola branca e com um candelabro de cinco braços na mão. Desejo ter meu próprio fantasma. E o resto do tempo poderia pintar.

Eva acabou o café. Durante um instante havia se esquecido da realidade, mas nesse momento voltou para ela com toda a força.

— Pensei não que vai fazer comida hoje, não é Eva?

— Nunca almoço. Como só queijo e pão; não dou muita importância à comida.

— O que está me dizendo? Assim não me estranha que ande mal de saúde. Como vai criar algo valioso se não come o que precisa? Precisa comer carne! Vamos comer no restaurante da Hanna.

— É o lugar mais caro da cidade!

— Ah, é? Isso não me preocupa, só sei que tem a melhor comida.

— Além disso, estou cheia, depois de tantos doces.

— Até que tenhamos uma refeição pela frente, os doces terão tido tempo de baixar.

Eva se deu por vencida e seguiu Maja. Com sempre fora. Maja tinha a ideia, Maja decidia e ia adiante, e Eva a seguia.

* * *

Vinte e Cinco

SAÍRAM da cafeteria de braço dado e atravessaram a praça pavimentada, sentindo cada uma o calor da outra, e que tudo era como antes. Eva havia olhado muitas vezes a porta desse restaurante, mas nunca havia estado ao seu alcance. Nesse momento estava se abrindo para elas, e Maja entrou ufana, com um sorriso muito natural, enquanto Eva tentava adotar uma expressão de certa autossuficiência. O maitre as seguiu com um sorriso de reconhecimento e cortesia. Se ele sabia que tipo de atividades pagavam as faturas de Maja, dissimulava muito bem; seu sorriso não revelava nada. Tocou Maja ligeiramente no braço e as dirigiu até uma mesa livre. Eva precisou deixar seu casaco no guarda-roupa. Debaixo usava uma camiseta amarela descolorida. Não se sentia a gosto.

— O de sempre, Robert, disse Maja, — Para dois. O maitre assentiu e desapareceu. Eva afundou na cadeira e olhou ao seu redor com os olhos abertos de par em par. No lugar reinava um estranho silêncio do qual ela nunca havia desfrutado. Maja se sentou à mesa; estava completamente indiferente.

— Conte-me como é, disse Eva com curiosidade, — Trabalhar assim, quero dizer. Maja ladeou a cabeça.

— Ah, então já sente curiosidade! Já imaginava. As pessoas sempre reagem igual. Eva pôs um rosto de ofendida. — Na realidade é algo muito trivial. Tudo se converte em rotina, não é? Olhou de repente para a toalha, como se estivesse contrariada. — Nunca deixa de me surpreender o instinto masculino; com é exageradamente importante para os homens serem satisfeitos. Talvez porque imaginam que sejam o melhor sexo de todos, disse pensativa. — Essa coisa crua e rápida, sem prelúdios, nem bobagens. Nada de rodeios. Costumam demorar dez minutos e pronto. Nem sequer dá tempo para pensar. De fato, faço todo o possível para não pensar. Limito-me a sorrir docemente quando pagam a conta. Mas na realidade...

— Sim?

— Vou parar. Estou há muito tempo trabalhando. Bebia grandes goles de vinho.

— E o preço?

— Mil coroas, mais ou menos. Primero o dinheiro, em seguida a mercadoria. Deito-me e fico imóvel com os olhos fechados e um sorriso decoroso, e não emito nem um som. Nada de beijos nem carícias, não suporto tratá-los como se fossem crianças. Que tirem a roupa e ponham a camisinha. É como utilizar uma máquina bancária.

— Mil coroas? E quantos por dia?

— Uns quatro ou cinco, algumas vezes mais. Cinco dias por semana. Quatro semanas por mês. Faça a soma.

— Vão no seu apartamento?

— Sim. Um dos garçons serviu um coquetel de camarões e vinho branco.

— E onde mora?

— Em Tordenskioldsgate, no edifício.

— E os vizinhos não suspeitam de nada?

— Não é que suspeitem, sabem. Vários são clientes fixos. Eva suspirou abatida e mastigou com reverência um camarão. Eram enormes, como patas de caranguejos. — Tenho um quarto que não uso, disse Maja de repente. Eva suspirou.

— Imagino a mim mesma. Assustada como uma virgem de doze anos.

— Só na primeira semana. Em seguida se converte em um trabalho como qualquer outro. Poderia trabalhar um par de horas enquanto Emma está na escola. Pense em toda a deliciosa comida que poderia comprar.

— Está gordíssima.

— Então fruta fresca, frango e salada, replicou Maja.

— Pode ser que pareça incrível, mas a verdade é que me sinto tentada, confessou Eva, — Mas sou muito covarde. Não sou feita para essas coisas. Por um instante se sentiu irritada por isso.

— Veremos. O garçom retirou os pratos e voltou em seguida com lombo, cenouras pequenas, brócolis e batata ao forno. Serviu-lhes vinho tinto.

— Então não vai trabalhar nesta noite?

— Hoje estou livre, mas amanhã trabalharei um pouco. Saúde!

Eva notou como a excelente carne se derretia sobre a língua. O vinho tinto estava no ponto e não se parecia nada ao Canepa de seu pai. A primeira garrafa acabou rapidamente, e Maja pediu outra.

— Mas não cheguei a assimilar. Que venda seu corpo, quero dizer, comentou Eva espantada, — Que realmente venda seu corpo.

— É melhor que vender sua alma, respondeu Maja secamente. — Não é isso o que fazem os artistas? Se há algo que alguém deve reservar para si mesmo e ocultar ante os demais, é a alma, não é? O corpo não é mais que um invólucro que vamos arrastando para todos os lados, e eu não vejo nele nada de sagrado. Por que não reparti-lo e se mostrar generosa, se com isso ajuda alguém? Mas a alma... Isso de desligar ou exibir seus próprios sonhos e anseios, sua própria angústia, em uma galeria para que todos a vejam, e por cima cobrar por isso, a isso sim que eu chamo prostituição. Eva ficou rígida. Pela boca lhe saía uma pequena cenoura.

— Não é exatamente assim.

— Ah, não é? Não é o que dizem todos os artistas? Que tem que optar por se desnudar completamente?

— De onde retirou isso?

— Sou uma puta, não uma idiota. Isso é um mal-entendido muito generalizado. Limpou com o guardanapo as comissuras dos lábios. — Também é um mal-entendido que as putas são mulheres infelizes que perderam a sua autoestima; que fazem a rua mortas de frio com meias finas e que não recebem outro salário do que as surras de algum bruto que passa a maior parte do tempo deitado, completamente bêbado ou drogado. Isso... Disse mastigando o lombo, — Isso é só uma pequena parte do negócio. As putas que eu conheço são garotas inteligentes que trabalham duramente e que sabem o que querem. Sabe? Disse com sinceridade, — Gosto das putas. São as garotas mais duras que conheço.

Fez sinais ao garçom para que enchesse os copos. Eva se sentia já ligeiramente tonta.

— Eu não sou a mais adequada para esse tipo de atividade, murmurou. — Dizem que estou muito magra.

— Está ótima. Um pouco diferente talvez, uma coisa incomum. Mas o que tem entre as pernas, Eva, é uma mina de ouro. Ali é onde querem chegar. Os homens são muito diretos, ao menos os que me vem a mim.

Por fim chegou a sobremesa. Morango e sorvete de amora com calda de baunilha quente. Eva retirou as folhas verdes.

— Ervas daninhas na sobremesa, murmurou. — Não entendi por quê. Sem dúvida, nunca entendi os homens, prosseguiu. — O que querem realmente?

— Garotas alegres e róiças, com vontade de viver. E não há muitas dessas, eu garanto. Em minha opinião, as mulheres têm ideais completamente impossíveis, não as entendo. É como se não gostassem de viver bem. Noutro dia vi a moda de outono de Paris, na televisão, quero dizer, onde as modelos mais famosas mostravam o último da moda. A Naomi Campbell, sabe quem é? Aparecia numa minicamisa e caminhava se contorcendo sobre as pernas mais finas que já vi na minha vida. Toda ela tinha pinta de ser de PVC. Quando vejo essas garotas me pergunto se se sentam para cagar no sanitário como as pessoas normais e comuns.

Eva se torcia de tanto rir, derramando calda na toalha.

— Não deveria levar você mesma tão a sério, prosseguiu Maja com insistência. — Todos nós vamos morrer cedo ou tarde. Dentro de cem anos todos já estarão esquecidos. Um pouco de dinheiro poderia melhorar muitas coisas. Sonha em ser uma grande pintora, não é?

— Eu sou, suspiro Eva. — O que acontece é que ninguém sabe. Choramingou um pouco, com a embriaguez estava prestes a perder o controle. — E além disso, estou farta.

— Merda, já era hora. Agora vem o café e o conhaque. E pare de choramingar, já é hora de ser adulta.

— Crê em Deus? Perguntou Eva.

— Não seja boba. Maja limpou a calda da boca. — Mas salvo as pessoas do desespero e realizo boas ações, assim é como gosto de ver. Nem todos os homens encontram uma boa mulher. Uma vez recebi um jovem cuja obsessão era cobrir o corpo de anéis e pérolas. Colocava-os em todos os lados, em cada lugar inimaginável do corpo, e brilhava como uma árvore de natal. As garotas já não o queriam.

— E você o que fez com ele?

— Fiz um bom serviço, e exigi um pequeno extra no pagamento. Eva saboreou o conhaque e acendeu o cigarro pelo lado contrário. — Venha comigo ver meu apartamento, disse Maja. — É uma ocasião para se livrar de sua confusão. É só um período da vida. Considere-o como uma nova experiência.

Eva não respondeu. Sentia-se paralisada por algo completamente irreal, algo que a assustava sobremaneira. Mas não tinha nenhuma dúvida: a proposta de Maja estava a ponto de criar raízes nela, e nesse momento estava sendo avaliada e estudada.

Vinte e Seis

ESTAVAM deitadas na cama de casal de Maja, e Eva tinha soluções.

— Ouça, exclamou. — O que é na realidade a fossa das Marianas?

— A maior profundidade marinha do mundo. Onze mil metros de profundidade. Tente imaginar, onze mil metros!

— Como sabe disso?

— Não tenho ideia. Deverei ter lido em alguma parte. Em comparação, esse rio sujo que atravessa esta cidade tem uma profundidade de oito metros bem em baixo da ponte.

— Caramba, o quanto sabe!

— Não acha que emprego o pouco tempo livre que me resta em ler revistas pornográficas, não é?

— Antes fazia isso.

— Sim, há vinte e cinco anos. Você também se interessava muito. As duas riram.

— Seus quadros são verdadeiramente horrorosos, disse Eva. — Isso sim que é prostituição. Pintar para vender. Com esse único fim.

— Precisamos comer, não é?

— Algo assim, mas não tanto.

— Mas também é útil ter telefone e eletricidade, não é?

— Pois...

— Posso lhe dar dez mil coroas.

— O quê? Eva se levantou sobre um cotovelo cambaleando assustada.

— E amanhã quando vier, me traga um quadro. Um bom, um que custe dez mil. Comprarei um quadro seu. Tenho curiosidade. Talvez realmente chegue a ser famosa algum dia. Talvez compre uma verdadeira mina de ouro.

— Esperemos que assim seja.

— Vamos colocar em marcha seu negócio, Eva, vai ver. Quando Emma voltará para casa?

— Ainda não sei. Costuma me ligar quando se cansa.

— Então pode começar amanhã mesmo. Ajudarei a iniciar, mas vai precisar saber algumas coisas. Mando um táxi, digamos... Às seis? Amanhã de tarde? Eu me ocuparei da roupa e de outras coisas.

— Roupa?

— Não pode se apresentar vestida assim. Perdoe, mas sua roupa não tem nada de sexy.

— E por que deveria ser sexy? Maja se levantou e olhou-a espantada.

— Não será tão diferente das demais garotas, não é? Não deseja ter um homem também?

— Claro, respondeu Eva cansada, — Imagino que sim.

— Então terá que parar de se vestir como a peste negra.

- É realmente boa para agradar.
- O que acontece é que no fundo invejo-a. Você é elegante, eu não sou mais que uma senhora com pneus e papada.
- Não, é uma garota alegre e roliça, com vontade de viver. Tem autoestima? Perguntou Eva de repente.
- Mais ou menos o dobro de você, imagino.
- Só queria saber.
- Estou imaginando. Começa a correr o rumor sobre uma artista com pernas longas. Talvez me roube os clientes, talvez esteja retirando de mim mesma a base do sustento.
- Se tem dois milhões, não fico com pena.

* * *

Eva foi para casa num táxi que Maja havia chamado. Aproveitou e pediu um carro que a apanhasse no dia seguinte às seis da tarde. Lutou para meter a chave na fechadura e entrou cambaleando na oficina, onde começou a estudar seus próprios quadros com olhar crítico. Devido ao seu estado de embriaguez, os quadros lhe impressionaram sobremaneira. Deitou contente no sofá e adormeceu com roupa e tudo.

* * *

Vinte e Sete

AO DESPERTAR, antes de notar a ressaca, se lembrou do sonho. Havia sonhado com Maja. Quando por fim abriu os olhos, tudo apareceu claramente ante ela. Eva se levantou assustada. Para seu próprio espanto, descobriu que havia dormido na oficina, e completamente vestida. Foi cambaleando até o banheiro e se aproximou com certo temor do espelho. O rímel era resistente à água e não havia corrido, mas as pestanas estavam eriçadas ao redor dos olhos avermelhados como palitos queimados. Tinha os poros muito abertos, pareciam picadas de serpentes. Foi para o lavabo e abriu a torneira da água fria. Do que haviam conversado? Pouco a pouco ia se lembrando e o coração batia mais rapidamente conforme se aprofundava na conversa. Maja, a Maja da infância, sua amiga de alma, a quem não havia visto em vinte e cinco anos, era uma puta!

“Uma puta rica”, pensou espantada, enquanto lembrava vagamente que também haviam estudado suas possibilidades de sair da má situação econômica que estava atravessando. Não podia acreditar. Nem sequer que pudesse ter pensado nisso! Gemendo, lavou o rosto com água fria, abriu o armário sobre a pia e apanhou um frasco de analgésicos. Tomou um punhado com um copo d’água e retirou a camiseta. “Talvez tenha uma cerveja na geladeira”, pensou. Em seguida reparou em que se sentia muito mal para começar a trabalhar, e que perderia outro dia mais. Esfregou-se durante muito tempo sob o chuveiro; ao cabo de um tempo notou que o analgésico começava a fazer efeito. Colocou uma bata. Era preta, com dragões chineses nas costas. Em seguida foi para a sala à procura de sua bolsa e dos cigarros. Abriu-a e ficou olhando fixamente o maço de notas que havia dentro. Por um momento olhou-as espantada, mas em seguida se lembrou. Contou-as. Mais de dez mil coroas. Suficiente para pagar todas as faturas pendentes que havia na gaveta. Sacudiu incrédula a cabeça, entrou na oficina e voltou a olhar os quadros. Um deles havia sido separado do monte. Quando fizera isso?

Talvez fosse um dos melhores. Era um quadro quase preto, com uma enorme listra luminosa que o atravessava. Como se tivesse sido rasgado em duas partes. Não pôde reprimir um sorriso ao imaginar o rosto de Maja ao ver o quadro. Em seguida continuou procurando na bolsa e encontrou um maço de cigarros com um só dentro. Acendeu-o e abriu a despensa. Estava vazia. Só restava manteiga, ketchup e uma garrafa de óleo de soja. Eva suspirou, de repente se lembrou do maço de notas e voltou a sorrir. O que precisava era de uma cerveja gelada. Vestiu-se rapidamente, colocou a capa sobre os ombros e se encaminhou com grande decisão para pequena loja da esquina. Omar abria às oito da manhã, Deus bendiga Omar. E não olhava mal às pessoas que compravam cerveja antes que os demais tivessem se levantado. A loja se encontrava no digno e antigo bairro das vilas como se só estivesse de passagem, para grande indignação de muitos, mas para alegria de Eva. Os dentes de Omar brilhavam branquíssimos e com grande entusiasmo ao vê-la entrar pela porta. Eva apanhou duas garrafas de uma caixa, um jornal da pilha e um maço de cigarros.

— Bom dia! Sorriu Omar animadamente.

— Talvez dentro de um tempo, mas agora não, gemeu Eva.

— Ah, eu sei que é um bom dia. Pois duas garrafas não é muito se o dia é ruim.

— Tem razão, disse Eva. Foi apanhar mais uma garrafa e pagou. — Ouça, acho que tenho uma conta pendente, se lembrou. — Quanto é?

— Ah, um bom dia para mim também! Omar folheou todas as contas pendentes que guardava em uma caixa de sapatos. — Setecentos e cinquenta e dois.

Eva se comoveu. Omar jamais havia mencionado essa dívida. Deu-lhe uma nota de mil e olhou para o catálogo de compras por correio que o homem estava folheando.

— Há algo interessante? Perguntou Eva.

— Sim, sim, isso aqui eu vou comprar para a minha mulher. Entregarão em duas semanas. Eva olhou.

— De que se trata?

— É para retirar as bolinhas. Ótimo para jérseis, almofadões de sofás e móveis. No meu país não temos bolinhas. Vocês usam tecidos estranhos.

— Eu gosto de bolinhas, disse Eva. — Lembram-me os velhos ursinhos de pelúcia. O que eu tinha quando pequena estava cheio de bolinhas.

— Sim, sim, assentiu Omar. — Eu me lembro. Mas no meu país tampouco temos ursinhos de pelúcia.

* * *

A cerveja estava quente. Eva colocou rapidamente uma garrafa sob a água e procurou na guia o número de telefone de Maja para ligar e dizer que se esquecera de todas as bobagens que dissera na noite anterior sob os efeitos do álcool, que não estava inteira. O telefone não dava sinal. Claro, haviam cortado. Disse umas quantas maldições em voz baixa, entrou no banheiro e se sentou no sanitário com a camisa enrolada ao redor da cintura. “Com certeza hoje tenho pinta de puta”, pensou; “Talvez seja o que realmente sou, talvez seja um bom dia para começar.”. Acabou, retirou a camisa e voltou a colocar a bata. Foi até a entrada, ficou diante do espelho e se contemplou dos pés à cabeça. “Só para imaginar”, pensou.

Eva media um metro e oitenta e três, e a maior parte dessa longitude estava em suas pernas. Tinha o rosto estreito e pálido, os olhos dourados, não tão escuros para considerá-los castanhos, os ombros estreitos, um pescoço inusualmente longo e os braços também longos com pulsos muito magros. Seus pés eram grandes; calçava 42, era para chorar; seu corpo, esbelto, um pouco anguloso e não muito feminino, mas tinha os olhos bonitos, ao menos Jostein sempre dissera que eram bonitos. Grandes e um pouco rasgados, muito separados. Um pouco de boa maquiagem faria maravilhas, mas ela nunca havia entendido dessas coisas. O cabelo era longo e escuro, com um suave tom avermelhado.

Eva se agachou para ver melhor. Tinha mais pelos sobre o lábio superior que antes. “Talvez a produção de estrógenos tivesse começado a diminuir”, pensou. Abriu a bata e afastou-a para ver seus

seios pequenos, sua cintura estreita e as coxas, que eram brancas como o rosto. Contorceu provocativamente o corpo, mexendo a cabeça para que o cabelo ondulasse. “Se Maja foi capaz de ficar milionária com aquele corpo pequeno, gordo e cheio de pneus, também eu ficarei!”, pensou com frivolidade. Lembrou-se de novo do maço de notas, pensou na sua procedência e sacudiu a cabeça, como se ainda não entendesse o que havia lhe acontecido do dia para a noite. Voltou a fechar a bata e apanhou a garrafa da pia. Não pensaria em nada, se limitaria a fazer. Não havia necessidade que alguém soubesse. Faria só por algum tempo, talvez até o Natal, para se recuperar um pouco. Bebeu a cerveja e notou como os nervos se tranquilizavam. “Na realidade não mudei”, pensou, “Só descobri um novo aspecto”. Bebia, fumava e sonhava com sua pequena galeria, que ficaria junto ao rio, preferentemente do lado norte. Galeria Magnus. Não soava mal.

Teve um repentino pensamento, adicionar uma cor a mais nos seus quadros: vermelho escuro. Uma listra muito fina no primeiro quadro, quase invisível, e em seguida pouco a pouco, algo mais. Se sentia muito inspirada. Abriu a segunda garrafa e pensou que justamente era isso o que havia faltado em sua vida. Havia faltado Maja! Mas agora havia voltado. “Tudo se resolverá”, pensou contente; “Este é um momento crucial.” Quando acabou as três garrafas adormeceu.

* * *

O táxi tocou a buzina na rua às seis. Eva havia envolvido o quadro numa velha manta e o chofer colocou-o cuidadosamente no porta-malas.

— Vá com cuidado, disse Eva, — Vale dez mil coroas.

Deu-lhe o endereço de Tordenskioldsgate, e de repente teve a sensação de que o taxista olhava-a fixamente pelo espelho retrovisor. Talvez conhecesse Maja. Talvez um de cada dois homens da cidade já estivera em sua cama. Retirou uns fiapos da roupa; notou que estava ficando nervosa, ainda restavam sequelas da bebedeira de cerveja e estava voltando à realidade. Era curioso, quando Emma ficava fora por algum tempo, era como se guardasse todo o papel de mãe em uma gaveta para voltar a ser só Eva. “É o que sou agora”, pensou; “Eva. Não levarei em conta o que disserem os demais, farei o que quero.” Sorriu para si mesmo. O taxista viu e lhe devolveu o sorriso pelo espelho. “Não tenha ilusões”, pensou, “Agora não sou mais grátis.”

* * *

Vinte e Oito

MAJA ABRIU os braços e a fez entrar no apartamento. Os excessos do dia anterior não haviam deixado nenhuma impressão em seu rosto redondo.

— Entre, Eva. Trouxe o quadro!

— Vai desmaiar ao vê-lo.

— Nunca desmaio. Desembrulharam o quadro e apoiaram na parede. — Caramba! Maja emudeceu por completo e passou a estudá-lo detidamente. — A verdade é que é muito bonito. Chama-o de alguma maneira?

— Não, está maluca?

— Por que não?

— Porque nesse caso seria eu quem decidiria o que iria ver, e não quero que seja assim. Olhe-o e me diga o que vê, e em seguida eu respondo. Maja pensou durante muito tempo e por fim se decidiu.

— É um raio, é isso.

— Sim, não é nenhuma bobagem. Entendo o que quer dizer, mas eu também vejo outras coisas: a terra que se levanta durante um terremoto, ou o rio que atravessa a cidade à noite à luz da lua, ou lava ardente que jorra por uma planície carbonizada. Amanhã talvez veja outra coisa, ao menos isso é o que pretendo. Precisa se livrar de algumas opiniões pré-concebidas sobre arte, Maja.

— Fico com o raio. Não gosto que as coisas mudem e se transformem em algo diferente. Agora é você quem tem que se livrar, bonita. Preparei o quarto. Venha vê-lo. Já comeu?

— Só bebi.

— É pior que um garoto. Terei que lhe dar de comer. Será capaz de mastigar se fizer um sanduíche?

Levou Eva até o quarto livre. Era um aposento escuro, com muito veludo vermelho e cortinas pesadas e fechadas. A cama era enorme; sobre o colchão havia uma manta com cordões dourados. O chão estava coberto com espessas almofadas em tons vermelhos e pretos que se mexiam quando andavam.

— Estas são suas cores, disse a Eva com determinação. — E tenho para você uma bata vermelha de seda fina que se abre facilmente. Aqui dentro... Foi ao extremo do quarto e afastou uma cortina, — Há um pequeno banheiro com lavabo e chuveiro. Eva deu uma olhada. — Pode trabalhar aqui enquanto eu estou no centro de acolhida. Fiz outra chave. Venha, precisa comer.

— Organizou tudo isso hoje?

— Sim. E você, o que fez?

— Dormi.

— Então poderá trabalhar durante a noite.

— Não, Meu Deus, não sei se me atrevo... Pensei que a primeira vez com alguém seria suficiente. Ouça, disse nervosa, — Há muitos tipos asquerosos?

— Não.

— Mas imagino que alguns dirão coisas desagradáveis ou farão porcarias...

— Não.

— Não têm medo? Ficar sozinha com desconhecidos noite após noite?

— Eles é que ficam assustados, os que têm má consciência. Primeiro precisam inventar uma desculpa para sair de casa, e em seguida utilizar parte da economia familiar para pagar o serviço. Ser cliente de putas hoje em dia é algo terrível. Antigamente não se era um homem de verdade se não frequentasse as casas de putas. Não, nunca tenho medo. Sou profissional. Eva mordeu o sanduíche e mastigou lentamente. Atum com limão e maionese.

— E não costumam pedir coisas estranhas?

— Não, quase nunca. As notícias correm e já se informaram antes de vir pela primeira vez. Abriu uma Coca-Cola e deu um longo gole. — Sabem que sou uma puta decente e que há certos tipos de sexo que aqui jamais terão. Quase todos são clientes fixos e me conhecem, sabem o que é permitido e onde fica o limite. Se eles tentam alguma bobagem não os deixo voltar, e não querem correr esse risco. Acabou com um pequeno arroteo.

— Vem após beber?

— Sim, mas não completamente bêbados, ainda que um pouco alegres. Muitos vêm diretamente de um pub que há nesta mesma rua: AS ARMAS DO REI. Mas outros vêm na hora do almoço, de terno e gravata.

— Pode acontecer que se neguem a pagar?

— Nunca me aconteceu.

— E algum lhe bateu alguma vez?

— Não senhora.

— Não sei se me atrevo.

— E por que não?

— Não sei... Ouvem-se tantas histórias...

— Um homem só se irrita quando não consegue o que quer, não é?

— É.

— Vem aqui para comprar algo que precisam, e conseguem. Não tem nenhum motivo para armar confusão. O que tem de ruim se deitar com alguém?

— Nada. Exceto que muitos deles são casados e com filhos...

— Claro, precisamente esses são os que aparecem aqui, os que obtém muito pouco. As pessoas casadas não fazem sexo rotineiramente.

— Jostein e eu sim.

— Bom, pode ser que no princípio. Mas como estavam as coisas ao fim de dez anos? Eva se ruborizou. — Ou talvez ache, prosseguiu Maja, — Que nós as mulheres devemos nos reservar para o grande amor? É isso o que pensa? Achar um grande amor, Eva?

— Claro que não. Bebeu outro gole de Coca-Cola. — Algum já se apaixonou por você?

— Ah, sim. Sobretudo os mais jovens. São muito agradáveis e os cuido um pouco mais que aos outros. Nesta primavera, por exemplo, chegou um jovem que tinha um nome incrível, a família era de origem francesa e espanhola: Jean Lucas Córdoba. Fantástico nome, não é? Imagine se chamar assim, disse pensativa. — Tenho vontade de casar com ele só pelo nome? E em seguida vem Gøran, nunca o esquecerei. Era virgem, então precisei explicar certas coisas. Ficou muito comovido e

agradecido. Não é fácil ser virgem quando se têm vinte e cinco anos e por cima é policial. Teve que ter se armar de muita coragem para vir aqui. Eva já havia acabado o sanduíche. Esvaziou o copo e afastou o cabelo do rosto.

— Conversam?

— Trocamos algumas palavras. As mesmas frases feitas de cada vez, mais ou menos o que acho que querem ouvir. A verdade é que não exigem muito, Eva, verá por si mesma. São dez para as sete, e o primeiro chega às oito. É um tipo que já veio outras vezes; algo esquivo, mas acaba rápido. Ocuparei-me dele e lhe direi que somos duas e que dividiremos os clientes. E que vamos continuar na mesma linha. Assim saberão o que vão encontrar, e você terá o mesmo tipo de clientela que eu.

— Gostaria de entrar no roupeiro e observar às escondidas, suspirou Eva. — Para ver como é; acho que para mim o mais difícil será inventar algo para dizer.

— Vai ficar muito apertada no armário. Melhor será que olhe pela fresta da porta.

— Como?

— Bem, não poderá ficar exatamente junto à cama, mas pode olhar do outro quarto. Apagamos a luz e deixamos a porta entreaberta. Assim poderá ficar sentada observando e ter uma ideia. Já me conhece, nunca tive problemas de timidez.

— Deus meu, não cairia mal um drinque, estou tremendo. Maja improvisou uma pistola com dois dedos e fez como se lhe desse um tiro na testa.

— Nem falar! Totalmente proibido se embriagar ou se drogar no trabalho! Assim conseguirá que tudo vá à merda, Eva. Em seguida iremos jantar lá na Hanna. Uma coisa posso prometer: quando começar a ganhar dinheiro, começará realmente a gostar. Cada vez que tenho vontade de comprar algo, meto a mão nalgum vaso e apanho um monte de notas. Tenho dinheiro por todos os lados, em gavetas, armários, no banheiro, na cozinha, metido em botas e sapatos, já quase perdi a conta.

— Não terá os dois milhões espalhados pelo apartamento? Eva estava pálida.

— Não, não, só o que preciso para ir vivendo. O resto está guardado na cabana.

— Na cabana?

— Na cabana do meu pai. Morreu há quatro anos, então agora é minha. Você esteve lá uma vez, se lembra, com algumas amigas. Na serra de Hardanger.

— Seu pai morreu?

— Sim, há anos. Pode imaginar o que acabou com ele. Eva teve a delicadeza de não responder.

— E se aparecer algum ladrão?

— Está muito bem escondido. Ninguém pensaria em procurar nesse lugar. As notas são muito planas, não ocupam muito espaço. Além disso, não posso guardá-los no banco, não acha?

— O dinheiro não é tudo, disse Eva pedante. — Talvez morra antes de poder desfrutá-lo.

— Talvez morra antes de ter vivido, respondeu Maja. — Mas se morrer assim, de repente, nomeio-a pelo presente minha única herdeira. Você merece.

— Obrigado. Acho que me faz falta um banho, disse Eva. — Estou suando de medo.

— Tome o banho. Vou guardar o vestido. Alguém já disse que o preto lhe cai muito bem?

— Obrigado.

— Não é um elogio. Pergunto por que como sempre usa preto...

— Ah bem, respondeu Eva, envergonhada. — Não, não me lembro que alguém tenha me dito. Jostein não gostava.

— Não entendi o que tem contra as cores.

— São... Estorvam de alguma maneira.

- Estorvam em que sentido?
- Ao que realmente importa.
- E o que realmente importa?
- Todo o resto. Maja suspirou e apanhou os copos e o prato.
- Não é fácil entender os artistas.
- Não, sorriu Eva, — Mas precisamos ter o trabalho de mostrar a profundidade da existência, para que se tenha uma superfície sobre a qual poder nadar.

Entrou no que ia ser seu quarto, e tirou a roupa. Ouvia Maja cantarolando e o tilintar de cabides. O quarto verde com muito dourado de Maja fez Eva pensar no seu próprio apartamento, preto e branco. Havia um abismo entre ambos. A cabine do chuveiro era minúscula e a parede de frente era coberta por um grande espelho. Observou seu longo corpo e lhe pareceu desconhecido. Teve a sensação de ter renunciado ao direito de propriedade. O espelho estava manchado. Por um instante pareceu jovem e lisa, com um tom rosa da cortina floreada. “Não devo pensar”, se disse; “Só fazer o que Maja disser.”. Acabou de tomar banho, se secou e voltou ao quarto, que estava fresco em comparação com o banheiro. Maja entrou com algo vermelho sobre o braço. Era uma bata e Eva colocou-a.

- Magnífico. Exatamente o que precisava. Compre alguma roupa vermelha, com ela parece uma mulher, em lugar de um pau para secar feno. Posso fazer algo com seu cabelo?
- Não.
- Então só me resta ensinar um pequeno truque. Deite-se sobre a cama, Eva. Eva vacilou, mas por fim se aproximou da cama e se deitou bem no centro. — Não, em um lado, na parte direita, se não, ficará entre os dois colchões. Eva se deslocou para a borda. — Deixe cair a mão direita no chão.
- O quê?
- Deixe cair o braço pela borda da cama. Nota algo duro através da colcha?
- Sim.
- Coloque a mão debaixo e arranque-o. Está colado.

Eva procurou entre as franjas da colcha com a mão direita e descobriu algo longo e liso, perto da borda. Retirou-o. Era uma faca.

— Vê essa faca, Eva? É uma Hunter, da casa Brusletto. Se pareceu surpreendente, o propósito foi conseguido. É para exemplo e lição. Para isso está aí, para se alguém pensar em alguma bobagem. Se descer o braço com cuidado, voltará a levantá-lo com a faca na mão, e ele estará sentado na cama com a bunda e todas as suas coisas ao ar; aposto que se tranquilizará rapidamente.

— Mas... Disse que nunca havia acontecido nada do gênero. Eva gaguejou. Começava a se sentir mal.

— Não, respondeu Maja evasivamente, — Nada além de algumas pobres tentativas. Agachou-se junto à cama e colocou a faca em seu lugar. Eva não podia ver seu rosto. — Mas de vez em quando alguém fica um pouco engraçado. Não conheço bem a todos. Além disso, os homens são muito mais fortes que nós. Vacilava com o papel colado. — Para ser sincera, costumo me esquecer de que a faca está aí. Mas prometo que me lembrarei se acontecer algo. Voltou a se levantar. O velho sorriso estava de novo em seus lábios. — Talvez seja um pouco frívola, mas não descuidada. Venha aqui, falta um pouco de batom. Eva vacilou um instante, em seguida cruzou descalça o espesso tapete. “Este é outro

mundo”, pensou, “Com suas próprias regras. Em seguida, quando voltar para casa, tudo será como antes.”. Dois mundos separados por uma parede.

* * *

Estava imóvel, sentada em uma banqueta junto à porta. Não havia luz no quarto e ninguém podia vê-la de fora. Através de uma fresta podia ver a cama de Maja, a mesinha de cabeceira e a lâmpada, com uma grande tela, decorada com um flamingo rosa. Era a única luz que havia no quarto. Eva esperava a que soasse a campainha da porta: dos breves toques, o sinal determinado. Eram cinco para as oito. O edifício ficava em uma rua tranquila; não se ouvia nenhum ruído, salvo uma suave melodia vindo do estéreo: a voz de Joe Cocker. “Cada vez mais rouca”, pensou Eva. De repente ouviu o motor de um carro que estava estacionando bem debaixo da janela. Eva voltou o olhar para o relógio, faltavam três minutos para as oito e seu coração começou a bater mais depressa. Escutou a porta do carro bater e em seguida um ruído surdo produzido pela portão do edifício ao se fechar. Um repentino acontecimento a fez se levantar e se aproximar da janela. Viu um carro branco, estacionado junto à calçada. “Um modelo esportivo”, pensou, olhando com os olhos entreabertos através da fresta da cortina. Nunca lhe escapava nenhum detalhe. Era um Opel muito bonito, mas não totalmente novo. Era-lhe familiar. Jostein tinha um igual quando se conheceram. Voltou na ponta dos pés até a banqueta e se sentou com as mãos sobre os joelhos.

A campainha soou brevemente duas vezes, tal e como fora combinado. Maja se levantou, atravessou o apartamento, e, de repente, se virou e levantou o polegar. Em seguida abriu a porta. Eva tentava respirar tranquilamente. Um homem entrou. Eva não conseguiu vê-lo com clareza, mas teria uns trinta e tantos anos, era corpulento, de cabelo ruivo e ralo, mais comprido na nuca, que usava num pequeno rabo de cavalo, preso com um elástico. Usava calças jeans que não lhe assentavam bem porque tinha uma enorme barriga. Eva se aborrecia com os homens que não conseguiam ajustar bem as calças por causa da barriga. Também acontecia com Jostein, mas Jostein era Jostein, e isso o diferenciava. O homem retirou descuidadamente o casaco e jogou-o sobre a cama com um gesto muito familiar, como se estivesse em sua própria casa. Eva não gostou, parecia muito descarado. Em seguida viu que o homem colocava a mão no bolso traseiro da calça e retirava uma nota que também jogou sobre a cama. Eva ouviu a voz de Maja, mas falava tão baixo que precisou se esforçar para entender o que dizia. Inclinou-se com muito cuidado para frente e aproximou o ouvido da fresta o máximo que pôde.

— Estava esperando, ouviu Maja dizer. — Venha!

A voz soava doce como mel. “Eu nunca serei capaz de falar assim”, pensou Eva espantada. De repente o homem se aproximou muito, e ainda que não fosse muito alto, a seu lado Maja parecia ainda mais baixa. Apesar da tênue luz que iluminava a habitação, Eva pode ver como o homem abria a bata verde de Maja e a deslizava pelos ombros de sua amiga, até que a bata caiu por fim no chão. Eva olhava fixamente o corpo branco e arredondado de Maja, e ao homem, mas não podia distinguir a expressão de seu rosto. A música soava agradavelmente ao fundo. Maja se aproximou da cama, e se deitou lentamente, com os braços ao longo do corpo. O homem a seguiu. Usava uma camisa azul que de repente retirou violentamente da calça. Como havia pago, podia tomar posse da mercadoria com um evidente direito de propriedade, e isso foi o que fez. Ajoelhou-se sobre a cama e começou a

soltar o cinto. Eva podia ver as calcinhas negras de Maja além das suas coxas.

Nenhum dos dois falava, seus movimentos eram lentos e normais; estavam fazendo algo que haviam feito muitas vezes e seguiam um sistema fixo. O homem não perdeu tempo, acabou de soltar o cinto e Eva pode ouvir um zíper que baixava. A cama rangia ligeiramente enquanto o homem se acomodava. Maja não se movia, e tampouco Eva. Olhava fixamente para o homem, que nesse momento desceu as calças até os joelhos. Em seguida retirou violentamente as calcinhas de Maja. Ela ajudou-o levantando os quadris e em seguida abrindo as pernas. O homem começou a resfolegar, se pôs sobre Maja, lhe separou ainda mais as pernas e se lançou dentro. Maja havia voltado o rosto para um lado. Eva só via o cabelo ralo e a bunda branca do homem, que se movia cada vez mais depressa. Passaram-se uns instantes e ele se levantou, esticou os braços, colocou a cabeça para atrás, soltou um gemido rouco e dilatado, e desabou.

No total havia durado um minuto. Ao cair com o queixo contra o colchão, sua mão deslizou para fora da cama, e procurou às cegas um apoio. Ouvia-se um som surdo. O homem se esticou e olhou para o chão. Eva viu que estava apanhando algo sobre o tapete. Maja havia girado a cabeça e levantado as sobrancelhas, quando o homem de repente se ergueu. Trazia a faca na mão. Brillava à luz da lâmpada. O homem olhou-a assustado, e em seguida olhou para Maja, que estava tentando se levantar. Eva cobriu a boca com uma mão para reter um grito. Por uns segundos, houve um silêncio total no quarto. Joe Cocker havia acabado de cantar **UP WHERE WE BELONG** e estava tomando um tempo antes de passar à canção seguinte. A imagem que Eva estava vendo através da fresta fez com que lhe gelasse o sangue nas veias e respirasse com dificuldade: Maja, ainda nua, estava deitada de boca para cima sobre a cama, e o homem, sem lhe tirar o olho, continuava sentado sobre ela, com as calças até os joelhos e a faca na mão.

— Que merda é essa? A voz denotava suspeita. Olhou para Maja, cuja atitude era tão doce e carinhosa como antes: toda uma profissional.

— Nem mais nem menos que uma pequena segurança para uma mulher indefesa. Vem muita gente estranha por aqui. “Acredito que sim”, pensou Eva.

— Estranha é? Gritou o homem. — Assim é como nos vê? Não teria pensado em me esfaqueara, não é?

— Mais foi você quem me enfiou algo, não foi? Maja ria com voz rouca. O homem continuava sem se mover, com a faca na mão.

— Li algo sobre putas que roubam as pessoas assim. O homem observou a faca, deu a volta e olhou o corpo nu de Maja, sua pele tão branca, como gozando do que via.

— Obrigado, disse Maja. — Já me pagou. Acho que já é hora de soltar essa faca. Não gosto que esteja me apontando com ela.

— E eu não gosto de encontrar facas na cama quando venho aqui com intenções claras e honradas. Não se pode confiar em vocês de jeito nenhum! O homem estava cheio de raiva. Eva mordeu o lábio, quase havia deixado de respirar. Maja tentou se levantar, mas ele impediu.

— Relax! Exclamou ela em voz alta. — Não seja tão delicado.

— Não sou delicado, objetou com voz arisca. — Vocês são as delicadas, sempre pensando que nós queremos machucá-las. Merda, uma faca! Também tem uma arma de fogo?

— Naturalmente.

— É das paranoicas, já imaginava.

— O paranoico é você. Eu não tinha nenhuma razão para usar a faca. Ao menos no princípio. Mas já está bem. Vá embora, se não terá que pagar um extra.

— Irei quando tiver acabado! Respondeu o homem, enquanto levantava as calças e subia o zíper fazendo grandes esforços.

— Acabou faz tempo, e há outros esperando.

— Sinto muito por eles. Deixei mil coroas por um trabalho de cinco minutos. Sabe quanto tempo preciso trabalhar na fábrica de cerveja para ganhar mil coroas?

— Não, respondeu Maja, que estava começando a se cansar. Olhou para o teto. Eva esperava com três dedos enfiados na boca.

— Filha da puta! Murmurou o homem tentando se concentrar na fivela do cinto. — Mulheres de merda!

— Está bem! Não precisa voltar. A partir de agora não será bem-vindo aqui. Deveria tê-lo dito há muito tempo.

— Ah, sim? O homem parou e assentiu com a cabeça, como se de repente compreendesse tudo. — Ótimo? Recebem-nos de braços abertos e esvaziam a nossa carteira, mas no fundo nenhuma de vocês nos quer. É assim, não é? Não existe nada mais cínico que uma puta, merda!

Maja se levantou com grande esforço e se apoiou sobre os cotovelos. Tentou retirar as pernas, mas o homem, já fora de si, impediu. Ela lhe deu uma cotovelada e escapuliu de entre as coxas do homem, procurando a faca. De repente estava com ela na mão. Ficou de joelhos e levantou-a; a ponta vibrava. Maja tinha os olhos enfiados no homem, que continuava sentado na cama como se estivesse a ponto de pular, com seu pequeno rabo de cavalo esticado. “Como a ereção de um garoto”, pensou Eva, com uma mão inteira enfiada na boca, que mordida com força para não gritar. Se o homem tivesse virado para a esquerda, teria visto o olho de Eva, um pontinho luminoso na negra fresta da porta. Mas o homem não se virou, pegou num travesseiro e o colocou na frente como para se proteger. Olhou para Maja, que estava sentada sobre os joelhos, tremendo, com a faca na mão. Um travesseiro e uma faca. Tudo ficou em silêncio.

Eva escondeu o rosto entre as mãos. Queria fazer desaparecer essa ameaçadora cena, estava aterrorizada que o homem a descobrisse, que atravessasse o quarto e abrisse a porta; se perguntava que conclusão retiraria se a visse ali, e pensava na raiva que sentiria se soubesse que estava sentada na escuridão observando-os. Permanecia imóvel como uma estátua, se esforçando por respirar tranquilamente. Joe Cocker havia começado outra canção, WHEN A WOMAN CRIES. No meio do desespero sentiu um enorme alívio. Jamais permitiria que um desconhecido entrasse nesse quarto e tirasse sua roupa. Não só terminara sua carreira antes de começar, mas que também convenceria Maja para que a deixasse. “No fundo, Maja é uma pessoa decente”, pensou, “Que se preocupa com os demais, e quase dois milhões já estava bom.” Precisaria se contentar com um pequeno hotel. Eva voltou a levantar a vista e olhou através da fresta. O homem havia descido por fim da cama e estava a ponto de colocar o casaco. Eva podia ver sua nuca; o homem olhava para o aposento como querendo se assegurar de que não esquecera nada. Conteve a respiração quando viu que o homem descobrira a porta entreaberta. Olhou-a fixamente durante alguns segundos, deu outra vez a volta e cruzou o quarto. Algo ia mal. Ninguém dizia nada, havia de repente um terrível silêncio. Eva podia ver os pés de Maja, imóveis sob a colcha dourada, apontando para os lados. O homem abriu rapidamente a porta e foi embora.

Eva não se moveu. Esperou que Maja a chamasse. Notou como a raiva ia lhe subindo por dentro. Era uma raiva dirigida para Maja, que a havia metido nesse apartamento, jurando que era um trabalho certo. Mas não ouvia nenhum som vindo da cama. Por fim se levantou, abriu a porta de um empurrão e viu o corpo branco de Maja na diagonal sobre a cama. Estava muito quieta, um travesseiro lhe cobria o rosto. Eva não gritou. Seria uma das típicas brincadeiras de Maja. Não poupava nada quando queria conseguir uma boa gargalhada. Eva cruzou os braços e moveu a cabeça.

— Se voltar a deixar entrar esse tipo perderei o respeito, disse secamente.

Um carro arrancou na rua. Eva se voltou rapidamente e se aproximou correndo da janela. Chegou bem no momento em que o carro trocou de marcha. “É um Opel Manta”, pensou, “Como o que Jostein teve.”. Deu-lhe tempo de ver parte da placa: BL 74... Os pneus cantaram. O homem deu um giro em forma de U e esteve a ponto de bater contra um letreiro que havia na borda da calçada. Em seguida desapareceu a toda velocidade em direção ao pub. Eva seguiu o carro com o olhar, em seguida voltou ao quarto. Inclinou-se sobre a cama e levantou com cuidado uma ponta do grande travesseiro. Então gritou.

Foi um grito agudo, que saiu do fundo da garganta. Maja estava olhando fixamente para o teto com os olhos abertos de par em par. Seus dedos repousavam sobre a colcha muito separados. Eva retrocedeu horrorizada e bateu as costas contra a mesinha de cabeceira, fazendo com que a enorme lâmpada com o desenho do flamingo balançasse. Segurou-a instintivamente com ambas as mãos para evitar que caísse no chão, se virou de novo e se aproximou correndo da janela; olhou a rua deserta, nem um carro, nem uma pessoa, só o suave murmúrio do trânsito ao longe. Inclinou-se sobre Maja, segurou-a pelos ombros e sacudiu. O queixo lhe caiu para frente e ficou com a boca aberta. Eva procurou desesperadamente o telefone, mas não o via em nenhum lugar; se precipitou para o outro quarto, olhou na mesinha de cabeceira, voltou ao quarto de Maja e pensou em acender mais luz; continuava sem encontrar o telefone, até que por fim descobriu um vermelho e brilhante carro esportivo em uma estante. Era o telefone. Precipitou-se sobre ele, levantou a carroceria para pedir ajuda, mas era incapaz de recordar o número da emergência, acabavam de trocá-lo, havia visto no Telediário, então teria que procurar o guia de telefones. Não encontrou. Voltou a desligar e se deixou cair em uma cadeira. Olhou a bata vermelha, imaginando de repente o quarto cheio de policiais uniformizados e fotógrafos que tiravam fotos com flash, sentada na cadeira, nua sob a bata vermelha, como uma puta.

Que diria? Que estivera olhando através da fresta da porta? Por que não fez nada? Perguntou-se espantada. Porque tudo havia acontecido muito depressa. Tivera medo de que a descobrisse, medo de que a cólera daquele homem se dirigisse para ela. Estava certa de que Maja seria capaz de dominar a situação. Maja, tão profissional. Levantou-se de um salto e correu até o outro quarto. Encontrou sua roupa e se trocou apressada, atenta a qualquer ruído. E se de repente soasse a campainha da porta? E se chegasse outro cliente? Esse pensamento a fez se aproximar rapidamente da porta e fechá-la com chave. Era incapaz de controlar seus dedos e ficou muito difícil se abotoar. Com o rabo do olho via a todo o momento os pés brancos de Maja. “Ninguém sabe que estive aqui”, disse para si mesma, ninguém salvo Maja. Se alguém soubesse, Jostein, a polícia ou a Proteção de Menores, me retirariam a menina. Irei correndo para casa como se tudo isso nunca tivesse acontecido. Não tem nada a ver comigo ou com minha vida, eu não pertenço a este lugar, a este apartamento de veludo e seda. Foi

cambaleando até encontrar a bolsa e o casaco e de repente se deu conta de que suas impressões digitais estavam por todos os lados. Parou de repente. “Mas como não constava em nenhum registro não a encontrariam”, pensou. Voltou a parar junto à cama. Aproximou-se da cabeceira e se agachou. Havia uma mosca na comissura dos lábios de Maja. Subiu-lhe pela face e se acomodou no canto do olho e em seguida começou a entrelaçar suas longas patas. Eva tentou espantá-la, mas a mosca continuou seu caminho, chegou às pestanas e por fim, como vacilando, entrou no globo ocular. Ali ficou. Era como se tivesse submerso nele.

Eva cobriu a boca com a mão e foi correndo ao banheiro. Sentia enormes ânsias e colocou a cabeça no sanitário. Permaneceu um bom tempo vomitando, babando, tentando recuperar o alento. Tinha um sabor amargo na boca; esvaziou o sanitário, foi se levantar e resvalou em seu próprio vômito, se precipitou para frente, e golpeou o queixo contra a borda de porcelana machucando o lábio inferior. Os dentes se cravaram na língua e o sangue começou a sair. As lágrimas começaram a brotar de seus olhos.

Precisava parar de olhar para Maja, do contrário, não sairia dali. Arrancou vários metros de papel higiênico do rolo e começou a limpar o chão. Havia vômitos pelas paredes e pelo pé do sanitário. Limpava uma e outra vez e jogava o papel no sanitário, esvaziando-o para que o papel não prendesse, mas prendeu de qualquer maneira e o papel molhado com seu próprio vômito ficou flutuando na água. Deu-se por vencida, se aproximou do lavabo para beber água fria e tentou mantê-la um tempo na boca para deter a hemorragia. Por fim entrou de novo no quarto. De costas para Maja se perguntou quanto tempo o cadáver permaneceria ali até que alguém o descobrisse. Em seguida voltou a sentar. O edifício estava em silêncio, mas ainda era cedo, não devia se precipitar. Se alguém batesse à porta não atenderia. Perguntou-se se poderiam acusá-la de cúmplice de assassinato por ter ficado olhando sem fazer nada. E se ligasse e contasse tudo? Toda a história, desde o momento em que se encontraram nas lojas Glassmagasinet? Acreditariam nela? Deu uma olhada a seu redor, para todos os objetos que Maja havia colecionado. Tinha um gosto exuberante, com muito colorido. Sobre uma mesinha que havia debaixo da janela viu uma enorme sopeira em forma de morango e umas folhas verdes.

Eva se levantou lentamente, não sabia de onde veio a ideia, mas se aproximou da janela e levantou cuidadosamente a tampa da sopeira. Estava cheia de dinheiro. Voltou-se apressada para Maja, mas ela não podia vê-la. Era um grande maço de notas, com certeza vários milhares de coroas. Procurou outros possíveis esconderijos, e descobriu um floreiro branco e azul com rosas de seda, retirou as flores e encontrou outro monte de notas. Uma caixa de costura também estava cheia. De repente se lembrou das botas do armário; foi até a entrada e abriu o roupeiro. Virou os três pares de botas e as notas saíram em cascata. Eva começou a suar, colocou o dinheiro na bolsa e continuou procurando. Encontrou dinheiro nas duas mesinhas de cabeceira e no armário do banheiro. Conforme ia colocando dinheiro na bolsa, ia ficando cada vez mais irritada. Evitou voltar a olhar para o cadáver de Maja. Sua amiga havia destruído algo em sua vida. Havia revelado uma faceta dela mesma que ignorava, uma faceta que gostaria de não ter. A culpa era de Maja e ela não precisaria mais desse dinheiro. Sua bolsa estava cheia de notas de cinquenta, cem e mil coroas. Passou a mão pela testa para secar o suor.

Soou a campainha. Escondeu-se em um canto, aterrorizada pela ideia de que alguém olhasse

pelo buraco da fechadura. Dois breves toques. “Devia ser o homem que seria meu primeiro cliente”, pensou segurando a respiração e se apertando contra a parede. A campainha voltou a tocar. Precisaria esperar um tempo até poder sair do apartamento. Ninguém deveria vê-la. Nunca havia fizera parte disso, fora um acidente. Os passos do desconhecido desapareceram escadas abaixo. O portão se fechou de um golpe. Eva olhou o relógio, eram quinze para as nove. Deu uma olhada em Maja pela última vez. Não era muito bonita agora... Essa forma de olhar e de abrir a boca. É por sua culpa, soluçou. Em seguida esperou cinco minutos mais, tesa como um pau, de costas para o cadáver, contando os segundos. Por fim abriu a porta e saiu na ponta dos pés.

Não encontrou ninguém na escada. Do lado de fora o ar era escuro e húmido. Foi para a esquerda, não para a direita, em direção ao pub. Voltou a virar à esquerda, passou pela igreja metodista e em frente do posto de gasolina Esso, virou outra vez à esquerda, passou pela companhia de seguros Gjensidige e caminhou ao longo do rio até chegar à rotunda. Tinha a língua entumecida e com gosto ruim, mas havia parado de sangrar. Apertava a bolsa contra o peito. Continuou a passo tranquilo, cabisbaixa e sem olhar para ninguém; não podia andar muito depressa, ninguém deveria ver uma mulher correndo por essas ruas, nessa noite, exatamente a essa hora, por isso caminhava como se estivesse dando um passeio. “Não tem nada de suspeito que uma mulher dê um passeio pela cidade”, pensou. Até chegar na ponte não começou a andar depressa.

Uma hora mais tarde estava na sala de sua casa, com a bolsa ainda apertada contra seu corpo. Estava cansada após a longa caminhada, mas não havia se atrevido a parar nenhum táxi. Faltava a respiração e sentia pontadas no peito; quis se sentar, mas primeiro precisava esconder a bolsa, parecia loucura deixá-la sobre a mesa como de costume, já que estava cheia de dinheiro. Precisaria escondê-la. Alguém poderia entrar. Olhou a seu redor a procura de um armário ou uma gaveta, rechaçou a ideia e foi para o quarto da lavadora. Olhou dentro do tambor, estava vazio. Empurrou a bolsa para o interior e fechou a lavadora. Voltou à sala, ia se sentar, mas foi outra vez à cozinha apanhar vinho tinto. A garrafa estava aberta; encheu um copo grande e voltou à sala, olhou fixamente pela janela, estava escuro e silencioso. Deu dois grandes goles e decidiu de repente fechar as cortinas para que ninguém pudesse olhar para dentro, ainda que lá fora não houvesse ninguém. Fechou as cortinas de todas as janelas e foi se sentar com o copo, quando se lembrou de que os cigarros estavam na bolsa, dentro da lavadora.

Voltou ao quarto da lavadora e os apanhou. Entrou na sala, mas havia se esquecido do isqueiro e deu outra vez a volta. O pulso batia cada vez mais depressa; encontrou o isqueiro e pensou que por fim poderia se sentar, quando se lembrou do cinzeiro. Levantou-se uma vez mais e notou que os dedos tremiam. Um carro passou devagar pela rua, Eva se aproximou correndo da janela e olhou por uma fresta da cortina; era um táxi. “Estará procurando algum endereço”, pensou; saiu uma vez mais da sala, encontrou o cinzeiro sobre a pia da cozinha e acendeu um cigarro. “O telefone não tem sinal”, pensou, e pensou com alívio, ninguém poderia localizá-la. Havia fechado a porta com chave. Aspirou uma vez mais o cigarro antes de deixá-lo no cinzeiro. Apagaria quase todas as luzes, pareceria que não estava em casa. Percorreu os aposentos apagando uma lâmpada após outra. A casa estava cada vez mais escura, e os cantos negros.

Por fim se sentou na borda da cadeira. Tinha a desagradável sensação de ter esquecido de alguma coisa, então deu um gole no vinho, ao mesmo tempo em que respirava depressa e

febrilmente. Depois de um tempo, começou a se sentir enjoada. No seu interior tentava converter os pensamentos em frases, mas não chegava a terminá-las antes que surgissem novos pensamentos. Sentia-se aturdida. Bebeu mais vinho e acendeu um cigarro atrás do outro. Eram cerca das onze. Pode ser que já tivessem encontrado Maja, talvez algum de seus clientes tivesse descoberto que a porta estava aberta. Mas se o homem tivesse mulher e filhos, podia ser que tivesse se afastado apressado, como ela havia feito. “Uma puta pode morrer sem que ninguém se preocupe em avisar”, pensou espantada. Talvez Maja permanecesse sobre a cama muito tempo. Talvez se passassem vários dias, ou inclusive semanas, até que alguém desse o alarme, até que começasse a feder a podre na escada e os vizinhos estranhassem.

Eva foi à cozinha colocar mais vinho. “Rapidamente verei Emma”, pensou, “Então tudo voltará a ser como antes”. Esvaziou o copo de pé, junto ao banco da cozinha e entrou no banheiro. Seria melhor se deitar e deixar passar o tempo. Quanto mais depressa passasse, melhor. Escovou os dentes e entrou debaixo do edredom. Talvez a polícia a localizasse apesar de tudo; seria melhor que começasse a pensar no que iria dizer.

Havia fechado os olhos e queria dormir, mas constantemente vinham novos pensamentos. Alguém havia visto ela entrar no edifício de Maja? Pensava que não. Mas no restaurante de Hanna sim, e também na cafeteria das lojas Glassmagasinet. Não poderia negar que haviam se encontrado, seria muito arriscado. Precisaria relatar esse dia tal e como havia acontecido, que haviam almoçado juntas e que em seguida haviam ido para a casa de Maja. “O quadro”, pensou de repente. Apoiado contra a parede da sala. Mas poderia tê-lo levado nesse mesmo dia. Deveria confessar que sabia que Maja era uma puta? Quantas mais verdades contasse, melhor seria, não é? Sim, sabia por que Maja havia contado. Nunca tiveram segredos uma para a outra. Forçou seus olhos a fechar, não queria continuar pensando. “O táxi”, pensou de repente. Esse táxi que havia pedido e a havia levado a Tordenskioldsgate com o quadro envolvido numa manta. Localizariam? Bom, podia ter ido a casa de Maja com o único fim de entregar o quadro, podia ter parado um tempo e em seguida ido embora porque Maja esperava um cliente. Acontecera assim, claro. Encontraram-se na quarta-feira e tomaram café. Estavam há vinte e cinco anos sem se ver. Em seguida almoçaram juntas. Maja pagou. Queria comprar um quadro, e no dia seguinte enviou um táxi para apanhá-lo. Se havia visto o cliente? Ouvido algum nome? Não, saíra muito antes que ele chegasse. Não sabia nada desse homem nem queria saber. “Não sei como morreu”, pensou de repente, “Só o que li nos jornais”. Preciso ler os jornais. Terei que escutar o rádio. Não devo cometer nenhum erro. Olhava para o teto enquanto entrelaçava os dedos debaixo do edredom. Quando dariam as primeiras notícias? Às seis? Olhou o relógio, que marcava cerca de meia-noite. Os ponteiros verdes estavam muito abertos, como as pernas de Maja sob a escura colcha. Pestanejou arregalou os olhos. Os pesadelos faziam fila na parte posterior de sua cabeça. Levantou-se e foi ao banheiro, colocou a bata sobre os ombros e se sentou na sala. Voltou a se levantar e ligou o rádio, que estava tocando uma música. Pensou: “Devo me manter acordada, enquanto estiver acordada saberei o que está acontecendo”.

* * *

Vinte e Nove

A SSASSINADA EM SUA PRÓPRIA CAMA!

Eva viu as manchetes no suporte que havia fora da loja de Omar antes de sair do carro. No transcurso de só umas poucas horas noturnas, o caso já estava abrindo caminho por toda a cidade, por todo o país. Entrou apressada e deixou uma moeda de dez coroas sobre o mostrador. Dentro do carro abriu o jornal e apoiou-o no volante. Tremiam-lhe as mãos.

Uma mulher de trinta e nove anos foi encontrada morta em sua própria cama. Parece que um estrangulamento foi a causa da morte. A polícia iniciou uma investigação e por hora não pode dar mais detalhes. Não existem sinais de violência na casa e não parece que o motivo tenha sido roubo. A mulher, que havia sido investigada por um caso de prostituição, foi encontrada por um conhecido às vinte e duas horas da noite de ontem. O homem declarou a este jornal que foi ao apartamento da vítima com o fim de comprar serviços sexuais, quando acidentalmente descobriu que a porta estava aberta. Encontrou a mulher morta na cama e chamou imediatamente a polícia. Tudo indica que a mulher foi assassinada por um cliente, mas o motivo é desconhecido. Leia mais sobre este acontecimento nas páginas seis e sete.

Eva olhou as páginas indicadas. Não encontrou muito mais, mas sim grandes fotos. Uma do edifício, em que a janela de Maja estava marcada com uma cruz. Deveria ser uma foto antiga, porque as árvores que havia na frente do edifício estavam cobertas de folhas. No outra foto se via a imagem difusa e de costas, para não ser reconhecido, do homem que a encontrou. Havia também uma foto do policial que ia se ocupar do caso: um homem grisalho e de semblante sério, vestido com uma camisa azul clara. Inspetor-Chefe Konrad Sejer. “Que nome mais estranho”, pensou Eva. “Pede-se a todas aquelas pessoas que se encontravam próximas do lugar do crime que entrem em contato com a polícia.”.

Eva dobrou o jornal. Se a polícia descobrisse que havia estado com Maja não demoraria muito a aparecer; nesse mesmo dia, ou, com certeza, antes do fim de semana. Se passasse uma semana sem que tivesse aparecido, poderia se sentir segura. Mas provavelmente, a primeira coisa que fariam seria investigar o que Maja havia feito e com quem estivera nos últimos dias. Eva ligou de novo o carro e voltou lentamente para casa. Entrou e decidiu começar a lavar roupa, para ordenar e pensar no que iria dizer. No quarto da lavadora havia montes de roupa suja; colocou-as na máquina e de repente se lembrou de que a bolsa com o dinheiro continuava ali. Apanhou-a e voltou a colocar a roupa suja. “Maja e eu fomos amigas quando éramos meninas” se disse a si mesma, mas perdemos o contato em sessenta e nove porque eu me mudei para cá com minha família. Tínhamos então quinze anos. Colocou sabão na lavadora e apertou o botão.

Não voltamos a nos ver em vinte e cinco anos. Encontrei-a casualmente nas lojas Glassmagasinet, eu havia ido a uma loja para trocar... Fomos até a cafeteria do primeiro andar e tomamos um café.

Foi à cozinha e encheu a pia de água.

Falamos dos velhos tempos, como costumam fazer as mulheres. Se eu sabia que era uma prostituta? Sim, me contou. Não sentia nenhuma vergonha. Convidou-me para jantar na COZINHA DE HANNA. No quarto ao lado, a lavadora ia se enchendo lentamente de água. Depois de comer fomos para sua casa. Apanhamos um táxi. Mas não fiquei muito tempo. Sim, sim, falou de seus clientes, mas não mencionou nenhum nome. O quadro? Apanhou um copo sujo, levantou-o para a luz e começou a limpá-lo. Sim, é meu. Ou melhor dito, Maja me comprou por dez mil coroas, mas só porque sentia pena de mim, não achei gostasse de verdade. Não entendia muito de arte. Na tarde seguinte apanhei um táxi para levá-lo. Tomei um café com ela e voltei para casa. Ela estava esperando um cliente. Se eu o vi? Não, não vi ninguém, saí antes que ele chegasse, não queria estar ali naquele momento.

Enjugou o copo sob a torneira e apanhou outro. Quantos copos de vinho haviam se acumulado! O tambor da lavadora começou a dar voltas. “Na realidade era muito simples”, pensou, já que nunca suspeitariam que ela a tivesse assassinado. Uma amiga não mata uma amiga. Não desconfiariam dela. Ninguém poderia provar que havia presenciado tudo. Mas todo esse dinheiro que havia apanhado...

Respirou fundo e tentou se tranquilizar. De repente sentiu uma grande perturbação por ter apanhado o dinheiro de Maja. Por que diabos havia feito isso? Só porque lhe fazia falta? Dispunha-se apanhar outro copo quando soou a campainha da porta. Um toque prolongado e decidido. Não! Não pode ser! Eva se assustou tanto que apertou o copo até quebrá-lo. Começou a sangrar na mão, a água estava ficando vermelha. Aproximou-se da janela, mas não pode ver quem era, só que havia alguém. Quem podia ser...? Limpou a mão na água e a envolveu em um pano de cozinha para que o sangue não gotejasse. Foi até a entrada. Arrependeu-se de ter escolhido um vidro rugoso para a janela da porta, já que a impedia ver quem estava do lado de fora. Era um homem muito alto, magro e grisalho, que lhe era familiar. Parecia-se com o homem do jornal, o que ia se ocupar da investigação, mas fora muito rápido. Ainda era sexta-feira de manhã, e em uma só noite não teriam tido muito tempo de descobrir grande coisa, ainda que com certeza...

— Konrad Sejer, disse. — Polícia.

O coração bateu mais forte. A garganta se fechou, não saía dela nem um som. O homem não se movia, só a olhava fixamente, interrogante, e como Eva não dizia nada, apontou o pano de cozinha e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, estava limpando os copos. Era incapaz de se mover.

— Eva Marie Magnus?

— Sim, sou eu. Cravou seus olhos nela.

— Posso entrar?

Como me encontrou? Só se passaram umas horas, então como...!

— Claro que sim. Estava tão concentrada na mão... Era um copo barato, então não importa, mas está sangrando muito e me preocupo em manchar de sangue os móveis e as almofadas. Depois não há quem retire. Polícia?

Deu marcha-a-ré, tentando lembrar o que devia dizer. Nesse momento havia esquecido de tudo, mas, ele teria que perguntar algo antes que ela tivesse que responder. O melhor seria falar o menos possível, se limitar a responder às perguntas, e não cacarejar como uma galinha, porque então pensaria que estava nervosa, o que era verdade, mas ele não deveria se dar conta. Ficaram de pé na sala.

— Primero deve tratar dessa mão, disse o policial secamente. — Esperarei enquanto isso. Olhou-a detidamente e prestando atenção no lábio já inchado.

Eva foi ao banheiro e não atreveu a se olhar no espelho para não se assustar mais. Apanhou um rolo de esparadrapo do armário e cortou um pedaço, pregou-o sobre o corte e respirou fundo três vezes.

— Maja e eu fomos amigas quando éramos meninas, sussurrou. E voltou à sala.

O homem continuava de pé, e Eva fez um sinal para que se sentasse. E quando ele abriu a boca, Eva teve a sensação de que havia esquecido de algo, de algo importante e decisivo; precisava se apressar em solucionar os problemas, mas era muito tarde, porque o homem já havia começado a falar e ela era incapaz de pensar.

— Você conhece Maja Durban? Eva se apoiou no respaldo da cadeira.

— Sim, conheço.

— Há muito que não a vê?

— Não. Ontem... Ontem à tarde. O policial assentiu lentamente com a cabeça.

— Ontem? A que horas?

— Entre as seis e as sete, acho.

— Sabe que foi encontrada morta em sua cama às vinte e duas horas? Eva se sentou, humedeceu os lábios e engoliu saliva. “Sei?”, pensou. “Já soube? Tão cedo?” De repente viu o jornal com a primeira página para cima.

— Sim, li no jornal. O policial levantou-o, virou e olhou a última página.

— Ah, sim? Pelo que vejo não existe nenhuma etiqueta com o endereço. Você compra o jornal tão cedo? Esse homem era muito tenaz, capaz de fazer um mudo falar. Não tinha escapatória.

— Sim, nem todos os dias, mas sim, em alguns.

— Como soube que era Durbán que havia sido assassinada?

— O que quer dizer?

— Seu nome, disse o policial em voz baixa, — Não aparece no artigo. Eva esteve a ponto de desmaiar.

— Bom, reconheci o edifício na foto. E a cruz na sua janela. Quero dizer que pelo contexto compreendi que se tratava de Maja. Era um pouco especial. Está aqui: “investigada” e “um caso de prostituição”. Trinta e nove anos. Soube que era ela. Soube logo.

— Ah, sim? E o que pensou ao ler, ao saber que a haviam assassinado? Eva fez denodados

esforços por encontrar as palavras adequadas.

— Que deveria ter me escutado. Tentei avisá-la.

Ele se calou. Eva achava que ia continuar, mas não o fez; ficou observando a sala, estudando os grandes quadros, não sem certo interesse, e voltou a olhá-la, ainda em silêncio. Eva se deu conta de que estava suando, o corte da mão recomeçara a doer.

— Imagino que teria se colocado em contato conosco, se eu não tivesse me adiantado. Não é?

— O que quer dizer?

— Vai na casa de uma amiga, e no dia seguinte sabe pelo jornal que ela foi assassinada. Imagino que teria nos chamado para fazer uma declaração, com o fim de ajudar.

— Sim, claro. Faria isso.

— Talvez fosse mais importante limpar os copos? Eva desmoronava lentamente ante os olhos do policial.

— Maja e eu fomos amigas quando meninas, disse docilmente.

— Prossiga.

Estava a ponto de se deixar vencer pelo desespero; tentou repensar, mas não se lembrava da história tal e como havia imaginado contá-la.

— Nos encontramos nas lojas Glassmagasinet, estávamos há vinte e cinco anos sem nos ver, e fomos tomar um café. Falou-me de sua atividade.

— Sim. Já estava a algum tempo exercendo-a. O policial voltou a ficar calado, e Eva não foi capaz de cumprir com sua decisão de se limitar a responder às perguntas.

— Almoçamos juntas, na quarta-feira. E em seguida tomamos café em sua casa.

— Então você esteve no seu apartamento?

— Sim, mas muito pouco tempo. Em seguida apanhei um táxi para a minha casa, e Maja quis que eu voltasse no dia seguinte, com um quadro que queria comprar. É que sou pintora, uma profissão que, por certo, lhe parecia muito estúpida, sobretudo porque apenas vendo, e quando contei que haviam cortado o meu telefone quis ajudar comprando um dos meus quadros. Tinha muito dinheiro. Eva pensou no dinheiro que estava escondido na cabana, mais não disse nada.

— Quanto pagou pelo quadro?

— Dez mil. Justo o valor das faturas que tenho pendentes.

— Fez uma boa venda, disse de repente o policial. Espantada, Eva arregalou os olhos. — De maneira que ela quis que voltasse, e você assim o fez?

— Sim, só para levar o quadro, se apressou a dizer. — Apanhei um táxi. Levei-o envolvido em uma manta...

— Sabemos disso. Você foi no carro número F16. Estou certo de que a levou muito depressa, disse sorrindo. — Quanto tempo esteve em sua casa? Eva lutou por não perder a compostura.

— Talvez uma hora. Comemos um sanduíche e conversamos um pouco. Eva se levantou para apanhar um cigarro, abriu a bolsa que havia deixado sobre a mesa de refeições e viu o monte de notas. Voltou a fechá-la rapidamente.

— Fuma? Perguntou de repente o policial, agitando um maço no ar.

— Sim, obrigado. Eva retirou um cigarro do maço e apanhou o isqueiro que o policial estendeu por cima da mesa.

— O táxi apanhou-a aqui às dezoito horas, o que significa que chegou na casa de Durbán aproximadamente às dezoito e vinte.

— Sim, imagino que sim. Não olhei o relógio. Eva chupou ansiosamente o cigarro e exalou, tentando aliviar a pressão que estava se acumulando em seu interior, mas não serviu de nada.

— E ficou aproximadamente uma hora? Isso quer dizer que saiu em torno das dezenove e vinte.

— Como já lhe disse, não olhei o relógio, mas Maja estava esperando um cliente, e eu não queria estar ali quando chegasse, então saí com tempo de sobra antes que ele aparecesse.

— A que horas ia chegar?

— As oito. Ao chegar ela me disse que esperava um cliente às oito. Costumavam tocar duas vezes a campainha. Era o combinado. Sejer assentiu com a cabeça.

— E sabe você quem era ele?

— Não, não quis saber. Parecia-me horrível o que ela estava fazendo, absurdo; não entendo como podia; na realidade não entendo que alguém faça essas coisas.

— Pode ser que você tenha sido a última pessoa que a viu com vida. Esse homem que chegou as oito pode ter sido o assassino.

— Ah! Deu um suspiro, como se a mera ideia a fizesse estremecer.

— Você se encontrou com alguém em baixo, na rua?

— Não.

— Que caminho tomou? “Diga a verdade”, pensou Eva, “Enquanto puder.”.

— Fui para a esquerda, passei pelo posto de gasolina Esso e a companhia de seguros Gjensidige. Em seguida caminhei ao longo do rio e cruzei a ponte.

— Deu uma boa volta, não é?

— Não queria passar pelo pub.

— Por que não?

— Há muitos bêbados ali de noite.

Essa era uma verdade firme como uma casa. Não suportava passar na frente de grupos de homens bêbados.

— Bem. O policial olhou para a mão machucada. — Durbán acompanhou-a até a porta?

— Não.

— Fechou a porta ao você sair?

— Acho que não. Mas não reparei nisso.

— E não se encontrou com alguém no portal ou na calçada?

— Não. Com ninguém.

— Viu se havia se carros estacionados abaixo, na rua?

— Não me lembro ter visto algum.

— Bom. Cruzou a ponte, e em seguida?

— Vim andando para casa.

— Veio andando até aqui? Desde Tordenskioldsgate até Engelstad?

— Sim.

— Fica muito longe, não é?

— Sim, mas queria andar. Tinha muitas coisas em que pensar.

— E no que precisava pensar para fazer uma caminhada tão longa?

— Em Maja e tudo isso, murmurou. — No que havia se convertido. Conhecíamos-nos tão bem

há anos, não podia entender. Acreditava conhecê-la, disse estranhada, como falando para si mesma. Apagou o cigarro e ajeitou o cabelo.

— De modo que se encontrou com Maja na quarta-feira pela primeira vez em vinte e cinco anos?

— Sim, foi assim.

— E esteve em sua casa ontem, entre as seis e as sete?

— Sim.

— E isso é tudo?

— Sim, isso é tudo.

— Não esqueceu nada?

— Não acho. O policial se levantou do sofá e voltou a assentir com a cabeça, apanhou o isqueiro, que tinha as impressões digitais de Eva, e o colocou no bolso da camisa.

— Ela parecia intranquila?

— Não, não absoluto. Maja dominava a situação, como sempre. Pleno controle.

— E não disse nada durante a conversa que pudesse indicar que alguém a estivesse perseguindo?

O que alguém a quisesse mal?

— Não, de nenhuma maneira.

— Recebeu alguma ligação telefônica enquanto você estava ali?

— Não.

— Bom, não quero atrapalhá-la mais. Por favor, me ligue se se lembrar de algo que pudesse ter interesse. Qualquer coisa.

— Farei isso.

— Farei as gestões necessárias para que voltem a conectar o telefone imediatamente.

— Como?

— Tentei ligar. Na Telefônica disseram que você não havia pago.

— Ah sim, muito obrigado.

— É para se eu precisar falar com você outra vez. Eva mordeu o lábio, perplexa.

— Diga-me, como soube que estive ali? O policial colocou a mão no bolso e apanhou uma agenda de pele vermelha.

— É a agenda de Maja. Aqui está anotado, em trinta de setembro: “Encontrei-me com Eva no Glassmagasinet. Almoçamos no A COZINHA DE HANNA”. Na parte de trás está anotado seu nome e seu endereço. “Tão fácil”, pensou Eva. — Não se levante, disse. — Encontrarei o caminho.

Eva se deixou cair de novo na cadeira. Sentia-se completamente abatida; retorceu tanto os dedos que a ferida voltou a sangrar. Sejer foi até a porta, mais parou de repente ante um dos quadros. Inclinou a cabeça e se voltou de novo.

— Que representa? Eva fez um gesto de desagrado.

— Não consigo explicar meus quadros.

— Entendi. Mas este, disse apontando um capitel que se erguia na escuridão, — Me lembra uma igreja. E essa coisa cinzenta ali no fundo poderia ser uma lápide, um pouco arqueada na parte de cima. Longe da igreja, mas se vê que pertencem ao mesmo conjunto. Um cemitério, disse com simplicidade. — Com uma só lápide. Quem está enterrado ali? Eva olhou-o espantada.

— Eu mesma, provavelmente. Seguiu-o até a entrada.

— É o quadro mais impressionante que vi, ele disse.

No instante em que o ouviu fechar a porta, Eva pensou que deveria ter derramado algumas lágrimas, mas já era muito tarde. Ficou sentada, com a mão sobre os joelhos, escutando a lavadora. Havia começado a centrifugar, cada vez mais depressa, com um rugido ameaçador.

* * *

Trinta

LIVROU-SE do medo enquanto ia aumentando a raiva. Eram sentimentos desconhecidos, nunca ficava irritada, só aflita ou desesperada. Apanhou a bolsa da mesa, abriu-a e virou para que as notas saíssem voando. Quase todas eram de cem e umas quantas de cinquenta. Contava sem parar e não dava crédito a seus olhos. Mais de sessenta mil coroas! Dinheiro para caprichos, teria dito Maja. Ajeitou-as em montinhos enquanto sacudia a cabeça. Com sessenta mil coroas poderia viver durante muito tempo, pelo menos meio ano. E ninguém daria falta desse dinheiro. Ninguém sabia de nada. Que teria acontecido com esse dinheiro se não tivesse apanhado? O Estado teria ficado com ele? Eva teve a estranha sensação de que o merecia, de que lhe pertencia. Reajeitou os montinhos, procurou um elástico e os prendeu ordenadamente. Já não se sentia atormentada por tê-lo apanhado. Deveria estar, não entendia muito bem por que não era assim, nunca havia roubado nada em sua vida, exceto umas quantas estátuas do jardim da senhora Skollenborg. Mas por que iria ficar escondido nas sopeiras e floreiras quando ela precisava tão desesperadamente dele? Continuou pensando um momento e em seguida desceu ao porão. Esteve procurando um tempo até que por fim encontrou uma lata de tinta vazia. Estava completamente seca por dentro. Colocou o dinheiro na lata, tampou e voltou a empurrá-la para dentro do armário de onde havia retirado. “Quando precisar de alguma coisa, é só meter a mão na lata e retirar algumas notas”, pensou espantada, exatamente como Maja fazia.

Voltou a subir. “Ninguém vai descobrir”, pensou. Talvez todos nós nos convertamos em ladrões ao aparecer uma boa ocasião. Essa era uma boa ocasião. O dinheiro que não pertence a ninguém deve cair nas mãos de gente que realmente precisa dele, pessoas como Emma e eu. E além disso, Maja tinha quase dois milhões escondidos na cabana. Sacudiu a cabeça. Não queria pensar nesse dinheiro. Mas e se estivesse tão bem escondido que nunca alguém o encontrasse? Ficaria ali até se converter em pó? Realmente merece esse dinheiro, Maja lhe dissera. Pode ser que falasse de brincadeira, mas estremeceu ao lembrar de suas palavras. E se disse a sério? Uma ideia tentava abrir caminho, mas Eva a rechaçou. Um dinheiro do qual ninguém sabia. Era incapaz de pensar no que poderia fazer com tanto dinheiro. Mas, seria impossível ocultar uma fortuna assim, inclusive Emma começaria a fazer perguntas se de repente tivessem dinheiro, e em seguida contaria a Jostein, que também começaria a fazer perguntas, ou talvez ao avô ou a seus amigos ou aos pais de seus amigos. “Por isso era tão complicado ser ladrão”, pensou, sempre há alguém que começa a suspeitar, alguém que sabia que não tinha dinheiro, e os rumores começariam a se espalhar. Se Maja soubesse o que estava pensando! A pobre estava nesse momento dentro de uma gaveta refrigerada com uma etiqueta presa ao dedo do pé: Durbán, Marie, nascida em 4 de agosto de 1954.

Estremeceu. Não demorariam muito em encontrar o homem do rabo de cavalo, sempre acabavam apanhando-os, mais cedo ou mais tarde. Só teria que esperar que apertassem o cerco, não

tinha escapatória, com essas novas técnicas de DNA e outras coisas piores, e tendo se deitado com Maja e tudo. Havia deixado um verdadeiro cartão de visita, junto com suas impressões digitais, pelos fios de sua roupa e tudo o que havia lido em novelas policiais. De repente descobriu que ela também teria deixado um monte de impressões. O homem da polícia voltaria, estava certa. Nesse caso teria que repetir outra vez a mesma história, talvez ficasse mais fácil com o tempo.

Dirigiu-se com passos firmes para a oficina. Pôs a camisa de pintar e começou a olhar fixa e agressivamente para a tela negra estendida sobre o cavalete. Sessenta por noventa, um bom formato, nem muito grande, nem muito pequeno. Apanhou da gaveta uma lixa e um pincel de madeira. Cortou um pedaço de lixa e o dobrou ao redor do pincel, fez uns movimentos de teste no ar e se lançou sobre a tela. Começou pela parte superior direita e lixou com força quatro ou cinco vezes. Apareceu uma cor acinzentada, parecida com chumbo, um pouco mais claro nos lugares onde a tela tinha os fios mais grossos. Afastou-se um pouco do cavalete. E se não o encontrarem? E se não conseguirem prendê-lo? Opel Manta, BL 74, Não era assim? “Não pegam todos”, pensou. Se não estiver em seus registros, como vão encontrá-lo? Tudo havia acontecido tão depressa e em silêncio... Saiu na ponta dos pés em questão de minutos. Se ela era a única pessoa que havia visto o carro, nunca se saberia que tinha um Opel Manta, um modelo não muito comum, o que teria facilitado a busca.

Aproximou-se de novo da tela e recomeçou a raspar, agora um pouco mais à esquerda, com movimentos mais curtos e fortes. Que dissera esse homem? Algo sobre seu trabalho, sobre quanto tempo precisava trabalhar para ganhar mil coroas. Eva via em seu interior a cabeça ruiva com o pequeno rabo de cavalo na nuca. Não havia mencionado a fábrica de cerveja? Eva parou. Havia chegado até a parte branca da tela, que desprendia uma intensa luz. O pincel de madeira caiu no chão. Olhou o relógio, meditou um instante e sacudiu com força a cabeça. Continuou raspando. Voltou a olhar o relógio. Retirou a camisa, se vestiu e saiu de casa.

Teve que injetar ar para que o carro ligasse. Rugiu muito e saía fumaça preta quando Eva mudou de marcha e pegou a autoestrada. Talvez já tivesse fugido da Suécia. Ou quem sabe tivesse se escondido em uma cabana, ou tivesse se suicidado. Ou talvez estivesse no trabalho como todo o mundo, como se nada tivesse acontecido. Na fábrica de cerveja com o Manta branco estacionado do lado de fora. Dirigia depressa, com o corpo inclinado para frente. Queria verificar se tinha razão, se o carro ainda estava ali, se existia de verdade e não era só a sua imaginação. Passou na frente da companhia elétrica e se lembrou de repente das faturas pendentes, teria que se lembrar de pagá-las. Agora tinha dinheiro de sobra, inclusive poderia colocar marco nos quadros. As pessoas não compravam quadros sem marco. Eva não entendia as pessoas.

Já tinha Krydderhaven à sua direita e estava se aproximando. Passou a segunda. “Ele não me viu”, pensou, então não corro nenhum risco andando pelos arredores da fábrica de cerveja, pois não tem ideia de quem eu sou, nem do que vi, mas tem medo e está de guarda. Devo ter cuidado. Se ele for esperto continuará vivendo como se nada tivesse acontecido. Irá trabalhar. Contará piadas na cantina. “Talvez”, pensou de repente, tenha mulher e filhos. Continuou lentamente, procurando pensar em seu velho carro. Colocou-lhe o nome de Elmer. Pareceu-lhe um nome adequado, um pouco pálido e aguado. Era incapaz de imaginar que tinha um nome normal, como Kåre, Trygve ou talvez Jens. Não depois de tê-lo visto sentado na cama com as calças arriadas até os joelhos e a brilhante faca na mão. Ele não tinha nada de normal e comum. Perguntou-se se ele já teria começado

a se sentir diferente. Estaria estremecido e morto de medo, ou simplesmente irritado por ter traspassado um limite que podia custar caro? O que pensaria?

Eva acelerou e segurou forte o volante na rotunda. Passou a grande velocidade na frente da fábrica de lâmpadas e prestou atenção no suporte de jornais colocado adiante da padaria. “Achada estrangulada”, estava lá, e o mesmo no posto de gasolina Esso. Maja estava por toda a cidade e tinha certeza de que Elmer já havia lido, se é que lia jornais. Eva sabia que todo o mundo lia algum jornal. Diminuiu a velocidade, entrou na Oscarsgate, passou devagar na frente da fábrica de cerveja, continuou até os banheiros municipais e estacionou na parte de trás. Permaneceu um tempo sentada no carro. Era um estacionamento grande e havia muitos carros brancos. Fechou a porta, passou lentamente pelos banheiros, de onde saía um forte odor a cloro, e continuou até o estacionamento da chefia, bem diante da entrada principal. Elmer não era um chefe, disso estava certa; não se vestia como um chefe e além disso, havia se queixado do salário. Eva continuou andando lentamente. O estacionamento dos empregados ficava à sua esquerda, fechado com uma barreira. Havia um sinal com luzes vermelhas e um grande cartaz onde estava escrito que era um estacionamento vigiado, mas não especificava como. Não via câmeras em nenhum lugar. Passou debaixo da barreira e foi para a esquerda. Precisaria empregar algum sistema para procurar, havia muitos carros. O coração batia muito depressa; colocou as mãos nos bolsos da capa e tentou caminhar com naturalidade, levantando de vez em quando o rosto para o sol, com um sorriso nos lábios. Esperava que ninguém reparasse nela.

Viu um Honda Civic, anormalmente reluzente, como se tivessem acabado de retirar da loja. Continuou pela mesma fila de carros, precisava olhar a todos, inclusive as letras e os números das placas, sem que se notasse o que estava fazendo, se alguém estivesse vigiando. Podia um homem matar alguém à noite e ir a trabalhar na manhã seguinte? Era possível? Um BMW, antiquado e sujo, muito desordenado por dentro. Um outro, não branco, mais amarelo sujo. Continuou pela segunda fila, o sol esquentava um pouco, ainda que já estivessem em outubro, uma nostálgica carícia sobre sua face. De repente Maja estava irremediavelmente morta. Incrível. Eva não estava certa de ter entendido. Maja havia surgido de repente do nada, e igualmente de repente havia desaparecido. Passou voando a grande velocidade, como um estranho sonho. Um Mercedes branco, um velho Audi; Eva caminhava entre as filas de carros sobre suas longas pernas, com a capa aberta. De repente viu diante dela um jovem, lhe fechando o caminho. Usava um macacão azul escuro com um montão de tiras reflexivas. Era um guarda da Securitas.

— Tem passe? Eva franziu o cenho. Era um menininho, mas enorme.

— Como?

— Este é um estacionamento particular. Procura alguma coisa?

— Sim, um carro. Não estou tocando em nada.

— Pois terá que sair, este lugar é só para empregados. Tinha o cabelo ruivo, em ponta, e uma grande quantidade de autoestima.

— Só quero olhar uma coisa. Só quero dar uma volta para olhar uma coisa. É muito importante para mim, adicionou.

— Nem falar! Venha, vou acompanhá-la até a saída. Estava se aproximando com um braço autoritário.

— Pode ir atrás de mim se quiser, só quero olhar os carros. Estou procurando uma pessoa que

preciso ver, é muito importante. Por favor! Tenho carro e rádio, não se preocupe. O tipo vacilou.

— Certo, mas se apresse. Meu trabalho consiste precisamente em retirar os estranhos daqui. Eva continuou caminhando ao longo das filas de carros, ouvindo os passos do jovem atrás.

— Que marca de carro é? Perguntou. Eva não respondeu. Elmer não devia saber que alguém o estava procurando. — É que conheço muitos dos que trabalham aqui, adicionou. Um Toyota Tercel, um velho Volvo, um Nissan Sunny... O vigilante tossiu.

— Trabalha no escritório ou na fábrica?

— Não o conheço, respondeu Eva secamente. — Só o carro.

— Que estranho é tudo isso, não é?

— De fato.

Eva parou e assentiu com a cabeça. O jovem tinha os braços cruzados sobre o peito e se sentia um pouco idiota. Uma senhora estava sem permissão em um recinto privado e ele estava seguindo-a como um cachorro. Vamos guarda! Parte de sua autoestima desapareceu.

— É um tipo que não conhece? Colocou-se na frente dela e se apoiou no capô de um carro. Suas pernas eram compridas e fechavam o caminho de Eva.

— Pensava em estrangulá-lo, disse Eva com um doce sorriso.

— Sim, certo.

O homem ria como se de repente tivesse entendido tudo. O uniforme assentava bem no corpo bem marcado. Eva olhou as placas através de suas pernas abertas: BL 744. Voltou-se rapidamente para o carro da frente, um Golf prateado, se aproximou e olhou pela janela. O jovem a seguiu.

— Esse pertence a um que trabalha na cantina, não me lembro seu nome. Um tipo baixinho com o cabelo encaracolado. É esse?

Eva sorriu pacientemente, se levantou e deu uma rápida olhada no Opel branco que havia atrás dele. Pode ver o número completo: BL 74470. Era um Manta. Tinha razão, era igual ao velho carro de Jostein, mas este era mais bonito, mais novo e melhor conservado. Por dentro era vermelho. Já havia visto bastante. Começou a andar para a saída. Como fora fácil encontrá-lo! Um trabalhador comum com um assassinato sobre a consciência. E ela, Eva, sabia o suficiente para conseguir que o prendessem durante quinze ou vinte anos em uma pequena cela. “É incrível”, pensou. Ontem matou Maja, e hoje está no trabalho como se nada tivesse acontecido. O que significa que é um cara esperto. E frio. Talvez converse sobre o assassinato enquanto come um sanduíche na cantina. Já o imaginava mastigando e fazendo ruído, com os lábios cheios de maionese. E em seguida engoliria tudo com Coca-Cola, afastaria o limão antes de dar uma nova mordida. “Talvez alguns deles fossem clientes de Maja”, pensou Eva de repente. E talvez estive passando o mesmo que ela, que não podia acreditar e que tentava afastá-lo da vista como um sonho terrível.

— Já me lembro de como se chama! Gritou o guarda. — O do Golf. Chama-se Bendiksen. É de Finmark! Eva lhe deu adeus com a mão sem se virar e continuou andando. Em seguida voltou a parar.

— Trabalham em turnos?

— De sete às três, de três às onze e de onze às sete.

Eva olhou o relógio e saiu do estacionamento, passou na frente dos banheiros municipais e entrou em seu carro. O coração batia muito depressa; guardava um grande segredo e não sabia muito bem o que fazer com ele, mas ligou o carro e foi para casa. Faltava muito tempo para as três. Então poderia esperar e segui-lo, descobrir onde morava, se tinha mulher e filhos. De repente sentiu uma imensa necessidade de fazer saber que alguém o havia visto! Nada mais que isso. Eva não conseguia pensar que o tipo se sentia a salvo, que havia se levantado e ido trabalhar como sempre, depois de ter matado Maja sem motivo algum. Eva não entendia por que o havia feito, de onde havia saído toda essa raiva. Como se a faca na borda da cama fosse a maior ofensa que tivesse recebido. “Mas os assassinos não são como os demais”, pensou se esquivando de um ciclista que zigzagueava perigosamente. Ou quem sabe simplesmente tivesse ficado nervoso ao ver a faca. Acharia realmente que Maja ia esfaqueá-lo? Perguntou-se se algum advogado astuto o salvaria alegando autodefesa. “Nesse caso eu teria que intervir”, pensou Eva, mas em seguida descartou a ideia. Não poderia testemunhar em um julgamento na qualidade de amiga de prostituta; não, não podia. “Não sou covarde”, pensou, não no fundo. Mas preciso pensar em Emma. Repetiu para si mesma essa afirmação uma e outra vez. Mas um grande desassossego havia invadido seu corpo, como se milhares de formiguinhas passeassem por suas veias, ao pensar que ninguém sabia de nada, que o que havia acontecido a sua amiga Maja, a sua melhor amiga, ia ficar numa pequena notícia no jornal.

* * *

No momento que abria a porta o telefone soou. Estremeceu. Então voltara a ter linha, talvez fosse a polícia. Vacilou um instante, se decidiu e atendeu.

— Eva, filha! Onde demônios se meteu ultimamente? Estou ligando há vários dias!

— Cortaram o telefone. Mas já está funcionando, demorei um pouco para pagar.

— Já disse que me informe quando precisar de algo, resmungou o pai.

— Não vou morrer por não ter telefone durante um par de dias, respondeu Eva. — E a você também sobra dinheiro.

— Mais vale que eu passe fome de que você passe. Diga a Emma que atenda, quero escutar sua voz pura e inocente.

— Está passando uns dias com Jostein, sabe que tem férias no outono. Ouça, acaso minha voz soa culpada?

— Sua voz tem às vezes um fundo turvo, sempre tenho a sensação de que não me conta mais que uma pequena parte de tudo o que acontece.

— Sim, de fato. Isso se chama consideração. Já não é tão jovem, não é?

— Penso que deveria vir um dia desses para tomarmos um copo de vinho.

— Irei um dia desses. Pode ligar para Jostein se quiser falar com Emma. Sem dúvida, a menina não é tão inocente e pura como imagina, na realidade eu acho que se parece com você.

— Vou considerar um elogio. Jostein se aborrecerá se ligar?

— Não. Ele gosta muito de você. Tem medo de que esteja chateado por ter ido embora, então se ligar ele se alegrará muito.

— Claro que estou chateadíssimo. Acha que não estava?

— Então não me disse.

— Nunca entendi porque é tão compreensiva com um homem que lhe abandonou.

— Algum dia lhe explicarei com um copo de vinho.

— Um pai deve saber tudo sobre sua única filha, murmurou seu pai ofendido. — Deus me ampare, tem uma vida tão misteriosa...

— Sim, respondeu Eva em voz baixa. — Assim é, papai. Mas já sabe que os segredos importantes saem quando chegar o momento.

— Rapidamente o momento chegará, respondeu. — Já sou muito velho.

— Diz isso porque está deprimido. Compre vinho, irei vê-lo. Liguei para dizer quando. Não anda descalço, não é?

— Faça o que tiver vontade. Quando você começar a se vestir como uma mulher, eu me vestirei como um idoso.

— Certo, papai.

Ficaram os dois em silêncio. Eva podia ouvir a respiração do pai no outro lado. Nenhum dos dois dizia nada, mas Eva se sentia tão próxima de seu pai que parecia notar seu cálido alento através do auricular lhe acariciando a face. Seu pai era uma raiz forte, e Eva recebia toda a força dessa raiz. Muito no fundo de sua cabeça pensava que seu pai podia morrer rapidamente e que então tudo o que tinha na vida lhe seria arrancado, arrebatado, como se arrancaram o cabelo e a pele. Esses pensamentos a fizeram sentir calafrios.

— Agora está pensando em algo triste, Eva.

— Vou vê-lo. Na realidade não gosto muito desta vida.

— Teremos que nos consolar mutuamente.

O pai desligou. Houve um profundo silêncio depois. Aproximou-se da janela e os pensamentos tomaram seu próprio rumo, apesar de sua resistência. Por onde fomos naquela vez para chegar na cabana? Pensou. Não passamos por Kongsberg? Fazia tanto tempo... Vinte e cinco anos. O pai de Maja as havia levado em sua furgoneta. E se embebedaram; vomitaram sobre o mato que havia ao redor da cabana e precisaram deixar a roupa de cama ventilando ao ar livre toda a noite. “Por Kongsberg”, pensou, e em seguida por aquela ponte, subindo até o vale de Sigdal, Não era assim? Uma cabana pintada de vermelho com os marcos das janelas verdes. Minúscula, quase a única que se via naquela paisagem. Mas era longe. Duzentos quilômetros, talvez trezentos. “Quanto espaço ocupará essa enorme quantidade de dinheiro?” Pensou. Se fossem diferentes tipos de notas, não caberiam numa caixa de sapatos, era certo que não. E onde poderia se esconder uma fortuna assim em uma pequena cabana? No sótão não é? Dentro da chaminé? Talvez na latrina, onde tinham que jogar água cada vez que usavam. Ou quem sabe estava metida em latas de conservas vazias dentro da geladeira. Maja era muito engenhosa. “Se alguém pensasse em procurar esse dinheiro”, pensou, não seria fácil encontrá-lo. Mas quem iria procurá-lo, se ninguém sabia que esse dinheiro existia? Então esse dinheiro ficaria ali para sempre, até se converter em pó. Ou Maja teria contado a alguém? Nesse caso, quem sabe tivesse mais gente pensando o mesmo que ela nesse momento, pensando nesses dois milhões, sonhando.

Voltou a oficina e continuou raspando a tela negra. O mês de outubro não seria precisamente temporada alta para as cabanas de montanha, talvez não tivesse ninguém ali, ninguém que pudesse vê-la. Se deixasse o carro estacionado a certa distância, poderia percorrer a pé a última parte. Quer dizer, se se lembrasse do caminho. Recordou que precisava virar à esquerda por onde havia uma loja

amarela, e em seguida se subia e se subia até o monte pelado. Muitas ovelhas, o hotel da montanha e em seguida o grande lago. Ali poderia estacionar, junto ao lago. Raspava freneticamente a tela. Dois milhões. Galeria própria. Pintar e não ter que se preocupar com dinheiro em anos. Cuidar bem de seu pai e de Emma. Retirar as notas de uma floreira quando fizessem falta, ou de uma caixa de segurança. Por que diabos Maja não havia colocado o dinheiro em uma caixa de segurança? Talvez porque precisava registrá-lo, e nesse caso poderiam tê-la descoberto. Era dinheiro negro. Eva raspou com mais força. Se quisesse conseguir o dinheiro, teria que forçar a porta da cabana, mas não estava certa de se atrever. Forçar a porta com um pé de cabra ou quebrar o vidro de uma janela. Alguém poderia ouvir. Mas e se não havia ninguém ali? Poderia ir à tarde e chegar de noite, ainda que fosse complicado procurar na escuridão. Com uma lanterna, talvez. Largou a lixa e desceu lentamente até o porão. Numa gaveta do armário tinha uma lanterna que Jostein havia deixado. Dava pouca luz. Colocou a mão na lata de tinta onde havia deixado o dinheiro de Maja e apanhou um maço de notas, voltou a subir e colocou a capa. Afastava as pequenas pontadas da consciência e uma vozinha de seu sentido comum que tentava colocá-la de sobreaviso. Primeiro pagaria todas as faturas; em seguida, havia um par de coisas que precisava. Eram meio-dia. Faltavam três horas para que Elmer acabasse seu turno. Iria andando até seu carro. Eva colocou os óculos de sol. Viu no espelho o cabelo negro, os óculos e a capa, e não reconheceu a si mesma. Havia uma loja de materiais na praça. Não se atrevia a pedir um pé de cabra, então ficou olhando nas prateleiras procurando algo que poder enfiar na fresta de uma porta. Encontrou um cinzel grande e forte, com uma borda muito afiada, e um martelo sólido. O cabo era de madeira com ranhuras. A lanterna teve de pedir.

— Para que precisa? Perguntou o balconista.

— Para iluminar, respondeu Eva espantada, olhando a barriga do homem, que ameaçava sair do jaleco de náilon.

— Sim, sim, isso está claro. Mas as lanternas são feitas para fins distintos. Quero dizer se vai trabalhar à luz da lanterna, ou se vai iluminar um caminho durante um passeio noturno, ou se vai a fazer sinais com ela...

— Trabalhar, se apressou a responder.

O balconista apanhou uma lanterna impermeável e resistente aos golpes, com um cabo longo e estreito. Além disso, o raio de luz podia se concentrar ou se dispersar, segundo quisesse.

— Esta é do melhor que há. Garantia eterna. É a que usa a polícia americana. Quatrocentas e cinquenta coroas.

— Deus meu! Certo, vou levá-la, disse rapidamente.

— É muito boa para golpear as pessoas na cabeça, disse o balconista com semblante sério. — Os ladrões e... Eva franziu o cenho. Não estava certa se o homem falava sério.

As ferramentas custaram uma fortuna, mais de setecentas coroas. Pagou e as levou numa bolsa de papel cinzento. Eva se sentia como uma ladrona à antiga, só faltavam as sapatilhas de sola de borracha e o capuz. Seu estômago lhe recordou que não havia comido nada. Foi até a cafeteria de Jensen Manufaktur e pediu dois sanduíches, um de salmão e ovo e outro de queijo, leite e café. Não viu ninguém conhecido. Na realidade, não conhecia ninguém. Só viu rostos anônimos por todos os lados; rostos que não lhe exigiam nada, e nesse momento em que tinha tanto no que pensar, agradeceu muito. Em seguida foi à livraria e comprou um mapa. Sentou-se em um banco da praça,

meio oculta por um cartaz de sorvetes, e começou a procurar. Rapidamente encontrou o caminho no mapa, mediu com os dedos e chegou à conclusão de que demoraria ao menos duas horas e meia para chegar até lá. Se saísse às nove, poderia chegar antes de meia-noite. Atrever-se-ia a ir sozinha a uma cabana do planalto de Hardanger, equipada com martelo e cinzel?

Voltou a olhar o relógio. Estava esperando Elmer, que já estava a seis horas trabalhando e que em seguida teria concluído a sua primeira jornada de assassino. A partir de então, Elmer contaria os dias, veria no calendário que o tempo transcorria. Respiraria feliz cada noite ao se deitar como homem livre. Algum dia Eva lhe daria, de um modo ou outro, um pequeno toque, para que acabasse essa sensação de segurança e permanecesse cordado todas as noites, esperando. Iria decaindo lentamente, talvez começasse a beber e em seguida a faltar ao trabalho. E então iria ao inferno. Eva sorriu. Levantou-se do banco e se aproximou da loja de esportes, onde comprou um anorak verde escuro com capuz, um impermeável, um par de tênis Nike e uma pequena mochila. Jamais havia tido algo igual em toda sua vida. Mas se iria andar por um caminho da montanha de noite, teria que parecer a proprietária de uma cabana, se alguém a visse. Pagou quase mil e quatrocentas coroas por tudo, e revirou os olhos. Mas não se notava que o conteúdo da carteira estivesse diminuindo. Como tudo era fácil quando não se precisava contar o dinheiro. Poder apanhar as notas e lançá-las sobre o balcão. Sentia-se muito estranha, como se fosse outra pessoa; mas era ela, Eva, a que estava ali, espalhando notas ao seu redor. Não é que quisesse algum tipo de luxo, não se sentia atraída por isso. A única coisa que pedia era poder se despreocupar para pintar em paz. Isso era a única coisa que lhe interessava.

No final, foi ao banco e pagou as faturas: a eletricidade, o telefone, o imposto do carro, o seguro e os impostos municipais. Colocou todos os recibos na bolsa e saiu com a cabeça elevada. Cruzou a praça e desceu até os bancos da margem do rio. Ali ficou olhando fixamente para a água negra, que fluía a grande velocidade. Havia muita corrente. Um prato de papelão que talvez havia contido uma salsicha e purê de batatas passou na frente dela velozmente, como uma lancha rápida em miniatura. Talvez Elmer estivesse olhando o relógio nesse momento, quem sabe olhasse mais a miúdo do que costumava fazer antes. Mas ninguém havia perguntado por ele. Ninguém havia visto nada. Pensaria que ia se livrar. Eva se levantou do banco e foi para o carro. Dirigiu até os banheiros municipais e estacionou na parte da frente para poder vigiar a saída do estacionamento. O guarda da Securitas continuava caminhando por entre as filas de carros. Eva agachou a cabeça e se pôs a estudar o mapa. Eram quinze para as três.

Por fim três homens chegaram andando. Elmer parou junto ao carro branco e passou uma mão pelo cabelo. Estava solto, mas Eva reconheceu seu perfil e sua barriga. Falava, gesticulava e dava golpinhos amistosos com o punho nos seus dois colegas. Como se nada tivesse acontecido! Estavam falando do carro, Eva adivinhou pelos gestos. Estudaram as rodas; um deles se agachou e apontou algo no radiador. Elmer negou com a cabeça, como se não estivesse se lembrando. Pôs uma mão no teto do veículo, como para mostrar que era sua propriedade. Eva colocou o carro em marcha e saiu lentamente do lugar. Talvez o tipo era um desses motoristas que a deixariam para trás em seguida. Seu carro era um veículo rápido e em bom estado; o dela apenas andava. Mas nessa hora havia um trânsito muito denso, de maneira que não seria difícil segui-lo. O motor do carro do homem rugiu raivoso ao arrancar, como se debaixo do capô se escondesse algo diferente do normal. Os outros dois apertaram as mãos. Ele lhes disse adeus e desceu devagar até a barreira, que estava levantada. Eva teve

sorte: o homem ligou o intermitente à direita e passaria bem na frente dela; precisava se apressar para conseguir se colocar imediatamente atrás. O homem havia colocado óculos de sol. No instante em que Eva entrou na rua, ele olhou pelo espelho retrovisor. Eva teve uma sensação de mal-estar e tentou manter uma distância curta seguindo-o muito devagar, primeiro pela transitada rua principal e em seguida pelos arredores da cidade. O homem deixou para trás o hospital e passou pela funerária, e ao cabo de um tempo entrou na fila da direita; não ultrapassava o limite de velocidade e dirigia corretamente; nesse momento passou pelo videoclube e a loja de computadores. Estavam se aproximando da Rosenkrantzgate; o homem voltou a olhar pelo espelho retrovisor e de repente ligou o intermitente à direita. Eva se viu obrigada a continuar a reta, mas pelo espelho deu tempo de ver que o homem parava junto a uma casa verde na primeira entrada. Um menino saiu correndo, quem sabe fosse seu filho. Em seguida desapareceram.

De modo que o tipo vivia na casa verde de Rosenkrantzgate, e possivelmente tinha um filho de uns cinco o seis anos. Como Emma! Pensou. Poderia esse homem continuar se fazendo de pai depois do acontecido? Poderia sentar o menino sobre seus joelhos às noites e cantar para ele? Ajudá-lo a escovar os dentes? Com essas mesmas mãos que o haviam convertido em assassino? Eva não pode mudar de sentido até chegar ao hipódromo; ali fez um descarado giro para a esquerda em forma de U e voltou pelo mesmo caminho pelo qual havia chegado. A casa verde estava então a sua direita. Do lado de fora, havia uma mulher com uma vassoura nas mãos. Cabelo esbranquiçado e preso no alto da cabeça. “Uma pretenciosa”, pensou Eva, exatamente a mulher que escolheria um tipo como ele. Já o pegara! E rapidamente, muito rapidamente, também teria dois milhões de coroas.

* * *

Trinta e Um

ERAM nove da noite quando partiu de carro.

Ao fim de duas horas e meia havia fumado dez cigarros. A loja amarela não era vista em nenhum lugar. As pernas estavam entumecendo e doíam as costas. De repente parecia que era uma ideia maluca. Do lado de fora do carro reinava uma escuridão total, e já havia deixado atrás Veggeli e o café onde sempre havia um grande duende do lado de fora; havia passado por várias pequenas cidades, reconhecendo-as uma a uma por seus nomes. Estava no caminho certo, tinha certeza. A loja deveria ficar do lado direito da autoestrada e iluminada, como costumam ficar as lojas durante toda a noite. Mas não se via mais que uma completa escuridão; nenhuma casa, nada de trânsito. O bosque se alçava de ambos os lados da autoestrada como negras paredes, era como se dirigir para o fundo de uma profunda garganta. No rádio tocava uma música que de repente lhe pareceu estridente e pesada. Onde diabos estava essa loja!

Foi para o acostamento da autoestrada e parou o carro. Acendeu outro cigarro e começou a reflexionar. Era cerca de meia-noite e se sentia cansada. Talvez nunca encontrasse a loja, pode ser que tivesse errado o caminho. Fazia tanto tempo... Vinte e cinco anos, e não éramos mais que umas crianças. Maja dirigia o grupo e as demais a seguiam como mansos cordeiros: Eva, Hanne, Ina e Else Gro. Traziam velhos sacos de dormir verdes e latas de comida, cigarro de enrolar e cerveja. Quem sabe tivessem derrubado a loja amarela e construído em seu lugar um enorme centro comercial. Ainda que no meio do bosque não costumassem levantar centros comerciais, não é? Continuaría dirigindo um pouco mais, uns vinte minutos; se não a encontrasse, retornaria. Também podia passar a noite no carro e continuar procurando quando ficasse de dia. Mas a ideia de dormir no assento de trás não era muito tentadora; estava no cu do mundo, nem sequer estava certa de que se atreveria a ficar no carro. Arrancou, voltou à autoestrada e apagou o cigarro no cinzeiro, que estava repleto. Voltou a olhar o relógio e acelerou.

A autoestrada passava por uma ponte, acreditava, havia muitas ovelhas e cabras, e uma encosta muito empinada cheia de curvas fechadas. Durante o inverno, a autoestrada terminava no hotel de montanha, e Maja precisava subir de esquis o último trecho. Menos mal que ainda não havia neve, ainda que quem sabe ali em cima já tivesse nevado, então teria que percorrer o último trecho abrindo passagem entre a neve; algo que não havia pensado. Eva não era muito aficionada à vida ao ar livre, e se sentia muito lerda. Acendeu outro cigarro, o tabaco começava a lhe provocar náuseas; procurava alguma luz no bosque escuro e aumentou a calefação do carro. O ar era diferente ali, muito mais fresco. Merda, como era longe! Podia ser que Elmer já estivesse na cama, com os pesadelos fazendo fila para mantê-lo acordado, ou talvez estivesse sentado na sala em seu terceiro uísque, enquanto a mulher já dormia o sonho dos inocentes. Não devia ser fácil se deitar com a imagem de Maja na

retina, com a sensação de suas pernas chutando para se livrar dele enquanto a apertava contra o colchão com o travesseiro. Maja deveria ter oposto uma grande resistência. Sua amiga era forte, mas os homens eram muitíssimo mais, esse era um fato que nunca deixava de assustá-la. Nem sequer precisava que fossem corpulentos, era como se fossem feitos de outra matéria. Freou de repente. Viu luzes um pouco mais adiante, do lado esquerdo da autoestrada. Pouco a pouco ia aparecendo ante seus olhos o conhecido cartaz quadrado de cor laranja, com um grande S.

Samvirkelaget. A loja amarela. E ali estavam o caminho e a ponte. Cruzou a autoestrada e mudou para segunda antes de iniciar a subida pelo caminho montanhoso. Voltou a lhe acelerar o pulso e imaginou a cabana, um bloquinho de madeira, simples e modesto, escondendo em seu interior um tesouro, um verdadeiro castelo encantado, a chave de uma vida sem preocupações. Maja deveria vê-la nesse momento, gostaria disso; gostava das pessoas que aproveitavam os bens que a vida oferecia. Ao menos, não acharia engraçado que o dinheiro tivesse ido parar no Estado. Dois milhões, quanto retiraria de juros se lhe dessem uns seis ou sete por cento? Não, não podia ir ao banco. Mordeu-se o lábio, teria que guardá-lo no porão. Ninguém deveria saber, nem sequer Emma. E teria que procurar não desperdiçar, não falar sonhando e não se embriagar. “A vida ficaria muito complicada”, pensou.

Seu Opel Ascona subia rateando pela ladeira; não se encontrou com um só carro, era como estar em outro planeta, em um lugar totalmente deserto, inclusive as ovelhas haviam desaparecido. Talvez fizesse muito frio para elas. Eva não sabia nada dessas coisas. Ao cabo de quinze minutos viu à direita o hotel da montanha. Continuou pelo mesmo caminho, viu o lago e procurou o lugar pelo qual se chegava até ele. Não havia rastro de neve, mas ali havia mais luz, e o céu era imenso. À esquerda viu uma cabana muito grande, por uma janela saía luz. Estremeceu-se um instante. Se havia gente, deveria ter muito cuidado. Os proprietários das cabanas de montanha costumavam se conhecer e estar em contato. Era gente de Oslo, tinham cabanas nesse lugar há fazia várias gerações. Sim, ontem à noite vimos passar um carro por aqui perto das doze. Era o ruído de um motor desconhecido, pois Amundsen tem um Volvo, e Bertrandsen um Mercedes Diesel. De maneira que era alguém forasteiro, isso é certo.

Eva virou numa curva e chegou no lago. Estava tranquilo como um espelho e tinha um aspecto metálico, como se estivesse coberto por uma capa de gelo. Viu uma pequena cabana junto à água e pensou que deveria existir um caminho que fosse até próximo dela. Encontrou-o; estava cheio de saliências e buracos, então dirigiu com muito cuidado. Olhava constantemente ao seu redor, mas não via luz em nenhum lugar. Não parou até se encontrar junto à água. Desligou o motor e as luzes e por um instante permaneceu imóvel no meio de uma completa escuridão.

Estava a ponto de fechar a porta do carro, mas mudou de ideia. A porta de um carro ao fechar soaria como o disparo de um rifle no silêncio. Limitou-se a encostá-la sem fazer ruído, e pôs a chave no bolso. Em seguida colocou nas costas a mochila com o martelo, o cinzel e a lanterna, subiu o zíper do anorak e puxou o capuz para a cabeça. Não se lembrava muito bem da distância que havia dali, mas calculava que seria de uns quinze ou vinte minutos andando. Fazia muito, muito frio; caminhava com a cabeça agachada, dando longos passos pelo terreno desigual. Esperava ser capaz de reconhecer a cabana quando chegasse até ela. Lembrou-se que na parte de trás passava um riacho, um riacho em que haviam lavado os dentes e do qual haviam apanhado água para o café. Por todos os lados se

erguiam montanhas, negras e altivas. O pico mais alto era o Johovda, haviam subido até o topo. Lembrava-se ter visto dali o planalto de Hardanger e ter se sentido estranhamente pequena, mas, ao ver que a maior parte das coisas do mundo eram maiores do que ela, foi uma sensação agradável. Gostou. “Curioso”, pensou de repente, caminhando só no meio da escuridão, “todos nós sabemos que vamos morrer e conseqüentemente vivemos tudo o que podemos.” Este pensamento a fez estremecer.

Ao dobrar uma curva, viu umas cabanas ao longe; eram várias, quatro ou cinco, mas não havia luz em nenhuma delas. Acelerou o passo. Se não estivesse errada, a cabana ficava em um lugar solitário junto ao riacho. Bom, podia ser que tivessem construído essas cabanas mais tarde; de qualquer maneira, enquanto não houvesse luz em nenhuma delas e não se vissem carros estacionados, não importava. Estavam colocadas de uma forma muito estranha no meio da paisagem, pareciam pacotes de rações de emergência jogados de um avião, espalhados ao acaso. De onde ela se encontrava, todas pareciam negras. Aproximou-se da primeira, era marrom e com os marcos das janelas brancos. Observou em seguida a da esquerda; era mais próxima do riacho, mas não estava pintada de vermelho, ainda que isso tampouco significasse algo, podiam tê-la pintado de outra cor durante todos esses anos. Andou mais devagar; havia uma placa de madeira pendurada em uma das paredes, tinha aspecto de nova, e ainda que não se lembrasse do nome da cabana, estava certa. Essa era a cabana de Maja. Chamava-se Hilton.

Foi para a parte de trás. O riacho se internava pelo matagal; era mais profundo do que se lembrava, mas reconheceu as pedras sobre as quais costumavam se sentar, e o pequeno caminho que parecia uma serpente pálida e se dirigia à entrada. Havia chegado. Estava sozinha. Ninguém sabia de nada e a noite era longa. “Vou encontrar esse dinheiro”, pensou. “Ainda que tenha que abrir o chão de madeira com minhas próprias unhas!”.

Não se atreveu a acender a lanterna. Estudou as janelas com o pouco que podia ver na escuridão. Pareciam frágeis, sobretudo a janela da cozinha, mas era muito alta, precisaria de algo em que subir. Voltou a dar a volta à cabana, e viu um monte de lenha e um cepo para cortá-las. Pesava muito, era quase impossível movê-lo, mas serviria para subir em cima. Tentou empurrá-lo para frente. Funcionou. Jogou a mochila no chão e colocou mãos à obra. Conseguiu arrastar o pesado cepo até a janela da cozinha. Em seguida foi até a mochila, apanhou o cinzel e subiu no cepo. Por um instante, ali em cima, no meio da escuridão outonal, com o cinzel na mão e o coração tronando de nervoso, esteve a ponto de perder o alento. Não reconhecia a si mesma. Não era sua cabana, não era seu dinheiro. Desceu de um salto do cepo. Apertou-se o peito durante uns instantes, inalando o ar gelado. De repente o pico do Johovda se erguia ameaçador para o céu, como se quisesse avisá-la de algum perigo. Poderia voltar para casa com a maior parte de sua moral intacta, salvo esses sessenta mil que já havia apanhado, mas no dia anterior não estava em seu juízo perfeito, havia agido irrefletidamente, e poderia se perdoar. Isso era outra coisa. Era roubo com agravante, era se aproveitar da morte de Maja. Os trovões do coração iam diminuindo pouco a pouco.

Voltou a subir no cepo. Vacilando, colocou o cinzel em uma fresta entre a janela e a parede. A madeira era macia como carne e penetrou bastante. Ao soltá-lo estava preso. Eva desceu do cepo e com o martelo enfiou ainda mais o cinzel. Em seguida soltou o martelo e empurrou o cinzel para o lado. A madeira cedeu. Ouvia um ruído. A maçaneta do interior se quebrara com um pequeno

rangido. A janela se abriu uns dez ou vinte centímetros, e ficou pendurada. Eva deu uma olhada ao seu redor, apanhou a mochila e abriu a janela totalmente. Estava coberta por uma tela escura. Colocou a mochila pela abertura e jogou as ferramentas. Em seguida colocou a cabeça, os braços e finalmente tentou todo o corpo. O cepo deveria ser mais alto, precisaria pular. O pior era a abertura tão estreita. Flexionou os joelhos, deu um grande salto e ficou se balançando na borda, com a cabeça e os braços do lado de dentro e as pernas do lado de fora. A janela lhe machucava as costas. A cozinha estava completamente escura, mas sentia algo debaixo das mãos; deslizou cuidadosamente pela borda, apoiou o pé no marco interior da janela e caiu estrondosamente no chão, arrastando consigo jarras e jarrões. Fez muito ruído e bateu com o queixo no cimento. Por um instante ficou lutando no chão, meio enredada. Em seguida se levantou, tentando recuperar o alento. Já estava do lado de dentro.

Todas as janelas estavam cobertas com telas escuras para impedir que a luz penetrasse, então não havia perigo de que se notasse algo do lado de fora, e acendeu a lanterna. Lançou um intenso raio de luz branca para a lareira e se colocou no meio do aposento tentando se orientar. O sofá estava coberto por uma manta de quadradinhos. Nele Maja costumava se sentar para contar suas aventuras, que não eram poucas, ainda que só tinham treze anos. E suas amigas a olhavam com os olhos arregalados, com uma mistura de espanto e veneração. Algumas baixavam a vista. Ina fechava a boca e se negava a continuar escutando porque era crente.

Na lareira havia um duende com verrugas no nariz e um abeto na mão. No teto estava pendurada uma bruxa que a olhava fixamente com seus reluzentes olhinhos de botões. Viu a mesa de refeições, um pequeno suporte pendurado no alto da parede, o aparador com copos e pratos, uma cômoda, com certeza cheia de luvas e gorros, dois pequenos quartos cujas portas estavam abertas, a minúscula cozinha, com suas gavetas e armários, um pequeno anel de ferro no chão e o alçapão que teria que abrir para chegar ao porão, um excelente esconderijo, por sinal, frio e escuro. Outro lugar apropriado era o lugar onde ficam empilhadas as lenhas e as ferramentas ficavam guardadas, a latrina, que ficava em um pequeno anexo ao que se chegava por um corredor da cabana. Sempre iam de duas em duas, histéricas e aterrorizadas, porque Maja havia lido em voz alta terríveis histórias de cadáveres esquartejados da Revista de Casos Criminais. Iam com os ombros encolhidos e a lâmpada de querosene balançando. E ali estava também o fogão a gás. “Não façam a cabana ir pelos ares!”, foram as últimas palavras do pai de Maja quando entrou na furgoneta para voltar à cidade. Sobre o sofá havia duas grandes estantes, repletas de livros baratos de bolso e histórias em quadrinhos. Lembrou que Maja tinha vários números da revista picante Cocktail. Costumavam lê-la em voz alta, mas sempre depois de que Ina tivesse se deitado.

Eva tinha frio. Não deveria ficar ali perdendo tempo, precisava traçar um plano, tentar se colocar no lugar de Maja quando precisou decidir onde esconder o dinheiro para que ninguém o encontrasse. Tinha muita imaginação e é certo que fez algo muito engenhoso. Eva pensou instantaneamente na latrina, na possibilidade de que o dinheiro estivesse enterrado entre os excrementos. Também podia tê-lo enterrado do lado de fora, sob o mato. Levantou-se, tentando não se deixar dominar pelo pânico. Contava com um tempo limitado, teria que sair dali antes do amanhecer. “O método da eliminação”, pensou. Deveria excluir todos os lugares em que era certo que não se encontrava o dinheiro, os lugares mais evidentes, tais como o aparador e a cômoda. Precisaria procurar sistemática e tranquilamente. Pensou que poderia estar em alguma bolsa de plástico ou em envelopes fechados com plástico, protegidos contra a umidade. No primeiro quarto

havia uma cômoda. Rechaçou essa ideia, e se concentrou em outras possibilidades mais originais.

Primero o porão, esse era ao fim e ao cabo o pior lugar. Colocou a mão por debaixo do anel de ferro e levantou o alçapão. Encontrou um enorme buraco negro do qual subia um ar gelado. Pode ser que tivesse ratos ali. O alçapão se mantinha levantado com a ajuda de uma corrente e Eva desceu com a lanterna na mão. Não podia ficar de pé, então se agachou e iluminou as paredes. Havia frascos de doces e conservas em vinagre, vinho tinto, vinho branco, vinho do porto, xerez e mais frascos de doces, e uma caixa de biscoitos com imagens de Branca de Neve e do Chapeuzinho Vermelho. Também havia batatas congeladas já com longos brotos, e algumas latas que também levantou, mas pesavam muito e estavam fechadas, algumas garrafas de cerveja e mais vinho. Maja não tivera tempo de fechar a cabana antes da chegada do inverno.

O cone de luz deslizava pelo chão de pedra rugoso; cheirava a mofo e umidade. Não havia nada mais. Sentou-se no último degrau e iluminou pedaço por pedaço o minúsculo aposento, lenta e minuciosamente. Nem uma caixa, nem um buraco na parede de pedra. Era possível enrolar as notas e colocá-las em garrafas de vinho vazias? Por Deus, não! Levantou-se e subiu de novo para a cozinha. Fechou o alçapão e começou a revistar os armários. Voltou a fechar imediatamente o dos copos e pratos, mas olhou detidamente o armário das panelas, iluminou-as por dentro e no fundo. Nada. Deu uma olhada dentro do fogão a gás, foi para a sala e iluminou debaixo do sofá. Quem sabe deveria olhar dentro dos livros, demoraria muito em abri-los todos, mas certo que ali não havia escondido. Poderia estar na lareira. Colocou um pé dentro e iluminou a chaminé. Nada. Em seguida pensou no banco que havia junto à mesa de refeições. Era de madeira, desses que se abriam. Dentro havia tênis e velhas botas de esqui, camisas largas, um velho anorak e dois sacos. De repente descobriu um velho rádio e pensou que Maja poderia tê-lo aberto, esvaziado e metido o dinheiro dentro, mas não estava certa de que tivesse perícia técnica para fazê-lo.

Pensou na cesta, que estava sobre a cômoda e na sopeira. Talvez dentro do relógio de parede, ou nessa velha mochila pendurada de um prego na parede. Está ali, pensou puxando a mochila. Vazia. Eva dirigiu a luz para o seu relógio, era quase uma hora. Em seguida entrou nos quartos, levantou a roupa da cama e os colchões, e apesar de tudo, revistou as cômodas e dois pequenos armários em que havia travesseiros de plumas. Uma velha caixa de madeira estava cheia de lenços e calcinhas de lã. Voltou à cozinha e abriu todos os jarros de porcelana, mas continham o que estava nos letreiros: sal, farinha, arroz e café. Em seguida foi à entrada e olhou detrás de uma cortininha que ficava na parede, mas não encontrou mais que uma pia, uma escova de esfregar e um frasco pegajoso de sabão. Restava o anexo: a pequena oficina e a latrina. A porta rangeu perigosamente ao abri-la, o aposento não tinha nenhuma janela. O chão rangia sob seus pés. Ouviu como o anorak fazia barulho ligeiramente no silêncio. De parede a parede havia um grande banco de trabalho. Viu pendurada uma chapa para ferramentas, sobre a qual alguém havia anotado o nome de cada ferramenta para que depois de usá-las fosse fácil devolvê-las ao seu lugar. Outro cepo para cortar lenha. Velhos móveis de jardim, um colchão de borracha e espuma meio comido pelos ratos, e esquis. Um limpa-neve manual. Eva não sabia por onde começar. Talvez o melhor seria abrir de uma vez a porta da latrina, entrar e iluminá-la. Fez isso.

O aposento era minúsculo, mas havia dois assentos e a latrina tinha muita caída. Os dois buracos estavam tapados com espuma de poliuretano e não cheiravam muito mal. Com certeza ninguém a

havia utilizado em muito tempo. Havia uma foto do príncipe herdeiro Haakon, vestido com uma camisa azul, pregado na parede. Seus dentes brilhavam branquíssimos na escuridão. Saberia que estava pendurado nas retretes das pessoas? O chão estava coberto por um pedaço de tapete. Eva empurrou para um lado uma das tampas e se inclinou sobre o buraco. Tentou conter o alento enquanto iluminava o interior da latrina, tentando ver se o dinheiro estava colado nas paredes. Não viu nada. Levantou também a outra tampa e iluminou o buraco por dentro. Muito abaixo, no fundo, se via uma massa marrom vaga e confusa, em que se distinguiam alguns pedaços de papel branco. Imaginou que o dinheiro estivesse no fundo, debaixo de tudo isso, numa caixa de metal, por exemplo. Seria bom! Levantou-se e respirou.

Talvez devesse verificar mexendo com um esqui. Havia vários pares junto ao banco. De repente se sentiu tonta, o dinheiro não podia estar enterrado nos excrementos, claro que não, tudo tinha um limite. Por um instante ficou desconcertada. Debaixo do banco de trabalho havia um velho balde de plástico cheio de manchas, um par de garrafas de aguarrás e uma lata de tinta grande, talvez de dez quilos. Aproximou-se, se agachou e leu: “Pintura para exteriores. Marrom”. Agitou a lata e ouviu que algo se movia em seu interior. Colocou os dedos por debaixo da tampa, mais não conseguiu levantá-la; continuou tentando sem nenhum êxito, até que por fim apanhou uma chave de fenda da chapa que havia sobre o banco, colocou-a por debaixo da tampa e conseguiu abrir a lata. Estava cheia de pacotes planos, pacotes envolvidos em papel alumínio; pareciam pacotinhos de lanche. Eva deu um suspiro, segurou lanterna com o queixo, e abriu rapidamente um dos pacotes: um maço de notas! Por fim havia encontrado!

Eva caiu para trás com o pacote na mão. Maja havia tido o mesmo pensamento que ela. Havia colocado o dinheiro em uma lata de tinta vazia! Tapou o rosto com as mãos e permaneceu assim um instante; se sentia enojada por todo esse dinheiro do qual ninguém sabia nada, que não pertencia a ninguém, por essa extraordinária soma que tinha nas mãos: um imenso seguro de vida. Apanhou os demais pacotes, onze no total. Eram grossos, “como se contivessem quatro ou cinco rabanadas de pão”, pensou, enquanto os colocava em um monte no chão. Já não tinha frio, o sangue corria velozmente por suas veias e respirava como se acabasse de fazer uma longa corrida; inclusive tinha a sensação de que suava a testa. Abriu os zíperes dos numerosos bolsos do anorak para colocar as notas neles. Dois pacotes em cada bolso e o resto no da calça. Funcionaria. Precisava fechar bem os zíperes, não podia se arriscar a que os pacotes caíssem no caminho de volta, já que havia decidido correr até o carro, com o fim de se livrar de toda essa inusual energia que ia se espalhando por todo o corpo. Uma corrida, uma enlouquecida corrida através do mato, isso era o que lhe fazia falta. Levantou-se para chegar mais facilmente aos bolsos e nesse momento ouviu um ruído. Era um som familiar, dos que ouvia todos os dias, e que portanto reconheceu imediatamente. O coração deu um pulo. Era o ruído de um carro.

Um carro que estava se aproximando com fortes rugidos da cabana, Eva ouviu como reduzia a velocidade e o som do mato gelado que roçava nos para-lamas. A intensa luz dos faróis penetrava através das esburacadas paredes. Eva já estava de pé, com os pacotes de dinheiro nas mãos, transformada em uma estatua de sal. Não havia nem um só pensamento em sua cabeça, haviam voado todos, só sentia um pânico cego e deixou que seu corpo se encarregasse de tudo. Este agiu, já livre de todos os pensamentos, e Eva voltou a colocar os pacotes na lata, colocou a tampa, segurou-o pela alça e foi na ponta dos pés até a porta. O chão rangia suavemente, enquanto o motor do carro

continuava em marcha. Abriu a porta do retrete, levantou uma das duas tampas e colocou a lata dentro. Em seguida desligou a lanterna.

Escutou a porta de um carro se fechando. Eva ouviu passos rápidos e pouco depois o ruído de uma chave na fechadura. Era meia-noite e alguém estava a ponto de abrir a porta da cabana de Maja! “Não podia ser alguém com boas intenções”, pensou Eva, enquanto ouvia o chiado de fechaduras enferrujadas. Alguém entrou com passos firmes na pequena cabana. Uns segundos depois a pessoa desconhecida descobriria a janela aberta e revistaria toda a cabana. Eva não era capaz de pensar, estava como sobre um barco; preferiu se jogar no mar revoltado. Resolutamente, colocou uma perna dentro da latrina, se apoiou na borda e verificou que não podia colocar a outra porque o buraco era muito pequeno, então voltou a retirá-la, colocou as duas pernas de uma vez, e se deixou cair dentro do escuro buraco, agitando os pés enquanto esperava bater contra o fundo. Por fim chegou a uma espécie de massa macia em que submergiu os pés até os tornozelos.

Os passos da pessoa desconhecida continuavam no interior da cabana. Eva apanhou a lanterna e a deixou cair a seus pés. Em seguida fez enormes esforços por meter os ombros e procurou às cegas a tampa para cobrir o buraco. Balançou-a sobre as pontas dos dedos e conseguiu colocá-la em cima de sua cabeça. Encontrava-se rodeada de uma escuridão total, não entrava nem um raio de luz em nenhum lugar; submergiu outro pouco e se sentou com a testa apoiada nos joelhos. No princípio, quando estava iluminando a latrina, não havia notado muito o mau cheiro, mas ali abaixo o fedor chegava em ondas, conforme Eva ia esquentando o conteúdo com seu corpo. Respirava o menos que podia, com o nariz apertado contra os joelhos. A lanterna havia rodado para um lado e estava fora de seu alcance. Entre suas pernas estava a lata com os dois milhões de coroas. Ouviu que uma porta se fechava violentamente dentro da cabana e alguém que maldizia. Era uma voz de homem e estava furioso.

Precisava procurar respirar pela boca. Não abriu nem um instante as fossas nasais. Temia desmaiar. Tentou escutar e descobrir o que o homem estava fazendo, não havia dúvida de que estava procurando algo e pelo visto, não se importava de fazer barulho. Pode ser que até tivesse acendido as luzes. De repente se lembrou da mochila; havia deixado na sala. Esteve a ponto de vomitar. Teria visto a luz da lanterna? Não achava. Mas aquela mochila no chão... Imaginaria que ela continuava ali? Poria a cabana de pernas para o ar procurando-a? Talvez fosse o que estava fazendo, então a qualquer momento poderia entrar e abrir violentamente a porta do retrete. Mas não retiraria a tampa do buraco para iluminar a latrina por dentro, não é? Eva apertou o nariz contra as rótulas dos joelhos e respirou suavemente com a boca. Durante alguns instantes não ouviu nada, mas em seguida voltou a começar o barulho. Ao cabo de uns minutos ouviu que os passos se aproximavam; já estava na entrada; algo caiu e escutou novas maldições.

O homem entrou. De novo se fez o silêncio. Imaginava que estava olhando fixamente para a porta da latrina, pensando, como faria qualquer um, que alguém se escondia ali dentro. Deu uns passos mais. Eva se preparou e esperou. Ouviu um grande barulho quando o homem entrou. O mundo parou por completo durante uns segundos e Eva ficou reduzida a uma massa trêmula de medo e sangue quente que bombeava por seu corpo. Mas de repente tudo parou: a respiração, o coração e o sangue, que havia se convertido em uma espessa e grumosa massa. Talvez estivesse a um metro de distância, talvez pudesse ouvir a sua respiração, por isso Eva parou de respirar e sentiu que

seus pulmões estavam a ponto de explodir. Cada segundo era uma eternidade. Em seguida voltou a ouvir passos, o homem estava saindo e tropeçou com alguma coisa sobre o banco de trabalho. De repente Eva pensou que o desconhecido podia necessitar ir à retrete. Se ele pensava continuar procurando, era provável que de repente sentisse necessidade, e então entraria, levantaria uma tampa e urinaria dentro do buraco. Se escolhesse o buraco mais próximo da parede, urinaria sobre seus pés e se escolhesse o outro, sobre sua cabeça. Se acendesse a luz, veria que havia alguém sentado na escuridão, com uma lata de tinta entre as pernas.

Não entendia quem podia ser esse homem: Maja havia mentido ou omitido algo; Maja era a que a havia metido nessa absurda situação, como havia feito mil vezes antes, a quem havia lhe aberto essa possibilidade de conseguir dinheiro, montes de dinheiro, ainda que ela nunca tivesse desejado tanto, tão só o suficiente para comida e os gastos fixos. Não era ambiciosa. Teria entregado gostosamente; “talvez pudessem dividi-lo”, pensou, porque ele não teria mais direito a esse dinheiro que ela; ao fim e ao cabo, ela e Maja haviam sido amigas da infância, haviam compartilhado tudo. Maja a havia nomeado a sua única herdeira. Nesse momento, o homem estava fazendo um ruído infernal em uma das gavetas, e, a julgar pelos sons, estava enfurecido, colérico. A cabana parecia um campo de batalha quando tivesse acabado. Perguntou-se se ele pensaria em passar a noite ali, se não deitaria numa das camas sob um grosso edredom, enquanto ela precisaria ficar sentada nesse monte de excrementos, com os pés entumecidos. Se se visse obrigada a permanecer assim até a manhã seguinte, correria o risco de ter gangrena, morreria de frio, de desespero e de fedor, mas talvez ele fosse um simples ladrão como ela e tivesse que sair antes do amanhecer. Essa era a esperança de Eva. Isso era o que esperava enquanto o homem percorria a cabana procurando, sem parar de procurar. Eva notou que estava adormecendo, pensou que não deveria adormecer, mas não podia evitar, assim conseguia afastar o fedor, ou talvez já estivesse completamente anestesiada. Que maravilhoso poder dormir um pouco. De repente pensou que talvez tivesse dificuldades para sair do buraco, seria impossível tomar impulso desde esse montículo, pode ser que ficasse ali presa, abandonada à sua sorte, até perecer com dois milhões entre os joelhos. Talvez deveria pedir socorro, tentar sair, retirar a roupa, e dividir a fortuna com esse pobre homem que não sabia onde procurar.

Pensava nisso enquanto captava vagamente que por fim havia se feito silêncio. Quem sabe o homem havia se deitado no sofá e se coberto com a manta de quadradinhos. Talvez havia apanhado uma garrafa de vinho tinto do porão, esquentara no fogão a gás e adicionara açúcar: vinho tinto quente e doce, uma manta quentinha e fogo na lareira. Eva moveu os dedos e notou que estavam entumecidos. Lentamente se fechou em si mesma, se fechou ao frio e ao cheiro, fechou os olhos e a mente, deixando aberta uma fresta para saber se o tipo voltasse a entrar para urinar ou para continuar procurando, mas a fresta era cada vez menor, e Eva submergia cada vez mais na escuridão. Um último pensamento lhe passou velozmente pela cabeça: Como diabos havia chegado até ali?

Escutou um forte barulho. Eva se sobressaltou. Abriu os braços num ato reflexo e deu com o cotovelo na madeira podre. Pode ser que o homem tivesse ouvido, já que as paredes eram pouco isoladas e reinava um grande silêncio. Eva compreendeu que o barulho era da porta ao se fechar. O homem estava fora da cabana, junto à parede da retrete; deu uns três ou quatro passos e em seguida parou. Eva escutou, tentando adivinhar o que estava fazendo, completamente rígida, incapaz de mover nem braços nem pernas. O homem tossiu e em seguida se ouviu o som familiar de um forte jorro que alcançou o chão gelado. O homem estava urinando. “Típico dos homens”, pensou, são tão

estranhos que nem sequer se preocupam em ir ao banheiro, se limitam a retirar sua coisa, e isso foi o que a salvou de ser descoberta. Esteve a ponto de rir de puro alívio. O jorro continuava do lado de fora. O homem estava há muito tempo se contendo e talvez tivesse tomado umas cervejas. Pode ser que já tivesse terminado e estivesse a ponto de sair. “Era estranho que não tivesse olhado dentro da latrina”, pensou. Ela teria metido o esqui no monte de excrementos se não tivesse encontrado a lata de tinta.

Começou a crescer dentro dela a esperança de que tudo estivesse a ponto de acabar, e com a esperança voltou o frio e as extremidades entumecidas, junto com o fedor, que era já insuportável. O homem voltou a entrar. “Que horas seriam? Quanto tempo estarei aqui?”, pensou Eva, se esforçando por respirar tranquilamente. Começaram outra vez os ruídos: portas, gavetas e muitos passos que iam e vinham pelo chão. Talvez já fosse de dia e tudo estaria iluminado, o homem poderia ter jogado abaixo as telas escuras das janelas, e continuaria procurando. Entraria outra vez na retrete e olharia o buraco. Tentou imaginar o que diria quando descobrisse sua cabeça, e se inteirara do tempo que estava lá em baixo. Não daria crédito a seus olhos e se irritaria, se é que havia vindo com boas intenções. Mas Eva não achava que fosse acontecer assim. Ouviu a porta de novo e a chave na fechadura. Não podia acreditar, não podia acreditar que o homem realmente fosse sair. Não movia nem um cabelo, os passos iam se afastando e por fim chegou o som que mais havia ansiado ouvir: o da porta de um carro ao fechar. Eva começou a tremer dos pés à cabeça. O motor arrancou com um rugido e Eva respirou aliviada; rugiu durante um bom tempo e ela continuava sem se mover, se limitava a esperar enquanto o carro começava a manobrar na escuridão, talvez estivesse dando marcha à ré com o fim de ir embora. Ouviu ramos que batiam no carro e o ruído do motor cada vez mais suave. Em seguida acelerou. Já estaria no caminho; acelerou de novo; o motor soava cada vez mais longe, até que por fim parou de se ouvir.

Uma grande tranquilidade invadiu todo seu corpo. Pôs as mãos sobre a lata e respirou aliviada. Tentou ajeitar as pernas, que estavam retorcidas como velhas raízes de pinho. Tinha os pés completamente insensíveis. Com uma mão empurrou para um lado a tampa que cobria o buraco. Tudo continuava escuro, como se ainda fosse noite fechada. “A lanterna”, pensou de repente, onde está a lanterna? Apertou os punhos, antes de começar a procurar às cegas entre os excrementos, entre suas próprias pernas, pelas paredes; não havia muito lugar, tinha de encontrá-la. Por fim notou o gelado cabo metálico atrás de seu corpo. Talvez tivesse se estragado. Encontrou o interruptor. Funcionava. Com um suspiro de alívio olhou o relógio. Eram três e meia. Ainda haveria escuridão durante várias horas mais e tinha tempo de sobra. Passou a lanterna pelo buraco e a pôs sobre o assento, em seguida se aproximou da borda e tentou subir. Doíam as costas e as pernas apenas a sustinham, mas conseguiu retirar a cabeça, em seguida forçou os ombros para cima. De repente notou que se afogava e que precisava sair dali como fosse. Forcejava, gemia e movia o corpo para sair, se impulsionando tudo o que podia com as pernas submersas na macia massa. Conseguiu retirar o corpo e ficou deitada sobre a latrina. Fez um enorme esforço e puxou por fim as pernas. Sem querer, deu um empurrão na lanterna. Ficou olhando o chão iluminado e se esticou aos pés dela. Em seguida tentou se levantar, apoiando os pés no chão, como se estivesse parálitica. Voltou a se agachar, iluminou pela última vez o buraco, e puxou a lata de tinta pela alça. Havia lutado duramente por isso. O dinheiro era dela.

Saiu da retrete e entrou na cabana. Tudo estava completamente arrasado, virado e espalhado

pelo chão. Iluminou as paredes. O homem não havia retirado as telas das janelas. Tudo estava escuro, mas o ar se notava estranhamente fresco e era fácil respirar. Eva quase havia se esquecido do agradável que era respirar um ar normal. Balançou insegura sobre os pés, foi até uma cadeira e se deixou cair nela. A roupa estava dura. Tiraria tudo, cada fibra do que tinha em cima do corpo. Talvez cortasse o cabelo, poderia ser que esse cheiro não a abandonasse jamais. A viagem de volta era longa, sobretudo para dirigir coberta de excrementos dos pés à cabeça. Talvez pudesse encontrar alguma roupa na cabana e se trocar. Levantou-se com grande esforço e entrou em um dos quartos. Iluminou com a lanterna e apanhou tudo que pode da cômoda: roupa interior, meias, uma velha camiseta e um casaco de lã, mas não encontrou nenhuma calça. Foi até a entrada, onde estava pendurado o casaco e teve sorte, encontrou um macacão velho, mas com certeza era muito pequeno. Seria como se meter numa lata de salsicha, mas estava limpo; ao menos em comparação com o que usava. Cheirava a cera para esquis e lenha da lareira. Deixou as roupas em um monte sobre o chão e começou a se desnudar. O pior eram as mãos, tentou mantê-las afastadas do rosto, não suportava o cheiro. Talvez pudesse se lavar em cima e secá-las com um trapo de cozinha. Começou a tiritar, mas desta vez estava eufórica. Não afastava os olhos da lata de tinta, tinha um aspecto tão inocente... Quem, salvo ela, poderia pensar que continha uma fortuna? Mas claro, ela era uma pessoa com muita imaginação, uma artista.

Finalmente encontrou um par de botas de esqui no banco de madeira e custou um pouco a amarrar os cordões. Seus dedos estavam começando a esquentar. Colocou a roupa suja na mochila, que ele havia jogado num canto. Apanhou a lanterna com uma mão e a lata com a outra. Não havia razão alguma para começar a lutar com a estreita janela da cozinha, não nesse momento, depois de tudo o que havia passado. A porta principal estava fechada com chave por fora. Entrou no quarto, arrancou a tela escura e abriu a janela de par em par. Inalou profundamente o ar da montanha e subiu no parapeito.

Por fim saltou.

* * *

Trinta e Dois

O HOMEM dirigia um Saab azul escuro. Tinha uma expressão malvada, e em seus olhos se podia ler uma imensa raiva. O dinheiro havia desaparecido. Alguém havia se adiantado. Não sabia quem poderia ter sido. O carro ia dando pulos pelo cascalho da estrada. Disse alguns palavrões. À sua esquerda estava o lago, liso como um espelho; a maior parte das cabanas estava escura. Sentia-se enganado. Haviam acontecido coisas que ele não estava sabendo; voltou os olhos para trás a procura de alguma coisa que pudesse explicar essa catástrofe, o desastroso fato de que alguém tivesse forçado a cabana e roubado o dinheiro. Seu dinheiro. Era claro o que havia se passado. Não faltava nenhuma outra coisa, tudo estava ali: os binóculos, a câmera, o televisor e o rádio. Inclusive o pequeno depósito de vinho no porão estava intacto. Golpeou o volante com a mão e freou um pouco na curva. Uma repentina visão lhe fez virar à esquerda, havia visto um caminho cheio de buracos que se dirigia ao lago, até uma cabana que mais parecia uma choça. Não havia ninguém e parecia que não havia sido usada há muito tempo. Dirigiu o carro até a borda do lago e deixou o motor ligado; precisava um pouco de tempo para se acalmar. Apanhou o maço de cigarros e acendeu um enquanto olhava pensativo para a enorme e reluzente superfície da água.

Tinha o rosto estreito, os olhos muito juntos, o cabelo e as sobrancelhas negros. Era um homem bonito, mas sua expressão estragava tudo; era uma expressão tensa, como se se sentisse ofendido, e quando rara vez sorria, não parecia convincente. Nesse momento não sorria, fumava com impaciência. O motor, que rugia em silêncio, começou a irritá-lo e o desligou. Abriu a porta e deu uns passos até a água para ver melhor a bela paisagem. Tudo ficou imerso na mais completa escuridão quando apagou os faróis, mas as montanhas emergiam lentamente das sombras; como imensas bestas do passado, jaziam ao redor de um enorme charco. O homem sentiu uma indomável necessidade de gritar na escuridão e pensou que provavelmente as montanhas devolveriam o grito.

Nesse instante viu o carro. Um velho Opel Ascona. Estava estacionado na parte de trás da cabana, um carro velho, abandonado. Que estranho. Teria gente na cabana apesar de tudo? Aproximou-se na ponta dos pés do carro abandonado, de repente não tão certo de estar sozinho, e tentou olhar por um vidro. A porta não estava fechada a chave, o que era mais estranho ainda. O veículo estava vazio, não havia nada sobre os assentos. Voltou a se aprumar e olhou ao seu redor. De repente teve um pensamento que o fez voltar ao seu carro e se sentar nele enquanto meditava e fumava outro cigarro. Quando estava quase no filtro o esmagou no cinzeiro e acendeu mais um.

* * *

De repente, Eva se deu conta de como estava cansada. Apenas podia levantar os pés e tropeçava constantemente no mato. A lata pesava uma tonelada em seu braço entumecido, mas o macacão não

tinha bolsos e não queria colocar o dinheiro junto com a roupa suja na mochila. Poderia se impregnar do fedor, nunca se sabia. Havia chegado ao caminho e ficara mais fácil de andar. Caminhava o mais rápido que podia, mas suas pernas eram apenas capazes de seguir seu passo. Notava o movimento do pé, mas não o do dedão; toda a parte superior do pé estava entumecida. Adiante dela se estendia o planalto, completamente deserto. Procurou com o olhar a cabana em que antes havia visto luz, mas já estava apagada. Pensar na longa viagem de carro que tinha pela frente a desalentava, mas se havia conseguido chegar até ali, também conseguiria voltar para casa; talvez encontrasse pelo caminho um posto de gasolina aberto toda a noite, um lugar onde vendessem cachorro quente ou hambúrguer, Coca-Cola e chocolate, e talvez embalados em plástico de dois em dois. E café quente. Tinha uma fome atroz. Havia começado a pensar na comida e já não conseguia parar. Ainda que quem sabe não devesse entrar em nenhum lugar, provavelmente fedesse mais do que imaginava, porque já havia se habituado ao cheiro. E não seria muito conveniente aparecer fedendo a excrementos num lugar iluminado, quente e com gente.

Já via o caminho que se dirigia ao lago. Mudou a lata para a mão esquerda e segurou a lanterna com a direita. Tudo parecia tranquilo e deserto, porém não quis acender a lanterna, não até se encontrar junto ao carro, pronta para ir embora. Quanto mais invisível, melhor. Nunca em sua vida havia desejado tanto estar em seu carro e acender um cigarro. Havia evitado de fumar durante a sua estada na cabana, não queria deixar guimbas em nenhum lugar. Tremeu um pouco de pura emoção por tudo o que havia acontecido e acelerou o passo. Só restavam uns metros quando aconteceu algo que a fez parar. Um tremendo rugido acabou com o silêncio e de repente se viu banhada por um jorro de luz alógena. Por um instante ficou petrificada com a lata e a lanterna nas mãos, incapaz de mover os pés, mas em seguida reconheceu a luz e o som de um carro que havia parado bem na frente dela. Eva se jogou para longe do facho de luz, correu pelo mato, correu para salvar a vida, sem soltar a lata. Continuava ouvindo o motor; enquanto o ouvia, poderia continuar correndo, mas se parasse, teria que se agachar em seguida. Isso não chegou a acontecer. De repente tropeçou em algo e caiu de bruços, havia torcido um pé e notava os ramos que lhe aranhavam o rosto. Ficou deitada como morta.

O motor parou e ouviu que se abria a porta do carro. De repente entendeu. O homem havia visto o Opel Ascona e havia parado para esperar. “Tudo acabado”, pensou. Talvez o tipo tivesse uma arma de fogo. Pode ser que uma bala na nuca fosse o final da vida de Eva. Na realidade o dinheiro não significava quase nada. No fundo era absurdo, já que a única coisa que significava algo para ela eram Emma e seu pai. E ter dinheiro suficiente para o pão de cada dia, para luz e calor. Pensava nisso quando ouviu os passos do homem, mas era incapaz de determinar se estavam se aproximando ou afastando. Apoiou a cabeça em um braço. A única coisa que queria era dormir. O destino não queria que esse dinheiro fosse dela, por isso tudo dava errado. Na realidade pouco se importava com toda essa fortuna. Fez um grande esforço para não desistir, pensou em Emma e que precisava escapar desse homem que estava caminhando pelo mato.

Começou a se arrastar, deitada sobre a grama, que não oferecia nenhuma resistência. Continuava ouvindo os passos do homem; enquanto ele estivesse se movendo não poderia ouvi-la. Arrastava-se um trecho e parava; se arrastava outro trecho e voltava a parar, e assim sucessivamente. O homem ainda estava longe, o planalto era grande e ele nem sequer tinha lanterna. “Mal equipado”, pensou, enquanto se esforçava por arrastar a lata sem fazer muito ruído. Por fim ouviu que o carro

arrancava de novo e viu a luz que varria a paisagem. Agachou de novo a cabeça, procurando ficar o mais invisível que pudesse. Por sorte seu cabelo era negro e o macacão azul-marinho, mas a lata era quase branca. Precisaria escondê-la com seu corpo, do contrário, ele veria a mancha branca. Era uma bobagem ter arrastado a lata, certo que o homem a havia visto. Rapidamente chegaria com o carro e a avistaria entre o mato com ajuda dos faróis. Talvez a atropelasse com as quatro rodas e então ninguém poderia saber o que havia acontecido. Ninguém entenderia por que alguém havia atropelado e matado uma mulher na montanha, usando um macacão pequeno, e fedendo a excrementos. Não entenderiam, nem Emma, nem Jostein, nem seu pai. “É talvez”, pensou, o assassino de Maja ficasse livre.

* * *

O homem sacudiu a cabeça e acelerou. Pareceu-lhe ter visto algo na escuridão, algo branco que se movia no ar. Olhava para os dois lados enquanto subia a encosta muito devagar, mas as luzes dos faróis deixavam toda a paisagem ao seu redor submersa na mais completa escuridão. Teria sido imaginação dele? Talvez fosse uma ovelha. Ainda que, pensando bem, não havia ovelhas no exterior nessa época do ano. Bom, mas pássaros teria, ou talvez uma raposa ou uma lebre. Existiam muitas possibilidades. Mas o curioso era o carro estacionado. Poderia alguém ter dormido na pequena cabana apesar de tudo? Não podia perder mais tempo nesses pensamentos. Deveria resolver muitas coisas. Recuperaria esse dinheiro. O dinheiro era dele, e que ninguém pensasse outra coisa. Acelerou e voltou à autoestrada. Colocou a terceira e em pouco tempo passou na frente do hotel da montanha. Ao dobrar uma curva, as luzes desapareceram.

* * *

Trinta e Três

OS MONTÍCULOS de espuma se pareciam às montanhas nevadas do planalto de Hardanger, e a água estava fervendo. Eva colocou um pé dentro e esteve a ponto de se queimar, mas precisava de um banho o mais quente possível. O que mais teria gostado seria ter metido a água dentro do corpo, dentro das veias. Sobre a borda da banheira havia um copo de vinho tinto. Jogara a mochila no lixo e desconectara o telefone. Submergiu na água, que era de cor turquesa pelas bolinhas de sais de banho que colocara. No paraíso não se ficaria melhor. Movia os dedos das mãos e dos pés conforme iam esquentando. Bebeu um gole de vinho e notou que a dor do pé ia diminuindo. Havia sido um pesadelo dirigir com o pé assim, inchava muito. Tapou um instante o nariz e submergiu inteira na água. Quando voltou à superfície, tinha um grande montículo de espuma sobre a cabeça. “Este é o aspecto de uma milionária”, pensou, se olhando no espelho que havia sobre a banheira. A suave montanha de espuma foi para um lado e ficou agarrada em sua orelha. Eva se deitou de novo e começou a calcular mentalmente quanto tempo duraria o dinheiro, gastando duzentas mil coroas por ano. Uns dez anos. Se é que realmente havia tanto dinheiro; ainda não havia contado, mas faria quando terminasse o banho, descansado e comido um pouco. A única coisa que havia encontrado no caminho de volta havia sido uma máquina de doces quase vazia, cuja única oferta eram balas de framboesa e pastilhas fortes para a garganta. Fechou os olhos ouvindo como a espuma fazia barulho dentro do ouvido conforme ia perdendo ar. Sua pele estava se habituando à temperatura; depois teria um aspecto enrugado e rosado, como um bebê, produzido pela água tão quente. Fazia muito tempo que não tomava um banho desses. Costumava se conformar com um rápido, e havia esquecido como era delicioso. Esticou um braço para apanhar o copo de vinho e deu dois longos goles. Em seguida, quando tivesse terminado e contado o dinheiro, dormiria, quem sabe até a tarde. O cansaço e o sono pousavam em sua testa como um peso de chumbo. O peso lhe empurrou a cabeça para frente, e seu queixo ficou repousando sobre o peito. A última coisa que sentiu foi o sabor a sabonete na boca.

* * *

Trinta e Quatro

ERAM nove da manhã de 4 de outubro. Eva dormia na água fria da banheira. Encontrava-se no meio de um sonho muito irritante. Ao se mover na água com o fim de se livrar dele, deslizou para frente e seu rosto submergiu. Engoliu grande quantidade de água ensaboada; tossiu e tossiu tentando se levantar, mas o fundo da banheira de porcelana era muito escorregadio e voltou a cair. Cuspia, babava e chorava, até que por fim conseguiu se sentar. Voltara a ficar com frio. Nesse momento soou a campainha da porta.

Levantou-se de um pulo, assustada, e pisou no chão, se esquecendo do pé machucado. Gritou, cambaleando um pouco por ter se levantado tão bruscamente, e apanhou o robe atalhado. Havia deixado o relógio na pia, debaixo do espelho, e olhou-o rapidamente se perguntando quem seria. Era muito cedo para vendedores e mendigos, seu pai nunca ia a nenhum lugar e Emma não havia anunciado a sua volta. A polícia! Pensou atando o robe na cintura. Não estava preparada, não havia tido tempo para pensar em que dizer se voltasse a aparecer. Estava certa de que era o policial. Aquele Inspetor-Chefe de olhar intenso. Claro que tampouco fosse obrigada a abrir, pois era a dona e senhora de sua própria casa, não é? Além disso, se encontrava na banheira e era uma hora completamente intempestiva para vir fazer perguntas. Poderia ficar no banheiro até que esse tipo fosse embora. Pensaria que não havia se levantado ainda, ou que estava viajando. Se não fosse pelo carro, claro, que estava estacionado na frente da casa, mas... Poderia ter apanhado o ônibus, de fato fazia isso às vezes quando não tinha dinheiro para gasolina. O que queria esse homem? Do dinheiro de Maja não podia saber nada, a não ser que ela tivesse deixado um testamento e a polícia tivesse encontrado. Talvez foi isso o que fez, legar todos seus bens ao centro de acolhida! A ideia a fez cambalear. Claro que Maja pode tê-lo feito. Não guardava dinheiro na caixa de segurança, mas talvez guardasse seu testamento, um caderninho vermelho que continha a verdade sobre sua vida. A campainha voltou a soar. Eva tomou uma rápida decisão. Não serviria de muito se esconder no banheiro, o policial não se daria por vencido. Enrolou uma toalha na cabeça e saiu descalça para a entrada, coxeando e gemendo a cada passo que dava.

— Senhora Magnus, disse, — Desculpe por ter interrompido seu banho, é imperdoável. Posso voltar mais tarde.

— De qualquer maneira já estava acabando, respondeu Eva secamente, sem se mover da porta. O inspetor usava um casaco de couro e calças jeans. “Parecia um homem normal e comum, não um inimigo”, pensou Eva. O inimigo era o homem da montanha, fosse quem fosse. Teria anotado a sua placa? Eva esteve a ponto de desmaiar só de pensar. Nesse caso não demoraria muito em aparecer. Não havia reparado nesse aspecto até então. Franziu as sobrancelhas.

— Posso entrar um momento?

Eva não respondeu, se limitou a se apertar contra a parede, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. Dentro, na sala, apontou o sofá, mas continuou de pé no meio da sala enquanto ele se sentava lentamente na cadeira negra de Eva Magnus. O esperto olhar varreu quase imperceptivelmente a sala branca e preta, inclusive registrou o saco de balas de framboesa na mesa, as chaves do carro, a bolsa aberta e um maço de cigarros.

— Machucou o pé? Perguntou.

— Torci um pouco, nada mais. Que o traz por aqui? Eva se sentou de má vontade na cadeira, em frente a ele.

— Só uns assuntinhos. Gostaria de repassar sua declaração do outro dia, do princípio ao fim. Preciso que me esclareça alguns detalhes. Eva ficou nervosa. Procurou imediatamente um cigarro se perguntando se podia se negar a responder. Não era suspeita de nada, ou era?

— Diga-me, disse com grande autossuficiência, — Estou realmente obrigada a lhe dar explicações? Sejer ficou boquiaberto.

— Não, disse assombrado. — Claro que não! Os olhos de Sejer, que na realidade eram cinzentos, adquiriram um inocente tom azulado. — Acaso você tem algo contra? Pensei que como ela era sua amiga, gostaria nos ajudar a encontrar o assassino. Mas se tem algo contra...

— Não, não quis dizer isso... Retratou-se rapidamente e se arrependeu de ter feito a pergunta.

— Primeiro de outubro, prosseguiu Sejer, — Quinta-feira. Começamos pelo princípio. Você apanhou um táxi até Tordenskioldsgate. O táxi chegou lá às seis da tarde?

— Sim, já lhe disse.

— Segundo sua declaração anterior estive ao redor de uma hora no apartamento de Maja.

— Sim, mais ou menos, imagino. Não muito mais, em todo caso. “Quanto tempo fiquei lá realmente?”, pensou Eva. “Duas horas?”.

O policial havia aberto um pequeno caderno de onde ia lendo. Que desagradável. Tudo o que dissera estava anotado. Agora podia usá-lo contra ela.

— Poderia me dizer o que fez durante essa hora, por favor? O mais detalhadamente possível.

— Como? Eva olhou-o nervosa.

— Desde que entrou no apartamento até que Maja fechou a porta quando você saiu. Tudo, tudo o que aconteceu. Comece do princípio.

— Bom, eh... Tomei um café.

— Lavou a xícara depois?

— Não! Sentiu como se a cadeira começasse a balançar.

— Pergunto isso porque não havia rastro de nenhuma xícara. Na pia havia um copo com restos de Coca-Cola.

— Ah, sim! Coca-Cola, naturalmente. É que não me lembro muito bem. Importa se era Coca-Cola ou café?

Sejer lhe deu um olhar agudo e voltou a se calar, como havia feito antes. Esperava e observava. Eva notou que estava caindo na armadilha com ambas as pernas. Havia tantas coisas em que não havia pensado... Muitas.

— Bom, comi um sanduíche e bebi uma Coca-Cola. Maja me preparou um sanduíche.

— Sim. De atum?

Eva sacudiu a cabeça. Era incapaz de seguir nesse ritmo, “Talvez esse homem estivesse ali naquele dia”, pensou, “Talvez estivesse dentro de um armário observando tudo”.

— Você pode me dizer...? Perguntou Sejer de repente, mudando de postura no sofá, com um ar pensativo e curioso, — Pode me dizer por que vomitou esse sanduíche? Eva sentiu que ia desmaiar.

— É que... É que passei mal, gaguejou. — Havia bebido um par de cervejas, e não me caiu muito bem o peixe. Havia me deitado muito tarde na noite anterior. E havia comido muito pouco, não costumo comer muito, realmente não havia comido nada e ela insistiu em me dar algo para comer, lhe parecia que eu estava muito magra... Parou e respirou. Havia decidido não dizer mais que o estritamente necessário, por que se esquecia disso o tempo todo?

— Por isso tomou banho lá? Porque passou mal?

— Sim! Respondeu Eva rapidamente. E então foi ela que se calou. Sejer viu em seus olhos uma incipiente obstinação. Em seguida se fecharia totalmente.

— Pelo que vejo, teve tempo de fazer um monte de coisas enquanto esteve lá. E não só uma hora. Também tirou uma pequena sesta no quarto de hóspedes?

— Uma sesta? Perguntou abatida.

— Alguém esteve deitado na cama desse quarto. Ou, a verdade é, senhora Magnus, que era sócia de Durbán e que as duas dividiam o apartamento? Você fazia como ela? Trabalhava umas horas extras como prostituta, para melhorar um pouco a situação econômica?

— Não! Eva gritou e se levantou. A cadeira caiu para trás. — Não, Não era assim! Não quis saber nada de tudo isso. Maja tentou me convencer, mas eu não quis! Eva tremia como uma folha e ficara pálida. — Maja sempre queria me convencer, tinha ideias muito estranhas. Uma vez, quando tínhamos treze anos... Começou a soluçar.

Sejer olhou algo perplexo o tabuleiro da mesa, na expectativa. Esse tipo de explosões o fazia se sentir incomodado. A mulher parecia de repente tão aflita... O turbante havia se soltado e descera para os ombros. Tinha o cabelo empapado.

— Às vezes me pergunto, sussurrou Eva, — Se você pensa que fui eu.

— Essa é uma possibilidade que temos analisado, respondeu Sejer em voz baixa, — Mas agora não se trata de se você tinha algum motivo ou se é realmente capaz de assassinar alguém. Não, não se trata disso; esses aspectos nós estudaremos mais adiante. Em primeiro lugar, nos informamos sobre quem era próxima dela, sobre quem teve fisicamente a possibilidade de cometer o assassinato. Em seguida estudamos os álibis. E finalmente, disse, movendo a cabeça, — Nos perguntamos pelo motivo. E o que sabemos é que você esteve com ela naquela noite pouco antes de sua morte. Mas deixe que lhe diga, estamos completamente certos de que o assassino de Maja foi um homem.

— Sim, disse Eva.

— Sim?

— Quero dizer que poderia ser um de seus clientes, não é?

— É isso o que você pensa?

— Claro... Não é assim? Estava nos jornais! Sejer assentiu com a cabeça e se inclinou para frente “Cheira bem”, pensou Eva, “Se parece com papai quando era mas jovem.”.

— Conte-me o que aconteceu.

Eva voltou a sentar, fez um enorme esforço e foi se aproximando da verdade com passos minúsculos. Já deveria contar o que viu naquela noite de sua banqueta? Ele lhe perguntaria porque diabos não havia contado logo. “Isso”, pensou Eva, porque sou uma pessoa insegura, uma pessoa sem disciplina, nem caráter, um ser em quem não se pode confiar, com uma moral mais que duvidosa, uma pessoa que não ajudou uma amiga que tanto havia significado para ela. E em seguida roubei suas economias. Custava muito acreditar, era insuportável pensar nisso.

— Estamos muito mal de dinheiro Emma e eu, murmurou, — Sempre foi assim desde que Jostein se foi. Conteí a Maja. Ela queria solucionar meus problemas à sua maneira. Ia me deixar o quarto que tinha livre. Almoçamos na Hanna e bebemos muito. Comecei a pensar sobre sua proposta, e estava tão cansada e farta de tantas noites sem poder dormir pelas ameaças na caixa de correio e o telefone cortado, que acertamos que eu voltaria... Para testar. Ela me ajudaria. Ensinar-me-ia como se fazia.

— Sim?

— Estava firmemente decidida e me apresentei à hora que tínhamos marcado. Cheguei algo bêbada. Preferia não estar consciente da decisão que havia tomado, e não suportava a ideia de estar sóbria. Parou horrorizada porque nesse momento estava consciente. Era uma puta em potencial. E agora, ele também sabia. — Mas depois de tudo fui incapaz. Maja me deu uma Coca-Cola, me despi e me faltou coragem. Pensei que me retirariam Emma se soubessem. Fiquei ruim e consegui escapar da situação. Mas antes Maja havia me explicado algumas coisas.

— Que coisas?

— Me explicou como costumava ser.

— Mostrou-lhe a faca? Eva vacilou um segundo.

— Sim, me mostrou a faca. Disse que tinha como exemplo e lição. Eu me deitei sobre a cama. Foi quando tive o medo e decidi ir embora. Não entendo como você conseguiu saber de tantas coisas!

— Pelo visto, a faca não lhe serviu de muito, não é? Disse Sejer com tom interrogativo.

— Não, ela... Eva parou.

— Que ia dizer?

— Imagino que não teve coragem suficiente.

— Havia impressões digitais suas por todo o apartamento, prosseguiu o policial; — Inclusive, disse lentamente, — No telefone. Para quem ligou?

— Impressões digitais?

Notou que seus dedos se encolhiam ao pensar nisso. Talvez a polícia tivesse estado em sua casa enquanto ela se encontrava na montanha, talvez tivessem forçado a porta e haviam andado por todos os lados com seus pequenos pincéis.

— Para quem você ligou, Eva?

— Para ninguém! Mas pensei em ligar para Jostein, mentiu.

— Jostein?

— Meu ex-marido. O pai de Emma.

— E por que não ligou?

— Simplesmente porque mudei de ideia. Foi ele quem me deixou e não queria pedir dinheiro.

Vesti-me e saí. Disse a Maja que podia ser perigoso o que estava fazendo, mas se limitou a sorrir. Maja nunca escutava ninguém.

— Por que não me contou tudo isso da primeira vez que estive aqui?

— Tive vergonha. Não queria que ninguém soubesse que havia pensado seriamente na possibilidade de me converter em prostituta.

— Eu jamais em toda minha vida olhei com desprezo as mulheres que exercem a prostituição, disse Sejer com simplicidade.

Levantou-se do sofá como se estivesse satisfeito. Eva não dava crédito a seus olhos. Já na escada, Sejer parou um instante e deixou deslizar seu olhar pelo pátio, o carro e a bicicleta de Emma, que estava apoiada contra a parede. Em seguida olhou o entorno, a rua e as outras casas, como se quisesse formar uma opinião sobre a vizinhança de Eva, e sobre que tipo de pessoa era ela, que vivia precisamente aqui, nessa rua e nessa casa.

— Pareceu-lhe que Maja tinha muito dinheiro? A pergunta chegou aos sussurros.

— Oh, sim. Tudo o que tinha era muito caro. Inclusive comia em restaurantes.

— Temos nos perguntado se talvez tivesse algum dinheiro escondido, disse Sejer, — E se alguém estava sabendo daquilo. O olhar do policial lhe alcançou como um raio justo entre os olhos e Eva piscou. — O marido de Maja chegou ontem de avião da França; esperamos que tenha algo para nos contar quando tomemos suas declarações.

— Como?

— O marido de Maja, repetiu Sejer. — Você parece surpresa.

— Não sabia que tivesse marido, disse Eva abatida.

— Não? Não lhe contou? Sejer franziu o cenho. — Estranho, não é? Que não contasse, se realmente eram velhas amigas.

“Éramos velhas amigas?”, pensou. “Realmente éramos velhas amigas? Estou dizendo a verdade?” Mas não serviria de nada falar, não acreditaria nela.

— Você não tem mais nada para adicionar, senhora Magnus?

Eva negou com a cabeça. Estava apavorada. O homem que apareceu na cabana, seria acaso o marido de Maja? Um marido procurando sua herança. Talvez aparecesse algum dia na sua porta, talvez à noite, enquanto ela dormia. Havia a possibilidade de que Maja tivesse lhe contado, que tivesse falado ao seu marido do encontro com Eva. Se é que havia tido tempo. Poderia ter ligado. Sejer desceu os quatro degraus da escada de ferro forjado e parou na calçada.

— Não coloque esse tornozelo na água quente. Ponha uma atadura. E se foi.

* * *

Trinta e Cinco

PRECISAVA retirar o dinheiro da casa. O grande Peugeot desapareceu por fim pela rua abaixo. Eva bateu a porta e foi para o porão. O pé estava a ponto de entumecer de novo. Levantou à força a tampa da lata com uma faca e virou os pacotes sobre o chão de cimento. Em seguida sentou e retirou o papel de alumínio. As notas estavam presas com um elástico e perfeitamente ordenadas: as de mil de um lado e as de cem de outro. Era fácil contá-las. O chão estava gelado e o traseiro dela ficou completamente insensível. Contava sem cessar, e ia anotando mentalmente; deixava de um lado as notas contadas, e apanhava outro maço. O coração batia cada vez mais depressa. Onde iria esconder tanto dinheiro? Uma caixa de segurança de algum banco seria muito arriscado, pois Eva suspeitava que a partir desse momento esse tal Sejer e seus homens a vigiarão muito de perto e tomarão nota de tudo o que fizesse. E o mesmo faria o marido de Maja.

Maja era casada! Por que não havia dito? Parecer-lhe-ia um fracasso ter um marido, um companheiro? Ou não teria dito por que esse homem talvez fosse um sócio com o qual iria montar o hotel? Ou simplesmente porque era um tipo inapresentável do qual não queria que ninguém soubesse nada? Essa última parecia a mais provável. Na realidade a lata de tinta era um lugar ótimo, mas teria que guardá-la noutro lugar, em um lugar onde ninguém pensasse olhar e de onde ela pudesse apanhar dinheiro cada vez que precisasse. Na casa de seu pai, claro, no porão, junto aos trastes acumulados durante todos aqueles anos: a velha cama de Eva de menina, as maçãs apodrecendo no depósito de batatas, a lavadora quebrada. Perdeu a conta e precisou começar de novo. As mãos suavam, o que facilitava muito a tarefa de separar as notas novas. Já tinha juntado meio milhão em um monte, e ainda restava muito. O marido de Maja. Talvez fosse um tipo verdadeiramente perigoso. Se Maja era uma puta, o que seria o marido? Criminoso ou algo assim? Nenhum dos dois tinha moral. “E eu, tenho moral?”, pensou de repente.

Estava se aproximando do milhão e o monte havia diminuído. “Este dinheiro”, pensou, talvez fizesse parte do dinheiro mensal de centenas de esposas desta cidade, dinheiro que deveria ser empregado em comidas e roupas. Que pensamento tão estranho! Estava contando notas de cem e tudo andava mais devagar. Pensou que as notas de quinhentos eram as mais bonitas, pela cor e desenho; umas belas notas azuis. Um milhão e seiscentos mil. Tinha os dedos gelados, estava contando notas de cinquenta. Se o homem havia anotado sua placa não demoraria muito em encontrar seu endereço; bastaria uma ligação, se é que havia prestado atenção no carro. Se o homem tinha alguma imaginação teria anotado, pensando que podia se tratar da pessoa que estivera na cabana antes dele, se perguntando por que esse carro estaria estacionado ali, sem fechar com chave no meio da montanha, não muito longe da cabana. Mas não tivera imaginação suficiente para dar uma olhada dentro da latrina.

Um milhão e setecentos mil e alguns notas de cinquenta. Maja havia morrido muito próxima de alcançar a meta. Um milhão e setecentos mil. Havia muitos pedaços de papel alumínio no chão, brilhando como a prata à luz da lâmpada pendurada do teto. Voltou a colocar o dinheiro na lata e subiu a escada. Tinha o pé menos inchado, devido talvez ao frio do porão. Seus negros cabelos escorriam como palitos gelados pela nuca. Deixou a lata no quarto da lavadora e foi para o banheiro, tomou um banho rápido de água quente e se vestiu. A milionária que viu no espelho estava muito tensa. Também poderia comprar um carro novo. Um Audi, talvez? Não dos maiores; melhor um de segunda mão. De repente lembrou que não podia. Precisaria continuar comprando só leite e pão, como antes. Inclusive Omar estranharia se a lista de compras de Eva começasse de repente a crescer. Saiu coxeando do banheiro e foi apanhar a lata. Precisaria se sair bem. E claro, poderiam se mudar de casa. Numa gaveta da cozinha encontrou papel de alumínio. Voltou a embrulhar cuidadosamente os maços e colocou todos na lata menos um. Nesse grudou uma etiqueta adesiva, ficou pensando e escreveu “Manteiga”. Colocou o pacote no congelador. Não tinha muito sentido ficar sem nada. Os sessenta mil haviam diminuído muito. Vestiu-se e saiu à rua. Colocou a cabeça na caixa de correio; havia se esquecido por completo dele. Encontrou um envelope verde do Conselho Estatal de Artistas. Sorriu surpresa. Havia chegado o auxílio.

* * *

Trinta e Seis

— Começou a sair à noite, disse seu pai sorrindo, — É um bom sinal.

— O que quer dizer?

— Estive ligando ontem o dia todo, até às onze da noite.

— Ah, estive fora.

— Por fim encontrou a alguém com quem se esquentar? Perguntou seu pai esperançado. “Estive foi a ponto de morrer congelada”, pensou Eva; “Passei toda a noite sentada sobre um monte de merda e a ponto de morrer.”

— De certo modo sim. E não pergunte mais nada! Eva tentou sorrir misteriosamente, abraçou-o e entrou. A lata estava no porta-malas; mais tarde apanharia e a colocaria às escondidas no porão.

— Queria me dizer algo em especial?

— Bom, o alarme contra incêndios disparou e não fui capaz de desligá-lo.

— Ah, disse Eva. — E o que fez?

— Liguei para os bombeiros e eles chegaram em seguida. Uma gente muito boa. Sente-se. Vem para ficar muito tempo? Quanto tempo pode ficar? Até quando Emma vai ficar com Jostein? Não pensou em deixá-la com ele, pensou?

— Não seja bobo, isso jamais me aconteceria. Posso ficar um pouco, se quiser. Prepararei comida para os dois.

— Acho que não tenho nada.

— Então vou comprar algo.

— Nem pense, não pode se permitir o luxo de me dar de comer, tomarei um prato de sopa.

— E que lhe pareceria uma bisteca? Sorriu Eva.

— Não gosto que faça este tipo de brincadeiras, disse seu pai irritado.

— Hoje chegou o auxílio, e não tenho ninguém com quem comemorar.

O homem se resignou. Eva passou a organizar a casa e o coração de seu pai começou a bater com regularidade. O que mais gostava era o barulho, o barulho de outra pessoa respirando e se movendo pela casa. A televisão e o rádio não eram bons substitutos.

— Leu o jornal? Resmungou ao fim de um tempo. — Estrangularam uma pobre mulher em sua própria cama. O tipo que fez isso deve ter lhe dado uma surra de morte. Pobre criatura. Tratar desse modo a uma pobre mulher que se coloca a disposição da gente, com cama e tudo... É absurdo. Parece que conheço o nome, mas não sei de onde. Leu, Eva? É alguém que conheço?

— Não, gritou Eva da cozinha. O pai franziu o cenho.

— Bom, menos mal. Se fosse alguém conhecido teria ido atrás desse tipo e teria lhe batido na cabeça com um pedaço de pau. O único castigo que receberá, será televisão na cela e três refeições por dia. Alguém pergunta se estão arrependidos?

— Acho que sim. Eva amarrou o saco de lixo e foi até a porta. Precisaria cuidar do que dizia. — Para cumprir a pena não tem que dar mostras de arrependimento ou não.

— Então dirão que estão muito arrependidos com o fim de que diminuam a condenação.

— Acho que não é tão fácil assim. Tem gente experiente nessas coisas que averigua se estão mentindo. Suas palavras a fizeram estremecer.

Eva saiu da casa. O pai a ouviu levantar a tampa do latão de lixo. “A garota está muito estranha”, pensou; “Está metida em alguma confusão e não quer que eu saiba. Conheço-a muito bem e sei que oculta algo, como quando morreu a senhora Skollenborg. Então ficou histérica e não era normal; a mulher tinha quase noventa anos e nenhum dos garotos gostava dela; a verdade é que era uma velha muito resmungona. Algo aconteceu daquela vez. E agora, por exemplo, que demônios está fazendo no sótão?”, pensava, enquanto tentava acender um isqueiro sem conseguir. Esfregou com suas mãos ressecadas e por fim conseguiu.

— O que quer para acompanhar a carne? Perguntou Eva quando subiu por fim do porão, com um tabuleiro para forno nas mãos.

— O que vai fazer com isso?

— Encontrei no porão, se apressou a responder Eva. — Vou assar as verduras nele.

— Mas as verduras não são fervidas?

— Sim, mas também podem ser assadas. Gostaria de brócolis com sal e manteiga?

— Olhe para ver se restou alguma garrafa de vinho.

— Ainda tem um monte delas. Não sabia que tinha um depósito de reserva no porão.

— É para se a assistente municipal reclamar. Nunca se sabe. A prefeitura tem um novo plano econômico. Só neste ano pretendem economizar vinte milhões de coroas. O pai chupava com ansiedade o cigarro, para indicar que não desejava comentários. — E quando começou a se interessar por comida? Perguntou de repente. — Você não costuma comer nada além de pão.

— Talvez porque esteja ficando velha. Bem, não sei, simplesmente queria algo gostoso. Sopa com vinho não pega muito bem.

— Isso é uma bobagem. Uma boa sopa de macarrão com toucinho, bastante sal e vinho tinto, é uma boa refeição.

— Vou no Lorentzen comprar. Gostaria de algo mais?

— Juventude eterna, resmungou ele.

Eva franziu o cenho. Não gostava que seu pai falasse assim.

* * *

Pediu sem piscar meio quilo de carne. A roliça mulher que estava atrás o balcão usava luvas de usar e tirar. Apanhou um pedaço de carne de uma cor mais ou menos como fígado. Esse era o aspecto que teria a bisteca?

— Em pedaço ou em bifés? Levantou a faca, pronta para o ataque.

— Não sei, como seria melhor?

— Em bifés finos. Espere que a manteiga doure e em seguida coloque os bifés na frigideira, e vire. Deve ficar mais ou menos como se corresse descalça no asfalto recém-colocado. Não vá fritá-los.

- Não acho que meu pai esteja disposto a comer carne crua.
- Não pergunte o que quer, faça o que lhe disse e pronto.

Sorriu, e Eva se sentiu fascinada por essa mulher gorda com jaleco e touca branca. Com certeza era uma espécie de sinal de higiene, mas “Parecia mais uma pequena coroa de rainha”, pensou, e toda a carne que havia no mostrador era seu reino. Pesou os bifés e grudou a etiqueta de preço no pacote com muito cuidado, como se estivesse curando uma ferida. Cento e trinta coroas, incrível! Caminhou um tempo pelas estantes pegando alguma que outra coisa que ia colocando no carrinho. Poria tudo na geladeira sem dizer nada ao pai, se não, ele se irritaria: queijo de cabra, foie-gras, dois pacotes do melhor café, manteiga, creme, biscoitos recheados. E também duas cuecas. Colocaria em sua gaveta com a esperança de que usasse. Já na caixa apanhou chocolates, duas revistas e um pacote de cigarros. A soma final era dolorosa, mas para Eva parecia que todos os idosos deveriam poder se permitir essa cesta de compras, ao menos a cada sexta-feira, para poder desfrutar um pouco no final da vida. “Os jovens podem comer sopa de macarrão”, pensou. Pagou, colocou os sacos no carro e voltou para a casa do pai.

* * *

- Por que o faria? Perguntou o pai enquanto mastigava a carne terna.
- O quê?
- Por que a mataria? Na cama.
- Por que está pensando nisso?
- Você não pensou? Eva mastigava devagar e não respondeu imediatamente.
- Sim. Mas por que pergunta?
- Porque me interessam o lado escuro dos seres humanos. Você, que é artista, não se interessa? Não se interessa pelo drama humano, não é?
- Bom, o ambiente em que ela se movimentava era especial. Não sei muito disso.
- Pelo visto era da sua idade.
- Sim, e muito estúpida. Não me parece muito inteligente abrir a porta para esse tipo de gente. Imagino que só pensava em uma coisa: ganhar o máximo dinheiro possível no menor tempo possível. Sem pagar impostos. Imagino que discutiram ou algo parecido. Encheu o copo de seu pai e colocou molho em cima da carne.
- Ultrapassam uma espécie de limite, disse o pai pensativo. — Me pergunto no que consiste, no que implica, por que alguns ultrapassam e outros nem sonham com isso.
- Todo o mundo pode ultrapassá-lo, disse Eva. — A casualidade é que decide. E tampouco ultrapassam assim tranquilamente, mas de repente se encontram do outro lado, e então é muito tarde. “É muito tarde”, pensou espantada. “Roubei uma fortuna. E fiz de verdade.”
- Uma vez dei um tapa num tipo no meu trabalho, disse pai, — Porque era muito má pessoa. Uma pessoa realmente corrompida. A partir de então me teve um grande respeito, como se aceitasse o que eu havia feito. Jamais me esqueci daquilo. Foi a única vez na minha vida que bati em alguém, e naquele momento foi necessário. Nada no mundo poderia frear minha raiva; sentia que ficaria maluco se não lhe desse aquele tapa, era como se meu cérebro fervesse. Bebeu vários goles de vinho e fez chasquear a língua com ar pensativo.
- A agressão é por medo, disse Eva de repente. — No fundo a agressão é sempre uma autodefesa, uma maneira de proteger seu próprio corpo, sua própria razão, sua própria honra...

- Acredite ou não, há gente que mata por causa de dinheiro.
- Sim, sim, mas isso é diferente. Não acho que mataram essa garota do jornal por dinheiro.
- Esse vão pegar logo. Um vizinho do edifício viu o carro. Tem graça que o carro o delate. Nem sequer teve a precaução de usar as pernas quando saiu para realizar seu ato miserável.
- O que disse?
- Não soube? O vizinho não havia compreendido como era importante esse detalhe. Andou viajando até esta manhã. Viu um carro virar na esquina a grande velocidade. Um carro branco, não novo, provavelmente um Renault.
- Um quê? Eva deixou cair a faca no prato e derramou o molho.
- Um Renault. Um modelo não muito comum, então será fácil encontrá-lo. São muito práticos esses registros de carros, não é? Procuram os que têm esse modelo e os visitam um por um. E em seguida essa gente deve mostrar um álibi, e pobre de quem não tenha um. Muito engenhoso, não é?
- Um Renault? Eva parou de mastigar.
- Exatamente. O vizinho havia sido taxista, então conhece de carros. Menos mal que não era uma velha dessas que não sabem distinguir entre um Porsche e um escaravelho. Eva notou que as mãos tremiam. “Que má sorte!” Pensou. “Uma pista falsa!”.
- Talvez o homem esteja errado. Se for assim, estarão perdendo tempo.
- Mas a polícia não tem outra pista, disse o pai. — Por que iria estar errado? O homem conhece de carros, falaram no rádio.

Eva bebeu grande quantidade de vinho, tentando ocultar seu desespero. Um Renault podia se parecer com um Opel? Mas se os carros franceses tinham um aspecto completamente diferente! Talvez se tratasse de algum idiota que queria chamar a atenção. Eva pensou em Elmer e como ficaria contente com essa estúpida observação do vizinho de Maja. Elmer já teria ouvido, estaria todo o dia com o ouvido grudado nas notícias do rádio, e estaria esfregando as mãos de alívio. Teve vontade de chorar.

- Quer mousse de sobremesa? Perguntou Eva com voz seca.
- Sim, e me dê um café também.
- Sempre lhe dou.
- Bom, bom, disse estranhado. — Pode aguentar uma brincadeira, não é?

Eva se levantou e retirou a mesa, fazendo ruído com os pratos e talheres. Precisava fazer algo. Por culpa dela aquele homem continuava livre, e já poderia ter sido apanhado se tivesse contado a verdade. Pode ser até que já tivessem prendido o outro no seu lugar. Deixou um cigarro junto ao copo de seu pai e foi apanhar os pratos de sobremesa. Em seguida comeram a sobremesa em silêncio. A mousse pousava sobre o lábio superior do pai como espuma branca, e ele a chupava com grande prazer. O homem olhava a sua filha de soslaio, já estava mais tranquila. “Talvez fosse algum assunto desses de mulheres”, pensou. Eva o ajudou a se sentar no sofá e em seguida foi limpar os pratos, mas antes colocou quatro notas de cem coroas no frasco vazio de doce que havia no armário da cozinha, com a esperança de que seu pai não soubesse exatamente o que tinha para seus gastos diários. Mais tarde estavam os dois sentados no sofá, amolecidos pela comida e o vinho. Eva havia se tranquilizado.

- Vão pegá-lo, verá, ela disse devagar. — Sempre há alguém que viu algo; o que acontece é que

as pessoas são um pouco lentas, mas ao final acabam contando. Ninguém que faça algo assim sai impune; o mundo não é tão injusto. A longo prazo é difícil se calar, talvez ele se embbede e conte a algum amigo. Sabe? Um tipo capaz de matar uma pessoa dessa maneira, de raiva, por exemplo, é tão desequilibrado que não será capaz de se controlar o resto da vida sem se delatar. Ao final sempre precisará contar a alguém, que por seu vez contará à polícia. Ou às vezes a polícia oferece uma recompensa e em seguida alguém vai correndo e o delata... Algum tipo ávido de dinheiro. Engasgou com suas próprias palavras. — Só quero dizer que em algum lugar há alguém que sentirá necessidade de que se faça justiça. O que acontece é que as pessoas demoram a reagir, ou têm medo.

— Não, são uns covardes, murmurou o pai, já cansado. — Isso é o que acontece. As pessoas são muito covardes, não pensam mais do que no seu próprio bem estar, não querem se ver envolvidos em nada. Fico feliz de ver que tem tanta fé na justiça, filha, mas isso serve de pouco. Serve de pouco a ela, quero dizer. Ninguém pode mais ajudá-la. Eva não respondeu, sua voz não aguentaria. Fumava ansiosamente.

— Por que deu uma surra naquele tipo? Perguntou de repente.

— A quem?

— A esse tipo do seu trabalho, aquele da história que me contou.

— Já disse. Porque era uma má pessoa.

— Essa não é uma resposta.

— Por que ficou tão histérica quando a senhora Skollenborg morreu? Perguntou seu pai.

— Contarei noutra ocasião.

— No meu leito de morte?

Era quase meia-noite. Eva pensou em Elmer e se perguntou o que ele estaria fazendo. Talvez estivesse sentado, olhando fixamente para a parede, para o desenho do papel pintado ou para suas mãos, se perguntando como podia viver sua própria vida e agir por sua conta, fora de seu controle, enquanto Maja estava numa gaveta refrigerada, sem consciência, sem um só pensamento em sua fria cabeça. A Eva tampouco restavam apenas pensamentos; colocou mais vinho, sentindo como se desvaneciam, se convertendo em uma neblina através da qual já não via nada.

* * *

Trinta e Sete

A MANHÃ seguinte amanheceu com névoa e vento, mas clareou enquanto estavam tomando o café da manhã. O rádio estava ligado. Eva ouvia distraída quando de repente aguçou o ouvido. Davam as notícias. Um homem havia sido detido em relação ao assassinato. Um motorista de ônibus, de cinquenta e sete anos, que tinha um Renault branco. Ficaram os dois escutando, se esquecendo do desjejum.

— Ah! Exclamou o pai. — Não tinha álibi.

Eva estava assustada. O detido havia confessado ter comprado serviços sexuais da vítima em várias ocasiões. Naturalmente, eram muitos os que durante dois anos haviam frequentado o apartamento de Maja. Eva imaginou como estava acabando o futuro desse tipo, um pobre inocente, que talvez tivesse família, e pensou: “É minha culpa”.

— Eu dizia, exclamou seu pai triunfante. — Pegaram!

— A mim tudo isso me parece fácil demais. Só porque esse tipo tem esse modelo de carro e carece de álibi. E além disso, não é proibido comprar sexo. Antigamente, disse Eva em voz alta, — Não se era um homem de verdade se não frequentasse prostíbulos.

— Vá! Exclamou seu pai levantando a vista. Eva estava suando. — Mas como é negativa! Não costumam pegá-los quase sempre em seguida? Vivemos numa cidade pequena.

— Algumas vezes eles erram, disse Eva em tom cortante, mastigando a dura casca do pão integral que seu pai comprava. Sabia que era obrigada a tomar uma decisão. Precisava fazer algo. — Estou certa de que há montes de homens que visitaram essa... Senhora e que tem carro branco e carecem de álibi. Terminou o desjejum. Limpou a mesa, colocou a carteira entre dois jornais na sala, apanhou o casaco, e abraçou o pai. — Veremo-nos mais tarde, disse balançando a mão. — Dentro de pouco tempo.

— Espero que seja verdade.

Seu pai ajeitou a dentadura postiça, que tinha certa tendência a cair quando sorria muito. Disse-lhe adeus com a mão e em seguida fixou a vista no Opel enquanto este entrava na ladeira cheia de buracos. Notou que seus tremores aumentavam, sempre acontecia isso quando tinha companhia durante um tempo e em seguida ficava sozinho. Eva já havia alcançado uma boa velocidade e descia para o túnel de Hov. “Irei a Rosenkrantzgate”, pensou, “À casa verde. E descobrirei quem é ele.”.

Guardava uma mochila no carro, e com a camisa longa que usava poderia passar por vendedora ou predadora de alguma seita. Talvez pudesse ver como era a mulher desse homem e trocar algumas palavras com o filho, se realmente era seu filho. Estava convencida. As testemunhas de Jeová sempre

usavam camisa? E não tinham o cabelo comprido? Ao menos tinham quando ela era pequena, Ou seriam os mórmons? Dava no mesmo. Já estava dentro do túnel. Deu uma rápida olhada no espelho, em seu rosto sem maquiagem, mas só conseguia vê-lo durante brevíssimos brilhos de cor laranja, vindos da iluminação do teto do túnel, que se refletia em suas pupilas. Não reconhecia a si mesma; apertou as mãos ao redor do volante e notou que algo ardia debaixo do casaco. Era um sentimento que não tinha desde a adolescência com Maja, seu passado havia desaparecido pelo caminho, em seu complicado casamento, no monte de faturas sem pagar, na preocupação pela obesidade de Emma e na frustração por não ter triunfado como artista. Era um sentimento que se iniciava em algum lugar de seu peito, mas que pouco a pouco ia descendo até o ventre. Esse sentimento a fez se sentir viva, teve a sensação de poder entrar na oficina e pintar um poderoso quadro, mais poderoso que tudo o que havia feito até então, impulsionada por uma justa ira. De repente se sentia eufórica, o pulso batia cada vez mais depressa e a chamejante luz laranja do teto do túnel manteve vivo o fogo dentro dela até que chegou ao centro. Entrou na fila da direita e se encaminhou para Rosenkrantzgate.

Não havia ninguém fora das casas multicoloridas. Era cedo. Passou pela casa verde e estacionou nas cercanias da urbanização, atrás de um telhadinho de bicicletas. Colocou a mochila sobre o ombro e se aproximou a bom passo das casas. Tentou adotar uma expressão enérgica e alegre, como se trouxesse uma maravilhosa mensagem na volumosa mochila, enquanto ia se fixando nos detalhes, tais como os suportes para bicicletas, o pequeno espaço com brinquedos e areia para as crianças, os jardins de flores amarelas. Via-se algum que outro brinquedo de plástico descolorido jogado sobre as minúsculas jardineiras. Virou para a casa verde e se aproximou da primeira porta. Reconheceria à mulher ruiva se a visse, um frágil ser com uma linguagem corporal muito pretenciosa. Eva olhou fixamente as campainhas e escolheu o botão de cima sobre o qual se lia Helland, mas esperou um tempo para tomar coragem. Tentou olhar através da porta, mas era de vidro opaco e não lhe permitia ver nada. Tampouco ouvia algo, e levou um susto quando a porta se abriu de repente e um homem olhou-a fixamente no rosto. Não era Elmer. Só moravam duas famílias em cada portal, de modo que o cumprimentou com a cabeça e se colocou a um lado para deixá-lo passar. O homem olhou-a rapidamente. Eva leu rapidamente os nomes das campainhas.

— Helland? Apressou-se a perguntar.

— Sim, sou eu.

— Ah, bom, então é Einarsson quem estou procurando.

O homem se voltou para olhá-la uma vez mais antes de desaparecer na direção das garagens. Eva ficou no portal na ponta dos pés, como um ladrão. A placa da porta com o nome era de porcelana, pintada por algum aficionado, e o desenho representava uma mãe, um pai e um menino, com os nomes colocados debaixo de cada figura: Jorun, Egil e Jan Henry. Eva moveu a cabeça e voltou a sair na ponta dos pés. “Egil Einarsson, Rosenkrantzgate 16”, pensou. “Sei quem é e o que fez.”.

* * *

Trinta e Oito

EVA ESTAVA de volta, em casa, muito concentrada. Todos os demais afazeres deixou de lado, todos seus escrúpulos rebentaram como borbulhas ao alcançar a superfície da consciência, todo esse medo que guardava em seu interior havia se transformado em energia. Imaginava esse pobre motorista de ônibus, um pouco gordo, quem sabe, com pouco cabelo, sentado em alguma sala de interrogatórios bebendo café instantâneo e fumando tantos cigarros quanto quisesse, que seriam muitos. Com certeza já nem lhe caíam bem, mas ao menos era algo a que se agarrar; se não, o que iria fazer com suas mãos, rodeado como estaria de policiais por todos os lados, estudando precisamente suas mãos, para descobrir se podia ter matado Maja com elas. Claro que fariam testes de DNA, mas demorariam muito, talvez semanas, e enquanto isso esse homem teria que esperar, e ainda que não tivesse mantido relações sexuais com Maja precisamente naquela noite, poderia tê-la matado de qualquer maneira, pensariam eles.

Claro que não o tratariam humanamente, ainda mais se tratando de um assassinato, o delito mais feio e brutal de todos. E, claro, para Eva não era difícil imaginar algum bruto, de olhar penetrante, que despojava o pobre homem da pouca dignidade que lhe restava. Talvez Sejer, com toda a sua calada paciência, poderia se transformar num autêntico pesadelo. Não era impossível. E em algum lugar pode ser que tivesse uma esposa chorando, fora de si de medo. “Ao fim e ao cabo”, pensou, ninguém pode estar certo dos demais.

De um armário apanhou roupa que não costumava colocar: uma velha calça da loja de sobras do Exército, com bolsos nos coxas. Era grossa, dura e incômoda, fora de seu estilo, precisamente por isso lhe caíria muito bem. Precisava sair de si mesma, assim tudo seria mais fácil. Encontrou também uma camisa negra de gola alta e botas baixas de borracha branca, muito apropriada para a ocasião. Sentou-se à mesa de refeições com papel e lápis. Mastigava sem parar; gostava do sabor de madeira porosa e do grafite macio, da mesma maneira que gostava de chupar suavemente os pincéis depois de tê-los limpado. Nunca dissera isso a ninguém, era um vício secreto. Depois de três tentativas, tinha aprontado o texto. Era breve e simples, sem rodeios, poderia ter sido escrito por um homem. Eva se deleitava com sua capacidade de decisão e ação. Era algo novo, uma nova força que a impulsionava para frente, uma força que há muito não sentia. Nos últimos tempos andara se arrastando sem nenhuma motivação. Nesse momento tinha uma coragem renovada. Maja teria gostado.

PAGAREI UM BOM PREÇO POR SEU CARRO SE QUISER VENDÊ-LO

Nada mais que isso. E uma assinatura. Vacilou um pouco sobre esse ponto, não deveria mencionar seu nome, mas era incapaz de inventar outro. Qualquer nome que tentasse colocar pareceria estúpido. Ao final tudo saiu de um modo natural. Um nome autêntico que ele não conhecia, e um número de telefone que não era o seu. A partir das 19 horas. Já estava tudo pronto.

Deixaria em casa a bolsa e o casaco. Colocou a folha de papel no bolso. De repente pensou em procurar um elástico e recolher o cabelo na nuca num rabo de cavalo. Quando parou diante do espelho da entrada para verificar seu aspecto, descobriu uma pessoa desconhecida, com orelhas proeminentes. Parecia uma garota mais velha para a sua idade. Não se importava muito, não era muito presumida. O mais importante era que não se parecesse com Eva. Finalmente desceu ao porão, procurou no banco de carpinteiro e encontrou um velho saco de pesca, que era de Jostein. No fundo havia uma faca. Encaixava perfeitamente no bolso da coxa da calça, que era longo e estreito. Um pouco de segurança para uma mulher sozinha, de exemplo e lição no caso de que Egil Einarsson ficasse difícil.

Estacionou a boa distância, na esquina dos banheiros municipais. O guarda não era visto em nenhum lugar, teria mais lugares para vigiar. Talvez deslizesse furtivamente pelos vestiários e banheiros do pessoal, talvez vigiasse a existência de cerveja. Ali se roubava como em outros tipos de trabalho. Cruzou a rua e passou rapidamente por baixo da corrente do estacionamento. De novo se espantou com a quantidade de carros brancos que havia, mas se dirigiu automaticamente ao mesmo lugar da vez anterior e verificou que não estava ali. Seu equilíbrio mental se viu ameaçado pela possibilidade de que o homem não estivesse no trabalho, de que por fim tivesse desmoronado e fugido. Ou talvez estivesse no turno da noite. Apesar de tudo, continuou percorrendo as filas de carros. Talvez o tipo tivesse já sabendo da prisão do motorista de ônibus e se sentisse mais livre que nunca. Um Renault branco! Que idiotas! De vez em quando dava uma olhada por cima do ombro, mas não via ninguém. Por fim encontrou o Opel no final do estacionamento. Estava estacionado descuidadamente, ultrapassando as marcas, como se o dono estivesse apressado. Apanhou a nota do bolso, desdobrou-a e a colocou debaixo do limpador de para-brisas. Em seguida permaneceu um instante admirando o veículo para se alguém a estivesse observando. Voltou a seu carro, arrancou e atravessou a rua principal da cidade. Era como se encontrar no princípio de uma maratona sem ter treinado previamente; a tarefa que tinha na frente a escurecia, mas se sentia em boa forma, descansada e firmemente decidida a terminá-la. Lembraria sempre desse dia: segunda-feira, 5 de outubro. Estava ligeiramente nublado e ventava muito.

* * *

Trinta e Nove

OLHAVA o relógio aproximadamente a cada cinco minutos. Quando já eram quase seis da tarde voltou a entrar no carro e percorreu os vinte e cinco quilômetros até a casa do pai. Ele havia visto o carro de longe e estava na escada, com as sobrelhas franzidas, quando Eva chegou. Estava vestida de uma maneira estranha, como se fosse a uma excursão ao bosque, ou algo pior. Sacudiu a cabeça.

- Vai fazer um roubo?
- Exatamente. Poderia levar você de carro.
- Deixou a carteira, disse seu pai.
- Já sei, por isso voltei.

Eva lhe acariciou a face e entrou, dando um rápido olhar para o escritório onde ficava o telefone. O telefone não soava quase nunca nessa casa. Eva voltou a olhar o relógio. Talvez não ligasse, ou quem sabe esperasse até mais tarde. Ela sabia muito da relação que costumam ter os homens com os carros. O poder ter carro, discutir detalhes técnicos e de fabricação, cavalos, freios e a solidez alemã, enquanto babavam como meninos, era a maior vaidade dos homens. A impressão que tinha desse homem, ainda que muito superficial, era sem dúvida correta. Esse carro era muito importante para ele; a mulher e o filho ocupariam o segundo lugar. Não era certo que estivesse disposto a vendê-lo, mas ao se dar conta de que se tratava de uma mulher teria curiosidade: ele, cliente assíduo de putas e impostor, que gastava seu salário em comprar satisfações com outras mulheres, tendo mulher e filho. Um ser abjeto. Talvez um bêbado e mentalmente desequilibrado. Um filho da...

- Por que está tão corada? Eva estremeceu.
- Tenho coisas em que pensar.
- Não me diga. Soube algo da Emma?
- Pareço uma má mãe? Seu pai tossiu.
- Não muito. Faz o que pode. No fundo ninguém é o suficientemente bom, ao menos não para Emma. Seguiu-a coxeando até a cozinha.
- Deus meu, papai, está mais obcecado com essa menina do que ficava comigo.
- Claro que sim. Espera e verá quando for avó. É como uma espécie de segunda oportunidade, não é? Para fazer as coisas melhor do que na primeira vez.
- Comigo agiu muito bem.
- Apesar da mudança? Eva se voltou com o pacote de café na mão.
- Claro que sim.
- Achava que não tinha e perdoado.

— É possível, mas tem direito a errar, como todo o mundo.

— Imagino que foi pela sua amiga... Que perdeu a sua melhor amiga... Isso deve ter sido muito duro. Como se chamava? A voz de seu pai soava inocente.

— Eh... May Britt.

— May Britt? Não, não era assim que ela se chamava, não é?

Eva colocou o café sobre o filtro, respirando fundo. Afortunadamente seu pai era já velho e a memória falhava. Mas ela se sentiu mal. As mentiras voavam da sua boca, ligeiras como insetos.

— Você também largou da Emma, não é? Por isso vem tanto por aqui. Se ela ficar muito tempo com Jostein terá que lhe pagar uma pensão, não é?

— Jostein jamais pensaria em fazer uma coisa assim. Não seja injusto.

— Só digo que tenha cuidado. Conhece a sua nova mulher?

— Não, nem tenho nenhum interesse em conhecê-la. Sei que é ruiva e tem peitos grandes.

— Deve ter cuidado, talvez faça algo.

— Papai! Eva parou e suspirou profundamente. — Não me preocupe mais do que já estou! O pai olhou o chão envergonhado.

— Perdoe-me. É que estou tentando descobrir o que está acontecendo.

— Obrigado, mas sou eu quem tem as rédeas, não é? Sente-se. Deveria colocar as pernas no alto, não faz o que lhe mandam. Usa a manta elétrica que lhe dei?

— Sou velho e já não me lembro das coisas. Além disso, sempre tenho medo que aconteça um curto-circuito.

— Terá que colocar um termostato então.

— Tem dinheiro? Houve um silêncio imenso. As primeiras gotas de água fervendo gotearam pelo filtro, e o odor a café se estendeu pela cozinha.

— Não, disse Eva em voz baixa. — Mas não tenho a intenção de permitir que a escassez de dinheiro me amargue a vida.

— Então conseguiu algo. Já imaginava. O pai se sentou, contente. — Quero uma Tia Maria com o café.

— Já sei.

— Então sabe, é? Que hoje é cinco de outubro?

— Sim. Não me esqueço desta data, nunca me esquecerei. Beba um cálice de Tia Maria por mamãe, como ela pediu.

— Não me importo que sirva generosamente.

— Sempre faço. Conheço-o.

Serviu-lhe o licor, beberam o café e ficaram olhando pela janela. Não era incomum ficarem calados, haviam ficado muitas vezes. Olhavam uma árvore no terreno do vizinho, cujas folhas estavam da cor vermelho sangue e amarela. Descobriram que a casca estava a ponto de se soltar por um lado.

— Rapidamente cortarão essa árvore, disse o pai em voz baixa. — Olha, tem ramos apenas do outro lado.

— Mas continua sendo bonita. Sem essa árvore tudo ficará muito pelado.

— Tem uma doença, não é? Morrerá de qualquer maneira.

- E há que cortar árvores grandes só porque já não estão perfeitas?
- Não. Porque está doente. O vizinho já plantou uma nova, ali à esquerda, está vendo?
- Aquele raminho tão pequeno?
- Assim são no princípio. Irá crescendo, mas demorará uns quarenta ou cinquenta anos.

Eva bebia o café e olhava às escondidas o relógio. O homem já estaria em casa. Teria lido sua nota, talvez falasse com sua mulher sobre se deveriam vender o carro ou não. Não, pensando bem não, ele decidiria por sua conta. Mas poderia chamar algum colega para perguntar quanto poderia pedir por um Manta em bom estado. Eva esperava que não perguntasse a ela, pois não tinha ideia. Poderia responder que precisava perguntar por aí. Quem sabe estivesse lavando-o nesse momento, e em seguida passaria o aspirador. O quem sabe havia lido a nota e feito um gesto desdenhoso antes de tirá-la. Também poderia ser que o papel tivesse caído e o vento o tivesse levado. Nesse caso não teria lido. Estaria vendo televisão, tomando uma cerveja, com as pernas sobre a mesa da sala. A mulher andaria pela casa dizendo ao menino que ficasse calado enquanto seu pai via o telejornal. Ou quem sabe tivesse ido ao centro com o grupinho beber. Eva pensava em tudo isso enquanto tomava o café. Havia mil possibilidades para que não ligasse. Mas também poderia ligar pelo dinheiro. Descobriria se o homem era tão avaro quanto ela; Eva pensava que sim. Além disso seria uma possibilidade de se livrar de algo que poderia relacioná-lo com o assassinato. A xícara estava se aproximando de seus lábios e tinha os olhos na árvore doente do vizinho quando soou o telefone. Sujou o queixo de café quando se levantou de um salto.

- Que aconteceu? Seu pai olhou-a espantado.
- Tocou o telefone, eu atendo.

Eva cruzou a sala correndo e entrou no escritório. Encostou com cuidado a porta e precisou serenar um pouco antes de atender. Tremiam-lhe as mãos. Não era certo que fosse ele. Talvez a assistente municipal que havia ficado doente. Ou quem sabe Emma, ou alguém que havia errado de número.

- Liland, Eva disse em voz baixa. Houve um segundo de silêncio. A voz do homem soava insegura, como se tivesse medo. O talvez sentisse o perigo.
- É sobre um Opel Manta. Queria falar com Liland.
- Sou eu. Por um instante, Eva se sentiu completamente assustada ao ouvir sua voz. — Então está interessado?
- Mais é você a interessada, não é? Pensava que era um homem.
- Importa algo?
- Não, por Deus. Se entender de carros... Eva riu.
- É uma questão de dinheiro, não é? Quase tudo se vende, não é? Se o preço for suficientemente alto. Eva adotou um tom descarado.
- Sim, sim, mas para que o venda terá que ser muito alto.
- Será, se o carro for tão bom quanto parece. Seu coração batia violentamente sob a camisa. Ele parecia mal-humorado. Ela sabia que era um homem que não poderia suportar.
- O carro está em ótimo estado. Só vasa um pouco de óleo.
- Bom, isso tem conserto, não é? Posso vê-lo?
- Claro. Nesta mesma noite, se lhe interessar. Limpei-o por fora e um pouco por dentro. Mas

terá que testá-lo, claro.

— Não pensava em comprá-lo sem testar.

— Tampouco é certo que eu queira vendê-lo. Calaram-se os dois. Eva ouvia como a hostilidade entre ambos vibrava através da linha. Era como se se odiassem há muito tempo. — São sete e dez. Preciso fazer um par de coisas, mas se quiser, podemos marcar no centro... Às nove e meia, por exemplo... Mora no centro?

— Sim, respondeu Eva.

— Pode ser junto da estação de ônibus?

— Certo. Às nove e meia. Estarei junto ao quiosque.

O homem desligou, e Eva ficou um instante com o auricular na mão, escutando o sinal de disar. Seu pai chamou-a da cozinha. Eva olhou o auricular pensando como o homem parecia indiferente, como se nada tivesse acontecido. Para ele se tratava de algo já acabado. Havia enterrado tudo. Nesse momento o que lhe interessava era o dinheiro. Mas ela também havia se interessado. Eva estremeceu e voltou com seu pai para junto da mesa. Tudo estava acontecendo muito depressa, deveria procurar se controlar. Mas seu coração batia com toda a força e tinha as faces mais coradas que de costume.

— E aí? Disse seu pai com muita curiosidade. — Como não me deixou atender?

— Era engano.

— Pois demorou muito!

— Era muito conversador. Perguntou-me se queria comprar um carro.

— Acho que deveria deixar essas coisas nas mãos de outros. Quando for trocar de carro, pergunte a Jostein.

Eva voltou a encher a xícara de café e olhou para a árvore de novo. Estava verdadeiramente feia, com essa ranhura na casca. Na realidade, parecia uma enorme ferida, infectada de pus.

* * *

Quarenta

EVA ESPERAVA na escuridão. O vento havia aumentado e chegava em fortes rajadas. O rabo de cavalo batia em suas orelhas, que estavam geladas porque o cabelo não as cobria e esquentava como de costume. Seus pensamentos vagavam de um lado a outro, e pararam na época de sua infância. De repente reviu Maja com toda a nitidez; era uma imagem de um verão, talvez de quando tinham onze anos. Maja usava um maiô americano do qual estava muito orgulhosa. Seu tio havia lhe presenteado, um tio que caçava baleias e que sempre trazia algo emocionante. Às vezes até presentes para Eva: caixas de bombons e chicletes americanos. O maiô era vermelho carmim e curiosamente enrugado. Tinha elásticos costurados de cima a baixo que faziam com que o tecido formasse minúsculas bolinhas. Ela era a única que tinha um maiô assim. Quando Maja saía da água, as bolinhas inchavam e pareciam enormes framboesas. Essa era a imagem que Eva via em seu interior: Maja saindo da água, pingando, com o cabelo mais negro que nunca porque estava molhado. Seu maiô era o mais bonito de toda a praia. Uma e outra vez Maja saía da água. Sorria abertamente, porque não sabia o que o futuro lhe aguardava, nem como tudo iria acabar.

O dinheiro já estava a salvo no porão de seu pai. Deixara a lata num canto; havia recuperado o mesmo aspecto de traste sem valor que tinha no quarto da cabana. Seu pai nunca descia ao porão, já não podia com a escada empinada. Nenhuma outra pessoa tampouco descia, a não ser que a assistente municipal o fizesse, mas não acreditava. As assistentes municipais não andam nem em porões, nem em sótãos, colocavam nas instruções de trabalho.

A estação de ônibus era o edifício mais feio que Eva havia visto, uma caixa de concreto cinzenta e alongada com as janelas vazias. Havia estacionado o carro na parte de trás, próximo da via do trem. Estava apoiada no quiosque olhando para a ponte, por onde deveria chegar o homem. Viraria à direita, desapareceria um instante atrás do banco e apareceria em seguida bem diante do quiosque. Não sairia do carro para cumprimentá-la, Não era desse tipo de pessoa; ficaria sentado dentro do carro, grudaria o nariz no para-brisa, farejaria com os olhos entreabertos e lhe faria uma espécie de sinal com a cabeça, para dar a entender que podia entrar. Eva teria que se sentar a seu lado, com a alavanca de mudanças como única separação entre eles. “Num carro se fica muito próximo da outra pessoa”, pensou Eva; estaria tão próxima dele que até poderia sentir seu cheiro, e a voz do homem, essa voz cortante e pouco melodiosa, estaria bem ao lado de sua orelha esquerda. Eva tossiu nervosa enquanto pensava na primeira coisa que diria, algo que o deixaria pálido de medo. Rechaçou a ideia e olhou os carros que passavam em incessantes ondas pela ponte.

Todos estavam desejando sair dessa borrascosa cidade. Todos tinham uma meta, ninguém vagava por aí, ao menos não numa noite como essa. Os ônibus rugiam calidamente nas ruas, e as pessoas entravam na luz e calor. Os ônibus vermelhos tinham aspecto de bondosos. O motorista

inspirava confiança, inclinado sobre o volante e movendo lentamente a cabeça a cada vez que colocavam as moedas em sua mão. Após os vidros, os rostos pálidos de outono olhavam sem ver. Num ônibus você se encontra na terra de ninguém, entregue a seus próprios pensamentos, ao calor e aos buracos. De repente teve vontade de subir num deles, de se sentar junto a uma janela, e andar pela cidade vendo como cada um encontrava sua própria porta, seu próprio refúgio. Mas em lugar de subir num desses cálidos ônibus, estava ali, passando frio no meio da rua, esfregando as mãos geladas, cobertas por luvas muito finas.

E esperando um assassino.

Quando o tipo dobrou por fim a esquina, Eva soltou todo o ar que tinha nos pulmões. A partir desse momento encheriam e esvaziariam a um ritmo muito especial. O mais importante seria manter a concentração com o fim de não dizer nada que não devesse. Precisaria ir Tateando, abrindo passagem. O tipo reduziu a velocidade. Eva viu que colocava o ponto morto e olhava pela janela lateral com cara de bobo e de desconfiança. Ela abriu a porta e se sentou. O homem segurava a alavanca de mudanças com obstinação, como advertindo de que se tratava de um brinquedo que não queria dividir com ninguém. Cumprimentou com a cabeça. Eva colocou o cinto de segurança.

— Dê uma volta primeiro, em seguida eu vou dirigir.

O homem não respondeu, colocou o carro em marcha e passou por cima dos lugares marcados para os ônibus. Eva sabia que estava esperando que ela dissesse algo, já que fora ela quem havia tomado a iniciativa e que queria um carro novo. “Não sou uma covarde”, pensou Eva.

— Pelo que vejo, não tem medo de recolher desconhecidos na rua, disse Eva docemente.

Eram 21.40 horas de 5 de outubro, e Eva não tinha antecedentes criminais.

* * *

Quarenta e Um

A MÃO esquerda do homem descansava descuidadamente sobre o volante, e a direita não soltava nem por um momento a curta e esportiva alavanca de mudanças. Eva olhava fixamente essas mãos; eram curtas e largas, com dedos grossos, lisos, sem viço. A que repousava sobre o volante era frouxa, a outra, a que empunhava a alavanca de mudanças era uma pálida garra. Essas mãos lembravam algo que havia visto nos livros de Emma: animais subaquáticos cegos e incolores. Suas coxas, curtas e rechonchudas, ameaçavam rebentar as costuras dos jeans. Usava um casaco de couro aberto e a barriga, muito grande, sobressaía do cóis das calças, como se estivesse grávido de cinco meses.

— E nesta altura quer comprar um Manta? Disse o homem se mexendo no assento.

— Sou um pouco sentimental, respondeu Eva em tom cortante. — Uma vez tive um Manta, mas me vi obrigada a vendê-lo. É algo que nunca superei. “Estou sentada a seu lado”, pensou espantada, “Falando como se nada tivesse acontecido.”

— E que carro tem agora?

— Um velho Ascona, disse sorrindo. — Não é exatamente o mesmo.

— Claro que não. Estavam no meio da ponte; o homem ligou a seta para a esquerda na rua principal.

— Vá para o rio, disse Eva. — Por ali há retas onde se pode acelerar um pouco.

— Então gosta de velocidade?

O homem ria entre dentes e voltou a se balançar, era um hábito infantil que o fazia parecer muito idiota, primitivo, exatamente como Eva se lembrava. Ela se sentia muito velha ao seu lado, mas com certeza eram mais ou menos da mesma idade, talvez ele alguns anos mais jovem. A gordura de sua barriga não se movia com ele, parecia dura como pedra. Cada vez que passavam por um poste de luz, seu pálido rosto se iluminava um instante. Era um rosto anódino, inexpressivo, sem caráter.

— Irei até o aeroporto, e na volta você poderá dirigi-lo. Será suficiente, não é?

— Sim, será.

O homem separou um pouco os dedos da mão direita com o fim de deixar entrar ar na suada palma da mão. Dirigia cada vez mais depressa. A figura roliça dentro da roupa estreita lembrava a Eva a uma salsicha. Não havia dúvida de que era mais forte que ela, ao menos fora mais forte que Maja. Além disso, naquele dia estava sentado em cima dela. Tentou imaginar o que aconteceria se Maja tivesse sido mais rápida e o tivesse apunhalado; nesse caso, os dois teriam se convertido em cadáveres. Poderia ter acontecido assim, era estranho. Na vida, ao fim e ao cabo, tudo era casual.

— Este é o modelo GSI.

— Acha que não entendo de carros?

— Calma, murmurou o homem. — Acelera de zero a cem em dez segundos. Posso ir a duzentos, se tiver coragem. Sem dúvida, as mulheres dirigem de uma maneira estranhíssima, adicionou continuando a se balançar. — Deixam que o carro decida. Limitam-se a ficar sentadas e a se deixar levar.

— Para mim é velocidade suficiente. Os assentos são cômodos, adicionou.

— São bancos Recaro.

— A janela solar é automática?

— Não, precisa usar a manivela. É melhor assim, não é? As automáticas quebram muito antes, e o conserto é caríssimo. O porta-malas é de 490 litros e tem luz. Pode levar um carrinho de criança e mais coisas.

— Gasta muita gasolina?

— Não, não, normal. Zero vírgula seis, e na cidade talvez um litro.

— Há tempo que estou atrás deste carro, afirmou Eva.

— Gosta tanto assim? A voz denotava desconfiança.

— Mas primeiro precisava juntar o dinheiro.

— E acha que será suficiente?

— Com certeza que sim.

— Não me perguntou o preço.

— Nem perguntarei. Farei uma oferta, e a aceitará.

— Merda, fala como um mafioso.

— Sim senhor.

— Na realidade não quero vendê-lo.

— Mas é verdade que gosta de dinheiro tanto como todos; não acho que haverá problema. Eva se moveu no assento e notou que a faca estava machucando sua coxa. "Não sou uma covarde", pensou.

— E qual é sua oferta? Tossiu ele.

— Gostaria de saber, não é? Primero eu preciso dirigir, ver por dentro, verificar o chassi. E também quero vê-lo à luz do dia. E fazer um teste desses que faz a Associação de Automobilistas.

— Quer comprar o Manta ou não?

— Não disse que não queria vendê-lo?

Ficaram em silêncio; o interior do carro esquentara, havia muita umidade e as janelas estavam se enevoando. O homem ligou o ventilador. Eva se voltou para dar uma última olhada na cidade. Na nova ponte da ferrovia, que estava em construção, faiscava de vez em quando uma chama de solda. Cada vez se viam menos carros e estavam se aproximando do ponto onde terminava a iluminação. Na rotunda virou à esquerda e voltou pelo lado sul. O rio fluía mais devagar por ali, mas a corrente era muito forte. Continuavam os dois calados e de repente o homem virou à direita. O aeroporto ficava à esquerda, mas ele entrou por um caminho cheio de buracos através de um arvoredor. Finalmente parou em um espaço aberto, na mesma margem do rio. Eva não se sentia cômoda. Estavam muito longe de pessoas. O motor continuava em marcha, rugia suavemente, inspirando confiança. Não havia nenhuma dúvida de que o carro estava em bom estado.

— Um lugar do cacete para pescar, exclamou o homem puxando o freio de mão.

— Noventa e dois mil, se apressou a dizer Eva. — Não alterou o contador de quilômetros, não é?

— Que merda está dizendo? Já estou cheio de suspeitas e desconfianças!

— É que me parece pouco. Este é um carro típico de homens, e os homens costumam dirigir muito. Meu Opel Ascona é de oitenta e dois e tem cento e sessenta mil.

— Então precisa de um carro novo. Não quer dar uma olhada no motor?

— É de noite e não se vê nada.

— Trouxe uma lanterna. O homem desligou o motor e saiu do carro. Eva se armou de coragem e abriu a porta de seu lado; uma forte rajada de vento lhe arrancou a porta da mão.

— Maldito tempo!

— Chama-se outono. O homem levantou a tampa do capô e prendeu-a. — Hoje lavei o motor, preciso confessar. De qualquer maneira não veria nada em mau estado. Eva se aproximou e olhou o interior do reluzente motor.

— Parece de prata!

— Verdade? O homem deu a volta com um amplo sorriso. Faltava-lhe um canino. — Tudo o que a Opel fabrica é muito bom. Gosta de andar embelezando os carros?

— Poderia ser, mas não penso nisso.

— Tenho algumas peças de reserva. Estarão incluídas no preço, se é que vai se decidir a comprá-lo.

— E qual marca pensa comprar em seguida?

— Não sei, mas tenho muita vontade de ter um BMW. Veremos. Mais precisarei ver sua oferta.

Voltou-se a inclinar sobre o motor, e Eva viu a bunda dele aparecendo por cima do apertado jeans, que caía, deixando a descoberto um amplo pedaço de pele nua entre o cinto e o casaco de couro. Uma pele branca e suada, como massa de pão.

— Acho que já sei o que provoca essa perda de óleo. Não é mais que uma junta. Coisinha de umas trinta o quarenta coroas. Tenho uma em casa.

Eva não respondeu. Não afastava a vista da bunda do homem, de sua pele branca e seu cabelo ralo. Tinha uma pequena calva na parte posterior da cabeça. Eva se esqueceu de responder. No o silêncio ouvia o rumor regular do rio. “Esse pobre motorista de ônibus”, pensou, “Continuará sentado na sala de interrogatórios, farto de café instantâneo. Suará procurando um álibi, ou talvez tenha um que não queira utilizar. Pode ser que tenha uma amiga, e se contar, seu casamento desmoronará, mas se ocultar, desmoronará de qualquer maneira. E o que pensarão os vizinhos? Seus netos tirão que inventar algo para contar a todos os atrevidos do colégio, quando começar a correr o rumor de que seu avô talvez seja o tipo que matou aquela puta em Tordenskioldsgate. “Pode ser que esteja doente do coração”, pensou, “E tenha um infarto e morra durante o interrogatório. Está na idade, cinquenta e sete anos.”. Ou quem sabe não tivesse nenhuma amiga, simplesmente sonhara em tê-la, e simplesmente dava um passeio em seu carro para desaparecer um tempo, talvez tenha parado adiante de um carrinho de cachorro quente, ou quem sabe desse um passeio pela margem do rio para tomar um pouco de ar fresco. E ninguém acredita, porque os homens maduros em idade de ser avôs não saem por aí de noite sozinhos em seu carro, ou são criminosos sexuais ou tem uma amante. “Não acreditamos nessa história de cachorro quente, terá que inventar algo melhor. Confesse agora: quando visitou Maja Durban pela última vez?”.

— Aqui está a lanterna. O homem havia voltado a se levantar. Colocou-lhe a lanterna na mão. Eva iluminou a grama.

— Se quiser, eu seguro enquanto você olha.

— Não, gaguejou Eva, — Não é necessário. Realmente tem bom aspecto. Quero dizer, confio em você. Comprar um carro é um assunto de confiança mútua.

— Acho que deve dar uma olhada. Olhe bem como está, não há muito carro que esteja tão bom quanto esse, não é? E só teve um dono antes. Não deixo ninguém dirigir e minha mulher não tem carteira. De modo que sua oferta precisará ser muito boa. Antes de assinar o contrato quero que olhe de cima a baixo. Não espero que em seguida comece a se queixar.

— Não sou idiota, disse Eva mal-humorada. — No que se refere ao carro, acho que é de confiar.

— Pode estar certa. Mas as mulheres nem sempre tem a cabeça muita limpa, eu afirmo isso. Às vezes escondem alguma surpresa. “A faca”, pensou Eva. O homem respirou pela boca e prosseguiu: — Preciso ter certeza de que é capaz de fazer uma boa compra. Eva tremia. Levantou a lanterna e lhe enfocou o rosto.

— Claro que sou. Pago e recebo a mercadoria que paguei. É curioso, não é, como tudo pode se comprar com dinheiro?

— Ainda não me fez nenhuma oferta.

— Farei depois do teste da Associação Automobilística.

— Não disse que confiava em mim?

— Só no que se refere ao carro. O homem bufou.

— Que merda quer dizer com isso?

— Pense um pouco. Eva se levantou. O homem moveu incrédulo a cabeça e voltou a se inclinar sobre o motor.

— Mulheres, murmurou. — Tirar um pobre diabo inocente do calor de casa no meio desta maldita tormenta só para brincar!

— Inocente?

Eva notou que a terra afundava sob seus pés. Sentia-se de pronto tão desfalecida, tão estranha e fraca, que precisou se apoiar no carro. Estava do lado esquerdo, junto à vara que segurava o capô.

— O que quero dizer, resmungou o homem do fundo do motor, — É você que queria comprar o carro. E eu me limitado a mostrá-lo, tal e como havíamos combinado. Não entendo por que se irrita tanto.

— Irritar-me? Ladrou Eva. — A isso você chama irritar? Já vi coisas piores, vi pessoas perder completamente os estribos por uma bobagem! O homem se voltou e olhou-a com desconfiança.

— Merda! É esquizofrénica? Voltou a se inclinar.

Eva respirava com dificuldade, notava que a cólera estava se apoderando dela, sentiu como um alívio que ia lhe subindo por dentro a uma velocidade vertiginosa, ardente como uma corrente de lava, abrindo caminho para o estômago, o peito, e se estendendo em seguida pelos braços. Muito agitada gesticulava na escuridão, quando de repente notou que tropeçava em algo e ouviu um ruído. A varinha que segurava o capô se soltou e a pesada tampa metálica se fechou com um estrondo. A bunda e as pernas do homem sobressaíam pela borda, o resto de seu corpo havia desaparecido.

Eva retrocedeu dando um grito. Do fundo lhe chegavam bramidos e alguma que outra terrível maldição. Olhou assustada a tampa do capô; devia pesar uma barbaridade; se levantou um pouco e em seguida voltou a cair antes de se levantar de novo. O coração palpitava com tanta força que ele teria que ouvi-lo. Havia provocado a cólera do homem, exatamente igual a Maja, mas essa cega cólera agora se dirigiria para ela. Um momento depois, o homem conseguiria sair e se lançaria sobre ela com todas suas forças. Eva deu uns passos para frente, apalpou a coxa procurando o bolso, colocou a mão e encontrou a faca.

— Meu Deus!

O homem queria se levantar, se virar, mas Eva deu um salto para frente e se colocou sobre o capô com todo o peso de seu corpo. Ele gritava com voz rouca desde o interior, como se estivesse dentro de uma lata.

— Que merda está fazendo?

— Perdi o juízo! Gritou Eva com voz quebrada.

— Está louca!

— Você sim é que é louco!

— Que merda quer de mim? Eva tomou alento e gritou:

— Quero saber por que Maja precisou morrer! Houve um silêncio total. O homem tentou se mover, mas não conseguiu. Eva podia ouvir sua acelerada respiração.

— Como conseguiu...?

— Gostaria de saber! Não é?

Continuava deitada sobre o capô; o homem já havia parado de se mover, respirava como um cachorro, com o rosto grudado no motor.

— Posso explicar, resmungou; — Foi um acidente!

— Não foi!

— Ela tinha uma faca, merda!

O homem fez um movimento tão brusco que o capô se levantou de repente. Eva escorregou e acabou no chão sem soltar a faca. Olhava as mãos do homem, essas mãos que haviam matado Maja; viu como se fechavam.

— Eu também tenho uma!

Eva conseguiu se levantar e voltou a se lançar sobre o carro. A primeira facada o alcançou nas costas; a faca penetrou sem resistência, como em um pão recém-feito. O capô tinha-o aprisionado como um rato numa ratoeira. Eva olhou a faca; algo vermelho e quente escorria por suas luvas, mas o homem não gritou, mas se limitou a emitir um pequeno gemido de assombro. Tentou voltar a tomar impulso retirando com grande esforço um braço, quando a segunda facada lhe alcançou na região lombar. Eva notou que dessa vez a folha encontrou resistência, como tivesse se alcançado um osso; precisou fazer força para arrancá-la e nesse instante os joelhos do homem se dobraram. Caía

lentamente no chão, mas ainda estava preso no carro; ela já não podia parar, porque ele ainda se movia e deveria detê-lo, colocar fim a esses repugnantes gemidos que continuavam saindo de sua boca. Cravou uma e outra vez, alcançando-o nas costas, na lateral e de vez em quando na chapa do carro, no radiador, na aleta... Até que por fim se deu conta de que o homem havia parado de se mover, ainda que continuasse preso, já morto, como o corpo de um porco em uma churrasqueira.

Eva bateu contra algo húmido e frio. Havia caído para frente e estava deitada de bruços sobre o relvado. O rio seguia fluindo como se nada tivesse acontecido. Reinava um grande silêncio. Sentiu como uma espécie de paralisia ia se estendendo por todo o corpo; Não era capaz de mover nem um músculo, nem sequer os dedos. Esperava que alguém os encontrasse em seguida. O chão estava frio e molhado, e começou a tremer.

* * *

Quarenta e Dois

LEVANTOU a cabeça e viu um tênis azul; em seguida foi subindo o olhar pela perna do homem se perguntando como não havia escorregado. Parecia tudo tão idiota... Como se tivesse adormecido enquanto observava o motor. Era estranho que não acontecera nada. Ninguém veio correndo, não se ouvia nenhuma sirene. Estavam os dois a sós, completamente sós na escuridão. Ninguém os havia visto. Ninguém sabia onde estavam, talvez nem sequer que estavam juntos. Eva se levantou com grande esforço, cambaleando ligeiramente, e notando como estava molhada e pegajosa. O carro distava da água uns dez ou doze metros, e o homem não era muito grande, pesaria ao redor de setenta quilos. Ela pesava sessenta, talvez pudesse fazê-lo. Se o rio o levasse à deriva, passaria algum tempo antes de o encontrarem; flutuaria em direção à cidade; e se movesse também o carro, não encontrariam o lugar onde fora assassinado e onde ela, sem dúvida, havia deixado impressões.

Aguçou o ouvido, espantada da lucidez e coerência de seus pensamentos, e se aproximou do carro. Levantou o capô cuidadosamente e voltou a colocar a varinha. O homem continuou imóvel. Precisaria tocá-lo, tocar o casaco escorregadio, que já tinha grandes manchas de sangue. Fechou automaticamente as fossas nasais ante o cheiro e empurrou. O homem caiu para trás como um saco sobre seus pés, e ela se apressou a retirá-los. Ficou deitado de boca para cima. Inclinou-se sobre ele e pensou em retirar a carteira do bolso, pensando que assim demorariam mais tempo para descobrir quem era. Mas isso seria ridículo. Segurou-o por debaixo dos ombros, voltou a olhar o rio e começou a arrastá-lo até lá. Era mais pesado do que pensava, mas o relvado estava úmido e ele escorregava facilmente com as pernas muito separadas. Eva arrastava duas vezes e descansava, outras duas vezes e voltava a descansar; e lentamente ia se aproximando do rio. Depois de um tempo parou e olhou a pálida calva antes de prosseguir. Por fim o homem tinha a cabeça na água. Eva o soltou. Havia muito pouca profundidade. Deu um par de passos. Esteve a ponto de escorregar nas pedras, mas ainda a cobria muito pouco. Finalmente a água gelada bateu em suas botas e entrou nelas. Mesmo assim deu mais alguns passos, e parou quando a água chegava aos joelhos.

Voltou à margem, segurou-o de novo e começou a arrastá-lo para a correnteza. O homem já flutuava e era muito mais fácil movê-lo. Continuou entrando na água até que sentiu a corrente perigosamente sobre as coxas. Então lhe deu a volta para que ficasse de bruços. O homem balançou um par de vezes, em seguida começou a se mover com a corrente. Sua calva era uma mancha clara na água escura. Eva continuava dentro do rio como petrificada, vendo-o se afastar. A água lhe chegava quase até os quadris. De repente aconteceu algo muito estranho: um dos pés do homem se levantou e a cabeça desapareceu sob a água. Parecia estar mergulhando. Ouviu-se um suave murmúrio no meio do constante rumor e o homem desapareceu. Eva continuou olhando, esperando que emergisse de novo, mas o rio continuava fluindo e desaparecia na escuridão. Saiu da água e se virou pela última vez. Voltou ao carro e desceu o capô com muito cuidado. Apanhou a lanterna e a carteira, e abriu o

porta-malas. Estava ordenado e limpo. Descobriu um macacão verde e o cobriu. Continuava com as luvas colocadas, não havia retirado o tempo todo. Sentou-se por fim no assento do motorista. Voltou a sair do carro de um salto e começou a procurar no chão. Encontrou a bainha da faca bem na frente do carro e a colocou no bolso. Passou um par de carros pela estrada e esperou para acender as luzes. Quando já não se via nenhum, colocou o Manta em marcha e dirigiu lentamente pelo pequeno arvoredo. Subiu a calefação e entrou na estrada.

Seus pés eram como duas bolas de carne morta. Talvez o encontrassem quanto chegasse o dia. “Ou quem sabe”, pensou, “havia se enganchado em alguma coisa e não a voltaria à superfície”. Parecia isso: que a roupa ou talvez um dos braços havia se enganchado em algo que havia no fundo, como uma árvore que tivesse caído no rio ou algum outro objeto, e talvez ficasse se balançando com a corrente até que seu esqueleto fosse consumido pela água e os peixes. “É um carro agradável de dirigir”, pensou. Mantinha uma velocidade constante, enquanto se dirigia à cidade. Cada vez que cruzava com algum veículo continha a respiração, como se os demais motoristas pudessem ver através do vidro o que havia acontecido. Depois de passar a ponte, entrou na via em direção a Hovland e ao desague. Deixaria o carro ali. Encontrariam em seguida, talvez inclusive no dia seguinte; nada podia se esconder eternamente. E em seguida perderiam tempo rastreando no desague. E talvez ele fosse à deriva até muito longe, quem sabe até o mar, e aparecesse na margem de outro lugar, de outra cidade, e então procurariam outra vez no lugar errado e o tempo passaria, pousando como um pó cinzento sobre todas as coisas.

* * *

Quarenta e Três

SEJER se levantou e se aproximou da janela. Era muito tarde. Olhou para ver se descobria alguma estrela, mas não se via nenhuma, o céu estava muito claro. Nessa época do ano pensava a miúdo que as estrelas haviam desaparecido para sempre, que haviam ido embora brilhar sobre outro planeta. Essa ideia o entristecia. Sem as estrelas não tinha essa sensação de segurança, era como se tivesse desaparecido o telhado da terra. Mas o céu continuava eternamente. Estes últimos pensamentos o fizeram sacudir a cabeça. Eva apanhou do maço o último cigarro; tinha um aspecto sereno, quase aliviado.

— Quando soube que fui eu? Sejer fez um gesto negativo com a cabeça.

— Nunca soube. Pensava que talvez fossem dois e que haviam pago a você para que se calasse. Não compreendia o que você podia querer de Einarsson. Sejer continuava olhando pela janela. — Mas agora compreendo, murmurou.

O rosto da mulher estava amável e tranquilo, nunca antes o havia visto assim. Apesar do lábio inchado e as feridas no queixo era bonita.

— Parece que tenho jeito de assassina?

— Ninguém tem jeito de assassino. Sejer voltou a se sentar.

— Não havia pensado em matá-lo. Apanhei a faca porque tinha medo. Ninguém vai acreditar.

— Terá que nos dar uma oportunidade.

— Foi em defesa própria, adicionou Eva. — Ele teria me matado. Você sabe disso. Sejer não respondeu. De repente as palavras soavam estranhamente familiares em seus ouvidos.

— Que aspecto tinha o homem que a arrastou pela escada?

— Moreno, estrangeiro, mas falava norueguês. Um pouco magro.

— Parece a descrição de Córdoba. Eva estremeceu.

— Como disse?

— Assim se chama o marido de Maja. Jean Lucas Córdoba. Bonito nome, não é? Eva começou a rir, com o rosto escondido entre as mãos.

— Sim, disse a ponto de chorar, — Tão bonito que alguém poderia se casar com ele só para conseguir esse nome, não é? Secou as lágrimas e deu mais um trago no cigarro.

— Maja recebia todo o tipo de gente. Também policiais, você sabia? Sejer não pode ocultar um sorriso, que saiu involuntariamente. — Bom, imagino que não somos diferentes dos demais. Nem melhores nem piores. Prefiro não saber nomes.

— Vocês podem me ver através da janelinha da porta? Perguntou de repente.

— Sim, podemos.

Eva suspirou e olhou as mãos. Pôs-se a retirar manchas de pintura dos dedos com uma unha afiada. Não tinha mais o que dizer. Esperava que ele fizesse algo, que acertasse tudo, para poder descansar, relaxar e fazer o que lhe dissessem. Era isso o que queria.

* * *

Quarenta e Quatro

MARKUS LARSGÅRD fazia esforços deitado no sofá, debaixo da manta. Se fosse alguém conhecido, alguém que sabia que ele era velho e lento, e que o telefone estava no escritório, então precisaria atravessar toda a sala com essas pernas inchadas, insistiria. Se fosse um estranho, não chegaria a tempo para atender. Por outra parte, não costumassem ligar muitos desconhecidos para Markus Larsgård; só algum vendedor desses que vendiam coisas por telefone, ou algum que outro que errou de número. Ou fosse Eva. Por fim conseguiu se levantar; o telefone continuava tocando, o que significava que era alguém conhecido. Aproximou-se da mesa com um resmungo e se levantou com muita dificuldade. Apoiado em sua bengala agradeceu ao destino porque alguém veio retirá-lo de seu descanso matutino. Cruzou a sala coxeando, se empenhou em deixar a bengala apoiado na mesa, mas desistiu. Ao final a bengala caiu no chão. Algo surpreso ouviu uma voz desconhecida no telefone: um advogado. Da parte de Eva Marie, disse. Se podia ir à delegacia. Prisão preventiva?

Larsgård procurou uma cadeira, e sentou. Talvez se tratasse de alguma brincadeira, de um desses criminosos telefônicos que ligara para atormentá-lo, havia lido sobre eles no jornal. Mas este parecia educado, quase amável. Markus escutou fazendo grandes esforços e voltou a perguntar, tentando entender o que o homem estava dizendo, mas não conseguiu. Devia se tratar de um mal-entendido, certo, já descobririam. Mas de qualquer maneira era uma terrível experiência para a pobre Eva, uma história espantosa. Prisão preventiva? Precisava ir lá imediatamente. Chamaria um táxi.

— Não, enviaremos um carro, Larsgård, espere aí.

Larsgård ficou sentado. Esqueceu-se de desligar o telefone. Deveria ter colocado o casaco antes que chegasse o carro, mas pensou que não tinha importância, realmente não tinha. Era indiferente se passava frio ou não. Haviam detido Eva e haviam-na encerrado. Talvez deveria levar alguma roupa para ela, talvez fizesse frio lá. Esteve um tempo tentando se orientar no aposento e lembrar onde tinha suas coisas. A assistente municipal havia organizado tudo. Quem sabe deveria levar uma garrafa de vinho. Não, com certeza seria proibido. E dinheiro? Havia muito dinheiro em seu frasco de doce vazio, era como se esse dinheiro nunca se esgotasse, mas multiplicasse. Também rechaçou essa ideia, não teria nenhum lugar onde poder comprar na delegacia, havia estado ali uma vez, naquele outono em que lhe roubaram a motocicleta, e não lembrava ter visto nenhum... Além disso, se estava em prisão preventiva, como diziam, não a deixariam sair para nada. Quis se levantar e voltar à sala, mas suas pernas estavam tão mortas, tão estranhas... A saúde não era o que havia sido, e além disso estava estremecido. Ficaria ali sentado outro tempinho. Talvez devesse chamar Jostein. Tentou se levantar uma vez mais, mas voltou a cair para trás, se sentindo de repente enjoado. Acontecia a miúdo, era provocado por calcificações nas veias na parte da nuca, que fechavam a passagem do sangue ao

coração. Isso acontecia porque envelhecera, era algo normal e comum levando em conta a sua idade. Mas era irritante, especialmente nesse momento, porque não desaparecia. O teto começou a descer, também estavam se aproximando as paredes de ambos os lados, tudo estava se estreitando, e escurecendo lentamente. Eva estava presa por homicídio, e havia confessado. Fazendo enormes esforços conseguiu esticar as pernas. A última coisa que sentiu foram dores pontiagudas que lhe golpearam a testa com uma força imensa.

* * *

Quarenta e Cinco

SEJER olhou para o estacionamento dos carros de polícia através da janela; a frágil porta, pela qual os tipos da rua entravam constantemente e a destruíam. Olhou os restos de grama seca ao longo da vala. Nalguma ocasião a senhora Brenningen havia plantado petúnias ali, mas as ervas ruins haviam ganho a batalha pelo espaço. Ninguém tinha tempo para arrancá-las. Leu no relatório que a presa Eva Magnus não havia dormido nada e havia se negado a beber e a comer. Tudo isso tinha um mau aspecto. Também havia se sentido irritada pelo fato de que pudessem observá-la pela janelinha da porta e porque a luz ficou acesa toda a noite. Sentiu-se aliviado quando alguém bateu à porta. A cabeça de Karlsen apareceu.

— Disseram-me que teve uma noite muito atarefada. Deixou-se cair em uma cadeira junto à mesa e empurrou para um lado um monte de papéis. — Recebemos uma denúncia de desaparecimento.

— Ah! Exclamou Sejer. Um novo caso era exatamente o que precisava nesse momento, algo que lhe recordasse que esse era só um trabalho pelo qual recebia salário; um caso que podia colocar na gaveta às quatro da tarde se quisesse.

— Ocupo-me do que for, salvo casos de crianças.

Karlsen suspirou. Também ele deu uma olhada nos carros de polícia, como para se assegurar de que estavam em seu lugar. Os dois pareciam um par de velhos vaqueiros sentados na mesa do saloon, vigiando o terreno para ver se apareciam ladrões de cavalos.

— Sem dúvida, informou Eva Magnus? Sacudiu a cabeça.

— Estou fazendo todo o possível por adiá-lo.

— Não serve de muito, não é?

— Sim, mas tenho tão pouca vontade...

— Posso fazê-lo por você, se quiser.

— Obrigado, é meu trabalho. Ou faço ou me aposento. Olhou para seu colega. — Quem não voltou para casa esta noite?

Karlsen apanhou do bolso interior do uniforme um papel e o desdobrou. Leu primeiro em voz baixa, puxando um par de vezes o bigode e tossindo.

— Menina, seis anos. Ragnhild Álbum. Dormiu na casa de uma amiga da vizinhança nesta noite e devia voltar para casa de manhã. Uma caminhada de dez ou doze minutos. Carregava um carrinho de cor rosa com uma boneca dentro, dessas que choram e que se chama Elise.

— Elise?

— Uma dessas que usam chupeta, e quando se retira começa a chorar. Estão na moda, todas as meninas tem uma. Mas como você tem neto e não neta, não terá visto. Eu sim. Choram como um bebê de verdade. Bom, no carrinho levava também uma pequena bolsa com a escova de dentes e um pente. Tudo desapareceu.

— Desde...?

— Desde as oito.

— Desde as oito? Sejer olhou rapidamente o relógio. Eram onze.

— A menina quis ir para casa após despertar, e a mãe de sua amiga não ligou para avisar à família da pequena porque ainda estava na cama. Mas ouviu que as meninas se levantaram e que a porta da rua se abriu e fechou as oito. A menina estava sozinha, sua casa era perto, e não se soube mais nada até que a mãe de Ragnhild ligou perto das dez para dizer que mandassem a sua filha, que tinham que fazer compras. Agora está desaparecida.

— E onde mora?

— Na Fargerlundsásen, em Lundeby, uma urbanização nova. Não é gente daqui.

Sejer dava pancadinhas no protetor da mesa, que tinha impresso um mapa-múndi. Sua mão cobriu toda América do Sul.

— Teremos que ir para lá.

— Já enviamos um carro.

— Então falarei primeiro com Magnus e tirarei este assunto de cima de mim. Ligue para os pais para dizer que iremos; mas não marque nenhum horário concretamente.

— A mãe. O pai está de viagem e não o encontraram. Karlsen colocou a cadeira para trás e se levantou.

Saiu e Sejer ficou mordendo uma unha enquanto notava que um crescente nervosismo subia pelo seu estômago. Não gostava nada de que meninas de seis anos não voltassem para casa, ainda que soubesse por experiência que podia ter muitas causas: desde pais separados que queriam demonstrar seu direito à propriedade, até cachorros sem lar que as crianças queriam adotar, ou insensatas crianças mais velhas que as levavam sem avisar. Algumas vezes se encontravam crianças que haviam desaparecido, adormecidas entre algum matagal com o polegar na boca. Quem sabe não de seis anos, mas havia acontecido várias vezes com crianças de dois e de três anos. Outras vezes se perdiam e tentavam durante horas encontrar o caminho de volta. Alguns começavam a chorar para que alguém os recolhesse; outros permaneciam cheios de medo porque não queriam chamar a atenção. “Pelo menos, as estradas estão calmas às oito da manhã”, pensou algo mais sereno. Abotoou o último botão da camisa e se levantou. Apanhou também o casaco, como se a roupa pudesse protegê-lo do que lhe esperava. E em seguida saiu ao corredor. Era esverdeado na luz da manhã e o lembrava de um velho banheiro que havia frequentado quando criança.

As celas para os presos preventivos se encontravam no quinto andar. Apanhou o elevador; sempre se sentia um pouco tonto dentro dessa pequena caixa que subia e descia pelas paredes. Além disso, andava muito rápido. “Todas as coisas deveriam ter seu tempo”, pensou. Sentia que estava chegando muito depressa. De repente se encontrava na frente da porta da cela. Por um instante quis reprimir a vontade de olhar primeiro pela janelinha, mas não pode resistir. Eva estava sentada sobre o catre, com a manta sobre os ombros. Olhava pela janela, da qual se via um pedacinho do céu

cinzento. A mulher estremeceu ao ouvir o ruído da chave na fechadura.

— Estou cansada de esperar! Moveu a cabeça, como dando a entender que a entendia. — Agora estou esperando meu pai. O advogado ligou para ele e foram apanhá-lo de táxi. Não entendi por que estão demorando tanto, é só meia hora de carro.

Sejer ficou de pé. Não havia nenhum lugar para se sentar. No catre, junto a ela, seria muito íntimo.

— Terá que se acostumar a esperar, terá que esperar muito no futuro.

— Não estou acostumada. Sempre estou fazendo algo. Normalmente me falta tempo e Emma não para de pedir coisas. Há tanto silêncio aqui... Disse desesperada.

— Vou lhe dar um conselho: tente dormir à noite. Tente comer. Se não, não aguentará.

— Sem dúvida, mas porque veio? De repente Eva olhou-o com desconfiança.

— Há algo que deve saber. Sejer deu um par de passos e tomou impulso. — Quem sabe não seja importante para o caso e para a sentença, mas poderá ser importante em outros aspectos.

— Não entendi nada...

— Durante todo este tempo os técnicos vêm nos enviando relatórios.

— Sim?

— Referentes tanto a Maja Durbán como a Egil Einarsson. Foram realizados uma série de testes e descobrimos algo muito desagradável para você.

— Conte de uma vez!

— Maja Durbán foi estrangulada com um travesseiro que o assassino apertou contra seu rosto.

— Já sei, eu estava olhando.

— Mas antes haviam mantido relações sexuais. E isso nos mostrou uma série de pontos de referência puramente fisiológicos no que se refere à identidade do assassino. E... Tomou ar, — E o assassino não foi Einarsson.

Eva ficou petrificada e olhou para o homem boquiaberta, inexpressiva. Em seguida sorriu.

— Portanto, Eva, prosseguiu Sejer, — Errou de homem. Eva fez um gesto de desespero, e o sorriso congelou em seus lábios.

— Desculpe, mas quanto a aquele carro não tenho nenhuma dúvida. Jostein e eu tivemos um igual.

— Por favor, esqueça um momento do carro. Pode ser que tenha razão nisso. Mas não era Einarsson quem estava dentro. Uma repentina dúvida assaltou Eva.

— Nunca o emprestava a alguém, gaguejou.

— Pode ser que fizesse alguma exceção. Ou alguém pode tê-lo apanhado sem sua permissão.

— Não é verdade!

— O quanto você viu na realidade? Olhava por uma estreita fresta da porta. O quarto estava na penumbra. Não tapava o rosto com as mãos a maior parte do tempo?

— Quero que se vá, soluçou.

— Lamento muito, disse Sejer amavelmente.

— Desde quando sabem disso?

— Há bastante tempo.

- Averigue o que aconteceu com meu pai.
- Estarão chegando. Procure descansar um pouco. Sejer continuava no meio da cela, tinha vontade de sair correndo, mas se controlou. — O crime em si não se altera, disse Sejer.
- Naturalmente que sim!
- O que é importante ante o tribunal é que você achava que era ele.
- Não pode ser! Estão errados!
- Pode acontecer. Mas desta vez não estamos. Eva permaneceu um momento com o rosto escondido nas mãos, em seguida olhou para o homem.
- Uma vez, quando tínhamos treze anos...
- Sim? Sejer esperava.
- Você acha que alguém pode morrer de medo? Ele deu de ombros.
- Pode ser, mas só quando se é muito idoso e tem o coração doente. Por quê?
- Não, por nada.

Fez-se outra vez o silêncio. Eva passou a mão pela frente, e deu uma olhada no seu pulso, mas lembrou que haviam retirado o relógio.

- Mas se não era Einarsson... Então quem era?
- É o que pretendo descobrir. Com certeza alguém do círculo de amizades de Einarsson.
- Descubra por que meu pai demora tanto a chegar. Sejer foi até a porta, abriu-a e se virou.
- Não se irrite porque damos de vez em quando uma olhada através da janelinha. É para verificar se estão bem. Não somos voyeurs.
- Pois a mim me dá essa sensação.
- Cubra a cabeça com a manta. E se lembre que aqui dentro você é só uma de tantos. Não é tão especial como acha. É fora daqui onde você se converte numa pessoa mais interessante.
- Como se expressa estranhamente!
- Terá notícias minhas.

Sejer saiu e fechou a porta à chave.

* * *

Quarenta e Seis

A CASA de Rosenkrantzgate 16 estava recém-pintada e mais verde que nunca. Sejer estacionou junto à garagem e estava retirando um pé do carro quando viu Jan Henry sentado. O menino permaneceu um momento ali, esperando timidamente, mas ao final se aproximou a passos lentos.

— Achei que não viria.

— Mas se eu havia prometido! Como está?

— Bem. Deu de ombros e cruzou as pernas.

— Sua mãe está?

— Sim.

— Levaram-no para passear na moto?

— Sim. Mas seu carro era melhor. Na moto se nota muito o vento, adicionou.

— Espere-me aqui fora, Jan Henry, tenho algo para você.

Sejer foi para a casa e o menino voltou a se encostar no corrimão. Jorun Einarsson abriu a porta. Usava calças justas, “Ou talvez fosse isso que chamavam de malhas”, pensou, com uma camisa grande por cima. Tinha o cabelo mais ruivo que nunca.

— Ah, é você. Sejer cumprimentou educadamente. A mulher retrocedeu e o convidou entrar. Parou na sala, tomou alento e a olhou com semblante sério.

— Só tenho mais uma pergunta para fazer. Farei e irei em seguida. Pense bem antes de responder, é importante. Ela assentiu com a cabeça. — Sei que Einarsson era muito especial em tudo referente ao seu carro, que cuidava e mantinha em excelente estado. Também sei que não o deixava com ninguém. É verdade?

— Era muito apegado ao carro. No trabalho inclusive brincavam com ele por causa disso.

— E... Alguma vez, excepcionalmente, emprestou o carro a alguém? Você sabe se o emprestou a alguém ainda que só uma vez? A mulher vacilou:

— Sim, algumas vezes emprestou para um de seus amigos da fábrica. Costumava andar muito com ele, um que não tinha carro.

— Você sabe seu nome?

— Mm. Dá-me um pouco de medo mencionar nomes, disse, como se sentisse um perigo que não entendia. — De vez em quando deixava com Peddik. Peter Fredrik.

— Ahron?

— Sim. Sejer assentiu com a cabeça. Voltou a olhar a foto de casamento dos Einarsson e se fixou no cabelo ruivo do namorado.

— Voltarei, disse em voz baixa. — Desculpe-me, mas estes casos levam muito tempo e ainda

restam umas quantas coisas por esclarecer.

A senhora Einarsson inclinou a cabeça e o acompanhou até a porta. Jan Henry se levantou do degrau de um salto e foi correndo para ele. Já não parecia tão tímido.

— Demorou muito pouco.

— Sim, disse Sejer pensativo. — Agora preciso ir procurar uma pessoa. Acompanhe-me ao carro.

Abriu o porta-malas e apanhou uma bolsa de plástico.

— Um macacão de engraxar. É para você. Pode ficar muito grande, mas crescerá.

— Ah! Os olhos do menino se umedeceram. — E com um monte de bolsos! Enquanto isso pode se dobrar as pernas.

— É uma boa ideia.

— Quando voltará?

— Não demorarei muito.

— Tem muitas coisas para fazer, não é?

— Bastante. Mas às vezes me livro, não é? Se quiser, noutro dia podemos dar outro passeio de carro. Jan Henry não respondeu. Olhou para a rua; o bramido de uma grande moto quebrou o silêncio. Era uma BMW.

— Aí vem o Peddik.

Jan Henry cumprimentou com a mão. Sejer se voltou para ver ao homem do traje de couro negro, que parou a moto ao lado do estacionamento de bicicletas e retirou o capacete. Era um homem de cabelo ruivo e longo, e um pequeno rabo de cavalo na nuca. Ao descer o zíper do casaco deixou à vista uma grande barriga. Na realidade se parecia um pouco com Einarsson. E com pouca luz, poderiam ter inclusive ser confundido com ele.

Sejer não afastou a vista dele até que o homem começou a se mover no assento da moto. Então sorriu, cumprimentou-o com a cabeça e entrou em seu carro.

* * *

Quarenta e Sete

— Onde esteve?

Karlsen estava há muito tempo esperando na recepção. Haviam passado umas quantas horas e ninguém havia comunicado a feliz notícia de que a pequena Ragnhiid se encontrara em casa sã e salva. Continuava desaparecida. Karlsen estava muito nervoso.

— Na casa de Jorun Einarsson. Sejer estava exaltado, o que acontecia muito raramente. — Venha, preciso falar contigo. Cumprimentaram Brenningen e desapareceram pelo corredor. — Vamos chamar um tipo para interrogá-lo agora mesmo, disse Sejer. — Peter Frank Ahron, o único do círculo de amigos de Einarsson que gozava do privilegio de usar o Manta alguma que outra vez. Trabalha na fábrica de cerveja e na atualidade frequenta assiduamente a casa de Jorun. Foi interrogado quando Einarsson desapareceu. Acabo de me encontrar com ele, diante da casa de Rosenkrantsgate, e sabe uma coisa? Se parecem bastante. Com pouca luz teria sido impossível distingui-los. Entendeu?

— Onde está agora?

— Imagino que continua na casa de Jorun Einarsson. A família da menina desaparecida terá que esperar. De qualquer maneira, há alguns dos nossos com eles. Leve Skarre e traga-o, eu espero aqui. Karlsen assentiu com a cabeça e deu meia volta. Em seguida voltou a parar.

— Tenho uma mensagem para você do advogado de Eva.

— Sim?

— Larsgård morreu.

— Que disse?

— O taxista que o encontrou.

— Ela já sabe?

— Enviei uma das garotas.

Sejer fechou os olhos. Continuou sozinho pelo corredor engolindo a notícia da melhor maneira possível. Nesse momento não tinha tempo para pensar mais a fundo no que essa notícia significaria para a presa do quinto andar. Abriu a porta da sala de interrogatórios e em seguida a janela, deixando entrar um pouco de ar fresco. Colocou um pouco de ordem em cima da mesa. Lavou as mãos na pia e bebeu um copo de água. Abriu a gaveta do arquivo e apanhou uma fita de trezentos e sessenta minutos que continha a declaração de Eva Magnus. Colocou a fita no cassete, que estava em cima da mesa, um cassete normal e comum, e apertou a tecla de avanço rápido; de vez em quando parava e rebobinava, até que por fim encontrou o que estava procurando; então parou a fita, ajustou o volume e se dispôs a esperar.

Deixou que seus pensamentos disparassem. “Talvez Ahron tenha fugido”, pensou; nesse caso, com uma moto assim já estará muito longe. Mas não tinha. Estava sentado no sofá de Jorun com o jornal e um maço de cigarros. Jorun se achava no meio da sala junto a uma tábua de passar e um monte de roupa recém-lavada. Olhou insegura aos dois homens uniformizados e em seguida ao homem do sofá, que se limitou a levantar uma sobrancelha como se fossem apanhá-lo em um momento sumamente inoportuno. Levantou-se resignado e saiu com os policiais. Jan Henry os observava enquanto iam para o carro, mas não disse nada. No fundo se importava muito pouco com o que acontecesse com Peddik.

* * *

Quarenta e Oito

- Seu nome completo é Peter Fredrik Ahron?
- Sim. Apanhou um cigarro sem pedir permissão.
- Nasceu em sete de março de mil novecentos e cinquenta e seis?
- Por quê pergunta se já não sabe? Sejer levantou a vista.
- Aconselho-o que procure não me provocar muito.
- Está me ameaçando? Sejer sorriu.
- Não, aqui não ameaçamos ninguém, disse em um tom tranquilizador. — Só advertimos.

Domicílio?

- Tollbugate, quatro. Nasci e me criei em Tromsø, era o mais jovem de quatro irmãos.
- Serviço, militar?
- Sim. Não me importo em continuar a sua disposição, mas a verdade é que já disse tudo o que tinha a dizer.
- Bom, então vamos repassar outra vez.

Sejer continuou escrevendo. Ahron fumava ansiosamente, mas não havia perdido a compostura. Inclinou-se sobre a mesa com um ar resignado.

— Dê-me uma boa razão para que eu tenha matado o meu melhor amigo! Sejer soltou a caneta e olhou-o surpreso.

— Meu querido Ahron, ninguém acredita que você fez isso. Não está aqui por isso. Pensava que era esse o motivo? Olhou-o fixamente e viu como uma incipiente suspeita ia crescendo na íris azul clara de Ahron.

— Estranhou que eu pensasse isso? Perguntou vacilante. — A última vez que vocês apareceram foi pelo Egil.

— Pois está errado, replicou Sejer. — Agora se trata de algo muito diferente. Silêncio. A fumaça do cigarro de Ahron serpenteava em espessas espirais brancas para o teto. Sejer esperou.

— Bom? Que tal você está?

— Muito bem. Que quer dizer? Sejer cruzou os braços sobre a mesa sem afastar a vista do interrogado.

— Quero saber se não vai me perguntar de que se trata então, já que não tem nada a ver com Einarsson.

— Não tenho nem a mais remota ideia do que pode ser.

— Justo. Precisamente por isso achei que ia perguntar. Eu perguntaria, disse com sinceridade, — Se me tivessem trazido aqui, me interrompendo quando estava no meio das páginas esportivas. Mas talvez você não seja muito curioso, de modo que vou lhe dar umas pistas. Só quero fazer uma pequena pergunta antes: que tal com as mulheres, Ahron?

— Isso terá que perguntar a elas, respondeu Ahron mal-humorado.

— Sim, pode ser que tenha razão. A quem devo perguntar em sua opinião? Houve muitas? Ahron não respondeu. Pôs todo seu empenho em manter a compostura. — Talvez devesse perguntar a Marie Durbán. Seria uma boa ideia?

— Tem um sentido do humor repugnante.

— Talvez. Ainda que ela não disse grande coisa quando a encontramos na sua cama. Mas de qualquer maneira, tinha algo para nós. O criminoso deixou seu cartão de visita. Entendeu? Ahron tremia e lambia os lábios. — E não me refiro a um desses que se imprimem de três em três mil. Falo de um código genético muito pessoal. Cada um dos quatro bilhões de habitantes da Terra tem um código diferente. Pense no que significa isso, Ahron. Ao ampliá-lo se parece bastante a uma gravação moderna em branco e preto. Mas estou certo de que você está ao corrente dessas coisas, porque lê jornais.

— Não são mais que suposições. Precisa da ordem de um juiz para poder fazer um exame desse tipo. E não a obterá. Não sou idiota. Além disso, quero um advogado. Não direi mais uma palavra sem a presença de um advogado.

— Certo. Sejer se recostou. — Posso prosseguir a conversa sozinho. Mas saiba que não me custará nenhum esforço obter uma ordem para fazer uma análise de sangue. Ahron fechou a boca e continuou fumando. — Primeiro de outubro. Você esteve lá no AS ARMAS DO REI com vários colegas de trabalho, entre eles Arvesen e Einarsson.

— Nunca neguei.

— A que horas saiu do pub?

— Imagino que já sabe. Vocês vieram me procurar!

— Quero dizer antes, quando apanhou o carro de Einarsson para dar uma volta. Seriam umas sete e meia, não é?

— O carro de Einarsson? Está brincando? Einarsson nunca emprestou o carro. E além disso eu havia bebido.

— O ter bebido nem sempre foi um obstáculo para você. Tem uma condenação por dirigir sob os efeitos do álcool. E segundo Jorun, você era a única pessoa a quem ele emprestava o carro. Era a exceção. Um bom amigo que não tinha carro. Ahron inalou profundamente duas vezes.

— Não fui a lugar nenhum. Estive sentado como um saco, bebendo toda a noite.

— Sem dúvida. Você estava extremadamente bêbado, segundo o cozinheiro. Não esqueça que ele sim fica sóbrio em seu trabalho e vigia as pessoas. Fixa-se em quem vai e vem. E não quando vão e vem. De maneira que você foi dar uma volta pela cidade, e terminou na casa de Durbán, onde estacionou o carro de Einarsson sobre a calçada e bateu na sua porta às oito em ponto. Dois breves toques. Não é verdade? Pagou e obteve sua mercadoria. E em seguida discutiu com ela, adicionou, movendo ligeiramente a cabeça e cravando seus olhos nele.

Sejer havia baixado a voz e Ahron havia baixado a cabeça, como se tivesse algo interessante sobre os joelhos.

— Tem você um temperamento perigoso, Ahron. Antes de pensar duas vezes a havia matado. Voltou apressado ao pub, com a esperança que servisse de alibi e de que ninguém tivesse se dado conta que havia saído. E em seguida começou a beber. Em plena bebedeira, que deve ter sido enorme, se deu conta do que havia feito. Contou confidencialmente a Einarsson, pensando que ele, quem sabe, poderia lhe dar uma mão com o alibi. Era seu amigo. Eram como um casal. E foi um

acidente, não é? Você tivera muito má sorte, pobre homem, Egil sem dúvida entenderia. Por isso se arriscou e contou. Além disso, ele estava sóbrio, talvez fosse o único de todos vocês que estava. Nele acreditaríamos.

Ahron errou e jogou a cinza fora do cinzeiro.

— Mas em seguida perdeu as estribeiras, não é verdade? Estava sem sorte, porque se fez notar muito. Naquela noite o dono nos chamou para que fossemos apanhá-lo e levá-lo para a delegacia. Einarsson foi atrás em seu carro. Talvez tivesse medo de que você fosse se delatar no carro da polícia até a delegacia. Não só ia salvá-lo da delegacia, também o salvaria de uma condenação por homicídio. E consegui. Imagino que você não descobriria o insólito dessa situação até o dia seguinte, e tenho certeza de que estremeceria pensando em como estivera próximo de ser descoberto.

Ahron acendeu outro cigarro.

— O desaparecimento de Einarsson deve ter lhe causado um estranho efeito. Pensou alguma vez em por que ele morreu? Pensou seriamente? Porque foi exatamente o que você disse: um desafortunado mal-entendido.

Ahron recobrou as forças e se reclinou na cadeira.

— E em seguida começou a frequentar a casa de Jorun. Sabia que a interrogaríamos. Acaso tinha medo de que Einarsson tivesse lhe delatado?

— Pelo visto, ensaiou muito esta história.

— Escute. Tenho algo mais para dizer. Alguém viu tudo. Foi visto por uma testemunha, e não me refiro a que o viu se afastar do lugar no carro de Einarsson. Uma testemunha o viu matar Marie Durbán. Essa afirmação era tão assombrosa que Ahron se viu forçado a sorrir. — Às vezes, as pessoas tem medo de se apresentar. A miúdo, tem boas razões para não fazê-lo, e isso é o que aconteceu desta vez. Mas ao final ela apareceu. Estava sentada em uma banquetta no quarto ao lado, olhando através da porta por uma fresta. Acaba de depor na polícia.

Peddik movia os olhos, e em seguida sorriu uma vez mais.

— Uma declaração muito importante, não é? Prosseguiu Sejer. — Mas desta vez não se trata de nenhuma fanfarronada. Você a matou e alguém viu. Foi um homicídio brutal e desnecessário. A vítima era uma mulher... Sejer se levantou da cadeira e deu alguns passos, — Uma mulher pequena, com só uma mínima parte da massa muscular que você tem. Segundo o relatório do técnico ela media um metro e cinquenta e cinco centímetros, e pesava cinquenta e quatro quilos. Estava nua, e você sentado em cima dela. Em outras palavras, estava completamente indefesa, adicionou, se deixando cair de novo sobre a cadeira.

— Que indefesa! Tinha uma faca!

O grito ecoou na sala e em seguida se ouviu um soluço. Ahron escondeu o rosto entre as mãos tentando manter quieto seu corpo. Havia começado a tremer violentamente.

- Quero esse advogado!
- Já vai chegar, não se preocupe.

Sejer se inclinou sobre o cassete e colocou a fita em marcha. A voz de Eva Magnus era clara e nítida, quase um pouco monótona, nesse ponto já estava cansada, mas o que dizia não dava lugar a mal-entendidos.

“— Sinto muito por eles. Deixei mil coroas por um trabalho de cinco minutos. Sabe quanto tempo preciso trabalhar na fábrica de cerveja para ganhar mil coroas?”

— Agora talvez tenha compreendido por que Egil morreu. Vocês se pareciam muito. Era fácil se confundir na penumbra.

— O advogado! Gritou Ahron com voz rouca.

* * *

Epílogo

JAN HENRY havia se escondido na garagem. Suava tentando dobrar as pernas do macacão que Sejer havia lhe presenteado. Quando acabou, se olhou em um velho vidro de uma janela meio quebrada que estava apoiado contra a parede.

* * *

Emma Magnus se encontrava no quarto de hóspedes da casa de seu pai, onde tinha a cama. Olhava ao seu redor com cara desconcertada.

- Quero dormir com vocês, suplicou.
- Não existe lugar para a sua cama, respondeu desesperado o pai.
- Mas posso dormir com vocês, a menina choramingou. — Não me importo de ficar no meio.

* * *

Larsgård fora levado de ambulância ao hospital. Os motoristas deram uma rápida olhada na casa, por pois poderia ter um cachorro ou um gato que corresse o risco de ficar preso. Revistaram tudo, incluído o porão, onde não havia mais que velhos trastes: uma lavadora quebrada, maçãs podres e um monte de velhas latas de tinta.

* * *

Eva Magnus havia tapado a cabeça com a manta. Ali dentro tudo estava escuro e de repente o calor chegou. Não havia nenhum pensamento em sua cabeça.

* * *

Karlsen e Sejer caminhavam em silêncio pelo corredor e chegaram ao pátio traseiro, onde ficavam os carros. Karlsen apontou para um Ford Mondeo.

- O que acha sobre a pena que aplicarão a Magnus? Perguntou olhando para Sejer.
- Homicídio premeditado, dois trinta e nove.

Suspirou profundamente. Tinha uma sensação de peso no estômago. As crianças inventavam tantas coisas... Esqueciam-se da hora, não tinham sentido da responsabilidade e qualquer coisa era possível.

Não tinha por que acontecer algo grave, provavelmente seria uma bobagem. Esperavam isso quando se aproximavam do carro. Mas instintivamente, como tivessem recebido um sinal, os dois aceleraram o passo.

Fim